UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA - PPGSCA

ALEX ARAÚJO MAR

RELIGIÃO E CONTRASSENSO: ELEMENTOS RITUAIS DE MATRIZ AFRICANA EM IGREJAS NEOPENTECOSTAIS DE MANAUS

MANAUS
2025

ALEX ARAÚJO MAR

RELIGIÃO E CONTRASSENSO: ELEMENTOS RITUAIS DE MATRIZ AFRICANA EM IGREJAS NEOPENTECOSTAIS DE MANAUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Teixeira Souto

MANAUS
2025

ALEX ARAÚJO MAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

.

Aprovado em 11 de Fevereiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Caio Augusto Teixeira Souto (UFAM) (Presidente)

_____

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro (UFAM) (Membro)

_____

Prof. Dr. Mailson Fernandes Cabral de Souza (UNICAP) (Membro)

Á minha Mãe, que me ensinou a olhar meu semelhante com empatia e respeito.

A Jesus e a Exu, entidades que regem os caminhos, abrem as estradas rumo ao Sagrado e para a realização de propósitos.

Á Mariana, à Herondina e à Toya Jarina, que vieram da Turquia para reinar na Amazônia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por não deixar esse sonho, essa vontade de me tornar Mestre, se esvair do meu coração e mente. Por seu infinito amor, misericórdia, por ter me ajudado, protegido e fortalecido durante toda a minha vida, em especial em todo o decurso acadêmico.

A mim mesmo, uma vez que diversos acontecimentos impeliram-me a fazer desistir. Mesmo assim, finquei meus pés nessa nova estrada, ergui a cabeça, tirei de mim todo o medo, tristeza e ansiedade e os mandei embora, sempre confiando no fim do inverno para viver a primavera.

A minha mãe, Oneide Mar, por permanecer ao meu lado, em todos os ciclos. Por acreditar no meu potencial, mesmo eu não crendo em mim, jamais medindo esforços para que eu pudesse ter a melhor educação, infância e vida. Saiba que a Senhora me fez um ser humano melhor. Obrigado Mãe! A Senhora é a responsável de tornar mais essa conquista possível. Ser seu filho contribui para que eu aprendesse a ser uma pessoa que não se abdica dos seus projetos e os segue com foco e coragem.

Ao meu pai, Ary Mar (*In Memoriam*), por ser exemplo de força e retidão moral.

À Maria Mar, minha irmã. Foi bom demais crescer ao seu lado, obrigado pela alegria e apoio, por se alegrar com minhas conquistas e chorar comigo, nos momentos tristes, minha sincera admiração, amor e respeito.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Caio Augusto Teixeira Souto, por ter me aceitado como seu orientando, ter acreditado em mim e delinear os caminhos fundamentais a esta pesquisa, por todas as importantes contribuições, teóricas e textuais, ao longo do curso. Obrigado por ser o Norte.

Ao Waldimiro César, amor de uma vida: a minha! Por suas palavras e ações de cuidado, amor e incentivo. Sua permanência em minha vida foi, é e continuará sendo sempre regozijo nos dias tranquilos, luz e aconchego nos dias mais sombrios. Você faz parte do conjunto de pessoas que são deveras importantes para mim, cujo suporte foi primordial para que a realização desse sonho se tornasse possível. Receba sempre o que há de mais belo e espontâneo, no meu coração. Amo-te.

Às Professores Doutores Odenei de Souza Ribeiro e Mailson Fernandes Cabral de Souza, integrantes das Bancas de Qualificação e Defesa, pela disponibilidade e empenho no percorrer da fase avaliativa, por seus ricos ensinamentos e contribuições para o processo de elaboração e conclusão dessa pesquisa.

Aos docentes do Programa de Sociedade e Cultura na Amazônia, em especial, ao Prof. Odenei de Souza Ribeiro, por sua simplicidade e acessibilidade, por sua erudição teórica e pelo privilégio de ouvir suas aulas, seja no mestrado ou quando fiz o estágio de docência. Saiba que foi enriquecedor, ser seu aluno. Decerto, graças a vocês, saio diferente dessa vivência, com panoramas acadêmicos e pessoais mais amplos e diversificados.

“Não é a diversidade de crenças, o que não se pode evitar, mas a tolerância negada aos que têm crenças diferentes, o que poderia ser concedido, que produziu a maior parte das guerras e disputas sobre religião que nasceram no mundo cristão”

(Locke, 2019, p. 103).

RESUMO

A presente dissertação tem, como objetivo examinar as manifestações socioculturais provenientes das religiões de matriz africana em igrejas neopentecostais de Manaus/AM, tomando, como universo amostral, a Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus (IPBPD), com foco nas práticas de apropriação e utilização de elementos rituais de matriz africana em suas práticas cerimoniais, como também na denegação persecutória da legitimidade das religiões afro-brasileiras, o que resulta em um perturbador contrassenso entre apoderamento e apagamento identitário da população negra, na Amazônia. Um traço significativo, nas interações raciais na sociedade brasileira, é a denegação dos aspectos culturais de origem africana, mais precisamente, das religiões afro-brasileiras. A proibição histórica inicial dos cultos pretos e posterior apropriação de seus elementos rituais, por grande parte de igrejas neopentecostais, emergiram por meio da execução de inúmeros aparelhos discriminatórios e excludentes. Por essa razão, uma diversidade de expressões e saberes, que ocupam ambientes sociais importantes, têm sido constantemente silenciadas. Nas últimas décadas, têm-se presenciado consideráveis transformações ritualísticas na seara neopentecostal manauara, em específico, no campo de observação amostral deste estudo, que passou a se apropriar de elementos das Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro) para uso em seus cultos, em prol para a dinamização destes, bem como para a captação de novos fiéis, aumentando sua visibilidade no âmbito religioso amazônico. Os resultados da pesquisa revelaram a existência de um nocivo paradoxo, uma vez que, ao mesmo tempo em que a IPBPD se apropria de elementos do Candomblé, Umbanda e suas vertentes, combate impetuosamente os Filhos e Filhas-de-Santo e a cosmovisão desses conjuntos de crenças. Além de tomarem posse de seus componentes e denegarem a ancestralidade elementar dessas religiões, criam um novo nexo causal e lexical com o que delas retiram, atribuindo-lhes novos significados e predicações sacras. Isto feito, o neopentecostalismo colabora para ressignificar negativamente a identidade negra no interior da própria instituição neopentecostal, distorcendo a ancestralidade e cosmogonia contidas no Candomblé, Umbanda e afins, ao lhes impor características negativas, e relacionando-as com o Diabo/Satanás. Instaura, dessa forma, um cenário de atitudes intolerantes, decorrentes de racismo religioso, direcionados exclusivamente às religiões de ascendência africana. Com a utilização dos elementos ritualísticos de uma religião que declaram como “diabólicas” “opostas”, “inimigas” e a ressignificação desses, as congregações neopentecostais efetuam um epistemicídio sociocultural não só praticado pela IPBPD, mas por instituições similares que compõe o campo neopentecostal manauense, cenário que demanda urgente necessidade de discussão acadêmica e, consequentemente, também nas esferas sociais da Amazônia.

Palavras-chave: Elementos Rituais; Religiões Afro-Brasileiras; Neopentecostalismo; Contrassenso; Manaus.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate the socio-cultural manifestations of African-derived religions within neopentecostal churches in Manaus, AM. The research focuses on the Pentecostal Biblical Church Plenitude of God (IPBPD), analyzing the appropriation and use of ritual elements of African origin in its ceremonial practices, as well as the persecutory denial of the legitimacy of Afro-Brazilian religions. This phenomenon results in a disturbing paradox between empowerment and the erasure of Black identity in the Amazon. A significant feature of racial interactions in Brazilian society is the denial of African cultural aspects, particularly afro-brazilian religions. The historical prohibition of black religious practices and the subsequent appropriation of their ritual elements by many neopentecostal churches have emerged through numerous discriminatory and exclusionary mechanisms. Consequently, various expressions and knowledge systems occupying significant social spaces have been systematically silenced. In recent decades, substantial ritualistic transformations have occurred within the neopentecostal scene in Manaus, particularly in the context of this study. The IPBPD has incorporated elements from Traditional Afro-Brazilian Communities (CTTro/Comunidades Tradicionais de Terreiro, in Portuguese) into its services to enhance their dynamism and attract new followers, thereby increasing its visibility within the Amazonian religious landscape. The research findings reveal a harmful paradox: while the IPBPD appropriates elements from Candomblé, Umbanda, and their branches, it simultaneously wages an aggressive campaign against their practitioners and worldviews. Beyond appropriating these elements and denying the fundamental ancestry of these religions, the church also creates new causal and lexical connections with the borrowed aspects, assigning them new meanings and sacred attributions. By doing so, neopentecostalism contributes to the negative resignification of black identity within its institutions, distorting the ancestry and cosmology of Candomblé, Umbanda, and related traditions. These religions are imposed with negative connotations and associated with the Devil/Satan. This dynamic establishes an environment of intolerance rooted in religious racism, specifically targeting African-derived religions. By using ritual elements from religions they label as “diabolical” “opposed” or “enemies” and resignifying them, neopentecostal congregations engage in a socio-cultural epistemicide. This practice is not exclusive to the IPBPD but is also observed in similar neo-Pentecostal institutions in Manaus, a reality that urgently calls for academic discussion and broader societal debate within the Amazon region.

Keywords: Ritual Elements; Afro-Brazilian Religions; Neopentecostalism; Paradox; Manaus.

SUMÁRIO

MEMORIAL **10**
INTRODUÇÃO **19**
CAPÍTULO 1: AMBIVALÊNCIA RELIGIOSA: A DINÂMICA DO CONTRASSENSO **25**
1.1 Religião e Paradoxo: Uma Perspectiva Sócio-histórica **27**
1.2 Racialidade e Proselitismo: Uma Nova Inquisição **36**
1.3 Neopentecostalismo no Brasil: Amálgama Contraditória **50**
1.3.1 Deus e o Diabo na Terra do Sol: Neopentecostalismo em Manaus. **60**
CAPÍTULO 2: O CAMPO A PARTIR DE UMA TELA **73**
2.1 Cultos Sagrados, Rituais Proscritos: Apropriação Elementar **81**
2.2 A Ordem é para Marchar: Pisa que é Feitiço **102**
CAPÍTULO 3: CHUTA QUE É MACUMBA: APROPRIAÇÃO, RESSIGNIFICAÇÃO E PARADOXO **121**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **158**
REFERÊNCIAS **166**

MEMORIAL

O compromisso de escrever sobre a trajetória que me conduziu à Universidade Federal do Amazonas (UFAM), para cursar o Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, exigiu de mim, inicialmente, um exercício complexo de relembrar toda a minha jornada de vida ou, pelo menos, um pouco dela, cujos movimentos discursivos impulsionaram-me a refletir sobre mim mesmo e sobre minha subjetividade, em um espaço potencialmente interpretativo. De acordo com Bosi (1994), na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reestruturar, repensar, com aspectos e ideias do momento atual que nos encontramos, as vivencias do pretérito. A lembrança não é um sonho, é uma incumbência que nos foi dada a fazer, em nós.

Sempre gostei da existência do mistério, igualmente das possibilidades de sua concretude. Fui uma criança que, desde cedo, teve oportunidades de se relacionar com a religião, com o sagrado, em algumas de suas expressões. Lembro-me de minha mãe indo às missas, levando-me para o encontro com o que, em sua crença da época (Catolicismo), denominava "O Santíssimo". Como preconiza a tradição, fiz a catequese e, consequentemente, primeira eucaristia, na qual fui batizado e onde, logo em seguida, recebi o Corpo e o Sangue de Cristo (sob a forma de pão e vinho). Por volta de minha juventude, saí desse contexto religioso porque percebi que a doutrina católica não respondia às minhas inquietações e questões íntimas. Nesse mesmo período, uma perspectiva surgiu em mim quando conheci a prática protestante evangélica. A partir de então, decidi imergir nesse ambiente incomum, observando, com o passar dos anos, possíveis pontos paralelos, semelhanças, com o conceito papista, apostólico, do qual antes fazia parte.

A primeira denominação evangélica da qual participei faz parte do conjunto de igrejas tradicionais ou reformadas: os batistas, presbiterianos e congregacionais. Trata-se de um segmento surgido durante a Reforma Protestante, iniciada por Martin Lutero, no Século XVI, passando por severas transformações, ao longo do tempo sócio-histórico. Os traços mais nevrálgicos dessas igrejas residem no fato de que as mesmas não acreditam em batismo com o Espírito Santo, dons de línguas "estranhas" chamadas na esfera religiosa de glossolalia, profecias, curas e sonhos, sendo a característica principal desse ciclo de fé, a prioridade que é dada aos estudos bíblicos. Acreditam que esses fenômenos realizaram-se somente na época apostólica, por questão de mudanças

ocasionadas pela transição doutrinária do Antigo Testamento (Antiga Aliança) para a Nova Aliança (Novo Testamento), ficando restritos somente aos contextos de lugar e tempo retratados, no primeiro compêndio. No que tange à transição que efetuei de uma igreja protestante tradicional para uma instituição pentecostal que, em sua liturgia, exerce a perspectiva do neopentecostalismo, esta se deu por razões pessoais e íntimas, bem como por conta de uma busca por significado, conforto espiritual, ou uma conexão mais profunda com as crenças e valores as esferas evangélicas. Ao contrário das igrejas tradicionais/reformadas, cujas denominações encontram berço no estudo prioritário da Bíblia como ato de fé, as congregações pentecostais, bem como as neopentecostais, acreditam que a descida do Espírito Santo não ficou cristalizada somente naquele ambiente ou época, sendo o batismo do Espírito Santo o selo atemporal que o fiel tem que ter após a sua conversão, onde falar em línguas estranhas evidencia a descida do espírito na pessoa crente. Caso o fiel não venha falar em línguas, não pode deter a marca do Espírito Santo. Esse conjunto de fé neopentecostal tem influências do movimento pietista metodista, onde a ênfase é direcionada a uma vida santa, de comunhão com Deus que é levada à prática exercendo dons espirituais, tais como: a cura divina, libertação, manifestações de transe, línguas estranhas ou glossolalia. Essas igrejas de perfil neopentecostal tiveram larga difusão entre os Séculos XIX e XX, onde várias denominações adotaram esse modo de conduzir seus estudos e liturgias.

Esse contexto configurou-se na vivência onde pude conhecer a fundo, constatando como essa prática evangélica é bem diferente das anteriores por mim praticadas. O fenômeno neopentecostal, cujo aparecimento no Brasil sucedeu no final dos anos 70 do século XX, ainda passou por expressivo avolumamento de fiéis e considerável aumento de popularidade, especialmente, a datar da década de 1990. Como notáveis personalidades desse segmento religioso, se destacam: Bispo Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus), Waldomiro Santiago (Igreja Mundial do Poder de Deus) e Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido como R. R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus).

Na seara tradicional, os neopentecostais são considerados famigerados porque, ao contrário da visão das igrejas tradicionais/reformadas e pentecostais, onde existe um complementar estudo bíblico cujo propósito é conduzir a uma vida dentro do ensinamento eclesiástico, a perspectiva neopentecostal acrescentou à práxis litúrgica de seus cultos e à vida cotidiana, elementos iconográficos de alto impacto cênico, tais

como: batalha espiritual, danças no espírito, sapatos de fogo, retetés, unção da águia, do fogo, do riso, da cobra, do cachorro, maldições hereditárias, transes de possessão que sucedem em doenças físicas e emocionais a desafetos, bem como o fracasso financeiro. Suas práticas cerimoniais não são teocêntricas, mas antropocêntricas, uma vez que o fiel necessita ser supostamente liberto dos males advindos de seus pecados (ou algo que o valha) por uma figura humana, o tempo todo. São ínfimos os momentos de sincero cultos a Deus.

Nessa esfera, a libertação é condição daquilo que os líderes da igreja afirmam ser indispensável é condição *sine qua non* para a prosperidade, já que, pela falta dela, a pessoa deixa de ter êxito em todas as áreas de sua vida devido ao caráter pecaminoso de sua vida, ações de demônios, maldições hereditárias etc. Ou seja, ele/a precisa ser liberto/a do que assim a igreja disser, devendo esse livramento ocorrer em um templo e pelas mãos de alguém que não prega integralmente a palavra de Cristo, mas a utiliza, de modo intencionalmente equivocado, para alcançar seus interesses pessoais.

Outro aspecto relevante da teologia neopentecostal é a chamada “Fé Rhema”, na qual o crente é sustentado por tudo que sai da boca de Deus, sendo o Pastor o instrumento de sua total verbalização. Então, ele/a só precisa ter fé, muita fé, pois, se há alguma promessa, uma bênção na Bíblia, só acontecerá na vida do fiel depois de sua libertação. Esta, muitas vezes, ocorre de maneira contraria, sendo que, para esse fim, o crente ou o indivíduo que visita essas instituições neopentecostais diversas vezes necessita efetuar uma oferta em dinheiro para poder expurgar seus pecados e, enfim, estar livre deles. Uma vez liberto, ele/a poderá exigir/determinar a liberação da sua benção. Nessa visão religiosa, onde o aspecto sensorial e teatralização ritualística da fé exerceram forte encantamento sobre mim (o que, mais tarde, se mostraria como um grande equívoco) pois segundo a perspectiva neopentecostal o indivíduo necessariamente tem que ser financeiramente próspero, caso ao contrário sua fé é pouca ou ele não coexiste com Deus.

Em 2012, passei no vestibular e ingressei no curso Licenciatura em Pedagogia, onde comecei ter uma nova visão acerca de mundo e dos acontecimentos em minha volta. Na graduação, participei de vários eventos, entre os quais: Colaboração da Ciência para a Qualidade de Vida dos Povos Originários; I Ciclo de Debates Pedagógicos com o tema “Diversidade e Educação, um diálogo necessário”; Projeto de Extensão “Aprender a Escrever, Escrever Lendo na Organização do Pensamento”;

Exposições de Seminários II e VI; Encontro com Autores e o II Puxirum Acadêmico, com o tema “Diversidade Cultural”, no qual fui apresentador e, pela primeira vez, tive contato com as religiões de matriz africana, pois se tratava de um evento étnico no qual as diferentes expressões culturais do Brasil eram mostradas. Lembro-me bem que foi realizada uma demonstração teatral com danças, músicas, expressões corporais diversas, onde era relatado o tráfico de africanos para o Brasil e o sincretismo religioso que surgiu da necessidade dos escravizados da manutenção a sobrevivência de sua identidade. O espetáculo foi encerrado, mostrando o perfil e significado de cada Orixá e seus poderes.

Ao término dos estudos na graduação, desenvolvi meu TCC no campo da dificuldade de leitura e escrita infantil, com o tema “Dislexia e Dificuldade na Leitura e Escrita no Segundo Ano das Séries Iniciais”. O estudo foi muito enriquecedor, pois pude observar que muitos professores rotulam a criança como preguiçosa, que não aprende ou, muitas vezes, porque existem docentes que atribuem as dificuldades de aprendizado ao plano espiritual, por alegação de que o transtorno que a criança pode ter é por questões de maldições hereditárias. Porém, na verdade, apenas sua forma de absorção do conteúdo, por conta da dislexia é diferente das demais crianças. Fui a campo e tive o privilégio de acompanhar algumas crianças para análise e desenvolvimento de minha pesquisa.

Entre as crianças, cinco eram filhos de pais os que esporadicamente frequentavam um centro de religião matriz africana. Além de conversar com as crianças, também dialoguei com os responsáveis, que relataram levar seus filhos para o pai-de-santo, acreditando que, por meio de rezas, os abençoaram porque viram a dificuldade de seus filhos em assimilar o conteúdo passado, na escola. Segundo os pais dos infantes envolvidos, alguns professores ficaram sabendo que seus responsáveis levaram seus filhos a um centro de matriz africana para que essas crianças fossem bentas pelo responsável do terreiro. Mas esses docentes, ao ficarem sabendo da atitude dos pais, foram conversar com os responsáveis dessas crianças sob pretexto de que essa atitude era errada, pois, além de sugerirem ajuda por profissionais da saúde (psicólogo, psicanalista, psiquiatra etc.), seria, também, melhor levá-los a uma igreja evangélica as quais segundo os professores, são as mais capacitadas para abençoar ou quebrar alguma maldição seja ela física, mental e espiritual.

Durante a conversa, percebi que novamente tive a oportunidade de ficar perto de um contexto que era diferente do meu. Conforme os pais relatavam as dificuldades de seus filhos, percebi a importância da religião, por mais que fosse diferente das quais eu vivi ou estava vivendo. Voltei às aulas onde, na mesma semana, estudei sobre multiculturalismo na prática pedagógica e, mais uma vez, refleti sobre as religiões de matriz africana e sua fé e expressão na vida do ser humano. Concluí a graduação e fiz uma pós-graduação em gestão e supervisão escolar, onde desenvolvi meu trabalho de conclusão de curso com o tema "A Importância do Acompanhamento Parental na Vida Escolar do Infante", que retrata a falta do responsável na vida escolar do educando, trazendo consequências desfavoráveis ao desenvolvimento intelectual da criança. Essa especialização foi concluída em 2017. Durante minha jornada entre a graduação e a pós-graduação, compreendi que eu queria pesquisar mais sobre religiões e, nesse campo, mais especificamente, se encontram as religiões de matriz africana, que despertaram em mim curiosidade pela beleza das histórias e amplitude de suas lendas. Porém, o destino levou-me para outras estradas.

Anos se passaram, após ter concluído a graduação e pós-graduação e, em 2022, soube pelo meu companheiro de vida e de luta, um grande amigo, que a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) estava com inscrições abertas para a seleção de Mestrado. Fui verificar, no site da PROPESP, e baixei o edital para me inteirar do assunto, estando aberto o processo para o departamento de "Sociedade e Cultura na Amazônia". Li sobre cada linha de pesquisa, sendo que a que mais me chamou atenção foi a Linha 1 (Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais), que compreende os seguintes aspectos: processos históricos socioculturais e sistemas simbólicos como linguagens, signos, estruturas lógicas, manifestações religiosas, artísticas e festivas, bem como as diferenças concernentes aos modos de pensar e interpretar o mundo. Abrangem, também, interesses pela Linguagem, Arte, Arquitetura, Psicologia e Antropologia, que lidam com a formação dos sistemas de pensamento e dos diversos gêneros culturais. Não quis perder essa oportunidade.

Foi, então, que vieram à minha mente as lembranças do tempo da graduação, onde tive contato, mesmo de uma forma genérica, com a religião de matriz africana e, também, memórias de uma vivência da minha infância em duas religiões diferentes, sendo que, na religião evangélica neopentecostal, quando testemunhei uma situação desagradável envolvendo integrantes da religião afro-brasileira, que foram atacadas por

meio da demonização ideológica, por parte de alguns adeptos da igreja da qual eu participava.

Diante da conjectura na qual minha vida se encontrava no referido ano, comecei a construir meu pré-projeto. Foi quando mergulhei na temática das religiões afro-brasileiras por meio de bibliografias, vídeos e fotos, para eu saber mais sobre os Orixás e, também, como é dinâmica dos centros de religiões de matriz africana, seus costumes, suas formas de culto e suas práticas, resultando o projeto com seguinte tema "Religião e Contrassenso: elementos rituais de matriz africana em igrejas neopentecostais de Manaus", que traz à luz o contexto em que a religião de matriz africana vem sofrendo perseguições, demonizações e muitas vezes até morte por pessoas que professam uma fé diferente, mesmo apropriando-se de elementos rituais destas religiões em seus cultos ditos evangélicos, na sua prática litúrgica e, ao mesmo tempo, negando por meio de atitudes desrespeitosas, racistas, preconceituosas e criminosas. Levei em consideração, também, o fato de que o programa consiste em uma pós-graduação interdisciplinar, que possibilitaria, naquele momento, o desenvolvimento de uma pesquisa sobre a temática de diferentes religiões na cidade de Manaus, haja vista que engloba as múltiplas áreas do conhecimento voltadas para o cenário Amazônico.

Com a aprovação no aludido mestrado, vi se solidificar, em mim, o ensejo de exprimir sobre algo que ainda é circunscrito nas rodas de conversa, pois o preconceito que se tem em relação às religiões de matrizes africanas: o caráter colonialista da simultânea apropriação e demonização de seus elementos, por parte dos protestantes neopentecostais. O programa oportuniza debates temáticos plurais e amplos, como este, voltados à realidade amazónica. Dessa forma, compreende-se a importância do mestrado na área, pois esta busca dialogar com os múltiplos contornos de conhecimento concernentes à sociedade e à cultura na Amazônia, sendo a religiosidade um dos mais pungentes aspectos da representação identitária da região.

Em março de 2023, iniciaram-se as aulas no mestrado, onde um novo mundo começou para mim, inteiramente diferente, com a multiplicidade de pessoas das mais diversas idades, perfis socioculturais e religiões. Neste ambiente, pude conhecer as disciplinas Epistemologia e Metodologia das Ciências Humanas e Sociais, Seminário de Pesquisa I, Seminário Temático I, Atividades de Pesquisas - 2023/1, disciplina de férias Tópicos Especiais V – Corpos Transculturais Representados e Manifestos: Entre o Ocidente, Oriente e Amazônia. Bem como as disciplinas, Formação do Pensamento

Social na Amazônia, Seminário de Pesquisa II, Tópicos Especiais IV – Antropologia da Saúde e Medicina Tropical e Tópicos Especiais V – Teoria Antropologia Clássica e Atividades de Pesquisa – 2024/2).

Com as disciplinas estudadas, tive mais compreensão sobre a trajetória que precisava percorrer para execução da pesquisa. Ressalto que a disciplinas de Atividade de Pesquisa I e II foram primordiais para a progressão e assimilação no que se refere ao projeto, como ordenar, o que deve conter na estrutura do escopo do texto, possibilitaram bastante conhecimento para o decurso do encandeamento e escrita do texto. Quando as aulas da disciplina Formação do Pensamento Social na Amazônia tiveram início, fui absorvendo cada vez mais sobre o cenário social e cultural da região amazônica, elucidando muito mais aspectos sobre o espaço no qual eu vivo e até mesmo desconstruindo a imagem romantizada que, até então, eu tinha. O componente curricular ofereceu textos de João Daniel, Elizabeth Agassiz, Samuel Bechimol, entre outros autores, que colaboraram nesse percurso de formação do meu pensamento em relação à Amazônia.

Outras disciplinas que promoveram a aproximação com a pesquisa foi Tópicos Especiais IV – Antropologia da Saúde e Medicina Tropical e Tópicos Especiais V – Teoria Antropologia Clássica. Elas ajudaram-me, com as disciplinas estudadas, onde fui cada vez mais compreendendo sobre a trajetória que eu necessitava atravessar rumo à realização da pesquisa, ao ponto de captar o modo de interpretar cada vez mais claramente o objeto de pesquisa, trazendo à tona aquilo que entendemos e inseri-lo na escrita. Foi nestas disciplinas que principiei um processo de desenvolvimento como forma de enxergar o espaço e objetos que compõem a ritualística envolvida. Outro colaborador para essa aproximação com a pesquisa foi o Estágio Docência realizado na disciplina “Sociologia I”, ministrada pelo Professor Odenei de Souza Ribeiro. Esta etapa ajudou, de forma relevante, na compreensão dos conflitos sociais amazônicos, assim como de fatos religiosos e gerais que abarcam a convivência humana.

Às 60 horas em sala de aula, a princípio, foram desafiadoras porque no atual momento a condição de aluno foi mudada para a posição de professor. O primeiro dia de aula foi bastante interessante: adentrei na sala de aula e o professor responsável por lecionar a disciplina, chamou-me para sentar-se ao seu lado e, aos poucos, os alunos foram chegando e a sala ficou repleta das mais variadas pessoas. Até então, eles não sabiam que eu era e, em um determinado momento após o intervalo, o professor me

apresentou aos discentes, que foram bastante receptivos. Consegui me sentir à vontade a partir do terceiro dia de aula, onde o professor fez a intercessão que resultou em maior interação com os discentes, pois direcionava alguns textos para que eu pudesse apresentar e iniciar os debates.

Ao término do estágio, pude compreender que está disciplina é de suma importância para meu desenvolvimento acadêmico, uma vez que traz informações sociais e históricas sobre a Região Amazônica ainda desconhecidas por muitos indivíduos. Realizá-lo foi uma experiencia da qual jamais vou esquecer, principalmente pelo ganho de conhecimento adquirido, que pode ser constatado na execução deste trabalho. Toda essa conjuntura que foi demasiadamente proveitosa, provocando uma mescla de sensações e experiência até então não vivenciada. Pude atuar em discussões, seminários, expor textos aos discentes, e auxiliá-los na orientação de trabalhos, apresentando meu tema de pesquisa para essa dissertação. Ajudou-me na obtenção e difusão de conhecimento. Em suma, o contato com a disciplina, o professor e os alunos. Foi enriquecedor para a progressão da pesquisa.

Após concluir essa parte do processo acadêmico, continuei com mais leituras relacionadas ao escopo temático da minha pesquisa, seguindo, também, em busca incessante pelo campo, que foi bastante desafiadora e conturbada. O motivo reside no fato de que eu tinha que ir a igrejas que professam a concepção do fenômeno neopentecostal em suas doutrinas uma vez que meu tema retrata a utilização de elementos das religiões de matriz africana em cerimonias evangélicas dessa bem como o contrassenso através da perseguição, da intolerância e do racismo religioso praticado por esse segmento.

Mas, ao participar de toda liturgia de algumas dessas congregações, recebi a recusa em dar prosseguimento à pesquisa e, também, de participar dos cultos, bem como da rotina. Fui, inclusive, ameaçado em nível de integridade física, sob o pretexto de que minha pesquisa é uma blasfêmia contra sua deidade. Foi nesse momento, por conta dessa hostilidade que existe em grande parte das instituições neopentecostais, que eu e meu orientador chegamos ao acordo de que a melhor saída metodológica para dar prosseguimento e “conclusão” (uso aspas pelo fato que toda pesquisa, seja ela dissertação ou tese, sobre qual tema for, sempre é possível de portar lacunas que podem ser exploradas em estudos futuros) seria usar a metodologia chamada *etnografia de tela*

que, mais adiante, será descortinada para melhor absorção e entendimento sobre esse procedimento.

Enfim, por mais que houve percalços enfrentados durante a trajetória em busca de uma igreja que pudesse servir de universo amostral, não desisti porque acredito que a discursão, o debate acerca dessa pesquisa, desse tema, é de suma importância para a sociedade manauense, de igual modo para a cultura brasileira. Tal relevância é, também, urgente porque visa a desconstrução de preconceitos, de posturas segregarias e excludentes que a maioria, senão todo meio pentecostal, em particular o neopentecostal manauara, apesar de usar elementos da religiosidade afro-brasileira para a dinamização de seus cultos evangélicos, do mesmo modo em todo território nacional acarreta ataques, perseguições e negacionismo às Comunidades Tradicionais de Terreiro, que necessitam ser discutidos não só epistemologicamente, mas também na esfera coletiva, para que possam ser combatidos e, assim, minimizar as práticas de ódio que alvejam não só as religiões de ascendência africana, mas também toda a ancestralidade cultural preta que carrega imensa importância para a formação do povo brasileiro e, consequentemente, do amazônida.

INTRODUÇÃO

Aprofundar o conhecimento sobre a dinâmica que alicerça o contrassenso acerca da presença de elementos rituais das religiões de matriz africana em práticas litúrgicas de igrejas neopentecostais da cidade de Manaus-AM, bem como a denegação desse fato e perseguição aos segmentos religiosos afro-brasileiros, é o objetivo basilar do presente trabalho. As crenças e cultos com berço em África, no Brasil, se constituem como importante âmbito identitário da população negra, haja vista que suas origens residem em uma mescla de escravização, processos opressores, sincretismo e resistência cultural. Entre estes aspetos, encontra-se certamente um significativo contingente populacional que, mesmo tendo enorme relevância no florescimento e sedimentação sociocultural do povo brasileiro, certos componentes de sua ancestralidade, como o exercício de suas crenças religiosas, não são ainda bem aceitos, sofrendo perseguições diversas, em nível material e simbólico.

Desde os primórdios da história até a atualidade, a religião é, no que tange a seus aspectos litúrgicos e psicossociais, um fundamental meio de expressão do impacto das ações concretas dos indivíduos sobre o ambiente social no qual estão inseridos. Por esse motivo, reflete, também, características basais à condição humana, como sofrimentos, alegrias e esperanças, atribuindo à fé, variações e especificidades diversas. Assim sendo, quanto mais elementos e matrizes culturais compuserem a estrutura de uma crença ou prática religiosa, mais amplo será o grau de identificação projetiva de seus adeptos e, consequentemente, mais subjetiva e empiricamente plural e rica, ela será.

Nessa esfera, os muitos modos de manifestação cultural existentes no Brasil, em particular os de constituição afro-brasileira, atuam massivamente na composição da enorme miscelânea social que compõe a massa populacional desse país. Com um perfil cosmopolita, abriga diversos contingentes culturais que aparentemente, convivem em paz. Porém, quando se lança um olhar aprofundado sobre seus meandros, é constatável que essas diferentes culturas portam problemáticas peculiares, com berço e direcionamento vindo de umas poucas classes privilegiadas, que detêm para si as mais favoráveis oportunidades de expressão cultural. Monopolizam as formas de acesso aos melhores serviços sociais, ocupam os mais altos postos empresariais e cargos políticos do país, ao passo que outras categorias sociais vivem à margem das oportunidades e, consequentemente, essas relações se constroem de modo conflitivo, sendo a religião um

potente aparelho de dominação, silenciamento e apagamento identitário de minorias sociais diversas.

De forma contraditória, ainda que o número de negros seja expressivo, na população brasileira, da mesma maneira a presença de elementos rituais próprios de sua ancestralidade seja significativa em diversos segmentos religiosos no Brasil, notoriamente, em muitas igrejas pentecostais, especialmente nas neopentecostais. Estas têm não só negado a apropriação dos mesmos em seus procedimentos cerimoniais, mas também embotado, por meio de intensa e contínua perseguição à inegável relevância e riqueza cultural que esta matriz possui, refletindo um perfil ideológico explicitamente caucasiano, eurocêntrico e colonialista. De momo geral, as práticas litúrgicas das Igrejas protestantes (conhecidas também como "evangélicas") no Brasil, particularmente os das neopentecostais, criam e abarcam uma peculiar aglutinação entre elementos ritualísticos de várias religiões afro-brasileiras, especialmente por estes conferir aos cultos um marcante aspecto audiovisual, estimulando a percepção sensorial de seus fiéis.

No Brasil, as relações raciais, não sendo diferente no âmbito religioso, se mostram de difícil compreensão, já que são historicamente pautadas em conflitos que, ainda na contemporaneidade, muitos tentam esconder sob o escudo de uma pretensa "miscigenação" saudável, como também a uma relação amena e pacífica entre o colonizador e o colonizado, senhores e escravizados, mascarando processos persecutórios estruturados por tráfico humano, animalização, estupros e mortes cometidos cotidianamente no seio de uma sociedade escravagista. O engendramento de uma convivência idílica entre classes privilegiadas e subalternizadas colaborou para que o país avançasse para a abolição da escravatura tardiamente, embora muitos intelectuais e alguns movimentos insistissem na libertação como providência imprescindível para o desenvolvimento pleno do país.

Por essa razão, devido à ampla complexidade temática neste trabalho investigada, é providencial que se leve em consideração o perfil sincrético não apenas das manifestações religiosas no Brasil, mas também, particularmente, do neopentecostalismo, para que seja possível investigar as peculiaridades desse sincretismo. A especificidade temática do presente estudo acarretará, em momento posterior, inferências dedutivas e passíveis de constatação das consequências de particularidades diversas, e das relações de antagonismo entre elas, operam na seara religiosa brasileira. Até porque, não apenas nesse cenário, mas também na estruturação

das classes sociais e na mídia brasileira, é notória a presença e influência de traços de um neopentecostalismo cada vez mais expansivo não só no país, mas também em tantos outros países da América Latina, pois essa denominação, como sugere seu próprio nome, sempre almejou a implementação de processos expansionistas de universalidade, fazendo-se presente por todo o continente e portando, aonde quer que vá, seu estilo "abrasileirado" (Almeida, 2009, p. 125) e, também, as mesmas estratégias aqui utilizadas para obter êxito e prosperar.

Partindo da pluralidade e complexidade da problemática aqui proposta, em nível teórico e epistemológico, é importante frisar que a pesquisa, em sua totalidade, objetiva conhecer as problemáticas sociais que envolvem os processos que compõem o fenômeno investigado, assim como entender os vários aspectos que envolvem a dinâmica que o move. Nesse contexto, residem questões ideológicas e seus aparelhos, tais como: discursos, representações e seu andamento, no decorrer da história. Há de se deixar claro que, em nenhum momento, a pretensão investigativa seja abraçar todas as partes que integram o universo amostral aqui analisado. Pelo contrário: a abordagem mostra-se deveras complexa para o objeto epistemologicamente proposto.

Desse ponto de observação analítica, que tange à necessidade da compreensão acadêmica dos pressupostos que atuam como construto da contradição entre a presença e, ao mesmo tempo, a negação de componentes afro-brasileiros em ritos neopentecostais, particularmente na capital manauense, que bebem tanto dessa fonte além de de outras manifestações religiosas, como o catolicismo e o espiritismo, mostra-se adequada a constatação de que a nação brasileira é, portanto, multiétnica e multicultural. Por esse motivo, é, também sincrética em suas práticas religiosas, presenteadas com uma riqueza e pluralidade cultural que a metamorfoseou em um conjunto de credos dotado de vários matizes. Logo, não só a negação desse sincretismo, mas também a demonização de elementos rituais de matriz africana presentes na liturgia neopentecostal, como também em diversos outros conjuntos e crenças e suas práticas cerimoniais presentes no Brasil não encontra, sob nenhum prisma, nexo causal e semântico com a coerência, a não ser quando associadas à intolerância como instrumento cabal do racismo religioso que ainda assola a sociedade brasileira.

Como referência pontual que permite uma maior compreensão do contrassenso entre apropriação elementar e paralela denegação de legitimidade, que pauta a relação entre as congregações neopentecostais e as religiões afro-brasileiras, é valido citar a

Igreja Universal do Reino de Deus como agente que catalisa discursos e ações persecutórias, como também influencia toda uma gama de igrejas que adotam um modelo ideológico e operacional semelhante. Como prova concreta dessa conjectura, está o livro *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios*?, escrito por Edir Macedo, fundador e líder da anteriormente citada igreja, e publicado em 1997. De modo pontual, é possível afirmar que a obra inaugurou o que pode ser denominado de um contraditório sincretismo de inversão. Contudo, mesmo fazendo um considerável tempo que o livro foi lançado, seus ditames e orientações não foram amenizados, ao longo dos anos. Seu impacto ainda direciona e inspira instituições neopentecostais e seus adeptos, dentre outras ramificações e dissidências do meio evangélico, como procederem a respeito do proselitismo, perseguição, silenciamento e anulação da legitimidade das religiões mediúnicas, especialmente as de ascendência africana.

No panorama religioso brasileiro, o racismo e proselitismo ultrapassam a mera questão persecutória. Consistem em tecnologias estruturais e homogêneas de poder, continuamente propagadas como pilares que sustentam as relações sociais, políticas e religiosas. São regularmente utilizadas como formas de tentativas deliberadas de escamoteamento, que reverbera os efeitos do que se convencionou denominar como o mito da democracia racial que, como afirma Carneiro (2023), é o “discurso que molda as relações raciais” (p. 50). Dessa maneira, é plausível partir da premissa básica de que o preconceito destinado às religiões afro-brasileiras não é perpetuado apenas em virtude de uma simples diferenciação interreligiosa. Há fatores raciais envolvidos em todas as formas de efetivação de preconceito, na esfera concreta ou simbólica, destinadas aos cultos de matriz africana por parte das instituições neopentecostais.

Sob essa perspectiva, tal conjuntura se constrói não somente porque as crenças e cultos pretos diferem do que a verbalização proselitista neopentecostal considera “sagrado” ou mesmo “aceitável”. É delineada por contornos sociopolíticos, onde crença, política e discurso extremista se aglutinam para eclipsar a laicidade do Estado Brasileiro prevista em sua Carta Magna, a Constituição. Porém, é certo, também, que as Comunidades Tradicionais de Terreiro portam sua ancestralidade como meio de resistência e reafirmação identitária, já que não se trata somente da cor, a causa primaria deste dispositivo de poder. As questões étnicas relativas à marginalização e silenciamento religioso, de cunho sociocultural, também estão na medula espinhal da racialidade, perenizando a continuidade sócio-histórica de intolerância, como também

do racismo religioso, assim como a necessidade de estigmatizar para conjecturar ideologicamente o maniqueísmo entre o que é “normal”, “regular”, “padrão”, e o que é “anormal”, “irregular”, “não padrão”.

Sobre o racismo religioso como fonte primária da intolerância, inclusive por aqueles que são por ele oprimidos, é coerente frisar que os cidadãos negros integrantes das igrejas neopentecostais, com o intuito de encontrarem um espaço de acolhimento e aceitação na sociedade, buscam uma sensação de pertencimento, para que não sejam relegados à condição de sub-humanos, não querendo ser vistos na esfera colonial da animalidade e reenviado a essa zona do “não-ser”, oriunda da demonização de suas crenças e ancestralidade, replicam a tradição do colonizador cristão que fomenta o pensamento pentecostal/neopentecostal. Por esse motivo, chegam a praticar atos criminalmente previstos por lei de intolerância e, consequentemente, de racismo religioso contra as religiões de ascendência africana praticados no Brasil, como a Umbanda e o Candomblé. Simultaneamente, utilizam elementos basilares das crenças afro-brasileiras em suas práticas de culto, como modo de exibir o poderio colonial cristão arraigado no seio de sua compleição estrutural. Portanto, como afirma Gonzalez (1988) o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a superioridade branca ocidental à “inferioridade” negroafricana.

Por conseguinte, no contexto brasileiro, não sendo diferente em Manaus um exemplo que não diverge desse âmbito, os processos discriminatórios, de cunho racial, na esfera religiosa, ainda ressoam fortemente nos discursos e ações, cada vez mais revestidos de signos linguísticos que buscam estabelecer a superioridade do credo judaico-cristão, eurocêntrico e colonialista sobre as crenças de grupos sociais subalternizados pela marginalização de sua ancestralidade. Apresentam-se constantemente revestidos de sentidos que reproduzem os discursos de inferioridade do negro. Isso reforça a constatação, também, da transmissão diária pelos meios mediáticos e virtuais, como redes sociais, das tecnologias de poder que alvejam as religiões afro-por parte das religiões tradicionais as quais a branquitude são sua base, principalmente das religiões evangélicas, como a neopentecostal. Em suma, o praticante desta vertente religiosa sofre o embotamento de sua herança cultural identitária, que é convertida em distopia. Assim sendo, a tradição europeia protestante, autoproclamada “evangélica” por seus fiéis, infiltrando-se no inconsciente coletivo demográfico por meio do dispositivo da racialidade, de maneira tal que estes são levados a crer que há

não somente uma única possibilidade de redenção espiritual, mas também de uma ascensão social e salvífica, se fizer parte de uma congregação evangélica pentecostal/neopentecostal.

Com o objetivo de analisar e compreender epistemologicamente o contrassenso que reside na apropriação e simultânea negação de elementos rituais de matriz africana nos cultos de igrejas neopentecostais da cidade de Manaus/AM, o presente trabalho terá como alicerce, inicialmente, procedimentos relativos à pesquisa bibliográfica, que tem como objetivo primário a coleta de acervo teórico pertinente ao estudo, bem como e estabelecimento de termos-chave para análise e composição do estudo e triangulação de informações oriundas das fontes documentais acessadas, sem medição numérica, para desvelar e/ou aprimorar questões suscitadas pela pesquisa, tais como: leitura de fontes de natureza histórica e jornalística, como também de referencial teórico diverso e apropriado, bem como materiais acadêmicos já produzidos sobre o tema. As etapas seguintes serão constituídas em pesquisa de caráter etnográfico de tela e estudo analítico de caso.

Como atividade seguinte que dará suporte à pesquisa, o foco elementar consistirá na etnografia de tela, efetuada por meio de coleta e análise epistemológica de material audiovisual (com estimativa inicial de 06 vídeos contendo imagens ritualísticas, cerimoniais, e falas pontuais que servirão de recursos instrumentais e imersivos ao presente estudo) em redes sociais (Instagram, Facebook). Como universo amostral a ser investigado, foi escolhido um centro religioso neopentecostal, especificamente da Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus (IPBPD) que, desde sua fundação, em 18 de Abril de 2019, vem atuando na seara neopentecostal, cujos dirigentes são os Pastores Márcio Figueiredo de Lima e sua esposa, a Pastora Rosiane Lima, estando localizada na Rua Carauari, nº 500, próximo da comunidade das pedras, atrás do supermercado Baratão da Carne, na Zona Leste de Manaus, perímetro urbano de Manaus/AM. Como suporte teórico que fundamentará o estudo de caso necessário à análise aqui proposta, serão utilizadas obras de autores ligados à Sociologia, Antropologia sobre intolerância, racismo religioso, estudo da religiosidade brasileira e fenômenos a ela concernentes, como Almeida (2019), Carneiro (2023), Fanon (2008), Gonzalez (1988), Nogueira (2020), Prandi (2005), Silva (2005) e William (2019), entre diversos outros.

CAPÍTULO 1: AMBIVALÊNCIA RELIGIOSA: A DINÂMICA DO CONTRASSENSO

Desde o tempo histórico mais remoto, quase imemorial, o ser humano foi ensinado a ter medo do diferente, toda via, da pluralidade religiosa, mais ainda. As sociedades sempre foram e ainda são instruídas por mecanismos ideológicos reacionários, que reforçam a extensão de um olhar minimizador e, com isso, impulsionam o homem, enquanto ser social, a temer o diferente, bem como a negar as alteridades. Porém, a necessidade de lidar com elas é algo tão inerente à história da humanidade que, como sublinha Laraia (2001), os seres humanos encontram-se sempre cogitando, investigando o outro ou identificando a semelhança entre o 'ele (a)' e o 'eu'. Algumas vezes, as interações entre o 'eu' e 'o (a) outro (a)' são pacíficas. Mas, em muitos casos, especialmente quando se trata do uso da enunciação religiosa como instrumento de poder e subalternização, são conflituosas e comprovadamente, por meio de estudos históricos e antropológicos, devastadoras. Os conflitos podem ocorrer por meio do contato com alguma cultura ou traço cultural em particular, sobre o qual se projeta uma suposição alicerçada na estranheza ou em alegado "exotismo", haja vista que nem sempre o estranho ou divergente é enxergado de forma amistosa e positiva.

Desse modo, é plausível afirmar que na dinâmica religiosa, paulatinamente na sociedade brasileira atual, as dinâmicas litúrgicas religiosas de ascendência africana vêm sendo atacada por grupos que fazem parte da esfera do cristianismo, os quais creem numa perspectiva monoteísta, que se autoproclamam portadores de um modelo de verdade única, absoluto e universal, na qual sua ideologia judaico-cristã de praticar seus atos de fé até o caminho do sagrado, acabam anulando, demonizando e, segundo Carneiro (2023), desqualificando cultos cuja a cosmovisão é preta e seus praticantes à esfera do não ser, inferiorizando, também, quaisquer outras estradas de execução religiosas que são diferentes de suas padronizações sociorreligiosas e, consequentemente, não fazem parte de sua expressão salvífica de crer num arquétipo branco, como hereges, pagãs, impondo-lhes uma não salvação embasada em seus modelos de redenção espiritual, somente por cultuarem uma Entidade divergente da sua e que tem uma cosmologia preta.

Partindo dessa perspectiva, vale ressaltar que esta visão de credo religioso chamada por Boff (1981, p.150) de "discurso totalizador", que rejeita todas as outras

tradições religiosas concebendo-as como falsas, vai especialmente de encontro às religiões de matriz africana, como a Umbanda e Candomblé e, ao mesmo tempo, esse sistema religioso cristão regulador usufrui de seus elementos mágico-religiosos em suas práticas litúrgicas de culto protestante/evangélico, resultando em um verdadeiro contrassenso religioso. Pois, segundo a visão desse campo de eixo central cristão, os elementos rituais dessas religiões, de ancestralidade preta, que atravessaram o atlântico de forma involuntária, por meio do tráfico e escravização de pessoas do continente africano, e são cultuadas no Brasil, diante da perspectiva da esfera religiosa cristã evangélica, não são de Deus, sendo associados ao Diabo cristão. Segundo Foucault (2008), a relação de poder entre o Cristianismo, sua extensão o movimento pentecostal/neopentecostal e as outras religiões é marcada pela pretensão de que esse seguimento se apresenta de forma a se prevalecer em relação às demais denominações e crenças religiosas, esforçando-se, assim, para se tornar medidor de legitimidade entre si e as outras religiões, no caso do Brasil, especialmente regulador das religiões afro-brasileiras.

Nesse contexto, é possível perceber um Dispositivo de Racialidade, o qual promove extensões como além da intolerância religiosa, a disseminação da predominância de um racismo religioso escamoteado nas estruturas da convivência em sociedade para que o modo de operar seja direcionado principalmente aos afro-brasileiros pertencentes à Umbanda e ao Candomblé de forma implícita ou, em muitas vezes, praticado de forma explícita por pessoas que fazem parte do campo religioso cristão particularmente por protestantes evangélicos pentecostais, em especial aos pertencentes a sua mais nova vertente, os neopentecostais. Por meio do uso de um poder centralizado na alta projeção midiática, uma de suas mais incisivas ferramentas de expansão na contemporaneidade, disseminam uma forma de inquisição simbólica contra toda expressão de religiosidade cuja ancestralidade e cosmovisão não pertencem a um arquétipo branco, verticalizado, de bonança terrena ou remissão espiritual.

Dessa maneira, segundo Laraia (2001), o etnocentrismo religioso no Brasil, do fenômeno neopentecostal, tende a categorizar como diferente, negativo e inferior, de acordo com a lógica ocidental e colonizadora, que não faz parte de sua seara. Mesmo sendo fortes e importantes integrantes da cultura sociorreligiosa brasileira, o Candomblé e a Umbanda passam constantemente por esse crivo etnocêntrico, sendo relegadas à marginalização do negativo, de forma pejorativa, no terreno das práticas sociais.

Armstrong (2009) destaca que esse tipo de processo discriminatório resulta, o que pode ser comprovado por meio de uma extensa historiografia a respeito de confrontos religiosos, em inumeráveis casos de tensões e guerras que foram fomentadas por sentimentos religiosos, elocuções teológicas ou em nome de Deus. Nessa conjuntura, o etnocentrismo, enquanto lente de observação do campo sócio-histórico, pode impulsionar conflagração em relação a determinadas religiões, pois, como afirma Laraia (2001), o etnocentrismo religioso pode constituir crenças que "contêm o germe do racismo, da intolerância, e, frequentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros" (Laraia, 2001, p. 73). No cenário brasileiro, sendo o cenário amazônico, em especial o manauense (objeto da presente investigação), quando se estuda, seja pelo viés histórico, antropológico e pelos demais campos dos estudos socioculturais sobre os conflitos ou hostilidades com conotação religiosa, depara-se com a prática perpetrada do racismo religioso e da Intolerância contra as Religiões de Matrizes Africanas (RMAs), centrada na ambiguidade delineada pela contradição entre a presença de elementos rituais na liturgia neopentecostal e sua simultânea denegação e demonização. Essa é uma das problemáticas ou adversidades mais enfrentadas pelos adeptos, pais, mães e filhos-de-santo no Brasil e a resposta do Estado brasileiro a essa conjuntura, em diferentes planos, está longe de ser a resolução que se espera.

1.1 Religião e Paradoxo: Uma Perspectiva Sócio-histórica

No decurso da história, há diversos fatos retratados pelas diferentes manifestações ou práticas concernentes à religiosidade como tecnologias de poder e dominação, constituindo-se em mosaicos que ilustram o ódio, fanatismo (intolerância), elucidando também o contrassenso entre apropriação religiosa, supressão ritualística e marginalização identitária que atuam como responsáveis pela aniquilação de nações com diferentes crenças e valores que, em nível de análise filosófica, antropológica e/ou sócio-histórica, evocam a necessidade de compreender o mundo desde os idos da trajetória humana, bem como o seu modo de agir no meio social, sempre organizando esses comportamentos de forma a valorizar em detrimento do outro.

Acerca dessa premissa, é possível encontrar múltiplos exemplos do cerceamento da autonomia religiosa, individual ou social, desde o início de suas representações simbólicas na história, como no próprio no espectro judaico-cristão, conforme postula

Nogueira, “o cristianismo surge na Palestina, região que vivia sob o domínio romano desde 64 a.C., graças à sua mensagem redentora, obteve enorme sucesso entre os excluídos da sociedade romana e atraiu cada vez mais seguidores.” (Nogueira 2020 p. 25). A Roma pré-cristã tolerava a liberdade de culto no ambiente doméstico, como também a autonomia de crença, mas que “não ameaçassem os cultos públicos através de práticas e conhecimentos secretos, e representassem uma alternativa de identidade religiosa” (Mendes *et al*, 2005, p. 211).

Porém, o aparecimento de uma nova crença, e o expressivo crescimento de seus adeptos, é visto como preocupante ameaça aos pilares da soberania de Roma, logo que sua cúpula governamental toma conhecimento deste fato, como também de cada vez mais influente atuação dos cristãos nas relações sociais o Imperador Constantino oferta a emancipação e liberdade de culto à nova religião que:

> no entanto, só será consolidada com o imperador Teodósio, que, convertido ao cristianismo, o tornou a religião oficial do Império. A partir daí, a lógica politeísta ocidental de aceitação da pluralidade de crenças é substituída por uma verdade única, que não aceita a crença em entes divinos e práticas rituais senão as suas (Blainey, 2012 p. 26).

No que tange a esse panorama, Nogueira (2020) afirma que os cidadãos que foram convertidos começaram a negar e renegar os exercícios religiosos que eram comuns na sociedade romana, como por exemplo, executar libações e sacrifícios aos deuses. Mesmo com a institucionalização do Cristianismo como religião no Império Romano, em 380 d. C., os novos comportamentos adquiridos e praticados pela população romana recém-convertida configuraram enorme desagravo ao poder político-religioso milenarmente estabelecido, tornando-se motivo o principal para o início da perseguição aos cristãos.

Após vivenciar séculos de submissão a um sistema ditatorial, a cristandade se transforma em instrumento persecutório, repressor do que lhe parece diferente, com atitudes e sanções que não condizem com sua mensagem redentora, conforme evidencia Bolton: “De vítima, o cristianismo passou a ocupar a posição de algoz. Após desfrutar de posição hegemônica durante séculos, a Igreja Católica tornara-se negligente e mundana em suas atividades” (Bolton, 1983, p.26). Como postula Sidnei Nogueira, neste âmbito, “o início de grupos dissidentes (que propagavam a mensagem da chamada “vita apostólica”) que iam de encontro ao avanço do islamismo, durante o avanço das Cruzadas, a hegemonia católica percebeu-se em iminente perigo, e pouca tolerância a

diferentes práticas religiosas" (Nogueira, 2020, p. 26), dominantes até então, que deram lugar à Inquisição, que consistiu em uma:

> instituição terrível que, juntando a monstruosidade de seu objetivo, o obscurantismo de suas manifestações e a atrocidade de suas fórmulas, foi o grande algoz das práticas e dos sujeitos que eram repositórios dos saberes tradicionais, herdeiros das práticas do sagrado nativo de diversos povos europeus (Nogueira, 2020, p. 58).

Esses seres humanos, possuidores, de modo secular, dos métodos e do manejo do conhecimento elementar das ervas, de encantamentos e de inúmeros modos de encarregar-se com o sagrado, acabaram classificados na condição de proscritas, marginalizados e "demonizados", encontrando-se forçados ao epistemicídio de suas heranças cosmológicas ancestrais. Nascida "no seio do catolicismo durante o Século XIII, veio, com o nome de Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício, a cobrir de terror, de sangue e de luto quase todos os países da Europa meridional e ainda, transpondo os mares, a oprimir extensas províncias da América e do Oriente" (Herculano, 1950, p. 38). Utilizando como bases várias justificativas pretensamente avalizadas pelas Escrituras Bíblicas, com intuito de alicerçar perseguição e morticínio de seus inimigos, a Igreja e os governos começaram a levar em consideração o ataque as estruturas da ordem social, uma verdadeira heresia, onde a perseguição aos hereges se alastrou pela Europa.

Tendo anuência da Santa Sé, foram responsáveis no começo por ir ao encalço e captura de "hereges" em todos os países da Cristandade. Como afirma (Decugis, 1946) Perseguiram-nos rigidamente durante muitos séculos, principalmente na Espanha, em Portugal, na França e nos Países Baixos. Tal contexto refere-se a uma conjectura em que incontáveis vidas humanas foram vitimadas por um pretexto frívolo alicerçado na intolerância e na denegação, que constitui séria prática vilipendiosa ao exercício da liberdade religiosa, como também os direitos humanos. Diante do exposto, essa breve amostra histórica será cabal com a conjectura precisa do filósofo Marcelo Rezende Guimarães, que ilustra o fenômeno histórico:

> foi ela que destruiu as culturas pré-colombianas e promoveu a inquisição e a caça às bruxas. Foi a intolerância religiosa que levou católicos e protestantes a se matarem mutuamente na Europa, Foi a intolerância que levou países a construírem um sistema de apartheid ou a organizarem campos de concentração. por trás de cada manifestação de barbárie que a humanidade teve a infelicidade de assistir e testemunhar, o que redundou em numerosos massacres e extermínios, esconde-se a intolerância como arquétipo e estrutura fundante (Guimarães, 2004, p. 28).

Os agrupamentos sociais, bem como seus mecanismos de aglutinação demográfica e seus instrumentos de controle e, consequentemente, de poder, são sempre sedimentados em uma forte e estável existência cujas atitudes que visam organização hierárquica, classista, exercem massiva influência nas conexões sociais. Como parte das tecnologias basilares de práxis social, as entidades religiosas exercem, segundo João Décio Passos, "funções hermenêuticas no interior das culturas, a verdade revelada pela religião adotada por determinada cultura é considerada por seus seguidores uma verdade universal, tornando-se o único princípio, meio e fim de salvação" (Passos, 2007, p. 9).

Como exposto no decorrer do texto, sob o prisma do cristianismo, é percebido que o ódio e repressão as alteridades é o elemento primordial o qual está no cerne das grandes calamidades dos ciclos interacionais humanos. Como postula o autor Aldir Guedes Soriano:

> as maiores atrocidades da história, incluindo conflitos religiosos, ocorreram quando houve união entre a Igreja e o Estado. Isso ocorre porque o poder temporal aliado ao poder espiritual resulta em um poder muito grande para ser gerado pelos homens. Isso fica claro, por exemplo, ao observar as inquisições medievais e modernas ou a evolução do constitucionalismo brasileiro, ou mesmo a consagração do princípio da separação entre Igreja e Estado, na primeira emenda constitucional dos Estados Unidos (Soriano, 2002, p. 56).

No panorama da contemporaneidade brasileira particularmente sobre algumas das ocorrências cíclicas de restrição em relação à dinâmica de crenças, práticas litúrgicas e ritualísticas, é facilmente constatável que ainda continuam em execução no dia a dia das relações sociais, ainda que de forma primariamente simbólica, pois aqueles que, outrora, foram intensamente perseguidos por sua forma de expressar suas fés, da mesma maneira, uniram-se com o poderio central, começam a disseminar nos dias atuais repressões tão vis quanto sofreram.

Estes sujeitos, por acreditarem que fazem parte de uma classe sociorreligiosa dominante, creem que são detentores do poder e por conta de um narcisismo racista acreditam-se no direito de fomentar violência simbólica e/ou real sobre os demais segmentos religiosos da sociedade, em especial as que têm uma ancestralidade e cosmo visão preta, as religiões afro-brasileiras:

> a violência simbólica representa uma forma de violência invisível que se impõe numa relação do tipo subjugação-submissão cujo reconhecimento e cumplicidade fazem dela uma violência silenciosa que se manifesta sutilmente nas relações sociais e resulta de uma dominação cuja inscrição é produzida num estado tóxico das coisas, em que a realidade e algumas de suas nuanças são vividas como naturais e evidentes (Rosa, 2007, p.40).

Nesse contexto, um fenômeno cuja constituição exibe uma aparelhagem complexa de apropriação de componentes ritualísticos do Candomblé e particularmente da Umbanda por igrejas neopentecostais em suas práticas litúrgicas, como também a simultânea negação dos mesmos por meio de "demonização", é aquele que configura a inferiorização onde os adeptos dos cultos afros são subjugados "pela síndrome DPE: discriminação, preconceito e estigma" (Fischmann, 2001, p.11) e pela tentativa de silenciamento dos cultos pretos[1], como postula Carneiro (2023), a raça constitui uma poderosa e eficiente tecnologia de poder causando várias inibições cuja a finalidade é embotar e marginalizar não somente grupos de pessoas, mas também traços socioculturais e religiosos, onde os adeptos da religião afro-brasileira são interditados, marginalizados e estereotipados como indivíduos anormais por fazerem parte de uma vertente religiosa de antepassado preto.

> a interdição é um operador de procedimentos de exclusão, presentes tanto na produção discursiva como nas práticas sociais derivadas da inscrição de indivíduos e grupos no âmbito da anormalidade, na esfera do não ser, da natureza e da desrazão. As interdições são aliadas, enfim, da formação de um certo imaginário social que naturaliza a inferioridade do ser humano (Carneiro, 2023, p. 116).

Os povos negros são subalternizados na esfera ideológica, ao longo da história, pois o dispositivo de racialidade instaura uma divisão ontológica, uma vez que a afirmação de uma religião historicamente branca se dá pela negação de fiéis os quais fazem parte de um rito sagrado que toda sua ancestralidade é preta. Desta forma, de acordo com Bourdieu (1970), os dominantes ignoram os outros tipos de cultura religiosa, engessando o processo de assujeitamento de indivíduos diferentes aos padrões estabelecidos.

Em âmbito geral, os procedimentos litúrgicos das igrejas protestantes, também conhecidas como "evangélicas" no Brasil, particularmente os das neopentecostais, termo utilizado para categorizar congregações religiosas de origem ideológica pautada na prosperidade material por merecimento divino, englobam e criam uma Amálgama entre componentes ritualísticos de várias outras religiões, principalmente os que conferem aos cultos um aspecto teatral, de modo a estimular a percepção sensorial de seus fiéis.

---

[1] O culto aos Pretos Velhos na Umbanda, de acordo com Prandi (2005), é uma experiência profundamente espiritual, muitas vezes realizada durante as giras nos terreiros ou templos da religião.

Nesse sentido, a adoção de elementos oriundos das raízes étnicas e culturais vindos da cultura africana mostra-se eficiente para que também as igrejas evangélicas possam enriquecer seus atos cerimoniais de forma visual e catártica. Porém, são simultaneamente utilizados e renegados, marginalizados por essas congregações, classificados como "não cristãos" ou "demoníacos", o que configura um notório contrassenso entre discurso e prática religiosa. Como mostra o antropólogo Wagner Gonçalves da Silva, quando afirma que essas práticas excludentes e opressoras: "se avolumaram e saíram da esfera das relações cotidiana menos visíveis para ganhar visibilidade pública, conforme atestam as frequentes notícias em inúmeros pontos do Brasil" (Silva, 2015, p.10). Essas investidas se mostram resultantes de várias condições, entre as quais o autor destaca:

> a disputa por adeptos de uma mesma origem socioeconômica, o tipo de cruzada proselitista adotada pelas igrejas neopentecostais com grandes investimentos nos meios de comunicação de massa e consequente crescimento dessas denominações, que arregimentam um número cada vez maior de "soldados de Jesus" e do ponto de vista do sistema simbólico, o papel que as entidades afro-brasileiras e suas práticas desempenham na estrutura ritual dessas igrejas como afirmação de uma ideologia maniqueísta (Silva, 2015, p. 9-10).

Está perseguição é uma das mais incisivas, na qual vitima as religiões de matriz africana, por esse segmento da cristandade, pois se trata de uma soma de ideologias e comportamentos hostis o que torna agravo a crenças, rituais e práticas religiosas julgadas não hegemônicas, práticas estas que, somadas à falta de conhecimento ou má vontade em reconhecer e respeitar a diversidade de credos de terceiros, são reputados crimes de ódio que agridem a autonomia e a dignidade humana. Como postula Sidnei Nogueira ao dizer que o mecanismo de instrumentalização de poder é um processo de etnocentrismo cujo objetivo é minimizar as Religiões de Matriz Africana (RMAs)[2]:

> a necessidade de fazer oposição entre o que é normal, regular, padrão, e o que é anormal, irregular, não padrão. Classificar é um exercício de instrumentalização de poder sobre o outro. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio religioso (Nogueira, 2020, p. 19).

Contraditoriamente, mesmo com o número significativo de negros na população brasileira e nas denominações cristãs protestantes, bem como de elementos rituais próprios das culturas de matriz africana em seus procedimentos litúrgicos, notadamente,

---

[2] Para evitar a recorrência do termo Religiões de Matrizes Africanas, ao longo do texto, poderá usada a sigla RMAs.

alguns desses segmentos das esferas protestantes, conhecidos na atualidade como pentecostais e/ou neopentecostais, têm não só negado a apropriação dos mesmos em suas práticas cerimoniais, mas também embotado a riqueza cultural que esta matriz possui e pode propiciar à liturgia dos cultos hoje conhecidos como "evangélicos". Essas demandas de grupos cristãos, pertencentes a uma crença historicamente majoritária no ocidente, particularmente nas Américas, contra as Comunidades Tradicionais de Terreiros (CTTro)[3] e adeptos das religiões dessa matriz, têm, como intuito um processo de colonização do país, ainda seguindo os moldes mais óbvios de dominação sócio-histórica, não somente na conjuntura de demonização, demolição de centros da Umbanda e Candomblé, mas também além de anular suas práticas ao sagrado preto, colonizar as mentes dos adeptos das religiões afro e suas vertentes.

Esse processo de marginalização e silenciamento, alicerçado na absorção elementar e simultânea rejeição, enquanto mecanismo de poder, produz uma dicotomia entre positivo e negativo, estabelecendo não somente na cor da pele, mas também no aspecto religioso a condição de identificação do normal, simbolizado pela brancura. Este dispositivo organiza-se como um contrato que não é firmado entre todos os cidadãos sociais que não estão situados em determinado ponto focal, pois orbitam ao redor do eixo da iluminação, mas acordado somente entre aqueles que fazem parte de uma previsível supremacia religiosa judaico-cristã, amparando-se na cumplicidade sedimentada na subordinação social e eliminação de expressões da fé religiosa afro-brasileira. Tal dispositivo também se legitima pelo epistemicídio, cujo objetivo é inferiorizar integrantes dessas searas religiosas, como os pais, mães e filhos-de-santo intelectualmente, de modo a anulá-los como sujeitos de conhecimento.

A continuidade dessa aniquilação epistemológica, necessária à imposição da hegemonia dos modelos eurocêntricos e norte-americanos de crença e culto, de acordo com Carneiro (2023), tem deixado marcas profundas no cenário cultural brasileiro, encontrando porto seguro em uma conjuntura cuja finalidade é disseminar uma ideia também ilusória de democracia religiosa e laicidade, que causa diversos sentimentos de anulação dos adeptos do Candomblé, Umbanda e Quimbanda, por exemplo, enquanto indivíduos religiosos cognoscentes. Postula o filósofo Martin Heidegger, brevemente

[3] Denominação aglutinadora de todas as práticas afro-brasileiras também chamadas Religiões de Matriz Africana ou tradições afro-brasileiras. (Nogueira, 2020, p. 70).

citado pela autora, que seletividade categórica das religiões e seus elementos, resultado dos processos de assimilação e paralela negação:

> faz distinção entre as categorias do ôntico e do ontológico, para o autor "o ôntico se refere aos entes particulares, ou às determinações do ser, ao passo que o ontológico diz respeito ao ser enquanto tal. Em suma. Raça, cor, cultura, religião e etnia seriam da ordem do ôntico, das particularidades do ser. O ser humano, especificamente, inscreve-se na dimensão ontológica. (Carneiro, 2023, p. 18).

Nessa esfera, o que propicia o entendimento do fato de que, juntamente não somente com a intolerância religiosa, mas com prática do racismo religioso comprime o ser a uma dimensão ôntica, negando-lhe a condição ontológica e reduzindo sua humanidade a um nível de incompletude. Fanon (2008) expressa essa conjectura na obra *Pele Negra, Máscaras Brancas,* reforçando também que a maneira como esse processo de exclusão o qual se dá também de forma perversa, por meio da *Bíblia*, compêndio cristão de referência religiosa na qual seus seguidores acreditam veementemente, em nível de santidade, utilizando-o como arma para combater tudo que estiver fora de sua "verdade universal", enquadrando qualquer crença ou prática litúrgica, ritualística, dissonante de seus preceitos como figurações do "Mal". Além dos fatores anteriormente apresentados, a hegemonia judaico-cristã atua pesadamente para que haja para a população da crença religiosa afrobrasileira o autoquestionamento de sua existência, favorecendo um sistema que oprime todo corpo religioso negro. Sobre esse tipo de apagamento, o autor manifesta esse sentimento na seguinte elucubração:

> sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto como a virtude é branca. Todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável, mas violento ainda ressoa meu clamor: eu sou um preto, eu sou um preto, eu sou um preto (Fanon, 2008, p.125).

Nesse sentido, o movimento protestante/evangélico neopentecostal brasileiro subjuga o corpo religioso afro-brasileiro ao embotamento de sua legitimidade identitária e, por conseguinte, cultural, fazendo com que sua sobrevivência religiosa seja negada. Com isso, o sentimento de inexistência é instaurado, haja vista que essa exclusão, por meio de apagamento epistemológico, é sentida não somente na esfera de sua vida religiosa, mas afetando também sua relação com outros indivíduos. Como postula Silvio Almeida (2019), em seu livro *Racismo Estrutural,* há um sufocamento dos adeptos da religião afro-brasileira, uma vez que este caminho ao sagrado ainda continua debaixo das camadas de uma cultura religiosa reduzida em sua importância por contínuos processos discriminatórios legitimados pelo racismo étnico e religioso, que sufocam

uma religião historicamente preta com sua predominância, atacando linearmente a continuidade de sua existência, na esfera da:

> sobrevivência social, cultural em uma sociedade secularmente racista, na cultura, política e étnica são feitas para que permaneça imobilizado nas camadas mais oprimidas, exploradas e subalternizadas. Podemos dizer que os problemas de raça e classe se imbricam nesse processo de competição pois o interesse das classes dominantes é vê-lo marginalizado (Almeida, 2019, p. 41).

Assim sendo, a existência de um contrassenso, no que tange ao movimento neopentecostal contra as religiões de berço africano, de lá trazidas e/ou surgidas dessa matriz no Brasil, causa inibições, pois, à medida que os neopentecostais utilizam elementos rituais da religião afro em seus cultos, ao mesmo tempo em que, no âmbito das relações e tecnologias de poder, reforçam constantemente a subalternação ideológica das práticas rituais dos cultos pretos, desacreditando os sujeitos que as praticam e elevando à condição de fenômeno religioso legítimo, o uso de seus componentes nos ritos cerimoniais evangélicos, evidenciando que a hegemonia cristã continua a exercer a supremacia que anula as alteridades dos sujeitos, haja vista que como expressa Carneiro: “é o olhar do Eu hegemônico instituindo o não ser. Um olhar educador, que carrega e explicita a verdade sobre o outro, o nada que o constitui” (Carneiro, 2023, p. 96).

Essa configuração panorâmica da problemática, inicialmente contemplada nesta pesquisa pelo viés sócio-histórico, enquanto fenômeno de constituição social e potente tecnologia de poder e inegável aparelho do Estado para fins de silenciamento de minorias, ligado a questões visivelmente arraigadas à racialidade, atesta o fato de que o Estado brasileiro, apoiado em diversas formas de violência simbólica e/ou real, como a presença crescente e atuante de modo feroz, pesadamente proselitista, de “bancada evangélica” composta por parlamentares em diversos níveis de Poder Legislativo Brasileiro, ambiente que deveria ser caracterizado pela soberania estatal constitucionalmente laica.

Na história recente do Brasil, de forma contínua, a expansão do referido segmento religioso na esfera política, em nível operacional, coloca em desenvolvimento diversas ferramentas e estratégias para implementar e justificar o apagamento dessas populações religiosas com ascendência africana e negra, através da formação de uma sociedade racializada onde se edifica o arquétipo religioso branco, eurocêntrico, como superior e norteador da razão, a estrada que leva à salvação, excluindo e tirando a vez

ou voz qualquer ponto de vista ou prática que difere de sua conveniência ou preceitos, contribuindo para a perpetuação linear e gradual expansão do já massivo racismo estrutural que, de forma velada ou expresso, abrangendo mesmo o campo das ações tangentes ao inconsciente coletivo, apaga a multiculturalidade do povo brasileiro, sendo as crenças e cultos religiosos de composição plural as mais atingidas por uma espécie de *apartheid*[4] simbólico e, de modo assustador, infelizmente contemporâneo.

1.2 Racialidade e Proselitismo: Uma Nova Inquisição

Em nível de exercício da liberdade religiosa e dos recursos legais e/ou constitucionais que o amparam, o Brasil, na contemporaneidade, ainda esbarra em questões estruturais, de cunho eurocêntrico, colonialista, que gera processos ligados a dispositivos alicerçados no racismo e há hierarquização por classe social, onde é possível enxergar traços fundamentalistas nos processos de perseguição, marginalização e exclusão psicossocial das comunidades tradicionais de terreiro e toda sua composição ritualística, de sua ancestralidade preta, como também de vários de seus elementos rituais presentes em práticas cristãs por meio de utilização deliberada e simultânea negação de sua legitimidade como instrumentos de contato com o sagrado, fora do âmbito que deles se apropria.

A máxima repercutida, em todos os espectros da sociedade brasileira, é que o Estado Nacional vive uma perspectiva laica (ou, pelo menos, assim era para ser), pois conforme a disponibilização no Artigo 5º da Constituição Federal Brasileira preconiza que qualquer cidadão tem que ser tratado em nível de igualdade, não podendo existir qualquer tipo de prática que opere algum modo de assepsia no contexto de sua individualidade ou dano à sua alteridade ou a de qualquer outro ente brasileiro. Desta maneira, o Estado Laico não é contra a religião ou religiosidade[5], mas garante que todas as crenças possam coexistir sem a preponderância ou prevalência de um só credo sobre

---

[4] Regime de profunda e violenta segregação racial, mantido na África do Sul de 1948 a 1994. (fonte: https://www.unama.br/). Acesso em 08 de abr, 2024.

[5] Traço uma diferenciação entre o termo religião e religiosidade. Considera-se religião com um aspecto mais institucionalizado, formal, com doutrinárias sendo essas coletivas. Já a religiosidade é interpretada não de forma imperiosa, institucional ou presa em dogmas, mas sendo sobretudo algo de caráter particular, que se pratica a cada dia desobrigado de instituição X ou Y e seus dogmas, ritos e doutrinas.

outros, por meio do proselitismo religioso e político, onde cada denominação religiosa possa usufruir de seus elementos rituais diversos, inclusive de outras crenças sem, ao mesmo tempo persegui-las ideologicamente, praticando qualquer tipo de apagamento sociocultural contra elas. Dentro desta premissa, três incisos que se entrelaçam, no escopo da presente pesquisa.

> III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante; IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato; VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias [...] (Brasil, 1988).

Mas, muitas vezes, estas deliberações da Carta Magna Legislativa Brasileira não são exercidas no espaço geográfico e populacional do solo brasileiro, em razão de haver um dispositivo de racialidade, ou seja, um mecanismo de poder por estar imbricado à esfera política e socioeconômica, a fim de efetivar o propósito de dificultar, restringir, anular e perseguir aqueles que tentam porventura fazer uso de seus direitos como cidadãos cognoscentes, pois a existência de tentáculos deste dispositivo como a intolerância, preconceito e racismo religioso estão escamoteados por meio das relações inter-relacionais.

> [...] racismo religioso expressa o racismo estrutural vigente na sociedade brasileira. Os ataques às religiões afro-brasileiras se circunscrevem dentro da mentalidade escravocrata/racista que quer manter padrões de moralidade e costumes restritos à cultura dominante branca e cristã que exclui tudo o que não estiver de acordo com ela (Sangenis; Costa; Angélica, 2021, p. 1240).

Desse modo, por meio de um proselitismo religioso, de cunho também eleitoral, que segue fazendo vítimas não somente no campo do discurso simbólico, mas materializando este dispositivo de poder contra as minorias religiosas, em especial as religiosidades africanas cultuadas no Brasil. Conforme afirma Almeida (2019), o racismo estrutural facilitou e facilita a execução deste dispositivo, em todos os seus meandros, a se espalharem sem muitas vezes percebidos. Sobre o impacto do racismo estrutural, Costa e Follman destacam que:

> repercutiu na formação do próprio imaginário cultural e religioso do país. Uma brasilidade, mesmo que fruto da fusão de três etnias [...] o contexto sócio-histórico e cultural em que as religiões de matriz africana foram se construindo no Brasil a partir de processos étnico-raciais dinâmicos que não se limitaram à reprodução do passado, mas se desconstruíram e reconstruíram no Brasil e influenciaram na construção[...] nacional brasileira (Costa; Follman, 2014, p. 03).

A partir dessa conjuntura, surge a reflexão de que essa concepção e efetuação real e/ou simbólica do dispositivo de racialidade, particularmente do âmbito religioso,

preserva, se firma e, como consequência de sua continuidade, resulta da ilustração que esboça a teoria que delineia o Brasil como uma nação racialmente democrática, sendo que o mesmo projeto, também, de forma categórica, causa silenciamento e inviabilização das diferenças religiosas e sociais existentes.

Nesse contexto, há a predominância do dispositivo da racialidade como um complexo estruturador político, da composição social, na qual nos constituímos enquanto sujeitos, podendo, também, recair naquilo que é a produção dos nossos sintomas, traumas, sofrimentos, e discursos já que a dicotomia que a instauração desse dispositivo acarreta é também produtor de marcas subjetivas danosas das quais ninguém, principalmente a categoria negro, como também os adeptos das religiões de matriz africana não estão ileso: “não adentrando no problema que também atinge e violenta os indígenas por exemplo, por suas particularidades e especificidades históricas, sociais e culturais que demandariam um outro trabalho” (Streva, 2016. p.11).

Dessa forma, no cenário brasileiro, o racismo e proselitismo religioso são tecnologias de poder estruturais homogêneas, frequentemente propagadas como alicerces das relações sociais, políticas e religiosas. São frequentemente constituídas como focos de tentativas deliberadas de escamoteamento, onde estamos vivendo os efeitos do que se designou como o mito da democracia racial que, como nos expõe Carneiro (2023), é o “discurso que molda as relações raciais” (p. 50), no Brasil. Para a filósofa, este dispositivo realiza, de forma manipuladora, a função estratégica de ser “apaziguador das tensões étnico-raciais” (p. 50). Em outros termos, o dispositivo de racialidade coloca a branquitude como “sinônimo de humanidade”, onde o Ser hegemônico enxerga os não brancos e automaticamente todo seu corpo religioso ancestral como seres inferiores, como em uma hierarquia, com aqueles sendo vistos como o Ser e estes (minorias) como os outros. E, como postula Sueli Carneiro, “o racismo cumpre o papel de fragmentar o campo biológico, do qual o poder tomou conta, para dividi-lo conforme raças e assim introduzir um corte entre quem deve viver e quem deve morrer” (Carneiro, 2023, p.59).

Em suma, uma questão de poder político e social, na qual a negritude[6] se encontra sob o "signo da morte" (Carneiro,2023 p.57) por meio de um proselitismo religioso onde, como expressa Sidnei Nogueira, "a agenda moral é apenas uma ilusão que serve a um proselitismo eleitoral, a violência simbólica é real e segue fazendo suas vítimas" (Nogueira,2019, p.35), que empreende uma corrida atrás daqueles que não professam uma fé ou não cultuam uma Entidade branca e os quais, caminham rumo ao sagrado de uma ancestralidade preta. Esse aspecto pode-se entender como uma nova inquisição, só que simbólica, do Século XX e XXI.

Em sua tese *A Construção Do Outro Como Não Ser Como Fundamento Do Ser*, a autora Sueli Carneiro constitui o conceito de dispositivo de racialidade, A ideia se desdobra do conceito de dispositivo do Filósofo Michel Foucault (2008) e do entendimento da escritora onde explicita que:

> as relações raciais no Brasil produzem e articulam poderes, saberes e modos de subjetivação. Preliminarmente a racialidade é aqui compreendida como uma noção relacional que corresponde a uma dimensão social, que emerge da interação de grupos racialmente demarcados sob os quais pesam concepções históricas e culturalmente construídas acerca da diversidade humana. Disso decorre que ser branco e ser negro são consideradas polaridades que encerram, respectivamente, valores culturais, privilégios e prejuízos decorrentes do pertencimento a cada um dos polos das racialidades (Carneiro, 2023, pp. 22-23).

Nessa perspectiva, o dispositivo de racialidade é um mecanismo que se faz presente de forma a estruturalizar as relações sociorreligiosas. Sua existência, nos meandros das organizações de convivência em comunidade evangélica, promove uma dicotomia na esfera ontológica da construção do ser humano, haja vista que a interdição sobre a legitimidade do outro implica negar sua humanidade, em nível integral, promovendo o seu deslocamento para um território intermediário entre a humanidade plena e a animalidade, de modo a inscrevê-lo, no gabarito de inteligibilidade do monstro onde o fenótipo negro ou o exercício de fé em uma ancestralidade e cosmogonia africana expresso em sua pele como também no seu modo de ser, não alcançará a escala

[6] Movimento baseado na concepção de que há um vínculo cultural compartilhado por africanos negros e seus descendentes onde quer que eles estejam no mundo. Os primeiros proponentes da Negritude enfatizavam, como pontos capitais no movimento: a reivindicação, por parte do negro, da cultura africana tradicional, visando à afirmação e definição da própria identidade; o combate ao eurocentrismo advindo do colonialismo europeu e da educação ocidental prevalecente; a valorização da cultura negra no mundo, em razão de suas contribuições específicas do ponto de vista cultural e emocional as quais o Ocidente, materialista e racionalista, nunca apreciou devidamente. (Ferreira, 2006).

de verticalização evolutiva que o dispositivo de racialidade desenvolveu, como modelo, o arquétipo branco.

Como mostra a autora Isildinha Baptista Nogueira em sua obra *A Cor do Inconsciente: significações do corpo negro,* neste extrato "a brancura passa a ser parâmetro de pureza artística, nobreza estética, majestade moral, sabedoria científica etc. Assim, o branco encarna todas as virtudes, a manifestação da razão, do espírito e das ideias: eles são a cultura, a civilização, em uma palavra, a humanidade". (Nogueira, 1998, p.89).

Em consonância a essa ação do dispositivo de racialidade e proselitismo religioso, com vistas em direção à destruição da corporeidade religiosa a qual tem uma cosmovisão e ancestralidade preta, em seu livro *Preto e Branco: a importância da cor da pele*, o jornalista Marco Frenette (2001) descortina os meandros da construção e a disseminação do racismo no dia-a-dia no corpo social brasileiro, nas instituições, como a escola, na família, na mídia, na igreja e no agrupamento da sociedade, expondo que "era um alívio meio torpe poder olhar para nossas peles brancas, que víamos como futuros para as coisas boas do mundo. Era uma contida felicidade por não ser negro […]. Gostávamos de ter sempre um pretinho por perto para nos sentirmos melhor do que ele" (Frenette, 2001, p.22).

No que tange à figuração psicossocial dos adeptos das religiões e cultos de matriz africana e filhos de santo, no espectro da ancestralidade religiosa, é válido evocar as considerações de Carneiro (2023) para amparar a ideia do racismo religioso perpetrado por instituições neopentecostais contra cultos afro-brasileiros. A autora nunca se referiu a quaisquer tipos de questões sobre perseguição religiosa. Porém, sob o ponto de vista de sua teoria, o dispositivo de racialidade idealizado por ela, nesse contexto, pode ser visto como o alicerce de uma nova inquisição, só que simbólica, do Século XX, que tem, como marco de origem, a perspectiva evangélica protestante Neopentecostal e que se perpetua no século XXI, uma vez que regula, desumaniza pessoas, em especial, a categoria "negro"[7] e os fiéis das Comunidades Tradicionais de Terreiros, ceifa vidas, mercantiliza a fé, minimiza as possibilidades de cultura religiosa

[7] De acordo com os critérios do IBGE, o termo "negro" engloba tanto indivíduos pardos quanto pretos, abrangendo uma categoria mais ampla que corresponde à combinação de pessoas autodeclaradas como pretas e pardas.

africana cultuada no Brasil, de arte e inferioriza a importância das religiões afro-brasileiras que não fazem parte do seu ciclo de poder.

Nesse âmbito, a heteronomia[8] se faz presente estruturalmente, como também na relação dos pertencentes às religiões afro-brasileiras com o "Outro", onde a autora explica que é o "Senhor Hegemônico" operante neste dispositivo de poder, deixando no individuo racializado por Ele marcas de diferenciação, como também produzindo uma "dualidade entre positivo e negativo, tendo [...] a cor [...] o fator de identificação do normal, e a brancura será a sua representação" (Carneiro, 2023, p. 28).

Este aparelho de poder define o desejável e o indesejável, faz diferença quem é sagrado e quem é profano, define o lugar simbólico a ser ocupado por cada pessoa, a depender, não só pela cor de sua pele, mas também, em especial, pela cor do antepassado de sua religião.

> essa noção de dispositivo oferece [...] poder, práticas e saberes, que articulam, instaura uma divisão que tem efeitos ontológicos, constituindo Sujeitos através da enunciação sobre o outro [...] a dinâmica instituída pelo dispositivo de poder é definida pelo dinamismo do Ser em contraposição ao imobilismo do outro. (Carneiro, 2023, pp. 25 - 26).

É essa conjectura do modo operante do dispositivo de racialidade que, segundo Carneiro (2023), trata-se, também, de um dispositivo de poder cuja representação a ser seguida é o arquétipo branco. Como destaca Almeida (2019), esse domínio encontra-se encoberto por rodeios e subterfúgios no espaço geográfico da sociedade encontrando lugar nas organizações políticas e instituições religiosas pois se trata de um elemento formador das interações sociais. Dessa forma, em consonância com Silvio Almeida, postula que:

> o racismo estrutural está constantemente escamoteado. Ou, pelo menos, sendo alvo de tentativas deliberadas de escamoteamento. Vivemos os efeitos do que se denominou mito da democracia racial, nesse sentido, podemos refletir que esse projeto político que se mantém, se sustenta e, por isso, depende da imagem oriunda da suposição de que estamos em um país racialmente democrático é o mesmo projeto que também precisa silenciar e invisibilizar as diferenças Econômicas e sociais existentes, os traumas, as feridas e as dores negras (Silva, 2023, p.06).

---

[8] A heteronomia é um conceito filosófico que se refere à condição de uma pessoa ou grupo de pessoas que têm suas ações, pensamentos e valores determinados por uma autoridade externa. O termo é frequentemente usado para descrever a falta de autonomia moral e intelectual, onde indivíduos ou sociedades seguem cegamente regras, normas e valores impostos por outros, sem questionar ou refletir sobre eles. HETERONOMIA: *O que é, significado.* Disponível em:<https://www.soescola.com/glossario/heteronomia-o-que-e-> acesso em 18 de maio 2024

É inegável que esse mecanismo de poder sedimentado na racialidade, sobre o qual afirma Sueli Carneiro, que “inscreve o indivíduo [...] sob o signo da morte pois é o Eu hegemônico, branco dotado de razoabilidade, normabilidade e vitalidade” (Carneiro, 20023, p.27) não iria deixar de ir ao encontro à instituição evangélica protestante/neopentecostal, pois a esfera judaico-cristã se utiliza desde dispositivo de poder, em seus espaços sagrados, para instrumentalizar domínio.

Carneiro (2023) postula, também, que, por meio de seus discursos hegemônicos de referência colonialista, eurocêntrica e judaico-cristã, as religiões brancas engendram perseguições simbólicas por meio de proselitismo, discurso tendencioso que, mediante atribuição discursiva conativa[9], vilaniza práticas por elas não padronizadas, através de discursos de ódio, provocando ações fundamentalistas, no âmbito real e/ou simbólico, na seara da religião, racistas e de controle sobre todos os indivíduos e religiões, especialmente as que não pertencem ao eixo de sua heteronomia, em especial as religiões de matriz africana. Tal quadro se dá não somente porque que diferem do seu modo de verbalização proselitista religioso, com contornos sociopolíticos, onde crença, política e discurso extremista se misturaram de modo a não sabermos à suposta laicidade prevista em nossa Carta Magna. Porém, é certo, também, pelo fato de as comunidades tradicionais de terreiro deterem sua ancestralidade, já que não é somente a cor, a causa primaria deste dispositivo de poder, pois as questões étnicas relativas à marginalização e silenciamento religioso, de cunho sociocultural, também estão no centro, na medula espinhal da racialidade, perpetuando a regularidade sócio-histórica de intolerância religiosa, como também do racismo religioso, onde a necessidade de estigmatizar para conjecturar ideologicamente a dicotomia entre o que é normal, regular, padrão, e o que é anormal, irregular, não padrão. Como destaca Nathalia Vince Esgalha Fernandes:

> pode-se defender o uso do termo “racismo religioso” como o mais adequado para caracterizar as ações de discriminações/intolerância contra as religiões afro-brasileiras, uma vez que [...] a africanidade das práticas vinculadas ao contexto histórico colonial racista são as principais motivações das ações praticadas (Fernandes, 2017, p.132).

[9] Função da linguagem também conhecida como “apelativa”, consiste no uso do discurso articulado de forma a conduzir o interlocutor, por meio de falácias e manipulação semântica projetiva, para induzir o interlocutor a tomar atitudes e mudar crenças, convicções e comportamentos, sem que haja uma reflexão aprofundada sobre a necessidade ou benefícios dessas mudanças.

Estigmatizar é uma operação de poder sobre o outro, que categoriza para invisibilizar, segregar, subalternizar, silenciar e distanciar do ajuntamento de pessoas estimados como normais e de prestígio. É necessário sublinhar que, para Ainlay, Becker e Colman (1986), a estigmatização religiosa por meio de proselitismo religioso gerado por viés racista é uma construção social, em que as características particulares que desqualificam os cidadãos, modificando-se de acordo com os ciclos históricos e a cultura, não lhes possibilitando uma aceitação plena social.

Desta forma, os indivíduos são estigmatizados apenas em certo contexto que envolve a cultura, os episódios históricos, políticos e econômicos e uma dada situação social, ou seja, a estigmatização não é uma propriedade individual. Em comparação, para Goffman (2013) são perspectivas constituídas pelo meio social, tal realidade está em consonância com a afirmação de Silvio Almeida a estes comportamentos e práticas são realizados porque existe um racismo o qual está escamoteado nas camadas sociais, pois que:

> ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo, ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais, não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outro, mas de um grupo sobre outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional (Almeida, 2019, p.31).

Nessa conjuntura, o dispositivo de racialidade, ao circunscrever o ser humano e, por conseguinte, o campo social e religioso como sinônimo de brancura, irá estabelecer as demais dimensões humanas e religiosas, classificá-las consoante com a proximidade ou o distanciamento desse modelo do Ser. Como instrumento de observação epistemológica, vale ressaltar que a Sociologia vem expondo que não há um aspecto identitário social estático, acrônico. Toda identidade decorre de um decurso de construção social e histórica, haja vista que, nos anos 1970, de acordo com Carneiro:

> iniciaram-se os estudos sobre as desigualdades raciais e o peso que essas variáveis têm na estratificação social. É nesse contexto que aparece o agrupamento de pretos e pardos na categoria negros, justificado pela similitude dos indicadores sociais encontrados para ambos nos levantamentos Censitários oficiais e significativamente diferentes aos dos Autodeclarados brancos (Carneiro, 2023, p.19).

Quanto ao recorte factual de Sueli Carneiro, onde o preto e o pardo estão na categoria negro, é providencial aludir ao antropólogo Wagner Gonçalves da Silva, para ilustrar que “há mais evangélicos negros do que praticantes das religiões afro-brasileiras e as religiões evangélicas são as que mais crescem no Brasil das últimas décadas”

(Silva, 2011, p. 298), onde é visto uma espécie de êxodo sociorreligioso, especialmente na atualidade, derivado de discursos proselitistas que, por meio da tendenciosidade religiosa que utiliza a enunciação como instrumento de poder e subalternação, provocam um processo volátil onde afrodescendentes, por meio do racismo estrutural, praticado no plano subconsciente, acabam por abraçar o sistema que os oprime. O dispositivo de racialidade no âmbito da religião pode ser encarado como "a nova maneira de chamar os negros, ou seja, os pretos e pardos" (Carneiro, 2023, p. 11) para dentro dos espaços religiosos protestantes, onde estes fiéis convivem com relações de fé no campo da ekklésia[10] protestante pentecostal/neopentecostal, os quais serão descortinados mais à frente.

Dentro do aspecto da relação desses sujeitos em seu relacionamento de fé com instituição religiosa protestante, que outrora sua chegada em solo brasileiro, tem sua estrutura fundante a branquitude, como mostra o extrato abaixo.

> o negro se converte ao protestantismo por causa da tradição doméstica de incorporação do escravo à vida da família escravocrata. Por ser uma religião resultante da Reforma e que precisa se afirmar e ganhar fiéis, os novos convertidos ao protestantismo se tornam sistematicamente missionários e veem seu senso de responsabilidade acentuado. o protestantismo histórico se torna mais atrativo para o negro por uma questão religiosa. Enquanto a população negra era rejeitada das igrejas ou das escolas católicas, as instituições evangélicas não rejeitavam os negros: a liturgia protestante aceitava o ser humano independentemente da sua cor, apesar de diferenciação e discriminação operadas dentro da igreja (Reina *et al*,2017, p.257).

Conforme mostrado no fragmento histórico acima, a constituição do protestantismo em terras brasileiras, em que mesmo naqueles que professaram uma fé onde a máxima é "amar a todos assim como Deus ama sem distinção" (Biblia,1992), é percebida a existência de uma ambivalência para esta comunidade negra presente no terreno protestante, onde, por mais que a universalidade da religião cristã protestante preconize a aceitação de todos sem qualquer distinção mas que, em contra partida, predomina a presença de uma separação explícita dentro do corpo da igreja, análoga a uma espécie de "apartheid" na esfera religiosa cristã que:

> por muito tempo, durante o culto, os brancos ocupavam a nave enquanto os negros sentavam ou no fundo ou na galeria. Mas paulatinamente os usos e costumes modificam-se, e, apesar do racismo e uma discriminação persistentes,

[10] Assembleia ou congregação usada para se referir à igreja, entendida como o corpo de crentes que se reúnem para adorar a Deus. Fonte: Nosso Propósito Cristão. Disponível em: <www.nossopropositocristao.com.br>. Acesso em: 26 de set. 2024.

> certos negros obtêm cargos dentro da igreja. Porém, o negro não deixa de importunar (Reina, 2017, p. 258).

No transcorrer do tempo histórico, especialmente a partir da década de 1950, nos países do Hemisfério Sul, destaca Bastide (1960), as pessoas negras não tiveram mais que entrar pela porta lateral da igreja, pois, diminuindo as práticas reais de marginalização real (mas ainda permanecendo, fortemente, as simbólicas) pelos fiéis protestantes brancos, os negros paulatinamente começaram a ter cargos eclesiásticos. Como considera a autora Morgane Laura Reina: "a liturgia da universalidade do protestantismo e do pentecostalismo fez com que, depois de um tempo, não houvesse segregação entre negro e branco dentro da igreja." (Reina 2017, p. 259).

No tempo corrente às circunstâncias do indivíduo negro nos espaços religiosos protestantes, especificamente o pentecostal/neopentecostal, de estrutura basilar branca, no qual ainda há a presença espectral de uma universalidade que recebe a todos sem distinções, mas o fiel protestante, no contexto recente faz uso da assimilação com o intuito de integralização neste ambiente de fé evangélica, que tem raízes brancas, apesar desta assimilação ser a falta de uma razoabilidade, como indica Sueli Carneiro, é "uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do outro ou pela assimilação cultural que, em outros casos, lhe é imposta" (Carneiro, 2023, p.84).

Mesmo assim, este indivíduo acaba fazendo a assimilação para poder ter um senso de pertencimento e valorização por esta religião para não ser anulado e desqualificado pelo dispositivo de racialidade, enquanto ser humano porque, como afirma Sueli Carneiro: "o Brasil não é, efetivamente, o país da diversidade, mas de uma hegemonia branca, que reserva aos negros, morte, negação ou assimilação." (Carneiro, 20023, p.353) onde expõe Reina que esta:

> [...] assimilação do negro ao protestantismo leva à asfixia da sua identidade e herança cultural. Com efeito, no Brasil, o protestante negro. Hoje, as condições específicas de aceitação dos Negros e o projeto de assimilação dos fiéis negros a um pentecostalismo branco permanecem muito vivos na igreja. o negro é aceito no seio da comunidade evangélica somente se abandonar o que faz dele negro (Reina, 2017, pp. 260-261).

Vale chamar atenção para a última parte da citação da autora onde ela explicita que este cidadão "só é aceito no meio protestante evangélico se ele abandonar o que faz dele negro", já que esta pessoa tem de abandonar sua história, cultura e renegar toda uma ancestralidade que foi e ainda é perseguida por se tratar, com efeito, da cor ser preta. Para este cidadão, há a existência da necessidade de adjetivação, o que não existe

para o Ser que pertence a uma heteronomia branca. Como lembra Frantz Fanon (1968), o negro não é homem, ele é o homem negro. A noção de assimilação que este fiel protestante neopentecostal faz, para permanecer na religião evangélica, instituição religiosa que usa de atitudes e verbalização de um discurso homogêneo que, muitas vezes, tem fundamento racista contra grupos étnicos subalternizados pela sociedade eurocêntrica e colonialista. Como afirma Bourdieu:

> o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, o que faz o poder de manter a ordem ou de a subverter é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronúncias, crença cuja produção não é da competência das palavras". A competência é sempre do enunciador, que, deliberadamente e em nome do poder, produz um discurso de ódio contra as chamadas minorias sociais (Bourdieu, 2007. pp.14-15).

O negro inserido em contextos neopentecostais, de cunho e discurso fundamentalista, não percebe o quão rasteira é esta enunciação excludente e maniqueísta, pregada no púlpito de uma igreja protestante que vai de encontro a esse cidadão pentecostal/neopentecostal, como ressalva Silvio Almeida: "seja pela coação física, seja por meio da produção de discursos ideológicos justificadores da dominação." (Almeida, 2019, p.58). Logo, ele internaliza que sua humanidade não existe a não ser que se torne parte de uma filosofia religiosa branca salvífica com efeito para ascender à condição de humano.

Sobre o embotamento da ancestralidade do negro nas searas neopentecostais, onde o proselitismo atua como arma inquisidora que descaracteriza sua compleição sócio-histórica e cultural, o negro é constantemente colocado em um lugar de declínio ao inferno, ao não humano. Consequentemente, todos os valores culturais que constituem a identidade negra, em níveis de origem sócio-histórica, tornam-se setorizados na "zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada" (Fanon, 2008, p.26). Desse modo, é testemunhado um racismo profundamente enraizado no espaço religioso protestante/evangélico/neopentecostal.

Acerca do estruturalismo racial, praticado de forma inconsciente, inclusive, por aqueles por ele oprimidos, é válido evidenciar que, por meio do discurso proselitista regularmente disseminado nas igrejas neopentecostais, o objetivo é aniquilar a legitimidade da herança cultural africana, especialmente no aspecto religioso, os cidadãos negros pertencentes a esta religião. Com intenção de encontrarem um espaço na sociedade, para não voltarem ou não serem relegados à condição de sub-humanos,

não querendo ser vistos na esfera da animalidade e reenviados a essa zona de não-ser imediatamente demonizados, os indivíduos negros dessas congregações tornam-se replicadores da tradição do colonizador cristão pentecostal/neopentecostal. Praticam atos criminais de intolerância religiosa e, consequentemente, de racismo religioso contra os cultos de ascendência africana praticados no Brasil, como a Umbanda e o Candomblé.

Simultaneamente, essas igrejas utilizam seus elementos considerados pilares em suas práticas de culto, como forma de mostrar o poder colonial cristão que está internalizado no seio de sua composição estrutural. Logo, como afirma Gonzalez (1988) o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a superioridade branca ocidental à inferioridade negroafricana.

Como parte constituinte dessa relação de racismo interno praticados pelo dispositivo de racialidade que, muitas vezes, é exercido pelas pessoas negras, sem que estas percebam, na sociedade brasileira, o que configura um contrassenso, pois os negros não se reconhecem como pessoas de ancestralidade africana e partem agressivamente contra as religiões afro-brasileiras, já que não se reconhecem como parte dessa herança cultural, devido a toda uma arquitetura do dispositivo que gera embotamento sociorreligioso dos cultos pretos, paralelo ao uso de muitos de seus elementos em práticas litúrgicas cristãs/protestantes, praticada do dispositivo de racialidade, por meio do discurso proselitista que gera perseguições reais e simbólicas, em suas vidas e operando em seus comportamentos, a hostilização semântica e cabal que porta violências diversas. A antropóloga e psicanalista Lélia Gonzalez explana que “o racismo não necessariamente se apresenta em decisões conscientes e assumidas de reprimir prioritariamente o povo negro”. (Gonzalez,1988, p.77).

Tal conjuntura se dá, como postula Gonzalez *apud* Vinuto (2017), devido à formação social brasileira, pois o “racismo à brasileira” parte da negação do racismo, da própria hostilização por parte da população negra e, produzindo representações, práticas e saberes estereotipados, conforme matriz colonial, sobre os negros.

> para um bom entendimento das artimanhas do racismo acima caracterizado, vale a pena recordar a categoria freudiana de denegação processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença. Enquanto denegação de nossa ladinoamefricanidade, o racismo "à brasileira" se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer (Gonzalez, 1988, p. 69).

A autora se refere ao racismo, também no âmbito religioso, como uma ação velada, disfarçada e codificada que viabiliza desnecessárias concepções abertas de segregação, pois garante a superioridade das pessoas brancas, enquanto grupo. O racismo por denegação, como afirma Gonzalez (1988), se disfarça em teorias culturais que celebram a miscigenação, a assimilação e a democracia racial, em que a contribuição do negro é bem-vinda, mas de modo subordinado. Porém, a intenção subliminar dessas práticas é silenciar qualquer traço religioso ou de outros aspectos culturais não brancos, seja por discursos ou por ações retaliativas e inquisitórias.

Destarte, o praticante desta vertente religiosa neopentecostal é encolhido e sua herança cultural negra é transformada em distopia. Nesse cenário, a tradição europeia protestante, autoproclamada "evangélica" por seus adeptos, infiltrou-se no imaginário coletivo demográfico por meio do dispositivo da racialidade no cotidiano brasileiro, de tal forma que somente acredita numa ascensão social e salvífica se, ao menos, fizer parte de uma congregação evangélica pentecostal/neopentecostal.

Dentro dessa perspectiva, torna-se lugar comum que o negro utilize a máscara da branquitude e, nesse contexto, não havendo nada mais branqueador do que exercer atos de perseguição contra seu povo (as comunidades tradicionais de terreiro), indo contra a toda uma ancestralidade que as hierarquias sociais de perfil cristão/ protestante/evangélico desprezam e, simultaneamente, manipula seus elementos, em suas práticas devocionais, como sinônimo de um poderio ancestral branco que lhe foi imposto de forma, muitas vezes sutis, por um sistema religioso protestante que crê no arquétipo de um Deus branco.

> apenas o negro que repetisse as tradições do colonizador encontraria um espaço na sociedade; um espaço mínimo dentro do qual jamais haveria uma equiparação ao branco. Prevalecia, pois, a inferioridade do colonizado; o combustível etnocêntrico necessário para fazer com que os próprios negros cressem que nunca possuíram uma cultura ou história (Bahia, 2018, p.46).

É o que Fanon (2008) expõe que o colonialismo engendrou e deu nome, a inferioridade do colonizado, que, uma vez destruído e dominado, acaba por aceitar e internaliza essa ideologia salvífica branca transmitida de verdade universal baseado no compendio religioso, a bíblia a qual é usada de formal basal nesse ambiente judaico-cristão.

> o colonizador se sustenta no racismo para organizar a colonização e justificar sua intervenção, pois, por meio da difusão ideológica da suposta superioridade do colonizador, sua ação é vista como benefício, e não como violência, o que resultou na alienação colonial, na construção mítica do

> colonizador e do colonizado o primeiro retratado como herdeiro legítimo de valores civilizatórios universalistas, e o segundo, como selvagem e primitivo, despossuído de legado merecedor de ser transmitido. (Nogueira, 2019, p.47).

Desta forma, há uma ratificação dessa conjuntura no discurso do autor Abdias Nascimento (1978), no qual esse processo de assimilação de conversão do negro ao pentecostalismo/neopentecostalismo a praticar atos de racismo religiosos contra as religiões afro-brasileiras, seja pelo proselitismo ou pela violência cabal, é constituída pelo embranquecimento da raça e da cultura negra. Essa assimilação condiz, então, com que o autor expressa de genocídio negro no Brasil como sendo um processo de "racismo mascarado", mas real na sociedade brasileira, só que encoberto.

Oliveira (2017) reflete sobre esta intolerância e racismo religioso operado pelo dispositivo de racialidade, praticado por fiéis das fronteiras denominacionais protestantes/evangélicas/neopentecostais contra sua herança cultural, de forma inconsciente ou não, chegando à conclusão de que existe um racismo estrutural de proporções contínuas e socialmente devastadoras:

> as violências que as religiões afro-brasileiras sofrem são [...] reflexo de um racismo estrutural brasileiro. Não se trata de um ato individual contra outros indivíduos, se trata de um racismo basilar em nossa sociedade, presente também nas instituições estatais e se reflete, entre outros momentos e formas, nos preconceitos, discriminações, ataques e violações que aqueles que vivem as religiões afro-brasileiras sofrem. (Oliveira, 2017, pp. 15-16).

A partir dessa conjectura, o entendimento de que as instituições religiosas pentecostais/neopentecostais têm sobre religiões africanas, cultuadas em solo brasileiro, nada mais é do que a materialização de uma estrutura social, pois as esferas que regem a base das organizações que as oprimem são racistas, onde o discurso proselitista é pregado nos púlpitos por essas instituições religiosas, sendo apenas reproduzido por elas porque trata-se de uma estrutura social racialmente segregaria.

Como afirma, de forma catedrática, Silvio Almeida, em seu Livro *Racismo Estrutural*, que o exercício subliminar, no limiar do inconsciente, da intolerância étnica, sociocultural e religiosa "é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam" (Almeida, 2019, p.25). Nesse caso, as comunidades tradicionais de terreiros, assim como seus símbolos e sua ancestralidade, sua cosmovisão, são diariamente minimizadas à condição de silenciamento e subalternação por pessoas que inviabilizam sua herança cultural e cosmológica, promovendo ataques simbólicos, por meio do

discurso proselitista e colonialmente categorizador, ou reais às crenças e cultos pretos, por meio de um proselitismo religioso político falacioso, vazio de argumentos críveis, que promove identificações projetivas que refletem o preconceito de quem os ouve e os adota.

O exercício de atitudes perpetradas pelo racismo religioso eurocêntrico, como forma de uma nova inquisição contra qualquer arquétipo de deidade diferente do seu, com intuito de pertencer a uma fé verticalizada de origem basilar, branca, onde acreditam que o Candomblé, a Umbanda e suas ramificações são manifestações do diabo cristão na terra, devem ser combatidas a todo custo. Nessa esfera, a violência simbólica sobre as religiões de matriz africana, por parte das igrejas neopentecostais, também configura um marco analítico deveras importante nessas análises, para as quais devem ser tomadas, como ponto epistemológico, a linha histórica do tempo que narra o surgimento e expansão do neopentecostalismo. Há de se considerar, também, o delineamento dos processos de apropriação, utilização e simultânea negação proselitista de elementos de matriz africana no seio neopentecostal do Brasil, cujo afunilamento do aporte teórico terá o desenvolvimento desse fenômeno em Manaus, como objeto e elemento norteador desta pesquisa.

1.3 Neopentecostalismo no Brasil: Amálgama Contraditória

O desenvolvimento da perspectiva evangélica neopentecostal dá um novo formato ao mosaico religioso no país, pois se trata de um fenômeno recente que tem incentivado estudos nas mais diversas áreas do pensamento das Ciências Sociais e antropológicas. Tal panorama tem dado ocasião a debates dos mais variados, consistindo no crescimento de um tipo específico de movimento protestante no Brasil: os novos pentecostais ou neopentecostais, que resultam de várias dissidências dentro da esfera religiosa cristã pentecostal do sistema teológico e doutrinário do pentecostalismo brasileiro desde o seu surgimento. Como afirma Picolotto:

> o pentecostalismo é o segmento religioso que mais cresce no Brasil teve sua origem nos Estados Unidos, tendo chegado ao Brasil através de dois pastores suecos Gunnar Vigren e Daniel Berg. O pentecostalismo, tanto em sua vertente americana e como na sueca, influenciou o pentecostalismo brasileiro, em suas duas primeiras décadas. Do pentecostalismo americano incorporou a glossolalia, crença na presença do Espírito Santo, a teologia da prosperidade do pentecostalismo sueco teve origem o pietismo, o apego aos valores da modéstia e intimidade (Picolotto, 2016, p.01).

A rápida ampliação da expansão do pentecostalismo como instituição religiosa no Brasil é, indubitavelmente, um fenômeno importante a ser destacado e pesquisado no cenário social, antropológico e religioso brasileiro. É percebido que, no começo do Século XX, que este aspecto religioso pentecostal é composto por pessoas caucasianas que creem num arquétipo branco de mensagem salvífica. Assim sendo, Mariano afirma que:

> a expansão do pentecostalismo constitui fenômeno de amplitude mundial, posto que este ramo do cristianismo, formado no início do século na América do Norte, vem crescendo aceleradamente em várias sociedades em desenvolvimento do Sul do Pacífico, da África [...], mas nenhum continente supera a América Latina [...] o Brasil se destaca neste contexto (Mariano, 2014, p.10).

O seu surgimento, enquanto vertente do Cristianismo, oportuniza e ratifica rupturas com o modo operante de pensar a salvação e a manifestação divina, nas suas congregações. Sublinhar que o pentecostalismo teve seu começo, por meio da dissidência, facilita a percepção, no decorrer da pesquisa, como tais cisões foram responsáveis pelo dispares tipos de pentecostalismos estabelecidos. A vertente religiosa caucasiana pentecostal ganhou mais força e impulso em solo brasileiro, como expõe Mariano (2014), como também nos países em desenvolvimento onde garantiram espaço livre para o estabelecimento de suas igrejas. Sua ascensão "trata-se de um autêntico processo de globalização ou transnacionalização dessa forma de protestantismo popular" (Mariano, 2014, p.09). Seus fundadores, ao colocarem seus pés em solo brasileiro, identificaram uma sociedade mais solicita, encontrando um espaço no qual puderam desenvolver e difundir, por meio do proselitismo religioso, sua mensagem.

> outrora, estavam restritos pelo perfil tradicionalista e imperialista da sociedade norte americana, porém, foram recebidos pelos [...] latino-americanos e sua mensagem de fervor revolucionário conseguiu abarcar massas da camada evangélica existente. Os líderes deste movimento não foram perseguidos, como em outros países, mas foram respeitados e se estabeleceram (Westmeir [1993] *apud* Silva 2017 p.23).

É evidente que surgem diversas dificuldades ao estudar um fenômeno social tão dinâmico, complexo e com pouco material catalogado, mas não impossibilita uma análise de sua sistematização, como expõe o sociólogo Paul Freston:

> as igrejas pentecostais enquanto instituições em evolução dinâmica [...] não são organizações estáticas que incham numericamente; estão em constante adaptação, e as mudanças são frequentemente objeto de lutas. Ademais, o pentecostalismo possui grande variedade de formas, e cada nova espécie vai enterrando mais alguns mitos a respeito de o pentecostalismo (Freston, 1993, p. 64).

No espaço geográfico brasileiro, o pentecostalismo é apreendido, especialmente, através das "três ondas" do movimento pentecostal que perfizeram na terceira onda, o fenômeno neopentecostal, que é hoje conhecido como a maior expressão de domínio do evangelismo no Brasil. As três ondas, descritas por Freston e retomadas por pesquisadores, tais como Mariano (2004) *apud* Dias (2011), estão classificadas por período e organização social na comunidade geográfica e demográfica brasileira.

De acordo com Picolotto (2016), o período conhecido como *Primeira Onda* começou no início do Século XX, em 1910, por meio de duas igrejas principais: a Congregação Cristã de 1910 e a Assembleia de Deus de 1911. "Estas duas igrejas dominaram o campo pentecostal brasileiro nos primeiros 40 anos após a sua chegada. A Assembleia de Deus formada por dois suecos e a Congregação Cristã fundada por um italiano" (Picolotto, 2016 p.78). Estas duas denominações e sua forma de exercer suas fés, conforme defende o autor Ricardo Mariano, "apresentavam características por um ferrenho anticatolicismo, por enfatizar o dom de línguas, a crença na volta de Cristo e na salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior" (Mariano, 2014, p.29). Postula a antropóloga social Picolotto que esta segunda onda do movimento pentecostalismo fruiu no início na década de 1950:

> neste momento, o pentecostalismo no Brasil era considerado o terceiro maior do mundo. O seu rápido crescimento gerou muitas fragmentações. Dessas fragmentações três igrejas emergiram como sinônimos do pentecostalismo da segunda onda, a saber: a "Igreja do Evangelho Quadrangular", em 1951, primeira de origem norte-americana, a "Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo", em 1955, primeira igreja fundada por um brasileiro; e a "Igreja Pentecostal Deus é Amor" em 1962, a qual trabalhou com as camadas mais pobres da população (Picolotto, 2016, p.68).

Em nível de características convergentes, os traços comuns associados a essas três denominações são "a cura divina, o restabelecimento das enfermidades, como manifestação do resultado da ação do Espírito, libertação espiritual das forças malignas, a apropriação das mídias modernas, a benção por imposição das mãos na cabeça, a unção de óleo e a atenção voltada para as classes mais baixas" (Dias, 2011, p. 379). Paul Freston (1993) defende que essas mudanças ocorreram devido ao aburguesamento do campo pentecostal anterior. Nesse cenário:

> os ramos pentecostais mais antigos se aburguesavam e os grupos novos iam em direção às camadas mais baixas, mas não é só isso; é questão de estilo cultural. Os grupos novos tinham a liberdade de adaptar-se à sociedade urbana porque não carregavam 40 anos de tradição. Puderam inovar com técnicas modernas e uma nova relação com a sociedade (Freston, 1993. p.82).

Com maior projeção nas duas décadas seguintes, iniciada nos anos 1970, se deu a terceira onda. Ao contrário das igrejas enquadradas nas vertentes anteriores, as que estão classificadas com o prefixo *neo,* apresentam muitas transformações em relação a suas antecessoras. Expressa Mariano (2014) que o corte histórico, institucional e o modo operante de exercer a fé ao caminho do sagrado, logo da formação de uma corrente pentecostal, definiu sua designação como *Neopentecostal*. Essa nova fase vivenciada pelas doutrinas neopentecostais, ressalta Bittencourt que "agora as denominações religiosas participam ativamente de políticas partidárias, mantêm uma função terapêutica baseada na cura divina e procedem com rituais de exorcismo, contêm altas doses de misticismo e utilizam-se da Teoria da Prosperidade" (Bittencourt, 1994, p. 41). Consequentemente, os pilares estruturais dessa nova fase, segundo Ricardo Mariano:

> são autóctones, tem líderes fortes e pouca inclinação à tolerância e ao ecumenismo, opõem-se principalmente ao cultos afro-brasileiros, utilizam seus elementos rituais em seus cultos, estimulam a expressividade emocional, utilizam bastante os meios de comunicação de massa, enfatizam rituais de cura e exorcismo, estruturam-se empresarialmente, adotam técnicas de marketing e retiram dinheiro dos fies ao colocar no mercado religioso serviços e bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento (Oro, [1992] *apud* Mariano, 2014, p. 35).

Como visto nos traços basilares desta corrente pentecostal/neopentecostal, segundo Freston (1993), a denominação mais expoente deste movimento é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e, desta congregação, derivou-se um espraiamento de uma ideologia religiosa que não caminhava, antes dela. Sobre essa conjectura, Freston afirma:

> a terceira onda pentecostal acompanha novo surto de crescimento nos anos 80. Seu produto institucional mais famoso é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), do Bispo Edir Macedo. Fundada em 1977, a IURD cresce na década seguinte. Outro grupo é a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), fundada em 1980 por R. R. Soares, cunhado de Macedo (Freston, 1993 p. 99).

Diante deste contexto da proximidade entre o prisma do neopentecostalismo e o campo religioso afro-brasileiro, percebe-se o estabelecimento do exercício de práticas em comum entre ambos, panorama do qual se origina o próprio movimento neopentecostal. Para o antropólogo Vagner Gonçalves da Silva, "o uso nos rituais neopentecostais de objetos como panos coloridos, chás de sete dias, galhos de arruda, molhados em bacias cheias de água benta e sal" e aspergidos nos fiéis para que sejam

libertos, certamente são estranhos à prática tipicamente evangélica" (Silva, 2005, p. 164).

Nesse espectro, é plausível destacar que há uma apropriação que fomenta um contrassenso religioso, pois esses elementos fazem parte de magia popular difusa, que são comuns nos rituais da Umbanda e de outras religiões afro-brasileiras. Desse campo, parte a premissa de que a perspectiva das diversas formas de violência simbólica praticada pelas igrejas neopentecostais contra as religiões de matriz afro têm origem basilar branca, ao mesmo tempo em que utiliza estes elementos ritualísticos de matriz africana em seus procedimentos litúrgicos evangélicos, cultiva paralelamente uma relação belicosa expressando além de intolerância, o que constitui racismo religioso contra os filhos e adeptos das Comunidades Tradicionais de Terreiros:

> a visão depreciativa das igrejas neopentecostais sobre as religiões afro-brasileiras, que nos últimos anos tem gerado ataques de vários tipos, numas espécies de batalha espiritual do bem contra o mal, sendo estes representados pelos demônios que se transvertem preferencialmente do panteão afro-brasileiro para causar malefícios (Silva, 2015, p.192).

Como providencialmente percebeu Vagner Gonçalves da Silva, "há, portanto, muito mais proximidades do que distâncias entre o neopentecostalismo [...] e as religiões afro-brasileiras. Na qual a diferenciação social é consequências das semelhanças estruturais" (Silva, 2007, p. 194). Com efeito, ainda que seja para omitir que manipulam elementos rituais das religiões africanas cultuadas no Brasil, o movimento do neopentecostalismo aproxima-se mais da Umbanda e de outras religiões afro-brasileiras do que da própria concepção do pentecostalismo clássico. Desse modo, mais uma vez, o neopentecostalismo "passou a traduzir para seu próprio sistema o *ethos* da manipulação mágica e pessoal, mas agora sob *nova direção*, colocando o "direito" no lugar do "favor" (Silva, 2015, p. 206). Assim sendo, os neopentecostais:

> ao mesmo tempo em que combatem o "feitiço", não descartam a magia implícita em suas liturgias, que se aproveitam do léxico e dos elementos simbólicos das religiões afro-brasileiras. Os ritos de expulsão do demônio, transe do Espírito Santo e cura, são um bom exemplo deste fato. Representam o retorno ao ritual mágico como uma dimensão crucial da prática de fé e dos mecanismos de salvação ou obtenção de graça (Silva, 2007, p. 207).

A exemplo desta dimensão ambígua existente no meio evangélico neopentecostal, existe uma "batalha espiritual" travada, pelos adeptos de igrejas e denominações neopentecostais, contra uma prática de contato perispiritual entre um humano (comumente chamado de "médium") e uma entidade extracorpórea intitulada, por muitos Pastores desse meio judaico-cristão, de "incorporação", o que, de forma

significativa, evidencia essa aproximação gera uma amálgama contraditória, haja vista que, em algumas dissidências de denominação neopentecostal, há ocasiões cerimoniais, como o *Reteté* e as *Unções*, que são compostas por danças em movimentos circulares sem prévia coordenação, ao som de músicas cuja cadência intensa e veloz induz a um estado catártico de transe e desprendimento psíquico, que guarda muitas semelhanças com as giras que ocorrem em terreiros de Candomblé e Umbanda. Para tal conceituação incisiva, elegeram a figura de Exu, mensageiro dos Orixás, que rege os caminhos e a vidência, entidade invocada e respeitada em ambas as ramificações religiosas de ascendência africana, como o Candomblé e, em especial, a Umbanda, como personificação demoníaca a ser combatida.

Por essa razão, agora, as danças originalmente utilizadas para que as entidades do panteão afro-brasileiro se manifestem em terreno corpóreo, mostram-se presentes nas sessões de batalha espiritual, na esfera neopentecostal de exorcismo ou de descarrego para alegada libertação do corpo do fiel possuído como seu elemento de mediação e inversão. Volney Berkenbrok, no seu livro denominado *A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé,* evidencia Exu como sendo uma figura que possui um *status* especial neste sistema religioso. Segundo a tradição:

> Exu é tido como ministro dos Orixás, o que em princípio o faria um Orixá de segunda categoria, pois a Exu, Olurum não confiou nenhuma tarefa específica de controlar alguma força da natureza ou uma atividade humana específica. A ele foi confiada a tarefa de ser o ministro, ou melhor, o mensageiro dos Orixás. Esta é a função específica de Exu no sistema religioso do Candomblé: Ele é o mediador dos Orixás entre si, dos Orixás com os seres humanos, dos seres humanos com os Orixás, o mediador entre o Orum e o Aiye e mesmo o mediador entre os próprios seres humanos. Exu é a força de comunicação (Berkenbrok, 1998, p. 230)[11].

Desse ponto de vista, é perceptível que o neopentecostalismo absorveu a visão cristã de matriz colonialista, de matriz eurocêntrica, das práticas religiosas originárias da África, associando o Exu Iorubá ao Diabo Medieval, pois, ao contrário da inovação devocional da Umbanda, onde Exus e seus arquétipos femininos, as Pombagiras, trabalham como auxiliares dos homens em questões espirituais e materiais, nas denominações neopentecostais, Exu não é chamado para atuar como mensageiro entre

[11] Conforme relata Volney Berkenbrok, a cosmovisão religiosa do Candomblé é fortemente influenciada pela concepção de mundo na tradição Yoruba. No transporte da religião dos Yorubas para o Brasil dentro do sistema escravocrata, muitos elementos foram perdidos, outros foram transformados e por vezes surgiram inclusive novos elementos.

os homens e os Orixás, mas para ser banido pelos “escolhidos” de Deus. Como postula Wagner Gonçalves da Silva, sobre a figura de Exu no seio neopentecostal:

> agora, sua função é vir para ser expulso em nome da cura e da salvação do possuído, não sendo mais a morada do maligno, o liberto “expulsa o favor” (que no sistema da Umbanda sempre o deixa a mercê dos despachos) e impõe seu “direito” à graça divina falando ao seu detentor celestial por excelência” (Silva, 2015, p.207).

Em uma espécie de uma inusitada metamorfose, Exu torna-se um “neopentecostal”, pois sua presença é atipicamente constante a esse espaço do neopentecostalismo, pois outro mecanismo de poder que está perspectiva religiosa expressa a qual também é atrelada a batalha espiritual contra todas as religiões que não estão inseridas no seu campo eurocentrado, salvífico, branco, onde as perseguições são mais perceptíveis em especial às religiões de matriz africana e a toda ancestralidade negra. Nesse contexto, a teologia da prosperidade é, também, utilizada para ganhar maior número de adeptos, que também se dá como forma cabal de proselitismo e perseguição ideológica ao que é diferente do modelo neopentecostal de exercício da fé, por meio da imputação de esperança nos crentes por uma vida melhor, em troca de ofertas e compensações materiais por tal benção. É a aniquilação da fé do outro cambiada pela realização de objetivos e sonhos, onde o Deus Cristão é a fonte primordial dessa finalidade.

Para Mariano (2014), a teoria da prosperidade, adotada pelos neopentecostais desde suas bases de origem, faz com que os fiéis creiam que, além de poder usufruir da vida eterna junto a deus aqui na Terra, têm o direito e a garantia de almejar tudo de melhor que há de melhor no mundo, o que os induz, assim, por muitas vezes, ao consumismo e à esperança de vida materialmente próspera, afortunada. Nesta ideologia de fé neopentecostal, caso o fiel que não alcance a bonança financeira, ou seja, não tenha emprego, não tenha uma casa, carro ou algo nessa esfera, atribuem culpa ao Diabo, precisando urgentemente expurgar o mal contido em seu corpo ou na sua mente. Implicitamente ou não, muitas essas culpas são direcionadas à Umbanda e ao Candomblé.

Essa teoria chegou ao Brasil através do bispo canadense Robert McAlister, fundador da Igreja Nova Vida, da qual Edir Macedo e R. R. Soares fizeram parte, assim contribuindo para uma grande expansão neopentecostal por meio do proselitismo, promessas de redenção material e espiritual, como também da apropriação e simultânea perseguição às religiões afro-brasileiras, de quem “emprestam” diversos elementos

ritualísticos. Tal conformidade estrutural, no campo do neopentecostalismo com as religiões afro-brasileiras, é confirmado, no discurso nativo de Edir Macedo. No seu entendimento:

> [...] se alguém chegar à igreja no momento em que as pessoas estão sendo libertas, poderá até pensar que está em um centro de macumba, e parece mesmo (...) alguém poderá pensar: "Como podem baixar esses espíritos em uma igreja, uma Casa de Deus?" É importante, antes de mais nada, termos ciência de que as pessoas nas quais se manifestam os espíritos infernais não os encontraram na igreja: estavam dentro delas. (Macedo, 1996, p. 121).

Estas atitudes, por parte dos neopentecostais, é uma demonstração explícita de intolerância religiosa e racismo religioso porque não vai somente contra objetos rituais, mas sim também a toda uma história, uma ancestralidade preta, a qual é expressa nos corpos dos filhos de santo e por conseguintes adeptos das comunidades tradicionais de terreiro. Assim, na opinião do antropólogo Wagner Gonçalves da Silva, "combater estas religiões é uma forma de atrair fiéis ávidos pela experiência de religiões com forte apelo mágico e extáticas, com a vantagem da legitimidade social conquistada pelo campo religioso cristão" (Silva, 2007, p. 194). De fato, a antropóloga Patrícia Birman parece concordar com esta opinião ao afirmar "que o combate a ancestralidade e possessão de entidades afro-brasileiras serviu como um instrumento maior de conquistas de novos adeptos" (Birman, 2006, p. 93).

Assim sendo, como nos faz conhecer Vagner Gonçalves (2007) *apud* Dias (2011), a "demonização" das religiões afro-brasileiras já estava presente no início do movimento pentecostal no Brasil como elemento da teologia da cura divina. Entretanto, é nas décadas de 1980 e 1990 que apreendido um acirramento dessa batalha e a escolha declarada das religiões africanas cultuadas no Brasil a exemplo do Candomblé e Umbanda, como alvo.

> A "demonização" das religiões afro-brasileiras propagada pelo neopentecostalismo já estava presente em fases anteriores do movimento pentecostal, como elemento da teologia da cura divina. Sendo uma das partes constitutivas do ritual da benção aos doentes, a cura servia para mostrar a vitória de Deus sobre o demônio, geralmente identificado com a umbanda e o candomblé (Rolim, 1990, p. 49).

Este fato também pode ser demonstrado, por exemplo, quando se traz em consideração a publicação de 02 livros, escritos por 02 líderes de diferentes igrejas neopentecostais. Porém, em um deles, o discurso de racismo religioso é mais tônico e muitos dos fieis desta corrente pentecostal/neopentecostal o utilizam para embasar suas fés e práticas, ao mesmo tempo em que reverbera perseguições ao povo das

comunidades tradicionais de terreiro, onde encontramos expostas as linhas centrais desta batalha espiritual, racismo e intolerância religiosa, O primeiro destes livros é um compêndio intitulado: *Mãe-de-Santo,* grafado e publicado em 1968, por Walter Robert McAlister, fundador, em 1960, da Igreja Pentecostal de Nova Vida. Dentro desse pensamento, McAlister expressa em seu livro uma narrativa feita pela:

> "mãe-de-santo convertida", de nome Georgina, a qual afirma que: O grande segredo do candomblé é o seguinte: por trás dos sacrifícios sangrentos, das oferendas, comidas e banhos de ervas; enfim, por trás de todas as "obrigações", há um poder maligno e diabólico em ação. O povo acredita que os orixás são deuses, mas não entende que na realidade são forças do mal forcejando por entrar em suas vidas a fim de as controlar e depois destruir (McAlister, 1983, p. 93).

O segundo é, certamente, a mais categórica publicação em oposição aos cultos afro-brasileiros: o livro *Orixás, Caboclos e Guias, Deuses ou Demônios?* publicado em 1988, cuja autoria é atribuída ao líder e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo. Em concomitância com o relato de McAlister, também é possível encontrar, na obra de Edir Macedo, uma explícita ligação das religiões afro-brasileiras com um poder maligno e diabólico e, ao mesmo tempo, expressa falas que os adeptos e os filhos-de-santo precisam de orientação, pois não têm esclarecimento por fazerem de uma religião originada para a adoração ao diabo.

> No Brasil, em seitas como vudu, macumba, quimbanda, candomblé, ou umbanda, os demônios são adorados, agradados ou servidos como verdadeiros deuses [...] no candomblé, Oxum, Iemanjá, Ogum e outros demônios são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalho de sangue, quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial [...] Dedico esta obra a todos os pais-de-santo e mães-de-santo do Brasil porque eles, mais que qualquer pessoa, merecem e precisam de um esclarecimento. São sacerdotes de cultos como umbanda, quimbanda e candomblé, os quais estão, na maioria dos casos, "bem-intencionados". Poderão usar seus dons de liderança ou de sacerdócio corretamente, se forem instruídos. Muitos deles hoje são obreiros ou pastores das nossas igrejas, mas não o seriam, se Deus não levantasse alguém que lhes dissesse a verdade (Macedo, 1996, p. 5-8).

Diante dessa discussão, cabe salientar o porquê da necessidade de nominar o ataque às religiões de matriz africana também como racismo religioso, uma vez que essa prática é uma questão seriamente atrelada à intolerância religiosa. No entanto, ambas se diferem, sobretudo quando se trata das religiões de origem afro. Ambas as problemáticas criminosas se entrelaçam. Neste sentido, a Doutora Juliana Brant Carvalho, membro do Laboratório de Etnopsicologia da Faculdade de Filosofia,

Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da USP em uma entrevista dada a Leonardo Ozima e publicada no *Jornal da USP*, postula que:

> é importante ressaltar que o preconceito contra religiões de raízes africanas possui uma peculiaridade em relação às outras religiões ocidentais: o racismo. O racismo religioso difere da intolerância religiosa, pois, além de cercear a liberdade de crença, representa uma discriminação racial e estrutural contra religiões tradicionais de povos negros [...] não se trata de casos isolados, mas sim de um sintoma de uma estrutura que perpetua preconceitos. O racismo religioso é parte do racismo estrutural, nem sempre as pessoas se dão conta da razão pela qual consideram religiões de matriz africana perigosas ou associadas ao mal. [...] Existe uma tendência social de considerar como 'bem' e 'correto' tudo o que se aproxima da cultura eurodescendente, e a espiritualidade cristã é vista como a norma no contexto histórico brasileiro [...] a coexistência é essencial e que a intolerância [...] surge do fundamentalismo religioso quando um grupo dissemina uma ideia pouco disposta a compartilhar a sua verdade, entendendo-a como única, a intolerância tende a surgir. Já o racismo é reforçado por uma visão em que essa 'verdade única' historicamente vem de contextos eurodescendentes, que se impuseram na América Latina, África e Ásia (Ozima, 2024)[12].

Desse modo, como postula o escritor e Babalorixá Sidnei Nogueira (2019), é percebido nas palavras descritas "instrução", "esclarecimento" e "levantasse" destinam a uma demanda de higienização da ancestralidade, cosmovisão, da identidade e ancestralidade preta. *Instrução* insurge a falta de conhecimento e a amadorismo, ausência de formação, de escola indubitavelmente a ideologia da escola europeia. "Esclarecimento", como diz a própria unidade lexical, implica clarear a atuação de pais e mães-de-santo que exercem conexões ao sagrado às práticas escuras, pretas, "denegridas" e "diabólicas".

Ainda de acordo com o autor (2019) quando Edir Macedo se coloca na condição de representante legal de um conceito que tem um *modus operandi* teocêntrico, o Deus dele, fabricado por ele e para servir a seus anseios, segundo duas afirmativas, o levantou para que dissesse a verdade aos mentirosos e aos que estão abaixados e embotados assume um discurso totalmente etnocêntrico e manifestado por autoritarismo e racismo religioso que também têm relação étnica e social porque vai de encontro para anular a ancestralidade e cosmovisão de uma povo que tem o fenótipo negro, o qual a religião judaico-cristã neopentecostal, a todo custo, tenta negar suas existências.

---

[12] Fonte: OZIMA, Leonardo. *Religiões de matriz africana são os principais alvos de intolerância e racismo no Brasil.* Disponível em:<https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/religioes-de-matriz-africana-sao-os-principais-alvos-de-intolerancia-e-racismo-no-brasil/>. Acesso em 12 de set. 2024

É visível que o dispositivo de racialidade opera por meio deste material e práticas executadas do neopentecostalismo na qual a Igreja Universal do Reino de Deus é o símbolo máximo da perpetuação do racismo e intolerância religiosa pois fomenta a satanização ao passo de minimizar e invisibilizar promovendo de forma persecutória o embotamento dos filhos das religiões de matriz africana em sua esfera ôntica. Como afirma Carneiro "[...] sendo raça, cor, cultura, religião, etnia da ordem do ôntico, enclausurar o ser nessas particularidades torna a sua própria humanidade incompleta" (Carneiro, 2023 p.359) é mais um projeto de conversão em massa e sabemos que conversão em massa somente pode ser consolidada por meio da eleição de um antissujeito, um inimigo, um vilão, um demônio, um grande mal imaginário que se encarregue por todos as circunstâncias nefastas (mal) na vida do ser humano. O tom é, a um só tempo, racista, etnocêntrico, espistemicida e jactancioso.

1.3.1 Deus e o Diabo na Terra do Sol: Neopentecostalismo em Manaus

> *"Eu falei que eu iria. E o Bispo, na mesma hora, ressaltou: [...] lá é ilha. Eu falei: 'não tem problema, vamos embora'. No dia seguinte, eu comprei a passagem no voo [...] para Manaus".* (2017)[13].

Esta pequena amostra reflete a dinâmica da expansão geográfica de uma das diversas instituições evangélicas as quais fazem parte do movimento neopentecostal em direção ao norte do país, mais especificamente, a Manaus/AM. Como ilustração desse fenômeno, é necessário aludir à conversa "de um dos fiéis, em fevereiro de 1988. Em uma reunião com Pastores no bairro da Abolição, no Rio de Janeiro, onde Edir Macedo questionou quem teria disposição e fé para iniciar a expansão dessa perspectiva religiosa por meio do trabalho da Universal no Estado do Amazonas, começando pela capital Manaus." (2017)[14]. Como percebido um diálogo um tanto preconceituoso, em relação aos nortistas, quando Edir Macedo afirma categoricamente que *Manaus é "ilha"*, outro

[13] Registro da conversa retirada do site da IURD (fonte: www.universal.org). Acesso em 21 de maio, 2024.
[14] Registro da conversa retirada do site da IURD (fonte: www.universal.org). Acesso em 21 de maio, 2024.

ponto para o qual vale chamar atenção é o *modus operandi* da teologia da prosperidade como subsídio para a dinâmica da expansão territorial da ideologia neopentecostal, bem como a celeridade de expandir esta vertente religiosa para a capital do Amazonas, Manaus, pois "ao comprar uma passagem aérea no dia seguinte" é sinal que há muito dinheiro potencial para enriquecer o caixa, na capital manauense. Como base expansionista, é coerente fomentar que esta tem, como base de ganho, a apropriação e utilização de elementos oriundos da Umbanda e Candomblé como meio de angariar mais indivíduos e adeptos do movimento neopentecostal. Paralelamente, não só essa igreja, mas a do universo amostral dessa pesquisa nega o processo de manipulação desses elementos, em suas práticas, durante o andamento de seus cultos e, para este fim, promovem perseguições a identidade negra, e a toda a ancestralidade contida nos componentes rituais que utilizam, que não pertencem à visão eurocêntrica da "verdade universal" do neopentecostalismo.

O desenvolvimento e a multiplicação das instituições evangélicas potencializaram significativamente a disputa entre as comunidades religiosas, em Manaus. Evocando Carreiro (2009), é coerente afirmar, nesse âmbito, que as congregações pentecostais, especialmente as denominadas como neopentecostais. Se elevam sobre as demais, uma vez que se dispuseram a oferecer respostas imediatas e satisfatórias sobre demandas diversas a seus adeptos, em um curto espaço de tempo. Com isso, captaram e continuam captando um maior número de indivíduos que procuram explicações religiosas e existenciais imediatas para suas adversidades e contratempos do dia-a-dia, dos simples aos mais complexos.

Essa necessidade de um atendimento rápido às reivindicações dos fiéis floresceu porque as entidades religiosas que antes eram pentecostais ou dissidentes do pentecostalismo e implementaram a perspectiva do neopentecostalismo em suas práticas litúrgicas, transformando suas estruturas operacionais de forma ágil e ajustando-se as novas tensões e inquietações sociais surgidas. A inovação doutrinária veio seguida por uma ruptura com o processo litúrgico tradicional, pois o neopentecostalismo, pode-se dizer, dentre tantos traços, possuem, também, como característica marcante, a voluntariedade, em outras palavras, bem como a dinamização cênica de seus cultos, que se baseiam no improviso e pluralidade audiovisual que são atribuídos ao Deus judaico-cristão. Para os neopentecostais, sua deidade não está "morta", mas viva e rege o momento cúltico na hora e como Ele quer enquanto, nas igrejas do protestantismo

histórico, impera um rígido controle metódico das cerimônias. Essa espontaneidade litúrgica começou a atrair diversos indivíduos.

Segundo Nascimento, “as pessoas de igrejas do protestantismo histórico sentiram-se atraídas pelas inovações introduzidas, pois elas queriam vivenciar as experiências do batismo no Espírito Santo” (Nascimento, 2015, p.48) sem precisar participar de uma igreja pentecostal ou neopentecostal, ainda de acordo com o autor (2015) uma vez que essas continham certos costumes que não se alinhavam com seu modo de viver.

> [...] como nas igrejas tradicionais não se podia bater palmas ou dançar, as músicas cantadas eram baseadas em um hinário específico (Cantor Cristão). A inovação litúrgica atraiu muitas pessoas, sobretudo, os mais jovens. É importante também destacar que nesse momento, no Brasil, começou o processo de implantação da cultura gospel, por meio das igrejas que começaram a renovar seus cultos, passando a introduzir neles o louvor e a adoração, abandonando os hinários e inserindo danças, choros, manifestações de catarse [...] (Cunha, [2004] *apud* Nascimento, 2015, p.48).

Desse modo, as igrejas pentecostais, em particular as denominações evangélicas que instauram o que Ricardo Mariano (2014) categoriza como neopentecostalismo sob uma perspectiva sociológica, sendo essa visão doutrinária aplicada em diversas igrejas manauaras principalmente em suas práticas religiosas, essas continuaram a expansionar muito mais, porque, ao contrário das igrejas do protestantismo histórico ou até mesmo das denominações pentecostais tradicionais, elas se abriram aos aspectos culturais, religiosos e econômicos, da “alta modernidade”. Giddens (1991) afirma que as igrejas neopentecostais em toda extensão do território nacional, como também as manauenses, foram capazes de exercer um diálogo e fazer concessões organizacionais, litúrgicas e doutrinárias, em completa sintonia com o imaginário afro-religioso brasileiro. Porém, essa abertura não foi gratuita, pois constituiu-se racionalmente como meio para captação de novos fiéis.

Segundo Mariano (2014, p. 39), a expansão do neopentecostalismo, que o autor chama de “neopentecostalização” das igrejas evangélicas, tanto as chamadas protestantes históricas como por exemplo aqui em Manaus a Igreja Batista as quais com o passar do tempo também aderiram a visão do neopentecostalismo, assim como as pentecostais, já se encontrava em avançado desenvolvimento, ao longo da década de 1970. Nesse contexto, é válida a inferência de que a abrangência gradual dos preceitos doutrinários e práticas litúrgicas desse segmento cuja tipificação o denomina como “neopentecostal” não se restringiu somente a esta categoria de igrejas, tratando-se de

um processo cujo crescimento e constância cria, na atualidade, complexidades semânticas de classificação das igrejas pertencentes a essa fronteira denominacional, no atual cenário brasileiro. Nessa instância, De Moraes destaca:

> [...] um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro" uma igreja não pode ser classificada como neopentecostal simplesmente porque foi fundada na década de 1970 [...] é fundamental que ela adote uma postura mais liberal e ofereça atividades fora daquelas tipicamente realizadas dentro da igreja, como atividades comerciais, culturais e políticas que são rejeitadas pela corrente tradicional. Como resultado, em contraste com a ênfase tradicional na garantia de conforto e vida eterna após a morte, as igrejas neopentecostais enfatizam mais a consolidação da prosperidade material na terra (De Moraes, [2010] *apud* Ferreira. 2023, p. 09).

Nesse sentido, postula Almeida (2003) referindo-se ao processo expansionista territorial do fenômeno religioso neopentecostal, afirma que no decurso de constituição e avolumamento, conseguiu elaborar uma antropofagia da fé inimiga ou fagocitose religiosa. Segundo o autor:

> muito mais do que pela oposição ou pelo contraste, o neopentecostalismo rege seu processo de expansão por uma fagocitose religiosa, na qual as mais diversas crenças podem ser negadas pela falsidade do seu conteúdo original e. ao mesmo tempo, parcialmente assimiladas nas suas formas de apresentação e funcionamento (Almeida, 2003, p. 341).

De acordo com a convergência teórica entre autores diversos como Bonfim (2008), Campos (1999), Mafra (2001) e Rodrigues (2009), a denominação neopentecostal, a exemplo da Igreja Universal do reino de Deus (IURD) a qual é símbolo mais expoente do fenômeno neopentecostalismo, tem sido recorrentemente caracterizada e associada pela mídia, e por diversos pesquisadores, como um empreendimento religioso. De fato, mas não somente esta denominação, pois a visão do neopentecostalismo e suas especificidades não inibem a existência do caráter empreendedor e/ou empresarial atrelado à teologia da prosperidade e a batalha espiritual.

As instituições neopentecostais, desde que surgiram caminham, em direção à lógica da mercadologia. Refizeram seus preceitos teológicos e doutrinários a fim de se adequar ao novo ordenamento religioso que estava iniciando. Transformaram, também, sua forma de organização, moveram-se e ainda caminham com os mesmos padrões e modelos desenvolvidos nas empresas capitalistas, especialmente aquelas cujo desenvolvimento basilar é aplicado por meio da adoção de técnicas motivacionais, terapêuticos, grupais, e de recompensa por desempenho.

Outra medida aplicada à perspectiva teológica neopentecostal em sua dinâmica laboral, está na forma de apresentação dos serviços e bens religiosos que oferecem, pois as igrejas dessa congregação adotaram completamente as estratégias audiovisuais (analógicas ou digitais) de *marketing*, cuja finalidade é atrair um número cada vez maior de pessoas os quais irão se tornar fiéis consumidores. Isso implica no expressivo aumento de contribuintes para dízimos, ofertas e outras atividades monetárias, nessa esfera religiosa. E, por último, há de se salientar que as igrejas neopentecostais, maioritariamente as que seguem o modelo de grupos familiares ou por eles chamados de células, centralizam suas atividades não apenas de expansão institucional, mas de fé em princípios cristãos, não apenas no trabalho dos especialistas do sagrado, mas também nas atividades leigas, braçais[15].

> a competição empurra os fornecedores dos bens e serviços religiosos a buscar meios mais eficazes para conquistar um número cada vez maior de consumidores dos bens produzidos, deslocando a relação entre oferta e demanda, pois com maior número de empresas, há aumento considerável da oferta – o que exigirá das empresas em competição novas estratégias de inserção, manutenção e aumento dos processos de burocratização. Esse processo pode ser interpretado como uma crescente incorporação da utilização de princípios ligados ao cálculo, ao planejamento, na elaboração de estratégias que garantem o atendimento dos requisitos para sobrevivência e expansão institucional (Nascimento, 2015, p. 59).

A consequência imediata dessa adaptação neopentecostal à cultura empresarial será a exigência de alcançar melhores resultados, aos quais as "organizações religiosas" estarão submetidas. Nesse panorama, “as instituições religiosas serão compelidas a buscar resultados por métodos que são, necessariamente, muito semelhantes aos empregados por outras estruturas burocráticas com problemas similares” (Berger, 1985, p. 150).

A implicação de toda essa transformação do campo religioso em uma espécie de economia sacra fez com que houvesse uma transmutação da realidade similar à do mercado empresarial, baseado na alta competitividade para esfera da religião. Nesses

---

[15] os membros não podem ser meros expectadores. Através dos grupos familiares, é possível prover o envolvimento do leigo com o crescimento da igreja local. Os grupos familiares, dessa forma, funcionam como porta de entrada para novos membros. Assim, o líder do grupo realiza a função do pastor, sem, entretanto, receber qualquer contrapartida financeira. Até porque, esse se torna o responsável pela integração do novo membro à igreja. Por meio dos grupos familiares, os novos membros são acolhidos, recebem aconselhamentos, visitas em seus lares, orações e também, em alguns casos, auxílio financeiro. Ou seja, o grupo familiar é o responsável por promover a vida comunitária do novo membro, bem como dos antigos já integrados. O leigo ocupa uma posição secundária, ou apenas de consumidor dos bens, serviços e produtos religiosos gerados e distribuídos pelos especialistas (Cho, [2005] *apud* Nascimento, 2015, p. 64).

termos, a perspectiva neopentecostal está intrinsicamente configurada em um mercado religioso. Em Manaus, o mercado da fé transformou-se num espaço altamente competitivo, no qual as instituições religiosas pentecostais, em particular as neopentecostais, têm, como preocupação primordial, o aumento da oferta de serviços e bens, tanto materiais como transcendentais. Dessa forma, a religião não pode ser mais refletida como algo encapsulado em seu próprio meio ideológico, restrito a dogmas, ritos e teologias estabelecidas e repetidas, mas suscetível a transformações contínuas que visam mantê-la viva no mercado e expandir a fé ao sagrado monoteísta que anula todas as formas de credos, uma vez que essas perseguições são mais voltadas as religiões de matriz africana, bem como ampliar suas atividades e lucros. Para isso as igrejas neopentecostais tanto na cidade manauara, tal como em todo território nacional buscarão meios para atender às necessidades, quais sejam, do consumidor religioso (Guerra, 2000).

> houve uma dinamização das empresas religiosas no Brasil, pois a intensificação do pluralismo religioso, conforme evidenciado pelos Censos de 1991, 2000 e 2010, contribuiu para o aumento da competição entre os diversos grupos religiosos. Os grupos pentecostal e neopentecostal foram os que mais contribuíram para o aumento da competição entre as organizações religiosas, sobretudo, porque eles foram os primeiros a adotar novas formas de angariar recursos e, assim, expandir o número de congregações filiais. Além disso, foi essa grande arrecadação que os permitiu conquistar espaços nas mídias, aumentando sua visualização, e assim conseguiram atrair uma massa de fiéis disposta a consumir os produtos e serviços religiosos oferecidos, ampliando a disputa entre as organizações religiosas (Nascimento, 2015, p. 60).

Dessa forma, muitas instituições evangélicas no espaço religioso da sociedade manauense, por exemplo entre elas o Ministério Internacional da Restauração (MIR), Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), Assembleia de Deus e outras que não integraram apenas as inovações teológicas oriundas da Teologia da Prosperidade que reclamam o direito de operar curas, milagres e libertação, mas também procuraram mudar suas estruturas organizacionais, burocratizando-as; isto é, incorporaram um modelo organizacional replicado de outras denominações evangélicas. Antes destas, outras já haviam adotado um modelo de crescimento baseado em estratégias de *marketing* de relacionamento, como os Grupos Familiares e suas variações. Entre elas, está o modelo denominado *Visão Celular no Governo dos 12*, que muitos líderes evangélicos chamam essa estratégia, de células ou grupos de comunhão.

Em nível prático, a propagação, isto é, a expansão dos centros evangélicos neopentecostais se dá por meio de proselitismo que tem intuito a conquista, a catequização de novos adeptos. Esse processo, internamente, é chamado de evangelização, mais especificamente, o que está descrito nas *Sagradas Escrituras Cristãs*, que servem de base para que essas instituições adotem atitudes prosélitas, haja vista que se trata de uma ordem imperativa para essa classe religiosa "[...] ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura."[16] Só são chamadas de seres humanos, as pessoas que atenderam ao "chamado" de sua deidade. Antes desse acontecimento sagrado, tipificado por essa esfera religiosa, de verdade única e universal, as pessoas que não querem fazer parte do cristianismo ou não aceitam ser (convertidas) colonizadas por essa doutrina, especificamente o neopentecostalismo, são denominadas de "criaturas, pecaminosas e ímpias", sendo automaticamente destinadas ao inferno. Não são consideradas filho(as) de Deus, como manifesta a igreja em pesquisa em muitas de suas lives, e em vários de seus cultos. Quanto a esse contexto, expressa um dos mais expoentes pregadores do meio pentecostal e neopentecostal, Pastor Isaac Ribeiro, em sua coluna ao portal eletrônico GCN, que:

> [...] é muito comum ouvirmos as pessoas afirmarem que todos os homens são filhos de Deus [...], no entanto [...] quanto à posição de filhos de Deus, está reservado àqueles que provaram do Cristo Jesus, e a partir daí [...] se submetem à vontade divina e viverem com o propósito de servirem a Deus [...] nosso objetivo [...] valorizar a posição de filhos de Deus, e ou mesmo tempo advertir que aqueles que habitualmente vivem na prática do pecado e afirmam ser filho de Deus, estão enganando a si mesmo [...] (Ribeiro, 2022)[17].

Contudo, é sempre providencial ressaltar que as comunidades neopentecostais possuem distintas formas de conquistar e dominar novos membros. Como exemplo, é possível citar o modo das instituições evangélicas tradicionais fomentam o evangelismo através da distribuição de folhetos com mensagens bíblicas, por meio de pregações ao ar livre, ou ainda por convite direto para irem ao templo. Já as igrejas neopentecostais, sobretudo as tipificadas por Mariano (2005), além de fazerem a mesma atividade, investem massivamente nas mídias diversas com a finalidade de atrair novos membros.

---

[16] Postado no site BIBLIA ONLINE: *Livro: Marcos 16: 15 A Ressurreição.* Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mc/16/15> . Acesso em: 13 de set. 2024.

[17] Fonte: RIBEIRO, Isaac. *Criaturas ou filhos de Deus?* In: Somos Criaturas ou Filhos de Deus. Disponível em:<https://sampi.net.br/franca/noticias/1707498/ opiniao/2022/03/ criaturas-ou-filhos-de-deus>. Acesso em 12 de set. 2024

Nelas, os cultos são transmitidos e enfatizam, por meio dos testemunhos, alegadamente, ocorrem as transformações ocorridas na vida dos fiéis, após participarem das reuniões.

Há, também, outra forma de expansão da fé neopentecostal. Muitas igrejas desse segmento, em Manaus, adotam os grupos familiares ou células, que são uma estratégia utilizada para favorecer o crescimento demográfico, além das reuniões tradicionais no templo. A principal preocupação reside na maior efetivação das reuniões realizadas nas residências, onde se incentiva fortemente o convite a familiares, amigos, vizinhos e colegas de trabalho ou de estudo. Essa abordagem visa integrá-los à igreja, ampliando de maneira significativa e acelerada o número de fiéis.

A multiplicação das igrejas neopentecostais, em Manaus, confirma a eficiência dessas estratégias com seus produtos midiáticos, atividade mágico-religiosa e a visibilidade de seus templos, em todo o Amazonas. A compreensão desses eventos e suas repercussões na sociedade amazonense são importantes, quando se analisa o crescimento expressivo dessas denominações neopentecostais.

> as igrejas neopentecostais revelam-se, entre as pentecostais, as mais inclinadas a acomodarem-se à sociedade abrangente e a seus valores, interesses e práticas. Daí seus cultos basearem- se na oferta especializada de serviços mágico-religiosos, de cunho terapêutico e taumatúrgico, centrados em promessas de concessão divina de prosperidade material, cura física e emocional e de resolução de problemas familiares, afetivos, amorosos e de sociabilidade (Mariano, 2004, p. 124).

Outro aspecto a ser considerado, segundo Araújo (2018) é o modelo "fordista" [18] do neopentecostalismo, ou seja, produção de serviços religiosos em grande escala, atendendo demandas fundamentadas em resultados financeiros eficientes. Consequentemente, muito tem sido dito acerca do âmbito neopentecostal nas últimas décadas, em relação ao "mercado evangélico" ou "voto evangélico". Essas nomenclaturas têm sido alvo de constantes nas pesquisas. Entretanto, o âmbito neopentecostal não é um terreno pacífico, na sua maior parte é hostil, ao mesmo tempo não é heterogêneo ou homogêneo, é maleável, se infiltra e recria outros *neos*, desse modo essa categoria apresenta um cenário repleto de disputas revelando-se um desafio para as pesquisas acadêmicas, principalmente, diante de sua dinâmica de recriação constante. Diante desse cenário, darei prosseguimento ao tratamento dessa legitimação do movimento neopentecostal no âmbito evangélico na cidade de Manaus.

---

[18] termo que se refere ao modelo de produção em massa de um produto, ou seja, ao sistema das linhas de produção. O *Fordismo* foi criado pelo norte-americano Henry Ford, em 1914.

A crescente mudança protestante/evangélica no cenário amazonense, por meio do neopentecostalismo, é visível, pois, sabe-se que a cidade de Manaus é um espaço que tem uma marcante herança da esfera religiosa do catolicismo. A entrada da perspectiva neopentecostal no estado do Amazonas privilegiou a metrópole de Manaus, visto ser um dos principais polos regionais de produção industrial exercendo forte atividade relativa aos deslocamentos populacionais tangentes ao êxodo rural e migração populacional de muitos outros estados, proporcionando, assim, a rápida e abundante difusão desta concepção religiosa.

A exploração do cenário religioso na sociedade manauara é complexa, devido à disparidade e sua multiplicidade de práticas religiosas. De acordo com o Pastor Valdiberto Rocha, integrante da Ordem dos Ministros Evangélicos do Amazonas (OMEAM,) em uma entrevista dada ao portal eletrônico *Jornalismo Gospel*[19], declara que Manaus manifestou uma expansão de 325% no número de igrejas, nos últimos vinte anos. De acordo com a Ordem dos Ministros Evangélicos do Amazonas (OMEAM), a capital amazonense já conta com 8,5 mil igrejas evangélicas. Quanto ao número de membros, o último levantamento feito em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que houve um aumento de 21% (em 2000) para 31% (em 2010).

Para o Pastor em entrevista, esse número deve ser bem maior atualmente. Consoante a matéria do *Jornalismo Gospel*, a igreja com maior número de membros entre os evangélicos no panorama manauara é a Assembleia de Deus (IEADAM) com, atualmente, cerca de mil igrejas em toda a cidade. “Somos cerca de 300 mil fiéis em todo o estado. Em Manaus somos cerca de 200 mil. Temos 1150 congregações em Manaus e uma média de crescimento de 15 mil fiéis nos últimos anos”, contou o Pastor Moisés Melo, primeiro vice-presidente da IEADAM[20]. Segundo Araújo (2018), o progresso da expansão das instituições evangélicas pentecostais as quais em suas dinâmicas litúrgicas instauram a perspectiva neopentecostal na cidade de Manaus, ao longo de toda extensão das décadas de 1990, 2000 e 2010, é efeito do encandeamento

---

[19] Fonte: Jornalismo Gospel Portal de Notícias Cristãs em Áudio e Texto. *Com mais de 8 mil templos, igrejas cresceram 325% em Manaus nos últimos anos*. Disponível em:<Com mais de 8 mil templos, igrejas cresceram 325% em Manaus nos últimos anos – Jornalismo Gospel>. Acesso em 12 de set. 2024

[20] Fonte: Jornalismo Gospel Portal de Notícias Cristãs em Áudio e Texto. *Com mais de 8 mil templos, igrejas cresceram 325% em Manaus nos últimos anos*. Disponível em:<Com mais de 8 mil templos, igrejas cresceram 325% em Manaus nos últimos anos – Jornalismo Gospel>. Acesso em 12 de set. 2024

ininterrupto de adaptação às dinâmicas sociais, políticas e midiáticas. Sobre esse panorama, Birmam (2003), afirma:

> os evangélicos neopentecostais não somente crescem em número, mas crescem em visibilidade pelo modo como exercem a sua fé. Estão assim visíveis e performaticamente presentes na política, nas manifestações musicais, nos espetáculos religiosos e, por isto tudo, se encontram também na televisão e nos jornais laicos e religiosos do país. Ocupam, com os seus eventos e seus atores públicos, lugares de grande poder comunicativo na sociedade. Emergem assim personagens e espetáculos político-religiosos marcados por uma íntima conexão com a mídia. (Birman, 2003, p. 236).

Sob essa perspectiva, a organização espacial do neopentecostalismo em Manaus é dinamizada por diversos fatores e resultados tangíveis em relação ao aumento de seguidores e arrecadação, o que aumentou a competitividade no cenário religioso e, consequentemente, a natureza proselitista do evangelismo neopentecostal. Segundo Freston (1993), outrora a grande quantidade de seguidores, cultivava a habilidade de disseminar informações e cultos por meio do rádio e da televisão. Toda via o neopentecostalismo molda-se conforme o panorama sócio-histórico, e atualmente a proliferação de informações são através das redes sociais, como instaram, facebook, entre outros, como, em lives de podcasts fortaleceu consideravelmente este fenômeno religioso na sociedade manauense.

Outro aspecto a ser ressaltado são as práticas socioespaciais, nas quais a visão neopentecostal direciona sua expansão demográfica e territorial de Manaus. Tem seu plano de ação centrado na polarização maniqueísta entre Deus e o Diabo, como já verificado anteriormente, que esta corrente neopentecostal utiliza-se muitas vezes, de formas sutis ou explícitas, de elementos das religiões afro-brasileiras, em especial, da Umbanda, onde Exu (sincretizado desde os tempos coloniais como o “Demônio” ou “Diabo” cristão) acabou se tornando um “neopentecostal”, pois essas congregações se utilizam desta Entidade como elemento cênico ”maligno” de culto, onde a teologia do domínio, frequentemente utilizada nos discursos religiosos e políticos neopentecostais e este conceito de prática religiosa também se encontra em igrejas evangélicas que fazem parte do seguimento neopentecostal manauara, consistindo em uma:

> via básica de entendimento para o sucesso está na “adaptação a cultura do medo”, ou seja, na exploração de uma fé excitada nos contextos de precariedade social. A cultura do medo é uma resposta ao estado de temor ao “sagrado”, no qual o indivíduo recorre quando em situação de vulnerabilidade social decorrente de limitações impostas pelas estruturas de oportunidades como emprego, saúde, moradia, entre outros. (Bledsoe [2012] *apud* Araújo 2018 p. 82).

A multiplicação da conjuntura neopentecostal é parte da estratégia e demarcação do seu poder no espaço da paisagem urbana na cidade de Manaus, visto que o processo de desenvolvimento dos templos é um investimento rentável, em razão de serem pontos nodais na comunidade, de atração de fiéis, influenciados por propagandas em redes sociais, distribuição de panfletos, marketing de cultos de libertação pois a todo instante inculcam de forma velada ou expressa que a raiz do mal é o diabo ou os demônios e associam a tudo que é ruim e danoso as religiões africanas cultuadas no Brasil e em Manaus, como postula Ricardo Mariano sintetiza:

> é no interior dos templos e congregações que a pregação neopentecostal se torna plausível, isto é, cria as condições propícias para romper os ceticismos e barreiras do virtual adepto e, assim, possibilitar que ele se entregue a Jesus, mude de religião e permaneça na comunidade dos eleitos. [...] aí a preocupação em recepcionar da melhor forma possível os recém-chegados que não possuem contato pessoal prévio com outros crentes, orientando-os e, em muitos casos, inserindo-os em grupos menores e mais íntimos, seja na própria igreja – caso dos grupos de adolescentes, jovens, solteiros, casados, senhoras, por exemplo –, seja em núcleos de fiéis que se reúnem na residência de um de seus membros (Mariano, 2008. p. 77).

Com essa conjectura, o geografo Rosendahl (2009) corrobora:

> a religião imprime uma marca na paisagem através da cultura. A prática religiosa – ida ao santuário, atividade religiosa, o comportamento dos crentes envolvendo as interações espaciais – representa uma das diversas maneiras pelas quais a religião age sobre pessoas e lugares. (Rosendahl, 2009, p. 329).

Desse modo, como exemplo de atuação expansiva das igrejas neopentecostais em solo manauense, é de suma importância citar a *Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus (IPBPD)*, universo amostral do presente estudo, cujo destaque vem notadamente ocorrendo pela interligação de suas práticas cerimoniais com elementos ritualísticos consideravelmente semelhantes aos de algumas religiões de matriz africana, mas especificamente nos momentos de êxtase espiritual, batalhas perispirituais e incorporações. Essa denominação religiosa é uma amostra clara do crescimento veloz do movimento neopentecostal surgido na década de 70 no Brasil, transladado também para Manaus, onde muitos dos fiéis tendem a vir de outras denominações religiosas, ou transitam entre essa igreja, suscitando uma “clientela flutuante” conforme evidenciado por Bitun (2007):

> o trânsito religioso mais acontece, o rodízio de fiéis é bastante intenso, muito provavelmente porque nessas igrejas a produção e comercialização de bens simbólicos são muito semelhantes, assim como sua rede de significações. Campanhas de sete dias, cultos de libertação às sextas-feiras, rosa ungida ou rosa de Saron, água orada e distribuída, campanha de libertação permeiam o imaginário do fiel que participa do neopentecostalismo. (Bitun 2007, p.113).

Esse contínuo fluxo religioso não é apenas de caráter individual, mas se caracteriza como um novo retrato das transformações no campo religioso, no qual a instituição neopentecostal investe nos chamados “territórios móveis”, ou seja, com cultos efetuados nas ruas e praças promovendo ações de evangelização “voltadas à conversão e, de um modo geral. Sua principal estratégia é levar a palavra pelas ruas, distribuindo panfletos em curtas caminhadas pelos bairros próximos ao templo” (Sá, 2015, p. 16). Dessa forma também investe em “cruzadas evangelísticas” pois fiéis de outras denominações neopentecostais ou, no máximo, do campo pentecostal interagem fazendo cultos e campanhas na Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus (IPBPD).

Consequentemente, esta instituição pertencente ao neopentecostalismo começou a buscar alternativas para a captação de mais fiéis com outros métodos. Outrora, seus Pastores fundadores faziam parte da igreja Evangelho Quadrangular, mas acabaram tornando-se dissidentes da vertente pentecostal. Passaram a fazer uso dos preceitos teológicos e cerimoniais neopentecostais em seu novo templo, a IPBPD, além da utilização da teologia da prosperidade, da batalha espiritual, do uso semelhante de elementos procedente das religiões afro-brasileiras em especial da Umbanda e da série de projetos desenvolvidos dentro e fora da esfera do seu templo.

Dip (2018) destaca que, dessa maneira, a centralidade foi direcionada para a teologia do domínio. Sendo essa ligação dessa variante teológica com a perspectiva neopentecostal, ainda de acordo com a autora (2018), o sociólogo Ricardo Mariano é quem, mais uma vez, definiu essa teologia de forma mais clara. Em seu artigo “Guerra espiritual: o protagonismo no Diabo”, ele diz:

> no início dos anos 90 surgem novas concepções nas Igrejas Neopentecostais, da guerra espiritual nos Estados Unidos. A Dominion Theology, assim conhecida por lá, foi rapidamente proliferada nos segmentos evangélicos brasileiros, em especial no Neopentecostal. Tudo que se refere à luta do cristão contra o Diabo pode ser chamada de Teologia do Domínio. Esta batalha é feita contra demônios específicos, espíritos territoriais e hereditários, e, no caso do Brasil, identificado aos santos católicos. O nome desse movimento advém da crença de que os demônios dominam os seres humanos pertencentes a esses grupos sociais e que também estão presentes nestas mesmas regiões onde se encontram (igrejas, terreiros, centros) e, dessa forma, precisam ser libertos por meio de oração, guerra espiritual e em alguns casos até pela força física.” A invasão e destruição de centros, terreiros e igrejas de outras religiões têm sido recorrentes inclusive por parte de traficantes frequentadores de igrejas evangélicas (Mariano, [2003] *apud* Dip, 2018, p. 73).

De acordo com Pereira (2023), a Teologia do Domínio, adotada indubitavelmente pela esfera neopentecostal, em particular pela igreja em pesquisa, o termo “domínio” deriva de uma interpretação particular de Gênesis 1.28: “dominai a terra” aplicando-a não a todos os cidadãos, restringindo-as aos cristãos, como sendo os únicos preparados de cumprir tal mandato para tornar santo todo comportamento, costumes e tradições religiosas da cultura negra e indígena. Para o cristianismo, de uma forma geral, são categorizadas como profanas não estão de acordo que os ideais religiosos coloniais preconizam como “sagrado”, não se submetendo à sua doutrinação, bem como à colonização em que a *Bíblia Sagrada*, que serve de base não só para o neopentecostalismo, mas também para toda a cristandade.

Segundo Cunha (2020, p. 18), a teologia de poder consiste na “a busca da reconstrução da teocracia na sociedade contemporânea, no cumprimento dos cristãos/ãs ocuparem postos de comando”, sendo essa teologia de domínio aplicada, também, por meio dos ritos de casamento, campanhas de libertação como corredores de milagres, corredor de fogo, campanhas, cursos de interseção, seminários de casais, cultos de jovens, campanhas proféticas de cura e libertação às segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras, pré-encontros, encontros com Deus e batismos, nos quais os fiéis são instrumentalizados para o fortalecimento do *Ethos*, bem como da afirmação e da legitimação dessa denominação contra as “potestades” do mundo.

> conforme está Teológica do Domínio e seus defensores tudo pode ser explicado através das maldições hereditárias até mesmo as causas de violência, das guerras, desigualdade e injustiça social. A grande ambiguidade é que enquanto o movimento neopentecostal é tão moralista, legalista e muitas vezes literalista em comparação aos movimentos precedentes, nesse movimento poucas são as pregações a respeito de livre-arbítrio (Teixeira, 2016, p.02).

Diante desse cenário, a teologia do domínio é uma eficiente ferramenta de “subalternização” e engajamento de fiéis, por meio dos ritos de projetos sociais, casamento/batismo, ações sociais, campanhas proféticas, curas e libertações e cruzadas evangelísticas em público (pertos dos centros de matriz africana) e entres as igrejas que estão nas adjacências do templo da (IPBPD) ou de outros estados, porém, estas igrejas tem que fazerem parte do ramo neopentecostal cujo o intuito é a captação de novos indivíduos para se tornarem fiéis ao campo evangélico, impactando, dessa forma, no crescimento neopentecostal na sociedade manauara. Tal tendência apresenta-se como um processo irreversível, visto que não há prenúncios de uma interrupção no

acrescentamento cada vez mais expressivo dos evangélicos neopentecostais manauenses.

A partir da conjuntura anteriormente efetuada, os processos investigativos acerca da existência de apropriação e simultânea negação de elementos rituais de matriz africana nas práticas litúrgicas de igrejas neopentecostais de Manaus/AM, ocorrerão a partir de um plano metodológico sedimentado em pesquisa e revisão bibliográfica, juntamente com o instrumento de etnografia de tela elaborado por Balestrin e Soares (2014), tomando, como recursos imersivos, material audiovisual (estimativa inicial de 06 vídeos) que exibem falas e imagens que expressam práticas litúrgicas e discursos pontuais acerca do tema nessa pesquisa estudado, coletado de redes sociais (Instagram, Facebook e outras) da Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus (IPBPD) que, há cinco anos, atua no cenário neopentecostal manauense. Fundada em 18 de Abril de 2019 pelo Pastor e dirigente Marcio Figueiredo de Lima, juntamente com sua esposa, a Pastora Rossiane Lima Atualmente, está localizada na Rua Carauari, bairro Grande Vitória, nº 500, na Zona Leste perímetro urbano de Manaus/AM.

CAPÍTULO 2: O CAMPO A PARTIR DE UMA TELA

Devido a percalços encontrados na efetivação da observação empírica, o desenvolvimento da pesquisa precisou ser adaptado ao contexto e às necessidades específicas de seu campo. Pois a investigação do objeto, a parte metodológica foi se delineando ao longo prazo. Conforme afirma Marques (1997, p.114) “é no andar das carroças que se ajustam as abóboras, também é no andar da pesquisa que ela se organiza, ela se constrói de contínuo, harmonizando seus distintos momentos”. Inicialmente, como etapa de efetivação epistemológica, foi conjecturada a observação participante, seguida de entrevistas semiestruturadas com interlocutores pertencentes à congregação neopentecostal manauense em foco, juntamente com a produção de filmagens das cerimônias religiosas. Dessa maneira, no decurso da investigação de campo, foram realizadas visitas factuais a quatro igrejas, com participação integral em seus respectivos cultos. Porém, ao conversar sobre o que tratava a pesquisa com os

Pastores, dirigentes ou responsáveis pela instituição, recusaram-se a conceder acessibilidade e espaço às entrevistas e filmagens. A alegação para o impedimento residia na afirmação de que o que eles faziam "não é macumba", automaticamente, colocando-se na posição de combatentes contra esse "mal do Diabo".

No decorrer dos meses relativos à frequência a essas igrejas, foi possível presenciar pessoas aderirem, como nova religião, o movimento neopentecostal e, logo em seguida, integrando-se ao "grupo dos salvos".[21] Em uma das instituições religiosas visitadas ao longo da pesquisa, após conversas com os dirigentes e expor o intuito do estudo, o acesso a seus ritos foi novamente negado. Mesmo assim, as visitas foram mantidas com esperança de que o Pastor mudasse de ideia quanto a permitir que a pesquisa etnográfica com observação participante fosse realizada, já que nela, também eu tinha participado de todas as atividades que aconteciam, em seus espaços. Foi nesse período de espera pela possibilidade de os Pastores voltarem atrás em sua decisão e liberarem a realização da pesquisa, que foram feitas o que pode ser denominada "de ameaças veladas"[22] por parte de fiéis. Não faço ideia de como chegou aos seus ouvidos, mas quando ficaram sabendo do tema da minha pesquisa e do que se tratava, proferiram que era para eu ter cuidado, pois que sua Divindade "pesaria sua mão sobre mim"[23]. Tentei conversar para explicar do que se tratava o estudo, mas, mesmo assim, não quiseram ouvir e falaram que meu trabalho é considerado, para eles, uma blasfêmia contra seu Deus.

Ainda pode restar a pergunta: por que, então, não tentar procurar outra igreja e participar, mais uma vez, a fim de fazer a pesquisa de observação participante? Mas dessa vez tente de "outro jeitinho"! Acredito que, pelo tempo ser escasso, em um

---

[21] Expressão bastante utilizada no meio evangélico para designar uma pessoa convertida, mudou de vida ou foi batizada conforme o preceito do compendio religioso que rege o cristianismo, não vivendo mais no pecado, nas trevas por causa que entrou na religião certa e verdadeira segundo os fies desse movimento religioso, agora estão limpas e salvas das garras do Diabo.

[22] Refere-se ao entendimento e interpretação do sentido, por trás de uma ameaça, que não é explicitamente declarada, mas que é insinuada de forma indireta. Envolve a análise do contexto, das palavras e das intenções por trás da ameaça. É necessário interpretar as entrelinhas e entender as possíveis consequências implícitas na mensagem.

[23] O povo religioso, para maioria deles, Deus é um rei vingativo que está à espreita de algum erro para castigá-lo cruelmente. Tal pensamento certamente se baseia em algumas passagens do compendio bíblia onde os indivíduos criaram um arquétipo de uma deidade que aparece para o povo de Israel como "O Senhor dos Exércitos, O Vingador de Israel, O Poderoso nas Batalhas" ou outros títulos que o colocam numa eterna posição de guerreiro armado e pronto para entrar em ação contra o inimigo e destruí-lo pra quem divergir de sua hegemonia. Fonte: GUIMARÃES, Romão Castro. *"Deus vai pesar a mão dele"*. Disponível em:<https://parabolizar.blogspot.com/2013/05/deus-vai-pesar-mao-dele.html>. Acesso em: 24 de out. 2024.

mestrado, e tal empreitada implicar um grande e delicado processo de escrita, além, é claro, da limitação que o campo mostrou nas últimas quatro vezes que eu partilhei das já citadas cerimonias, outra tentativa inviabilizaria a realização dos dois simultaneamente, já que seria imensa a probabilidade de enfraquecimento do processo epistemológico. Diante das ameaças sofridas e dos percalços mencionados acima, não foi possível executar a etnografia de observação participante, no campo onde se encontra o objeto a ser analisado, bem como os indivíduos envolvidos que embarreiraram para sua efetivação que, segundo Valladares (2008) compreende o método etnográfico clássico. Por essas razões, foram buscados outros meios para que o escopo temático tomasse forma e continuidade, haja vista que o fazer científico não nasce do conforto, mas sim do estranhamento. Do inconformismo, nasce a inquietação para pesquisar um tema que gere novo conhecimento, resultando em transformação social.

Assim, foi realizada a abordagem de pesquisa etnografia de tela, método de observação de campo por meio de vários conteúdos audiovisuais a partir de uma tela, exercendo, paralelamente, diálogos entre a revisão de literatura e o objeto de estudo pesquisado. Inicialmente, é feita uma decomposição das imagens em movimento (cenas, falas das pessoas presentes nos vídeos e outros componentes imagéticos, em plano observável). A etapa seguinte consiste na reconstrução dos mesmos para apresentar o modo de articulação entre os elementos assinalados. Esse meio de explorar e analisar o campo. Balestrin e Soares (2012, p.89) afirmam que esse procedimento metodológico está ligado à “potencialidade de se pesquisar com imagens em movimento, como telas a serem etnografadas.” Através delas, como recurso audiovisual, a imagem enquanto texto pode ser contemplado por intermédio de distintas lentes teóricas, proporcionando múltiplas leituras e análises visuais. Já Laurent Jullier e Michel Marie (2009, p. 10) destacam que no campo audiovisual, as imagens em movimento, sejam elas fílmicas ou vídeos extraídos de sites ou redes sociais, como também da televisão e plataformas de streamings, são definidas como "uma forma narrativa, que aprendeu (e ensinou) um modo próprio de significar com imagens em movimento, sons e fala, distribuídos em unidades contínuas de duração (os planos)”.

Ainda de acordo com Balestrin e Soares (2012), a etnografia é um conjunto metodológico cuja origem tem berço no campo antropológico, embora não seja circunscrita unicamente a ele. É sublinhada pelo contato direto e demorada do agente pesquisador com o ambiente e o grupo de pessoas que são alvos de investigação

cientifica. Nesse âmbito da pesquisa empírica, algumas ferramentas são vistas como forma basal da pesquisa etnográfica, entre elas: a observação participante, as entrevistas e o registro em cadernos de campo. Uma das táticas consideradas para esse tipo de pesquisa é o distanciamento do etnógrafo à frente do que lhe é familiar. Desse modo, é necessário estranhar-se defronte daquilo que parece corriqueiro, comum, natural e, ao mesmo tempo, acostumar-se com o estranho, com o que parece não se encaixar na maneira de conhecer, de pensar, e de viver do pesquisador. Ainda na perspectiva da análise em tela, segundo as autoras, esse procedimento torna-se um desafio para a etnografia aceita como tradicional. Contudo, destacam formas para que o pesquisador investigue o grupo a ser estudado por meio da análise audiovisual:

> [...] longo período de contato com o campo (neste caso, com a tela); observação sistemática e variada (programa de diferentes modos - sem interrupção, com pausas para registro em caderno de campo (tanto da descrição das cenas como de questões e pontos que parecem potencialmente interessantes para análise); escolha de cenas para a análise propriamente dita dos cenários, a trilha sonora e seus movimentos dentro da tela. Além disso, acrescentamos impressões, sensações, ideias para se pensar sobre cada cena descrita. Procuramos detalhar o que ocorre em cada momento das *imagens em movimento*, sons até a movimentação das personagens. O registro no caderno de campo e a produção de dados nesse tipo de investigação ocorrem simultaneamente (Balestrin e Soares, 2012, p.93 e 94 **grifos meu**).

Stoller e Rial (1999), citados por Balestrin e Soares (2012), ressaltam a importância de expandir o conceito de antropologia visual além da análise fílmica, incorporando os processos de criação do conteúdo analisado, bem como o de diversas outras produções audiovisuais. No decorrer de sua pesquisa, retomam as ideias de autores que têm ampliado suas etnografias para inclusão de filmes e vídeos de ficção. Carmem Rial (idem) usa a expressão "alergias antropológicas" como metáfora para criticar as resistências encontradas entre alguns acadêmicos da antropologia em relação à utilização de vídeos ou à consideração de artefatos midiáticos como objetos de pesquisa em seus estudos.

> essa relutância, o repúdio a se pronunciar sobre o que se passa na tela de uma televisão. Desconsideração essa que parece ser uma das manifestações da alergia de que sofrem alguns antropólogos em relação a fenômenos que dizem respeito a grandes multidões. Sintoma ligado ao fato de que, tradicionalmente, a disciplina antropológica esteve voltada para pequenos grupos, relativamente homogêneos, entre os quais o antropólogo se inseria por um certo tempo e sobre os quais se sentia seguro em fazer generalizações sobre suas práticas e valores. (Rial, 1999, p.249).

Entre diversos procedimentos metodológicos expostos em investigações no campo audiovisual, Balestrin e Soares (2012) optaram a "etnografia de tela", termo

metodológico de análise apresentada pela pesquisadora brasileira Carmen Rial (2005) com base em estudos no campo da antropologia cujo ponto inicial tem as transformações impulsionadas pela tendência pós-estruturalista, na seara dos estudos em humanidades, como os conhecimentos culturais, teorias decoloniais e teoria *Queer*, entre outras diversas áreas. Rial é jornalista e antropóloga de formação; transporta como parte da sua extensa trajetória e conhecimento no campo de Antropologia, abrangendo a antropologia visual. Ambas as autoras mencionadas no início desse parágrafo utilizam esse procedimento de pesquisa largamente. Por meio delas, essa proposta metodológica foi amplamente divulgada no âmbito das ciências sociais para postular que:

> [...] uma metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo, a observação sistemática, registro em caderno de campo etc::aliando-se a ferramentas próprias da crítica, análise de planos, de movimentos de câmera, enfim, da linguagem e suas significações: O termo teria surgido dos "estudos de tela": que desde os anos 1980 já se referiam ao estudo etnográfico dos artefatos da mídia (Rial, [2005] *apud* Balestrin e Soares 2012, p.89).

Como já destacado pelas autoras, utilizar a tela como recurso etnográfico tem origem em um desdobramento do termo "estudos de tela" (*Screen Studies*)[24], resultando da necessidade em amplificar o conceito da antropologia visual para além de investigações em torno da produção fílmica. A etnografia, conforme Dos Santos (2018), a princípio teve, como função inicial, apenas processar o estudo descritivo de um delimitado povo, sua cultura, seus costumes, suas formas de interação social, entre outros, entretanto se ampliou esse conceito, visto que esse artifício metodológico investigativo. Desde então, vem sendo utilizada em diferentes pesquisas nos mais variados campos epistemológicos: "a pesquisa etnográfica se resume basicamente na descrição, podendo ter os mais diversificados objetos de análise, como por exemplo filmes, vídeos, quadros, uma sala de aula, uma disciplina específica, um esporte, dentre outros" (Dos Santos, 2018, p. 04). Nesse âmbito, recurso audiovisual é também uma das formas concretas de expor e definir a chamada "realidade amostral" de uma pesquisa. Ela se transforma em uma rede de discursos que possibilitam a existência, a continuidade e, em determinados momentos, a transformação das realidades.

---

[24] A *Screen Studies*, aparece com frequência como campo de estudo ou disciplina em instituições de ensino e pesquisa de língua inglesa e associado à investigação de produções audiovisuais de modo geral. No Brasil, a expressão comumente utilizada é estudos midiáticos ou estudos de mídia (Colins *et al*, 2020, p. 436).

Dentre as diversas abordagens etnográficas viáveis a partir de uma tela, Balestrin e Soares (2012) enxergam a etnografia de tela como um espaço promissor para investigar os mais variados processos de significados que estão presentes na preservação, na formação e na desconstrução de certos discursos. Para minha demonstração analítica esse recurso se fará necessário por conta do impedimento da efetivação de uma etnografia *in loco* fundamentalista neopentecostal, a partir dos conteúdos de nicho audiovisual postado nas redes sociais da congregação escolhida, para expor a realidade da apropriação elementar e discursos[25], bem como de ataques e negação às religiões de matriz africana, pois o que se enxerga na tela é tão real quanto o que está fora da tela. Ainda de acordo com as autoras (2012), para que o pesquisador desenvolva seu escopo temático nesse percurso etnográfico de tela por meio dos vídeos, o mesmo terá que ser dotado de:

> [...] tempo, investimento, olhar mais e mais a tela, de diversos ângulos. Um caminho no qual o próprio ato de olhar transforma quem vê e o que vê. No decorrer da pesquisa, o sujeito pesquisador é também trabalhado, na medida em que é interpelado, transformado, desfeito, reconfigurado. Esse trabalho de análise permite que nossos olhares e nossas percepções se modifiquem, visto que somos também modificados nesse percurso, alterando muitas vezes o rumo da investigação e da própria vida. Com isso, abandonamos a pretensão à objetividade, desconfiamos das certezas e assumimos o pressuposto de que a linguagem é constitutiva do social e da cultura. Nessa direção, propomo-nos a lidar com e a explorar a indeterminação, as contradições e a provisoriedade dos sentidos na análise de imagens. (Balestrin e Soares, 2012, p. 89).

Berger, (1999) e Deleuze (2007), citados por Balestrin e Soares (2012), sinalizam justamente para o que há entre as imagens, o que não está exatamente na tela, aquilo que não aparece de imediato ou ainda a relação entre imagens, pois são exatamente essas lacunas que permitem criar com e a partir das imagens em movimento, desenvolver novos movimentos que possam extrapolar a tela. Um movimento de pensamento, um pensar em movimento, o que tem nesses vídeos? O que se pode fazer com esse recurso audiovisual?

Da forma exposta nesta sessão, a imersão no campo/tela, aliada à observação sistemática, permitiu selecionar vídeos apropriados para uma análise mais aprofundada. Foram escolhidas filmagens e lives (transmissões ao vivo) feitas pela Igreja Pentecostal

---

[25] Foucault, ao considerar o discurso como prática, ou seja, um evento histórico, cultural, social etc., reforça a ideia de que o discurso precisa ser visto pelo que ele é [...] o que está por baixo desse discurso? mas que discurso é esse? como se construiu? por que esse e não outro?" (Foucault, [1983] *apud* Briggmann, 1996, p. 33).

Bíblica Plenitude de Deus; sobre essas cenas e falas, foi lançado um olhar analítico, de cunho epistemológico, sobre suas dinâmicas religiosas, não sendo estabelecida uma ordem cronológica das cerimonias, visto que o foco reside na descrição densa[26] das cenas em movimento que revelam falas e atitudes dos sujeitos, durante as sessões. Por meio da etnografia de tela, o intuito da pesquisa é mostrar a apropriação elementar por parte do conjunto de religiosos neopentecostais de elementos rituais das Comunidades Tradicionais de Terreiro manauenses e, em seguida, expor ataques por meio de sua invisibilização por discursos criminosos, regados de intolerância e racismo religioso por parte da congregação em observação, expressos diretamente em público presente e em suas redes sociais, nas quais somam-se, no total, oito mil cento e noventa e oito seguidores (8.198) gerando impacto descomunal de perseguição e anulação ao Candomblé e Umbanda, na sociedade manauara.

Dessa maneira, foram analisados vídeos, perfazendo um total de quatro horas, são eles: **Vídeo 01**, **Parte 01**: culto realizado em primeiro de maio de 2023 com o tema segunda-feira da *vitória – corredor de fogo* vídeo publicado na rede social do Pastor presidente da igreja em foco, **parte 02** do referido culto foi publicado na rede social da congregação dia dois de maio de 2023, terça-feira; **Vídeo 02**: culto realizado dia 29 de março de 2024 sob o tema *sexta-feira* forte, as **partes 01 e 02** da mencionadas tela foram publicadas dia 30 trinta de março de 2024 na rede social da instituição religiosa; **Vídeo 03**: refere-se a duas lives (**partes 01 e 02**) feitas pelo presidente da igreja em estudo em sua rede social oficial produzidas na quarta feira dia 24 de julho de 2024; **Vídeo 04**: relativo ao culto realizado pela IPBPD na Igreja Pentecostal Fogo no Altar dia 27 de março de 2024, quarta-feira; **Vídeo 05**: 14 de fevereiro 2024, quarta-feira; **Vídeo 06**: quarta-feira 11de setembro de 2023; **Vídeo 07**: 21 de abril de 2023, sexta-feira; **Vídeo 08**: quinta feira 11 de janeiro de 2024. **Vídeo 09**, **partes 01, 02, 03**: respeitante à cerimônia que ocorreu 09 de setembro de 2024. Mas a parte 03 foi uma live realizada dia 06 do referido mês pelo Pastor Marcio Lima, postada em seu perfil oficial no Facebook. Já as outras partes do mencionado vídeo 09, foram publicadas no

[26] Metodologia de análise desenvolvida por Clifford Geertz (1978), que objetiva propiciar a compreensão das estruturas significantes implicadas na dinamização observada, que necessita primeiramente ser apreendida para depois ser apresentada. Geertz considera na cultura o seu caráter "essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado". (Geertz, 1978, p.15).

instaram da Pastora presidente da casa de oração em pesquisa, Rosiane Lima; **Vídeo 10** publicado na timeline[27] do Facebook do Pastor Marcio Lima dia 06 de setembro de 2024, quarta-feira; **Vídeo 11**, 09 de agosto de 2023, com tema quarta-feira *dos mistérios,* **a parte 01**. Trata-se da chamada feita na rede social sobre o culto. Já as outras as **partes, 02 e 03** do mencionado vídeo são os cultos os quais foram publicados no dia 10 de agosto. **Vídeo 12, partes 01 e 02** postados rede social da instituição religiosa em investigação em 16 de setembro de 2024 segunda-feira. **Vídeo 13 partes 01** publicada na timeline do Facebook do Pastor Marcio Lima dia 28 de outubro de 2024, as **partes 02 e 03** do mencionado vídeo foram publicados dia 26 de outubro. **Vídeo 14** publicado no Facebook do Pastor Marcio Lima em 25 de novembro de 2024. **Vídeo 15** do mesmo modo postado no Facebook do mencionado Pastor em 25 de novembro de 2024. **Vídeo 16** 28 de nov. 2024. **Vídeo 17**, partes 01 dia 02 de dez. 2024 e parte 02 dia 25 de nov. 2024. **Vídeo 18** publicado na rede social da casa de oração em pesquisa no dia 30 de novembro de 2024. **Vídeo 19** publicado no Facebook do supracitado Pastor em 14 de dezembro de 2024.

E simultaneamente efetuando um registro em caderno de campo, descrição detalhada do que foi visto e escutado e, nesse processo exploratório do campo/tela, recorrendo a Balestrin e Soares (2012), a pesquisa será acrescida de inferências, sensações, ideias para se pensar em cada cena descrita, procura detalhar o que acontece em cada momento das filmagens, desde o início delas, sons, discursos, objetos até a movimentação dos fiéis envolvidos. Mas, como postula Rose (2008), por mais que o pesquisador se insira no campo, seja esse presencial ou por meio do audiovisual, qualquer metodologia de pesquisa ou procedimento metodológico não deve portar a pretensão de abarcar todas as etapas pesquisadas, como também contemplar tudo que se encontrar no campo, não existindo essa possibilidade. Afinal, algo não será contemplado, alguma coisa deixará de ser priorizada, haja vista que sempre haverá um componente que se destacará mais e atrairá a atenção do etnógrafo. Sendo assim, as escolhas feitas em torno da transcrição das telas em movimento devem ser guiadas pelo aporte teórico a qual que sustentará a pesquisa.

---

[27] linha do tempo do perfil de rede social, do usuário, onde são expressas as suas publicações e as de seus amigos no caso da IPBPD todas as suas publicações com os referidos vídeos de suas cerimonias os quais exibem ataques com base em intolerância e racismo religioso voltados especialmente ao Candomblé e Umbanda.

2.1 Cultos Sagrados, Rituais Proscritos: Apropriação Elementar

> "[...] sempre há uma cultura inferiorizada e uma cultura dominante, um grupo dominante, uma pessoa do grupo dominante [...] se apodera [..] dos elementos dessa cultura inferiorizada e utilizam, quando há um processo de opressão existe um processo de apropriação[...]" (William, 2020)[28].

Essa citação do Babalorixá ilustra o cenário que traduz o panorama da apropriação e marginalização de elementos imagéticos e ritualísticos do Candomblé, Umbanda e suas vertentes, partes integrantes de uma cultura historicamente inferiorizada e negada pelo Cristianismo. O caráter persecutório desse aparelho ideológico salvífico e, com efeito, dilui em sua mais contemporânea vertente, o neopentecostalismo, o perfil empreendedor de uma corrida desenfreada por aqueles que não professam uma fé ou cultuam uma compleição religiosa como parâmetro universal de remição, onde sua deidade e discurso religioso têm alicerces em uma estrutura fundamentalmente eurocêntrica. O cerne do Ser Hegemônico, de acordo com Carneiro (2023) e Nogueira (1998), reside na cor branca como sinônimo de retidão, de humanidade, sendo este a estrada que leva à salvação por meio da imposição de sua fé de forma violenta e criminosa aos filhos e filhas-de-santo que cultuam ao Sagrado cuja cosmovisão é preta. Essa contextualização servirá como base para a descrição da sessão posterior das falas e atitudes de que fomentam o caráter criminal da intolerância e do racismo religioso, sendo regularmente efetuadas pela comunidade religiosa em pesquisa.

Nesse contexto, é válida a constatação de que as instituições pentecostais, principalmente as neopentecostais, vêm ganhando expressividade e adeptos em todo o espaço brasileiro. Trata-se de uma movimentação que tem atraído atenção não somente em nível nacional, mas também na sociedade manauara, para um horizonte onde os elementos rituais das (CTTro) Comunidades Tradicionais de Terreiro se mostram cada vez mais presentes nos cultos ditos evangélicos (no caso dessa pesquisa, na Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus). Desse ponto de observação, é notório o elo

---

[28] Fonte: Vídeo postado no canal Youtube: Rodney William. Fonte: WILLIAM, Rodney. *O QUE É APROPRIAÇÃO CULTURAL?* Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=Z2E0qsTA5Jg>. Acesso em: 04 set. 2024.

estabelecido entre o neopentecostalismo e o sistema mágico religioso afro-brasileiro que, conforme Silva (2015), tem provocado condutas, no mínimo, incomuns para uma instituição cristã. As sessões de cultos neopentecostais, ainda segundo o autor (2015) costumam apresentar uma correspondência explícita com o calendário de atividades ritualísticas estabelecidas pela cultura afro-brasileira para celebrar suas divindades, como também o Axé emanado pelos cultos de matriz africana, por meio do Congá[29]. Nessas religiões, acredita-se que o tempo é um sistema discreto sob a regência de divindades específicas. Os dias da semana ou meses do ano podem indicar governos de princípios simbólicos organizadores como, por exemplo, os elementos água, terra, fogo e ar. Ainda de acordo com a afirmação do antropólogo Wagner Gonçalves da Silva:

> [...] os dias iniciais ou terminais da semana são consagrados ao domínio do fogo, elemento transformador. Assim, segunda e sexta-feira são dias consagrados à Exu, que sendo orixá dos caminhos e das passagens é cultuado nesses dias liminares que circunscrevem as mudanças entre períodos de trabalho e descanso (Silva, 2015, p. 236-237).

Como ponto notável de semelhança com o organograma temporal dos cultos afro-brasileiros, as cerimonias religiosas, principalmente as de libertações,[30] realizadas pela igreja em observação, acontecem distribuídas nos dias semanais sob temas específicos (segunda-feira da vitória – *corredor de fogo*), (quarta-feira *dos mistérios*), (sexta-feira *forte*). O domingo é geralmente mais voltado ao "culto da família", sendo esses dias dedicados aos cultos de libertação é fortemente marcado pelo objetivo de atacar e invisibilizar o povo de santo[31] que professam sua fé em centros de matriz africana que estão localizados nas adjacências de seu templo, bem como àqueles que estão por toda capital manauara.

Coincidentemente, os praticantes de cultos afrorreligiosos, nesses dias, estão em dinâmica de conexão com os Orixás e Entidades regentes das Comunidades

---

[29] Congá ou Gongá é uma palavra de origem africana utilizada na Umbanda Sagrada para denominar o altar onde ficam as imagens dos caboclos, pretos-velhos, santos católicos e outros elementos presentes nas crenças umbandistas. espiritualmente o Congá é um poderoso ponto de energia divina. Fonte: MELLO, Gláucia. *O QUE É CONGÁ?* Disponível em:<https://acve.com.br /index.php/jornal /item/142-o-que-e-conga>. Acesso em: 03 de set. 2024

[30] As cerimonias ou cultos de libertações não necessariamente precisa ter um indivíduo que segundo o movimento neopentecostal expressa, "endemoniado". Também pode ser usado para abandonar crenças, pensamentos, emoções ou comportamentos indesejados.

[31] Termo usado para se referir aos seguidores do Candomblé, Umbanda e suas vertentes.

Tradicionais de Terreiro. Como expressa o Pai-de-Santo Adérito Simões (2019)[32] do Templo Sete Montanhas do Brasil, a "*segunda-feira* é dia de (Obaluaê, Omulu e Exu) e Entidades (esquerda e Pretos Velhos), *quarta-feira* para (Xangô, Iansâ e Obá), e no campo das Entidades os (Boiadeiros e Ciganos), já na *sexta-feira* (Oxalá) e as Entidades das sete linhas. Como destaca o Babalorixá Paulo de Oxalá:

> [...] essas datas são mais do que práticas de tradições; elas representam momentos de renovação espiritual, de reafirmação de fé, e de agradecimento às divindades que, todos os dias, nos protegem e nos guiam. Esses momentos especiais não são apenas dias no calendário; eles representam uma conexão profunda entre o mundo material e o espiritual. Celebrar as divindades em seus dias próprios reforça nossa fé, cria uma oportunidade para refletir sobre os ensinamentos de cada Orixá, e fortalece a união da comunidade (Paulo de Oxalá, 2024)[33].

Como citado pelo antropólogo onde há um nexo entre os dias de realização dos cultos neopentecostais com o calendário do Candomblé, Umbanda e suas vertentes, foi realizada a atividade da comunidade evangélica em foco que aconteceu externo de seu recinto religioso, no meio da rua em torno da congregação, local onde "a religião tem, nos meios de comunicação, uma oportunidade de maximizar sua capacidade simbólica, de ampliar em grande escala seu poder de agregar pessoas e criar laços sociais, bem como de vincular interesses e orientar ações coletivas (Ortiz, 2006, p.136). A cerimônia religiosa ocorreu numa segunda-feira de maio[34] sendo que esse dia é destinado aos Orixás Obaluaê (Orixá da cura) e Exu (caminhos, a comunicação), o mês é destinada a Oxum, a senhora das águas doces, da fertilidade e do amor é celebrada em maio por diversos terreiros.

Os Pastores que presidem a IPBPD, Marcio e Rosiane Lima, junto com o Pastor Ramon Araújo, dirigente da IEDP (Igreja Evangélica "Deus Proverá"), que compõe um expressivo segmento neopentecostal na cidade de Manaus, conduziram todo o mover ritualístico evangélico que guarda explícitas semelhanças com os cultos pretos[35]

---

[32] Vídeo postado no canal Youtube: Adérito Simões Liberdade Espiritual. Fonte: SIMÕES, Adérito. *Dias da semana VS Orixás e entidades* Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=abOHDFL-Cpg&t=419s>.Acesso: 17 de set. 2024

[33] Fonte: OXALÁ, Paulo. Datas Sagradas: a importância de celebrar os Orixás em seus dias especiais. Disponível em:<https://extra.globo.com/google/amp/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2024/09/datas-sagradas-a-importancia-de-celebrar-os-orixas-em-seus-dias-especiais.ghtml>. Acesso em 27 de set. 2024

[34] Fonte: OXALÁ, Paulo. Datas Sagradas: a importância de celebrar os Orixás em seus dias especiais. Disponível em:<https://extra.globo.com/google/amp/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2024/09/datas-sagradas-a-importancia-de-celebrar-os-orixas-em-seus-dias-especiais.ghtml>. Acesso em 27 de set. 2024

[35] Refere a diversas práticas religiosas e culturais associadas às tradições africanas que foram conservadas e adaptadas no Brasil.

também praticados em Manaus, observados no material em pesquisa. Por meio da etnografia de tela, onde o objeto de análise está exposto em conteúdos midiáticos extraídos das redes sociais da referida congregação, é válido destacar que, em determinado momento do **(Vídeo 01, parte 01)**, referente ao culto de libertação realizado em primeiro de maio 2023 (segunda-feira da vitória – *corredor de fogo*), o sacerdote se mostra enérgico durante a reunião, sob o frisson de abundantes sons instrumentais, gritarias e muita euforia, utilizando a água como elemento consagrado, disseminando também a crença de que, nesse líquido, há um meio para a manifestação do poder, em si próprio, da divindade para a Eclésia Evangélica Neopentecostal, saí correndo entre os fiéis, aspergindo o fluído sobre o público como forma de limpeza anímica, cura divina ou alcance do êxodo espiritual ainda em vida. A libertação de Deus é atingida por meio da água consagrada, utilizada como meio de concessão da vitória e bênçãos ao agrupamento de fiéis presentes nesse trâmite religioso. Em seguida, o clérigo diz: "Receba! receba! receba!" e o Pastor Marcio Lima brada: "Derrama!". Nessa ocasião, ambos entonando alto volume vocal.

Vale ressaltar que este mesmo elemento natural é largamente e igualmente utilizado por credos espiritualistas, no intuito de trazer a "influência espiritual para o corpo humano" (Alves, 2011, p.184). Nas práticas rituais das Religiões de Matriz Africana em atividade no cenário manauense, a água é manuseada pelos médiuns, que a consagram sob a condução de Guias Espirituais ou Orixás, âmbito em que também há a necessidade de realizar uma grande limpeza para descarregar o corpo astral, eliminando a precipitação de fluídos negativos (inveja, ódio, irritação, nervosismo, etc) e cura espiritual ou física na comunidade do Povo-de-Santo.

> atrelada a uma orientação ou guia espiritual, a água assume um papel importante na vida e na prática dos povos e comunidades tradicionais. Tratar questões espirituais com água é uma prática constante nas comunidades tradicionais. É uma questão essencialmente de tradição e fé, uma crença no sagrado que se revela na força da natureza, nas águas que hidrata, alimenta, purifica, cura, reabilita (Sacramento, 2015, p.148).

Durante o transcorrer cerimonial, é nítido que o Pastor em ação, semelhante a um médium ou pai-de-santo, manipula o elemento da natureza e andando no meio da comunidade de fiéis, o respinga em grande quantidade de neopentecostais presentes no local, haja vista que, conforme o líquido cai e molha a cabeça, rosto ou qualquer outra parte do corpo de cada pessoa ali presente, é expressa grande euforia. Outros fiéis ficam calmos e alguns em estado de êxtase, pelo fato que suas peles e corpos sentiram um

líquido elementar santo, dado que não foi qualquer pessoa ou água que os molhou, mas sim um fluido consagrado e o sacerdote religioso que gere todo o processo ritualístico neopentecostal pois, por intermédio Divino foi atribuído poder para santificar a água.

Para o Teólogo Rodrigo Portella, o êxtase é "a emoção do encontro direto com o divino ou sagrado, seja lá este termo, sagrado, interpretado de forma fenomenológica ou de outra forma" (Portella, 2011, p.41). O autor postula que, para o ser social crente, o que dá sentido à experiência religiosa é, principalmente, o contato pessoal entre sujeito e a maneira de expressar essa religiosidade, e não mais os "modelos formalizados doutrinais que expressam a experiência, que seria o alicerce da religião, da sua própria religião" (2011, p. 42).

É salientado por Bruni (1993), Olivieri (2006) e De Santana (2001) que independente da religião, a manipulação com água é feita em todo o decurso litúrgico religioso em particular nos cultos afro diaspóricos. Sobre a questão, o Babalorixá amazonense Paulo de Oxalá, em sua coluna no jornal extra, afirma que:

> [...] a água é muito utilizada nas religiões de matrizes africanas. Em muitos rituais ela aparece tendo um significado muito importante, desde o ritual do ìpàdé, quando ela é utilizada para acalmar as ajé, até a cerimônia das águas de Oxalá, quando ela simboliza a limpeza lustral do "egbé ilé" (comunidade de terreiro) despachando qualquer mal que porventura possa estar acompanhando esta pessoa. Neste caso, a água entra como um escudo contra o mal. (Paulo de Oxalá, 2012)[36].

Na Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus, cujo exercício é pautado na ideologia neopentecostal em solo manauara, tanto o Pastor e o fiel religioso acreditam na manifestação de Deus contida na água, utilizando esse elemento como forma de limpeza espiritual, expurgação de todo mal que se encontra na comunidade evangélica, movimento semelhante ao que os afrorreligiosos fazem na Umbanda e no Candomblé, onde o elemento é tido como um escudo contra o mal e cura do povo-de-santo no terreiro, mas os fiéis neopentecostais da mencionada congregação, assim como toda a extensão do neopentecostalismo, ao mesmo tempo em que manuseiam a substancia fluida em seus exercícios litúrgicos, creem na prática somente como canal da presença do sagrado monoteísta, anulando todo tipo de fé e significado atribuídos ao elemento água, imperando de forma catártica a perspectiva de sua Divindade. Conforme destaca o Teólogo Lenildo Silveira Campos:

---

[36] Fonte: OXALÁ, Paulo. *Água, o Axé de todos*. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/agua-axe-de-todos-4380368.html> Acesso em 19 de jun. 2024

> [...] a mentalidade mágica, presente em vários grupos neopentecostais, nunca considera que seus objetos são portadores de poderes mágicos, mas sim meios para que ocorra uma manifestação divina", mesmo que esses objetos sejam idênticos às doutrinas combatidas, e ainda: "Em outras palavras, os objetos cultivos dos concorrentes estão carregados de magia negativa, enquanto os próprios conseguem ser um eficiente meio de comunicação com Deus" (Campos, 1997, p. 79).

Ao passar jogando água nos fies no momento da sessão ritualística, segundo o Pastor, ouve alguém falar: "Pra que isso?!? Não precisa jogar água, não precisa fazer esse muto, muto" **(Vídeo 01, parte 01)**. Ao ouvir tal questionamento no momento do ritual, o sacerdote religioso, como forma de impor poder e domínio não somente na sessão cúltica, mas também de fazer sua voz ser ouvida pelos Centros de Matriz Africana que ficam próximos da IPBPD (Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus), diz: "Ei! seu fosse tu já tava em casa, esse lugar não é pra ti. Se eu fosse você, eu já estava assistindo um filme no Netflix" **(Vídeo 01, parte 01)**. A referida igreja utiliza a força do enunciado "como disciplinador para moldar corpos e mentes, exerce funções normalizadoras que disseminadas por meio de seus discursos e mecanismos de controle passa a fazer parte da psique [...] determinando conceitos de certo ou errado, bem ou mal permeando pensamentos e ações" (Garcia, 2015, p.140). Simultaneamente, ao passo em que o religioso, por meio da utilização do líquido, crendo que seu Deus atribui amplos poderes mágicos à prática ritualística, profere que, por meio do fluido da água a qual ele jogou nos fiéis, a divindade que o orienta vai transformar a vida do cidadão que reclamou de sua atitude de limpar, abençoar e tirar tudo que é negativo da eclésia evangélica utilizando água consagrada. Conforme frisa Graminha:

> a existência de uma concepção de emoção intrínseca aos sentidos das águas, seu simbolismo no culto e nos rituais a ideia é sempre referido à limpeza do ambiente ou da pessoa que participa do ritual. Durante os rituais, utilizam-se da água de diversas maneiras. Revelando os seus usos rituais de possessão. Comporta uma concepção que lhe é peculiar de emoções, porém permeada de nuances de sentido que ultrapassam o âmbito psicológico e assumem conotações éticas e ontológicas (Graminha *et al*, 2009, p.122-148).

Dentro do contexto neopentecostal, da mesma forma nas religiões de origem africana, a utilização ritual e simbólica da água, um dos elementos da natureza, é frequentemente observada. Tanto neopentecostais quanto praticantes de umbandas e candomblés ressaltam sua conexão primordial com aspectos da vida emocional, humana e espiritual. Ambos os grupos acreditam que a prática cerimonial envolvendo a água é um meio de intervenção divina na terra, visando a purificação do que é prejudicial e a resolução das angústias do ser humano. Toda via para o neopentecostalismo o mesmo

elemento que usam em seus cultos evangélicos são tido como “santos” e da religião combatida é afirmado como “profano”.

Em continuidade da análise do campo refletido por meio da tela, relativo ao **(Vídeo 01, parte 01)**, que aborda o culto de libertação realizado em primeiro de maio 2023 (segunda-feira da vitória – *corredor de fogo*), é coerente postular que o exercício das práticas cerimoniais e ritualísticas neopentecostais, a supracitada instituição religiosa, aludem a manipulação de outro elemento da natureza em seus cultos. Os discursos exibem a premissa de que os fiéis, por meio do fogo, exerce uma relação interativa com a comunidade estabelecendo uma conexão entre a Terra e o Céu, cujas finalidades visam alcançar propósitos variados, sendo um deles “purificar tudo o que contamina o corpo e o espírito”[37] visto que o cristianismo em seu “pluralismo cristão aparece o neopentecostalismo, *proporcionando* às experiências cristãs um novo rumo, apresentando-se consideravelmente diferente nos movimentos anteriores” (De Queiros Ronsi, 2021, p.12 **grifo meu**).

A comunidade de adeptos da congregação, em seus anseios por um mundo “limpo” e livre de tudo que considera “mal” e “demoníaco” acreditam fortemente que “o mundo todo está sob o poder do maligno”[38]. A necessidade de purificação desse alegado governo infesto através de fogo santo é verbalizada em todas as reuniões da IPDBD, com discursos de ataques e negação às religiões que tem como firmamento uma ancestralidade e cosmogonia preta.

Nessa conjuntura, o ritual manipulando elemento fogo é largamente utilizado na igreja em observação. Como forma de contextualizar a apropriação ritualística, é necessário evidenciar que, nas Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro), os filhos e filhas-de-Santo acreditam no poder desse elemento, no que tange ao seu papel como instrumento de vinculação do elo entre a Terra e o Céu. Conforme dito pelo Babalorixá Paulo de Oxalá “Iná (o fogo) é considerado sagrado para os Yorubas”[39], estando amplamente presente em vários rituais da seara das religiões de matriz africana que

---

[37] Postado no site BIBLIA SAGRADA ONLINE: Livro: 2 Coríntios 7. Disponível em:<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/2co/7/1>. Acesso em: 13 de set. 2024

[38] Postado no site BIBLIA SAGRADA ONLINE: Livro: 1 João 5 - *Fé no Filho de Deus.* Disponível em: <https://www.bibliaon.com/1_joao_5/>. Acesso em: 13 de set. 2024

[39] Fonte: OXALÁ, *Paulo. A Fogueira, o Ajere de Xangô e o Dia de São João*. Disponível em:<https://extra.globo.com/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2023/06/a-fogueira-e-o-ajere-de-xango-e-o-dia-de-sao-joao.ghtml>. Acesso em 12 de set. 2024

englobam sua manipulação. Contudo, urge destacar que não cabe, nesse momento, abordar a complexidade dos cultos às divindades e espíritos nos terreiros que utilizam o fogo, em suas cerimônias. O objetivo, nesse contexto, é enfatizar que o fogo é dotado de suma importância, nas cerimonias afrobrasileiras.

Como expõe Paulo de Oxalá (2023),[40] sobre o ritual chamado Ajerê de Xangô, o Babalorixá explica que, de todos os àwọn Òrìṣà (Orixás) cujo elemento é o fogo, Ṣàngó (Xangô) é o mais festejado pela sua diferente relação com esse poderoso elemento. Ainda de acordo com o Babalorixá, para os habitantes do Ayé (mundo), a fusão do poder de Xangô o qual fica no Orum (céu) com a força abrasadora do fogo resulta em transformação, justiça, purificação, paixão, cura física e espiritual.

Outra prática na qual o fogo é utilizado, nos centros de matriz africana, é o ritual no qual o Orixá Exu, a força desprendida de Olofin[41], como afirma o Pai de Santo Léo das Pedreiras (2021),[42] torna-se Exu do fogo onde está divindade trabalha diretamente queimando as energias negativas, fazendo descarrego de situações que afetam o corpo físico e espiritual dos adeptos das Comunidades Tradicionais de Terreiro. Vale ressaltar que, nesses rituais mencionados, realizados no Candomblé e na Umbanda, para alguns terreiros, o fogo é simbólico e não tangível ou exposto à vista como no centro Ilè Asé Omí Bàbá Níboàlá[43] no qual celebraram um ritual ao Exu do Fogo.

Como outro ponto digno de menção, está o fato de que toda manipulação com o fogo é feita somente pelos Babalorixás, Iyalorixás em alguns centros de matriz africana são chamados também de Pais e Mães-de-santo, haja vista que, nesse âmbito, são pessoas que foram consagradas por Oludmarê e separadas para composição ritualística e conexão com o Panteão africano, com os Orixás e as Entidades, que constituem o

---

[40] Fonte: OXALÁ, *Paulo. A Fogueira, o Ajere de Xangô e o Dia de São João*. Disponível em:<https://extra.globo.com/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2023/06/a-fogueira-e-o-ajere-de-xango-e-o-dia-de-sao-joao.ghtml>. Acesso em 12 de set. 2024

[41] Olodumarê Supremo Criador, Olorun, aquele que governa o Orun (Céu) e Olofin, Aquele que faz a Ligação entre o Orun e o Aiye (Céu e Terra). Postado no site Umbanda e Paz: *Olodumarê Olorun Olofin.* Fonte: UMBANDA, e Paz Disponível em: <https://umbandaempaz.blogspot.com/2023/11/olodumare-olorun-olofin.html?spref=pi>. Acesso em: 19 de set. 2024

[42] Vídeo postado no canal Youtube: Pai Léo das Pedreiras – UMBANDA Reino e Paz. Fonte: PEDREIRAS, Pai Léo das. *Quem é o Exu do Fogo?* Disponível em:<https: //www.youtube.com/watch?v=lfDYO_rnlnc&t=284s> . Acesso em: 12 de set. 2024.

[43] Vídeo postado no Facebook: Terreiro Ilè Asé Omí Bàbá Níboàlá. *Festa do Exu do Fogo*. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/v/TvCy7VfHPWUe8Bqk/?mibextid=jkuDSW>. Acesso: 27 de set. 2024

Congá. A exemplo dessa conjuntura ritualística manipulando o elemento fogo. A Mãe de Santo Léa do Terreiro de Umbanda Caminheiros de Oxalá, expõe que:

> o fogo sinaliza que a gira está aberta. Que o congá está firmado. O fogo é uma marca de ligação Orun-Aiye, Fogo é incorporação, é a chegada do ancestral no ori. É quando erê pega nossa cabeça para avisar que chegou. O fogo transita os anos do calendário que seguimos, mas lembra que nossos dias estão contados também de muitas outras formas. O fogo é o que sentimos no peito quando batemos as palmas e a cabeça.[44]

Para o pentecostalismo, principalmente na seara neopentecostal, o culto deve ser antes de qualquer coisa, um estímulo ao impulso da fé da comunidade evangélica visto que para essa esfera religiosa. Sob essa perspectiva, o fogo, assim como nas religiões afro-brasileiras, é dotado de aspecto magístico e está inserido na crença de que “os objetos valem pelo uso e são considerados pontos de contato para despertar a fé nas pessoas. Pontos de contato é uma expressão aplicada a tudo aquilo que venha a ser útil para despertar a fé de alguém, de modo que através dela venha receber uma resposta de Deus". (Campos, 1997, p.81).

A utilização do fogo como instrumento de purificação, cura e ligação com o mundo espiritual evidencia que, mesmo portando fortes semelhanças com as práticas rituais do Candomblé, Umbanda e suas vertentes tão atacadas pelo segmento neopentecostal manauara, através da invisibilização de todo o seu corpo religioso por este não pertencer à esfera do cristianismo, a congregação em observação impele os cidadãos que as seguem para que creiam somente na sua concepção do que é sagrado.

Dessa forma, torna-se fundamental destacar que toda a sua compleição estrutural deriva de um arquétipo branco que reclama, para si, a condição de parâmetro para a salvação da humanidade, não sendo diferente no compêndio doutrinário que é exercido na comunidade religiosa em (universo amostral dessa pesquisa), onde essa instituição utiliza o elemento fogo para fazerem um ritual chamado corredor de fogo, equivalente ao praticado nas Comunidades Tradicionais de Terreiro. Mas, segundo a visão desses religiosos fundamentalistas, o componente fogo, quando utilizado em rituais afrorreligiosos para estabelecer uma conexão com a espiritualidade preta, é maligno e nefasto.

---

[44] Fonte: Mãe de Santo Léa - *Terreiro de Umbanda Caminheiros de Oxalá* Disponível em: <https://www.instagram.com/caminheirosdeoxala/p/C0_ZoJRuACS/?img_index=1>. Acesso em: 03 de set. 2024

Em claro ato de proselitismo, o dirigente da casa de oração neopentecostal Marcio Lima afirma com veemência que o uso do fogo nos cultos pretos não é o verdadeiro “não são do Deus vivo e salvador”, já o que ocorre na dinamização da cerimônia de sua igreja: “é do Pai, é do Filho e do Espírito Santo” como expressado no **(Vídeo 02, parte 02)**, durante o culto realizado dia 29 de março de 2024 *(sexta-feira forte*). Desse modo, ao mesmo tempo em que utilizam simbolicamente este elemento, os neopentecostais da igreja em observação anulam toda a composição da cerimônia religiosa afro-brasileira. Sendo assim a IPBPD, semelhante ao Candomblé e à Umbanda, por meio do rito do corredor de fogo, exibe o intuito de exteriorizar a manifestação do sagrado do qual estabelecem uma fé, haja vista que “é preciso que o corpo do fiel esteja constantemente sendo purificado. Ao se manter purificado, o Espírito Santo faz do corpo do fiel sua morada; ali habita e transmite ao mundo a sua Divindade” (Laranjeira, 2021, p.43).

De forma simbólica, iconográfica, é iniciada a cerimônia do Corredor de Fogo, momento em que o líder da referenciada congregação, Márcio Lima junto com o Pastor Ramon Araújo, ordena que somente os Pastores e Pastoras participem desse momento ritualístico para comporem a formação do corredor. Segundo o já citado dirigente do templo, são pessoas: “do mistério, as quais tem a graça e loucura de Deus pra vida, de não recuar, de ir pra cima **(Vídeo 03, parte 01)**, que foram consagradas e ungidas por Deus para executar sua missão na terra”. Segundo Souza, o neopentecostal se percebe:

> [...] “Possuído” por Deus continuamente. Acredita possuir uma consagração interior não transitória, transcendente quanto ao tipo de espaço e à modalidade da ação; alega viver permanentemente o tempo sagrado, mesmo quando exerce seus papéis sociais no espaço profano. O término do culto não rompe com a atitude de adoração; ela se prolonga através da vida, pois a vida é um culto prestado continuamente a Deus. Anteriormente, essa postura religiosa fomentou acomodação. Hoje, essa perspectiva é utilizada como receita para o sucesso (Souza, [2004] *apud* Cunha, 2011, p. 11).

Obediente à voz de seu líder religioso, o restante do clérigo começa a formação do ritual onde os Pastores ficam organizados em diferentes formas. A primeira, em duas filas: uns de frente para o outro de mãos levantadas em direção aos céus, orando estabelecendo uma ligação com o Sagrado **(Vídeo 01, parte 01)** fazendo menção o que está escrito no compendio religioso bíblia "tudo o que vocês ligarem na terra terá sido

ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra terá sido desligado no céu.[45]" Na segunda vez **(Vídeo 04)**, os religiosos ficam uns de frente para os outros, com as mãos impostas com o Pastor ou Pastora que está na sua frente, pois acreditam que estão passando energias que evocam a fé, recebidas de seu Deus e transmitidas de um para o outro, antes da entrada das pessoas no corredor de fogo. Essa segunda configuração assemelha-se com ritual chamado o Passe[46] que é feito em centros espíritas e na Umbanda, fato que, mais adiante, será contextualizado com outra cerimônia realizada pela referida igreja.

Ao longo da formação desse ritual do fogo, os fiéis neopentecostais têm que deixar a parte central do corredor aberta para que as pessoas possam passar por dentro, pois creem que o fogo vem diretamente de sua divindade judaico-cristã e irá passar entre eles, queimando todo pecado, os miasmas, como também qualquer situação desagradável ou perturbação que estejam sentindo. Em ambos os contextos religiosos, o fogo é usado como sinal de demonstração de amor, cuidado e proteção de suas deidades e espíritos. Tanto a divindade judaico-cristão quanto as de origem africana fazem do fogo um canal para transformar as vidas dos fiéis neopentecostais ou candomblecistas e umbandistas, em suas respectivas searas.

No decorrer da cerimônia do Corredor de Fogo **(Vídeo 01, parte 01)**, o Pastor instrui a comunidade e chama a responsabilidade espiritual para os outros dirigentes: "você vai entrar por aqui e vai sair com a sua vitória lá do outro lado, só vai entrar na fila é quem quer receber vitória, Pastores a vitória desse irmão está nas mãos de vocês, você vai ser o intermediário da benção que Deus vai enviar do céu, vai passar por você e vai chegar nessa pessoa". Sob bastante musicais ritmadas que remetem a sonoridade das casas de Axé.[47] Conforme as pessoas entram no corredor de fogo, os Pastores começam a impor suas mãos nas cabeças dos fies para serem abençoados, curados, fortalecidos, receber vitória, amor ou alguma realização de pedidos.

---

[45] Postado no site BIBLIA SAGRADA ONLINE: Livro: Mateus - *O maior no reino dos céus.* Disponível em:< https://www.bibliaon.com/mateus_18/>. Acesso em: 13 de set. 2024.

[46] O Passe Espiritual é a transmissão de energias, utilizando a imposição das mãos para realizá-las. mas que buscam energias benéficas. Portanto não é necessário que se tenha um problema para poder procurar ajuda e proteção recebidos através de um passe. Postado no site Centro Espírita Círculo da Luz: *O que é um Passe Espiritual Disponível* em: <https://circulodaluz.com.br/Passes>. Acesso em: 17 de set. 2024.

[47] Termo do universo dos cultos sobre as religiões afro-brasileiras, quanto no cotidiano dos terreiros, a palavra designa desde uma espécie de poder ou força impessoal que permeia objetos, plantas e relações humanas, até fazer referências a locais e coisas sagradas. (Opipari, [2009] *apud* Evangelista, 2015, p.64)

Nesse momento, tal procedimento do ritual evangélico neopentecostal mostra-se extremamente parecido com o processo ritualístico chamado o Passe que acontece na Umbanda, onde o Médium orientado (incorporado) pela Entidade espiritual (Guias ou Orixás) será intermediário para abençoar o consulente (filho/filha-de-Santo ou uma pessoa que visita a casa de Terreiro), como expressa o antropólogo Ordep Serra "a entidade põe as mãos sobre a cabeça da pessoa a seus cuidados e, cerrando os olhos, estuda suas vibrações". (Serra, 2001, p.234). Análogos aos povos-de-santo, os grupos de Pastores da igreja em análise sentem o poder de sua divindade espiritual, a quem chamam de Espírito Santo (fogo). Assim como os médiuns nos terreiros, os Pastores sentem a força emanada do ser espiritual que os orienta e iniciam o tratamento na vida do fiel ou do consulente. Como explica a Sacerdotisa de Umbanda Fabiana Carvalho, do templo de Umbanda Jacira das águas:

> [...] o passe fundamentalmente é passar energia, doar energia, pegar uma energia e projetar essa energia na pessoa, é uma oração, uma reza ou um bezimento. Quando o guia espiritual está incorporado ele cuida do filho, filha ou do adepto da umbanda. O tratamento que o guia espiritual faz na pessoa é chamado de passe. Quando o guia espiritual está incorporado ele está limpando, descarregando, fazendo um tratamento completo pois o médium é o intermediário. O guia quando incorporado no médium faz o passe quebra toda magia de morte, separação, doença, desemprego, miséria... que está na pessoa. O guia incorpora a entidade e dá o passe. (Carvalho, 2021)[48].

Durante o processo do ritual ocorrido no culto, ao passo que a comunidade presente entra no corredor formado pelo corpo pastoral, análogo as comunidades tradicionais de terreiro quando o responsável pelo terreiro passa óleo ungido nos filhos(a) de santo, o Pastor também passa óleos ungidos em vários fiéis e os mesmos entram em transe religioso **(Vídeo 01, parte 01; Vídeo 02, parte 02; Vídeo 04; Vídeo 11, parte 03)**[49] e, durante esse processo, efetuam movimentos de giros corporais livres, pulam, balançando seus ombros e rodopiando fortemente suas cabeças e seus corpos, caindo no chão. Observam-se, também, fiéis exibem uma postura envergada com braços enrijecidos tentando mexê-los e girando descoordenadamente; outros aparentam forte estado de transe, precisando de várias pessoas para segurá-los, gritando ou proferindo palavras inteligíveis.

---

[48] Vídeo postado no canal Youtube: Fabiana Carvalho – Recanto dos Saberes. Fonte: CARVALHO, Fabiana. *O que é um passe?* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UznMYM8BGfQ>. Acesso em: 25 de jul. 2024.

[49] Os três referidos vídeos retratam, em diferentes ocasiões, o ritual chamado "Corredor de Fogo" realizado pela congregação que serve como universo amostral para essa pesquisa.

A peculiaridade desse momento assemelha-se fortemente com as expressões corporais exibidas nas Comunidades Tradicionais de Terreiro de base ancestral preta que a congregação neopentecostal em análise tanto critica, persegue e anula. No que tange às manifestações do corpo em êxtase místico provocado por um estado de transe, em cerimônias religiosas:

> [...] o transe religioso é uma experiência que transita entre corpo e espiritualidade, entre o físico e o não-visível; e por trás da experiência do corpo que gesticula, que cai ao chão, que pula, que chora, grita, ou fala línguas estranhas, há sempre uma estória que lhe dá sentido, interpretação, razão de ser e status no meio em que é experenciada. o mito (religioso) que dá significado real a uma experiência de transe religioso, no sentido de que suas características pertencem à uma realidade definida por um determinado universo simbólico que a sustenta (Laranjeira, 2021, p.34).

Nesse cenário, os indivíduos responsáveis pela música também tocam e cantam com mais intensidade para a sua Entidade Deus e à espiritualidade, paralelamente como na Umbanda e no Candomblé onde Povo de Santo entoam cânticos tônicos e rítmicos aos Orixás, aos Caboclos, Pretos Velhos e Pombagiras que são algumas Entidades espirituais da vasta gama do Congá das Comunidades Tradicionais de Terreiro.

Uma vez que a musicalidade no ritual neopentecostal, além de evidenciar semelhanças explícitas com o ritmo sonoro contido na prática das cerimonias dos centros de matriz africana, também impulsiona na forma de comportamento dos corpos ritualísticos dos fiéis evangélicos. No auge dos movimentos corporais induzidos pela musicalidade entoada **(Vídeo 02, parte 02)**, o Pastor Marcio Lima, canta: “eu tô pegando fogo! Tu tá pegando fogo! Eu tô pegando fogo! Tu tá pegando fogo! Pega, pega, pega fogo! Pega, pega, pega fogo, pega, pega, pega fogo, fogo, fogo, fogo! Labareda, labareda, labareda! Eu to pegando fogo!”[50]. O dirigente, como forma de estimular os fiéis para cada vez mais atrair o fogo de sua Divindade, utiliza a técnica da repetição da palavra, visto que mais neopentecostais são tomados pela sua Entidade Sagrada e ficam em estado de transe religioso

> a proposta dos rituais e as intenções estão ligados ao tocar, o papel principal da música parece ser para organizar e sincronizar as estruturas de tempo dos processos do ritual do grupo. As habilidades rítmicas dos participantes do ritual e os movimentos do corpo ligam-se com a batida e a dança, as quais sincronizam-se com a estrutura musical e os ritmos tocados (Garro *et al*, 2019, p. 38).

---

[50] O trecho aqui reproduzido faz parte de ponto musical dedicado a Deidade Judaico-cristão sendo passado por meio de socialização entre os neopentecostais por meio de narrativas orais. Por essa razão, tem sua autoria desconhecida

No decorrer da análise **(Vídeo 01, parte 01)**, é perceptível que, após quase todos os indivíduos passarem pelo corredor, a comunidade presente continua mostrando-se enérgica, devido todo o mover do ritual corredor de fogo. Em seguida, o Pastor ordena que todos façam uma roda (círculo) sagrada. Mas, dessa vez, não é somente formado pelo corpo pastoral, como também os líderes de ministérios[51] participa dessa cerimonia. É nesse momento que mais um elemento ritual que é praticado nas religiões de matriz africana, especialmente no âmbito da Umbanda, é constatado na igreja em observação. Mas, antes para contextualizar os conceitos do que aconteceu nesse exato momento litúrgico, trata-se da "Gira".

No âmbito da expressão corporal na seara religiosa de matriz africana, Gira é a assembleia em que os adeptos da Umbanda vão ao Terreiro (espaço sagrado), conduzidos por Babalorixás e Iyalorixás que podem ser chamados de Pais ou Mães-de-Santo deixam os Guias e Orixás manifestarem através de seus corpos, a fim de que as entidades presentes possam atender as pessoas. O ser espiritual, por meio dos Médiuns, faz revelações ao agrupamento de fiéis que se encontram no terreiro, individual ou coletivamente. Nas Giras, o Pai ou Mãe-de-Santo assume o controle da preleção e profere palavras que remetem a vivência dos Orixás e das Entidades, no plano espiritual. Segundo o Pai-de-Santo Rodrigo Queiroz (2024), sacerdote do instituto cultural Aruanda:

> Gira é o nome que se dá para a sessão religiosa umbandista, e esse termo vem da relação do fato que os Filhos(as) de Santo ficam em círculo e a manifestação do transe acontece com o Médium entrando e giros, rodopiando. Gira de Umbanda, trabalho ou sessão de Umbanda é aquele momento que vai acontecer a congregação de pessoas e o ritual efetivamente. Na Gira há um momento da preleção em que o Pai ou Mãe de Santo toma a palavra para poder ambientar as pessoas, é o momento da pregação umbandista do sacerdote se dirigir a todos oferecendo funcionalidade de desenvolvimento de consciência para as pessoas que participam do momento religioso se conectar com a Entidade espiritual, há momentos também na Gira que os fies cantam para os Orixás ou Entidades pois toda vez que tem uma Gira, uma Divindade vai reger a cerimônia, os Espíritos[52] se organizam, eles precisam garantir que estão sob um guarda-chuva espiritual, num campo vibratório para poder descerem e se manifestarem nos Médiuns que estão

[51] Fiéis que exercem papéis de liderança de grupos dentro do espaço religioso, alguns grupos que existem na IPBPD: líderes de jovens, líderes de casais, interseção

[52] Chamados de Guias que antes eram pessoas que desencarnaram e por alguma afinidade energética, mas principalmente afinidade com o Médium no qual eles incorporam escolheram trabalhar, crescer e ajudar seu próximo no meio material trazendo conselhos, uma orientação, uma limpeza. Existe uma vasta gama de Guias (Espíritos) em muitas linhas na Umbanda, alguns são: Pretos-velhos, Caboclos, Ciganos, Pombagiras, Marinheiros, Baianos, Boiadeiros...

> envolvidos na Gira, canta-se também para o grupo de Espíritos que vai incorporar na sessão (Queiroz, 2024)[53].

Como afirmado pelo referido Pai-de-Santo, na Gira, canta-se para os Espíritos e Orixás, para que essas Entidades sejam manifestadas (incorporados) no médium, durante a cerimônia. Aqui, se faz necessário frisar que o uso do termo "incorporação", devido ao fato de que muitas pessoas o utilizam habitualmente para exemplificar que o ser espiritual atua dentro da matéria do corpo do Médium, é um tanto equivocado. Nos centros afrorreligiosos, a crença mais comum é que esse processo não acontece de forma tão literal. No Candomblé ou na Umbanda, o ser imaterial, guia ou Orixá, não entra (in) no corpo (corpora) do seu escolhido. O médium sente vibrações tênues que emanam dos seres e, captando tais forças, eles as podem (re)transmitir. Como explana a Sacerdotisa de Umbanda Fabiana Carvalho, do templo de Umbanda Jacira das Águas:

> quem está do lado de fora acha que o Espírito tomou conta, entrou e assumiu os movimentos, mas isso não é real. Não dá para o Espírito entrar no corpo porque está na frequência da matéria o Guia está na frequência espiritual. O processo de incorporar chamamos de acoplamento áureo. O Guia se aproxima neste momento ele acopla a mente dele, conecta, cria uma conexão com a minha mente através da glândula pineal. O Guia assume o cérebro e o controle do sistema nervoso neurovegetativo, sistema nervoso autônomo que é o involuntário aí Ele comanda todos os órgãos e aparelhos e nesse momento que o Guia assumi o comando do meu corpo e movimentos. (Fabiana, 2022)[54].

Equivalente a Gira exercida no terreiro da Umbanda, os Pastores e Líderes dão as mãos[55] e formam um círculo (roda) sagrado no qual o clérigo fica no centro. Detendo o controle da preleção, verbaliza o que acredita ser o poder de Deus, começando a cantar para sua divindade com intuito de que seus corpos possam sentir a força do sobrenatural. Em momento seguinte do ritual, o líder religioso afirma que vai descer, no círculo, uma Entidade sacra, ao qual ele chama de: "varão pelejador" que, na concepção da crença neopentecostal, trata-se de um Ser espiritual que, segundo o cristianismo, em seu compendio religioso *Bíblia Sagrada*, é um homem que já foi humano agora vem em forma de Espírito, que vai combater a força do mal.

---

[53] Vídeo postado no canal Youtube: Comunidade Nova Teologia de Umbanda. Fonte: QUEIROZ, Rodrigo. O que é Gira e como ela acontece - Aula 02 | Bloco 01 - Nova Teologia de Umbanda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lxaLnaqF6d0 >. Acesso: 18 de set. 2024

[54] Vídeo postado no canal Youtube: Fabiana Carvalho – Recanto dos Saberes. Fonte: CARVALHO, Fabiana. Como é o processo de Incorporação? Disponível em: <https:// www.youtube.com /watch?v=2Sa_9YXF7j4>. Acesso em: 19 de set. 2024.

[55] Há Giras em terreiros de Umbanda que os fies ficam de mãos dadas compondo o círculo sagrado, uma vez as cerimonias rituais nos terreiros diferem de um para o outro.

Em sequência, toda a comunidade presente mostra-se crédula no processo em ação, haja vista que, para os adeptos do pentecostalismo e na sua mais nova vertente, o neopentecostalismo, esse varão é o "Espírito do Fogo". Em outros termos, traduz a materialização do Espírito Santo que, em glória e esplendor, descerá no meio do círculo e sua energia, manifestando sua presença e poder nos corpos dos fiéis. Porém, ao mesmo tempo em que a comunidade neopentecostal utiliza mais esse elemento das religiões de Matriz Africana em suas práticas cristãs, persegue e nega a cultura na qual se inspiram para realizar seus cultos evangélicos. Na estrutura do neopentecostalismo, como postula o Psicólogo Social Alan Freitas:

> [...] qualquer outra entidade espiritual que não seja o Deus judaico-cristão que representa a trindade - Pai, Filho e Espírito Santo, deve ser considerado como demônio, portanto inimigo de Deus e de seu povo. as religiões africanas no Brasil, os orixás são tomados como referências para classificar os demônios. (Freitas, 2019, p. 126).

No decorrer da cerimônia **(Vídeo 01, parte 01)**, a comunidade em pesquisa continua em polvorosa. Devido à atmosfera catártica do ritual, ainda permanecendo dentro do círculo, o Pastor age de forma semelhante a um Babalorixá ou Pai-de-Santo, quando a Divindade ou Entidade espiritual (Orixás ou Espíritos como Pretos Velhos, Pombagiras e outros), manifesta-se no médium. Através dessa configuração, começa a dar orientações, conselhos, consolando e revelando situações que somente a espiritualidade conhece e restabelece a saúde de quem se encontrava enfermo. Nesse segmento, o Pastor demonstra estar manifestado pela divindade, fenômeno religioso denominado pelos neopentecostais como "Espírito Santo", efetuando um diálogo com esse espírito, visto que, por intermédio dele, cura, aconselha, orienta e traz revelações que sua Entidade disse para falar ou fazer. Nesse espectro:

> o diálogo com o mundo espiritual. Assim, a mediunidade é um fenômeno que permite o diálogo do médium com o plano sagrado, representado pelas entidades e pelos orixás. Ao dialogar com essas instâncias, sendo ouvido e também podendo ouvir, por meio da mediunidade, tais elementos passam a ter uma concretude na experiência do médium. Desse modo, as entidades não são elementos externos, distanciados do sujeito, mas justamente polos de referência constante, com quem se pode entrar em contato, conversar, sentir, ouvir um conselho [...] uma rede de apoio protetora e orientadora importante na experiência religiosa (Scorsolini-Comin, 2020, *et al* p.50).

Seguindo o que, em nível de liberdade discursiva e comparativa, pode ser chamado de "gira neopentecostal", o dirigente, segurando um tecido em sua mão, vai encostando-o na cabeça de cada Pastor ou líder que está compondo o círculo, **(vídeo 01, parte 01 e parte 02)**. Vale ressaltar que este objeto faz parte também da composição de

elementos rituais utilizados na Umbanda. Em mais uma situação em que se detecta semelhanças litúrgicas e cerimoniais, segundo o Pai-de-Santo Adérito Simões (2016),[56] do Templo Sete Montanhas do Brasil, expõe que o Povo-de-Santo manuseia ritualisticamente um tecido sagrado com intuito de bater cabeça (não é literalmente bater o pano na cabeça), mas encostar o tecido na cabeça para saudar os Orixás e demais Entidades que integra o Congá (altar). O pano também pode ser utilizado como cumprimento aos demais membros do terreiro. Assim como o povo das comunidades tradicionais de terreiro, acreditam que o tecido contém energias de suas divindades espirituais. Contudo, para os neopentecostais, são poderes da verdadeira e universal Entidade, o Espírito de Deus de sua crença a qual nega e persegue os adeptos que creem numa cosmogonia preta, haja vista que, conforme o Pastor pousa o pano sobre a cabeça de cada evangélico, os mesmos entram estado de transe religioso, pois sua deidade está manifestada em seus corpos.

> o transe é entendido como um estado alterado de consciência no qual um indivíduo acredita ter seu corpo possuído por um outro agente diferente de sua personalidade, princípio do deslocamento de controle, no qual se entende que o eu da pessoa em transe, é deslocado pelo eu da entidade que a possui. Outro princípio proposto é o princípio da fusão no qual acredita que há uma fusão entre a personalidade da entidade espiritual recebida e a personalidade *da pessoa*, havendo uma oscilação entre ambos (Cohen [2007] p. 142 – 143 *apud* Araujo, 2021, p.329 **grifo meu**).

Essas demonstrações de transe religioso **(Vídeo 05. Vídeo 06. Vídeo 07; Vídeo 08; Vídeo 11, parte 02 e 03)** em ambientes neopentecostais guardam fortes traços de similaridade com a família de santo[57] sentem e manifestam no que tange à energia dos Orixás ou Espíritos, em seus corpos. Como expõe o autor:

> tremer do tronco e braços e pelo aparente "empurrão" para trás que o médium sofre, fazendo-o perder o equilíbrio. O tremor do corpo, mais especificamente do tronco, parece irradiar de dentro para fora, como se o movimento começasse no centro do peito e se espalhasse pelos ombros, cotovelos, braços e mãos. Na parte inferior do corpo, esse tremor irradia como fraqueza nas pernas, que acabam por tombar à força da *Entidade* [...]chegando, por vezes, parece arrastar-se. Muitas vezes movimenta-se próximo ao chão, quase ajoelhado, com o tronco encurvado, os braços para trás e as mãos retorcidas, por vezes tensas. Outras vezes, aparece andando, mas geralmente com o tronco curvado [...] mexem o pescoço de maneira peculiar, por vezes, assemelhando-se ao movimento de um cachorro, outras

[56] Vídeo postado no canal Youtube: Adérito Simões Liberdade Espiritual. Fonte: SIMÕES, Adérito. *Prática: Bater Cabeça.* Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=QMDwP77hV_M>. Acesso: 31 de jul.. 2024

[57] A chamada família de santo é formada por todos os iniciados, também denominados filhos ou yaôs, e pelo pai, babalorixá, ou mãe, yalorixá, que são os zeladores da casa, ou ilê. (Sobenes, 2013, p.07)

> vezes ao de um pássaro. Aparecem também mexendo os ombros de forma a sacudi-los, pesados e fluidos (Barbosa, *et al* 2008, p.227).

Observando a composição estrutural dessa cerimonia, que pode ser denominada, em nível de livre comparação, como "gira neopentecostal", assim como também outras descritas e analisadas nesta pesquisa, é perfeitamente plausível apontar semelhanças cabais com as práticas rituais das religiões de matriz africana. A Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus, uma das representantes do neopentecostalismo em Manaus, expressa que todo poder sensorialmente concretizado em suas práticas litúrgicas, bem como as manifestações perispirituais em seus corpos, vêm do que chamam de único e verdadeiro "Espírito Santo", assim como da seara com a qual a denominação neopentecostal estabelece um nexo dialético, usando, para efetivar tal elo, os mesmos elementos rituais das religiões de base africana em culto a uma ancestralidade preta. O caráter fundamentalista desse contexto doutrinário determina que, categoricamente, as Entidades e Orixás que regem as cerimônias rituais e os corpos dos Povos-de-Santo são "espíritos demoníacos". Como afirma o Bispo Edir Macedo em seu livro *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* compêndio basilar para o movimento neopentecostal, reverberando discursos intolerantes e racistas contra toda composição de fiéis de terreiro:

> [...] devemos, entretanto, afirmar, desde o início, que os demônios existem. Na realidade, orixás, Caboclos e guias, sejam lá quem forem, tenham lá o nome mais bonito, não são Deuses; os orixás, caboclos e guias, na realidade nunca fazem bem em favor de Seu cavalo. Os próprios orixás e caboclos confessam diante da multidão que não passam de demônios, cuja missão é enganar, arrasar e destruir os seus cavalos "(Macedo, 1996, p. 13 - 17).

Durante todo o mover da "gira neopentecostal" e de todo o percurso dos rituais que compõem os cultos promovidos pela comunidade evangélica em análise descritos nessa seção, a música é bem marcante. O som dos instrumentos fica mais alto, nos momentos das cerimonias, como auxiliar do imaginário mágico religioso, induz os fiéis ao transe religioso assim "como é próprio dos rituais na Umbanda. Nesse contexto, a movimentação corporal se faz presente em termos de comunicação e, por meio dele e da música, a Entidade incorporada pelo médium se faz reconhecer (Rouget, [1980], *apud* Barbosa, 2008, p.226)". Outro ponto que a mencionada instituição religiosa tem em comum com as religiões afro, são os indivíduos chamados Levitas[58] responsáveis pela

[58] Fonte: SILVA, Alaine. *Os Levitas.* Disponível em:<https://www.infoescola.com/biblia/os-levitas/>. Acesso em: 31 de jul. 2024

musicalidade[59] e afins das cerimônias religiosas cristãs e de adoração a sua divindade, o Deus judaico-cristão. Mostram-se são semelhantes aos Ogãs, os músicos responsáveis pelos instrumentos e cânticos durante os rituais afrorreligiosos. De acordo com Fernando D'Osogiyan dirigente da casa Òsàlá, o Ilé Àse Òsòlúfón Íwìn "Ogá toca e canta para os Òrìsàs, o Ogã se dedica em diversos âmbitos do Candomblé, como aprender os toques e ritmos, as cantigas" (D'Osogiyan, 2016)[60].

Desse modo, Levitas e Ogãs entoam cânticos e percutem os instrumentos durante a cerimônia religiosa; na Umbanda, no Candomblé e também no campo neopentecostal, são pessoas responsáveis pelo canto e pelo toque durante a dinamização do ritual ao Sagrado, aos Orixás, aos Espíritos, a Deus e sua função é de grande valia, especialmente no conjunto de vozes e toques dos instrumentos musicais. Os sons ritmados, emitidos pela banda de Levitas da congregação evangélica, por meio dos instrumentos de percussão e modo de tocá-los, assemelham-se bastante com a sonoridade presente nos centros das religiões afro-brasileiras, onde os instrumentos musicais da congregação. A bateria, por exemplo, remete a uma espécie de atabaque, abatá ou tambor, enquanto o violão e a guitarra soam como uma Kora, o teclado como Balafon e os percussionistas evangélicos imbuídos regendo cânticos a sua divindade assemelham-se aos Ogans quando esses estão compenetrados entoando cânticos as suas deidades.

> a música é utilizada tanto para a manutenção do imaginário tradicional mítico desta comunidade religiosa como para a indução ao transe mediúnico. [...] A construção desta teia sonora é comandada por sacerdotes músicos, tecendo um padrão sonoro capaz de provocar estados alterados de consciência em si mesmos e em outros praticantes. [...] As incorporações são sempre acompanhadas pelo som dos cânticos sagrados. (Almeida, 2013, p.7,12 e 14).

Nessa esfera, é possível notar, nos vídeos observados, que os fiéis utilizam tambor **(Vídeo 01, parte 01)** e pandeiros **(Vídeo 09 e vídeo 12)** em suas práticas evangélicas neopentecostais. Enquanto isso, dançam envergados ou rodopiando e segurando esses instrumentos e o Pastor, ao ver um dos fiéis com tal instrumento **(Vídeo 01, parte 01)**, em seguida utiliza-o também. Inicia-se, então, o rufar de

---

[59] O termo "musicalidade" pode ter vários conceitos. Aqui, utilizarei a concepção de musicalidade como aquilo que tem atributos, qualidade ou estado do que é musical; um encadeamento de sons harmoniosos e ritmados. Ou seja, o termo será empregado aqui como um sinônimo de "música"

[60] Fonte: D'OSOGIYAN, Fernando. *CANDOBLÉ o Mundo dos Orixás Ogan no candomblé Ketu*. Disponível em:<https://ocandomble.com/2016/01/13/ogan-no-candomble-ketu/> . Acesso em:15 de jun. 2024

tambores, as danças e rodopios de vários presentes em transe, ao ritmo da música entoada pelos percussionistas.

Em outro momento ritualístico neopentecostal expressos nas imagens em movimento **(Vídeo 01, parte 01)** e **(Vídeo 02, parte 02)**, o Pastor presidente da congregação evangélica começa a cantar e nesse instante é perceptível que sua voz modula como se estivesse em estado de manifesto por parte de uma Entidade, o Espírito Santo. Para Oliveira, "a experiência de transe, o papel do corpo é de um instrumento a ser tomado pela divindade, que passa a controlar esse corpo, o corpo tomado pelo Espírito Santo, se transforma em ponte viva entre divindade e ser humano, cedendo gestos, sons e lágrimas ao movimento comandado pelo ser divino" (Oliveira, 2018, p. 72).

No transcorrer cerimonial, **(Vídeos 01. Vídeo 02; Vídeo 03; Vídeo 04; Vídeo 05. Vídeo 06; Vídeo 07; Vídeo 08)**, existem fiéis (homens ou mulheres) chamados de auxiliares do templo pelos Pastores Marcio e Rosiane Lima, pois ajudam os Pastores, as Pastoras e as pessoas que estão em transe. Os adeptos presentes prestam apoio: uns dão água consagrada, outros seguram os que se mostram tomados pela Entidade "Espírito Santo" para que não se machuquem ou caiam; se caírem, colocam um pano amarelo em cima do corpo do fiel **(Vídeo 04)**. Esse tecido de cor amarela, para os neopentecostais, simboliza a cor do Espírito Santo, o fogo, poder, a prosperidade. Do mesmo modo no Candomblé, visto que cada um dos Orixás (deidades da religião Iorubá) simboliza um elemento da natureza e possui uma cor de preferência. O amarelo seria a cor de Oxum, Orixá feminino que representa a riqueza, a beleza e a fertilidade, explica o sociólogo Reginaldo Prandi[61]. No ambiente da congregação evangélica, há também outros auxiliadores que oferecem assistência aos fiéis manifestados para que se sentem e/ou não saiam correndo. A atuação desses auxiliares nos rituais religiosos neopentecostais é fortemente análoga com a das Cambones e Cambonos, que fazem parte da composição ritual na Umbanda e Candomblé que auxiliam os Médiuns quando estes estão sob orientação espiritual pelas suas Entidades espirituais.

> na umbanda, na cabula e em outros cultos de influência banta, ajudante do pai ou mãe de santo, ou assistente dos médiuns incorporados ou, ainda, auxiliar para várias finalidades rituais no terreiro ou centro. A Cambone é a

[61] Fonte: SCHWARTSMAN, Hélio. *Cor de campanha pela democracia, amarelo está presente nas religiões.* Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/07/cor-de-campanha-pela-democracia-amarelo-esta-presente-nas-religioes.shtml> Acesso em: 26 de set.2024

> pessoa responsável por auxiliar o Pai/Mãe de Santo de uma casa de santo, bem como todas as atividades da casa, a corrente mediúnica e os consulentes (Peres, 2015 p.182).

Os cultos da casa de oração em investigação constituem um nexo dialético e causal com a prática e elementar dos rituais das Comunidades Tradicionais de Terreiros. Trata-se de uma ligação dúbia e paralela perseguição, que constrói um paradoxo de apropriação, negação pois a presença de componentes do universo simbólico da seara afrobrasileiro é expressa na sacralidade e liturgia realizadas pela IPBPD. Para o teólogo, historiador e cientista da religião Daniel Lima em uma entrevista dada para o jornalista Ricardo Chaves a Revista Cenarium, explana que:

> [...] essa "apropriação" feita pelas igrejas [...] neopentecostal se revela na imposição de mãos [...] giro do corpo realizados em cultos que, de forma litúrgica, são rituais da umbanda e do candomblé. O neopentecostalismo vem estabelecendo uma relação dialética com as religiões de matriz africana nos últimos anos. É uma relação ambígua e simultânea de recusa e ruptura quanto ao diálogo e à tolerância e de interação e apropriação quanto aos ritos. [...] Essa relação se torna latente em algumas práticas litúrgicas, [...] como, imposição de mãos, giros do corpo, [...] sessões de "libertação". Os cultos do neopentecostalismo se apropriam de uma dimensão mágica amplamente disseminada na religiosidade popular, adotando um vasto repertório de símbolos mediadores por meio de óleos ungidos, águas consagradas [...] e afins (Chaves, 2024)[62].

Na sessão seguinte, será descortinada uma série de falas e atitudes descritas que a comunidade neopentecostal em estudo, por meio das mídias sociais (Instagram e lives no Facebook), evocam uma espécie de releitura contemporânea do Tribunal do Santo Ofício, uma "caça às bruxas" cujus alvos são os cultos de matriz africana em exercício, na capital manauense. Nas cerimônias litúrgicas analisadas por meio dos vídeos, convocam toda população manauara para juntos atacar, perseguir e negar a cultura africana brasileira cuja a mesma exercesse conexão a uma ancestralidade e cosmogonia preta e segundo os fiéis assim como toda a vastidão do movimento religioso neopentecostal fundamentalista afirmam em alto bom som em seus cultos de libertação promovidos em público e publicados em suas redes socias que os(as) Filhos(as) de Santo irão para o inferno e que suas práticas religiosas é a raiz de todo mal na cidade manauense.

---

[62] Fonte: CHAVES, Ricardo. *Entenda como igrejas usam religião de matriz africana para 'indústria da demonização'.* Disponível em:< https://revistacenarium.com.br/entenda-como-igrejas-usam-religiao-de-matriz-africana-para-industria-da-demonizacao/> Acesso em: 26 de set.2024

2.2 A Ordem é para Marchar: Pisa que é Feitiço

> [...] mas a ordem é pra marchar, a ordem é pra marchar, a ordem é pra marchar e não pra recuar. mas a ordem é pra marchar, a ordem é pra marchar, a ordem é pra marchar e não pra recuar. Marcha irmão, marcha pastor, marcha igreja do Senhor (Pastor Marcio Lima)[63].

O neopentecostalismo tem desenvolvido mudanças nos espaços dos meios de comunicação de massa e alcançado seu objetivo que é a expansão da fé na mídia e, através dela, a conquista de novos territórios, sejam eles digitais, terrenos ou mentais a fim de inculcar seu modo de crer e exercer sua fé. A Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus, como parte desse campo religioso, implementa, também, essa transformação, na capital amazonense. Além das filmagens de cultos e práticas rituais, a referida instituição cria banners, flyers, stories, realiza lives e publicam em seus canais no campo audiovisual manauara para cumprir o mesmo propósito de circulação diária para as cerimonias de libertação semanais, especificamente para os dias segunda, quarta e sexta-feira.

> [...] de fato, as inúmeras expressões de fé [...] protestantes, pentecostais, neopentecostais. Atuantes no Brasil transparecem não se contentar mais com suas reuniões, e cultos semanais, enfim, encontros restritos aos seus membros. A pós-modernidade, juntamente com o avanço da tecnologia, aponta a mídia como o caminho de sucesso para qualquer mercado, empreendimento e programação (Burdke, 2005, p. 44).

Desse modo, em um culto com tema "Segunda-Feira da Vitória" **(Vídeo 01, parte 01)** referente a cerimônia de libertação realizada em primeiro de maio de 2023, filmado e postado em seus perfis de redes sociais, o Pastor Ramon Araújo sob a égide dos Pastores Márcio e Rosiane Lima, instiga o corpo religioso presente no culto com intuito de fomentar mais ódio e anulação a diversidade, principalmente a religiosidade afro-brasileira. Fazendo a seguinte pergunta: "sabe porque você tem que dar lugar aqui?", Ramon automaticamente responde sua própria pergunta, direcionando sua mão esquerda e segurando um tecido de cor azul para os fiéis evangélicos, afirmando em alto bom som, de forma impositiva, autoritária: "por que o que tu não faz o centro de macumba está fazendo nesse exato momento!". Conforme Bakhtin (2010), o enunciado é formado de forte teor responsivo, consistindo em uma etapa de preparação para a

[63] Fonte: MARCIEL, Alice. Todo Poderoso. Disponível em:<https://www.letras.mus.br/alice-maciel/1183240/> . Acesso em: 28 de set. 24

resposta do interlocutor, mesmo que essa não chegue a ocorrer concretamente. Para o Babalorixá e antropólogo Rodney William, em uma entrevista concedida à jornalista Giacomo Vicenzo, do *Jornal Ecoa*: "o uso da designação macumba ou macumbeiro entre os adeptos das tradições afro-brasileiras sempre foi normal. Havia, entretanto, uma regra: só um macumbeiro poderia chamar outro macumbeiro de macumbeiro. Ao assumir essa identidade, acreditamos que estamos fortalecendo nosso território de resistência" (Vicenzo, 2022)[64]. Expressar a palavra "Macumba" entre os que fazem parte do campo religioso das Comunidades Tradicionais de Terreiro é valido pois o:

> lugar de fala se converte numa ferramenta de interrupção de vozes hegemônicas, formas desiguais de distribuição das violências e dos acessos é porque ele está sendo operado em favor de emergências de vozes historicamente interrompidas. Os ativismos do lugar de fala desautorizam, a matriz de autoridade que construiu o mundo como evento epistemicida (Ribeiro, 2017, p.48).

O lugar de fala, nessa esfera, se apresenta eticamente e politicamente legítimo na luta contra identificações hegemônicas, como símbolo e prática de resistência frente à marginalização e investidas agressivas criminosas de uma tradição religiosa que tem por fundamento um sagrado que todo o seu campo de salvação, retidão e entendimento estabelece, como modelo único, conforme postula Carneiro (2023) a cor branca do Ser Hegemônico. Assim sendo, atua de forma semelhante a um meio de enfrentamento a um Cristianismo eurocêntrico que constantemente se reafirma, na pretensão de uma importância ideologicamente universalizada, uma poderosa arma de convocação para viver na luz da razão caucasiana da verdade colonialista. Edir Macedo enfatiza que, ao falar que a luz cristã impõe medo às pluralidades de Espíritos[65], pois esses vivem na escuridão e devem temê-lo porque sabem a qual Senhor ele serve:

> o Espírito Santo venha iluminar para libertar as pessoas do demônio, problema econômico, sentimental, material, enfermidade. Esse problema tem uma fonte, é o espírito do mal, tem sua raiz no inferno. Deus é luz, o Diabo é trevas, onde há luz as trevas se dissipam, fogem, não tem macumba, não tem maldição, não tem bruxaria, não tem feiticeiro, não tem magia negra. Os espíritos dos infernos não vão poder te destruir. (Macedo,2022)[66].

---

[64] Fonte: VICENZO, Giacomo. *O que é Macumba?* Disponível em:<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/07/17/o-que-e-macumba-termo-deriva-do-instrumento-e-se-tornou-nome-de-culto.htm> Acesso em: 09 de jun.2024

[65] Fonte: WANDERMUREM, Isadora. *Exu, Pretos-velhos, Pomba-gira: quem são as entidades da umbanda?* Disponível em:<https://www.terra.com.br/nos/exu-pretos-velhos-pomba-gira-quem-sao-as-entidades-da umbanda,365eadd5c992f750667013faee45a06c0st0lsig.html> Acesso em: 09 de set. 2024

[66] Vídeo postado no canal do Youtube: Bispo Edir Macedo. Fonte: MACEDO, Edir. *O Espírito Santo é toda armadura de Deus*. Disponível em:<https://youtu.be/7AphGxmjcOE?si=EW3m_8Vozsb38Sc2>. Acesso em: 09 de set. 2024

A supracitada instituição neopentecostal é fomentada por um lugar de discurso e corpo religioso não pertencer a um sagrado diaspórico preto. Mesmo assim, em seu cotidiano litúrgico, utiliza-o como forma de aparelhamento de poder, como postula (Garcia, 2015, p.54) "o discurso exerce influência na vida das pessoas, um instrumento que é sempre controlado e dotado de poder e dominação" embora se apropriem, paradoxalmente, de muitos recursos simbólicos semelhantes às religiões brasileiras de ascendência africana para estabelecer um diálogo com o Divino. Seus adeptos proferem "o vocábulo "Macumba" para se referirem a quaisquer religiões afro-brasileiras, por parte de quem não as integra, como sinônimo de charlatanismo ou com um significado negativo que seja desagradável ao olho humano" (Oloorê, 2024)[67].

É compreendido que o termo, quando usado pelo Pastores e membros da IPBPD[68], é depreciativo, carregado de intolerância religiosa, haja vista que o perfil proselitista desse tipo de discurso promove direta ou indiretamente o preconceito e o racismo por denegação como expressa Gonzalez (1988) que tenta, a todo custo, erradicar o corpo ancestral negro e indígena. O Candomblé, a Umbanda e a Encantaria, sua versão amazônica, são as mais atingidas pela discriminação cotidiana com ataques atrozes de grupos religiosos fundamentalistas como a que serve de universo amostral para essa pesquisa, que é parte da cristandade manauara, conhecido mais popularmente de evangélicos, como expõe Medeiros:

> o termo macumba tem sido usado pejorativamente, como um insulto. Pretende-se, com ele, agredir religiões como umbanda, candomblé e cultos afro-diaspóricos de maneira geral. A ofensa verbal é parte do racismo estrutural da sociedade brasileira. Tão estrutural e tão alargado é o racismo, que possui várias máscaras da mesma face colonial, uma delas: o racismo religioso (Medeiros, 2021, p.14).

Os fiéis, ao ouvirem a frase, (Macumba)[69], proferida pela boca do Pastor **(Vídeo 01, parte 01)**, emitem palavras de repreensões aos Cultos Afro Diaspóricos[70], dizendo:

---

[67] Fonte: OLOORÊ, Tom. *O que é Macumba? Entenda a origem do termo Macumba Carioca.* Disponível em:<O que é Macumba? Entenda a origem do termo Macumba Carioca – Historiando Axé (historiandoaxe.com.br)>. Acesso em: 09 de jun.2024

[68] Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus

[69] A palavra a depender do tom e do contexto se enquadra entre as principais práticas do racismo e da intolerância religiosa. E a palavra só se tornou ofensiva porque tudo que está relacionado ao negro foi desqualificado em nossa sociedade. (WILLIAM, Rodney. 2023). Fonte: VICENZO, Giacomo. *O que é Macumba?* Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/07/17/o-que-e-macumba-termo-deriva-do-instrumento-e-se-tornou-nome-de-culto.htm>. Acesso em: 09 de jun.2024

[70] Manifestações religiosas que evoluíram a partir das tradições africanas.

“tá amarrado, meu Deus!”, expressam, e modo acalorado, falas e gestos de repreensão ao que lhes é diferente ou não faz parte de sua esfera cotidiana religiosa. Fica exposto que o sacerdote induz todos os presentes a associarem os cultos pretos a tudo que ruim, danoso, e imoral, pois “no imaginário cristão todas as formas de mal e de influências negativas na vida das pessoas e na ordem do mundo são associadas ao Diabo, suas análises sobre a cosmologia dos Orixás passaram a estabelecer a mesma relação” (Oliva, 2005, p.26).

Em outro momento do culto **(Vídeo 01, parte 01)**, é constatado o que Mariano (2007) chama de “Guerra Espiritual”. Alguns fiéis começam a se movimentar, no sentido de tirar do centro do local as cadeiras que estavam sendo utilizadas durante todo o processo litúrgico, como também andam com os braços estendidos para cima, orando. Tais atitudes ocorrem porque, segundo a condução dos líderes da igreja, foi criada uma atmosfera de “luta santa contra o Diabo”, uma vez que os evangélicos neopentecostais vivem sob uma perspectiva dual, maniqueísta, de oposição entre o que consideram “sagrado” e o que chamam de “maligno”, que configura uma incessante guerra entre Deus (simbolizado pelo Bem) e o Diabo (o Anjo do Mal) sendo esse último associado ao Candomblé, Umbanda e suas vertentes como responsáveis por todos os acontecimentos danosos à sociedade e na vida particular de seus integrantes.

> a partir de sua interpretação bíblica, pastores e fiéis avaliam e criticam tudo à sua volta. Elegem o mundanismo e as outras religiões como alvos de prediletos ataques. Isto é, canalizam sua agressividade para os de fora de seu grupo. Tudo que repudiam nas religiões *afro-brasileiras* com as quais se relacionam e concorrem, visa a aclamá-los como detentores da verdade e virtude bíblicas que conduzem à salvação. Mas, quando, para cumprir ordens pretensamente divinas e impor sua verdade, avançam destemidos além das fronteiras dos templos, correm o risco de desencadear senão a guerra santa, ao menos uma perversa maré de atos de intolerância explícita (Mariano, 2012, p. 116 **grifo meu**).

De forma autoritária, o Pastor Ramon ordena, em tom taxativo, que os fiéis continuem a olhar para ele, e diz: “nós só vemos, aí, o mundo fechar ruas pra fazer culto, aí tem Pastor que está preso dentro de quatro paredes, Deus está dizendo assim: ei! Tu vai tu e esse templo para o inferno, se tu não tomar cuidado! [...]”. A fala é dirigida aos Cultos Pretos[71] e oferendas aos Orixás realizados nos espaços públicos (ruas) da cidade de Manaus, nos bairros da Zona Leste e, segundo a fala do Pastor,

[71] Refere a diversas práticas religiosas e culturais associadas às tradições africanas que foram conservadas e adaptadas no Brasil.

refere-se também ao fiel que se encontra enclausurado porque não tem coragem de sair para combater e negar a cultura afro-brasileira. Nesse ponto ressalta-se o poder inerente aos discursos religiosos pois recebem o status de que "a voz do pregador, ou em geral qualquer representante seu, é a voz de Deus. (Orlandi, 1987, p.242). Além da indução ao ódio, fica evidente a expressiva necessidade do Pastor Ramon de alimentar, por meio de suas aspirações messiânicas, seu bastante inflado ego.

Segundo líder religioso, o Deus no qual ele crê, branco, eurocêntrico e de bases colonialista, é o único Ser Supremo, onipotente, onisciente e onipresente que fala diretamente com ele, afirmando que todos os que fazem parte de religiões afro-brasileiras irão para o inferno, caso não tomem cuidado. Simultaneamente, o Pastor exerce controle sobre os presentes e, também sobre os moradores das adjacências do templo, instigando-os a saírem de suas casas para denegar a religiosidade de essência africana, em um claro exercício de "controle social, como meio regularizar a sociedade, [..] fazendo uso da fé para persuadir as pessoas a agirem de acordo com os seus interesses sob pena de serem castigados por um ser superior e assim não receberem o prêmio da vida eterna" (Carvalho, 2020, p.311).

Durante o já referido culto **(Vídeo 01, parte 01)**, dando continuidade na "Guerra Espiritual", mas em outro momento cerimonial na congregação, inicia-se uma nova forma de conexão com o mundo imaterial. O Pastor começa a receber mensagens que, segundo ele, não são mais da primeira divindade com a qual falava. Agora, sua alegada interlocução é, contraditoriamente, com Satanás, ser tão associado pela comunidade neopentecostal às religiões que mantêm um diálogo com o sagrado preto. Mesmo assim, o arquétipo luciferiano se faz presente em todas as suas reuniões. Como enfatiza Mariano (2003), o Diabo exerce um protagonismo nos cultos neopentecostais. O Pastor inicia a entrega de uma das mensagens recebidas de Satanás, e diz: "eu vou falar, Satanás falou, Pastor Marcio, que essa igreja ia fechar!". Em seguida, o Pastor Ramon, com uma face demostrando seriedade e certeza da mensagem recebida, vira e olha em direção ao Pastor Márcio, que entra em concordância com todo o processo religioso que estava acontecendo, dizendo: "Éeee!".

Diante desse cenário inicial de recebimentos de mensagens do mundo espiritual para a Terra, onde o Pastor afirma ter travado um diálogo com Satanás: "vim diretamente do Diabo!". Em seguida, associa o histórico adversário do Deus cristão àquele que é um dos mais importantes Orixás para religiões diaspóricas pretas cultuadas

em Manaus e em todo Brasil: Exu, Orixá dos caminhos, da comunicação, do movimento e da força transformadora da vida.

> "Exu é o mais importante dos Orixás, isso não tem a ver com hierarquia, isso tem a ver com fato que Exu é um elo fundamental de comunicação é aquele que faz o papel do mensageiro, ou seja, sem Exu, não há interação entre as pessoas, entre os Orixás e as pessoas e não interação entre os próprios Orixás. Tudo que existe, para existir, para ter vida, tem que ter Exu. Exu é o princípio ativo da vida, Exu é o próprio Axé de Olodumaré, considerado a porção desprendida do próprio Deus supremo Oludumaré" (William,2024)[72].

Na interpretação da seara neopentecostal, que é expresso também pela IPBPD na cidade de Manaus, a mais emblemática das Divindades do panteão africano é degradada em sua designação espiritual, sendo preterido e associado ao Diabo católico. A concepção hegemônica do cristianismo europeu disseminou essa construção arquetípica que liga Exu a Lúcifer em todos os seus segmentos, não sendo diferente no neopentecostalismo. Como afirma o sociólogo Reginaldo Prandi em uma entrevista dada a jornalista Clarissa Monteagudo ao jornal *Extra*, diz que:

> [...] a associação de Exu ao diabo católico, quando chegaram os primeiros colonizadores europeus aos territórios africanos, se depararam com o culto de orixás e voduns (divindades fons). Esses missionários cristãos tinham objetivos de "cristianizar o mundo selvagem". Quando viram altares de forma fálica, atribuíram a algo demoníaco. O catolicismo é uma religião que aboliu a sexualidade do horizonte humano, de profunda repressão. Exu recebeu a pecha de diabo e não se livrou. (Monteagudo, 2010)[73].

Dando seguimento ao diálogo, não conformado com a mensagem recebida, o Pastor, de cima do palco, direciona sua fala a outro membro da congregação. Nesse momento, entrega um novo recado que, alegadamente, recebeu de Satanás. Porém, disse algo que não tinha mencionado, na mensagem anterior: "o diabo falou que não dou ainda esse ano para essa igreja tá fechada!". No decorrer da noite, em outro aviso, do mensageiro, o Pastor Ramon, vai novamente em direção ao Pastor Marcio e diz: "pegaram teu nome e o nome da Pastora. Isso não foi na semana, não foi ontem, foi 'indagora', no meio da mensagem" e o Pastor Marcio como meio de fortalecer o discurso do seu par, responde: "Meu Deus, é forte!". Segundo Ramon, em concordância

---

[72] Vídeo postado no canal Youtube: TV Cultura. Fonte: GUTERRES, Cris. *RODNEY WILLIAM explica o que é EXU e o que o orixá REPRESENTA*. Disponível em:<https://youtu.be/MboKI7sRm-E?si=I1byaLlhYryQJd21>. Acesso: 17 de set. 2024

[73] Fonte: MONTEAGUDO, Clarissa. *Demonização de figuras do candomblé foi construída desde a chegada do colonizador português à África*. Disponível em<https://extra.globo.com/noticias/rio/demonizacao-de-figuras-do-candomble-foi-construida-desde-chegada-do-colonizador-portugues-africa-229778.html> Acesso em: 07 de set. 2024

com o Pastor Marcio Lima, os participantes das Comunidades Tradicionais de Terreiro, no momento em que o culto estava sendo realizado, pegaram os nomes dos Presidentes da IPBPD para fazer o mal contra o casal de dirigentes da congregação, com intuito também de afetar a instituição como um todo. A seguir, o Pastor Ramon enunciou outra mensagem recebida; agora não é somente o nome, mas também a foto, e afirma: "alguém pegou tua foto, tiraram enquanto tu estava andando na rua com o Pastor e falaram assim, agora quero ver se essa igreja não vai fechar!".

Toda essa conjuntura de falas e comportamentos, bem como todo esse processo ritualístico manipulador que utiliza a figura de Satanás, do Diabo, de forma análoga ao Exu do Candomblé e da Umbanda, constitui um modo de diálogo e recebimentos de mensagem com o sobrenatural para revelar, tendenciosamente, algo à comunidade neopentecostal. As pretendidas revelações são apreendidas como uma crença em que uma foto ou nomes mencionados foram afetados por práticas de "Macumba". Dando continuidade em sua fala, **(Vídeo 01, parte 01)**, o Pastor grita raivosamente, atrelando os cultos pretos a todos os processos que causam mortes, como também à corrupção encabeçada pelo narcotráfico em Manaus, como se o tráfico de entorpecentes tivesse estrita ligação com as religiões de matriz africana: "mas eu tenho uma notícia para Satanás, essa noite: o que vai fechar, nesse bairro, vai ser as bocas de fumo tudinho, o que vai fechar nesse bairro vai ser o centro de macumba, vai ficar só igreja!".

O líder religioso, ao dizer que vai enviar uma resposta a Satanás, que as casas de Macumba vão fechar, deixa explicito, em sua afirmação, que Satanás atua como patrono e porta-voz das religiões afro-brasileiras, colocando-as na condição de um dos braços do tráfico de narcóticos, em Manaus. Ao terminar sua frase, afirmando que vai ficar só a igreja, o Pastor se refere somente as instituições religiosas de perfil neopentecostal (as únicas realmente "Cristãs") e suas ramificações, que tem, como fundamento primário, uma ideologia salvífica branca. Como afirma o Pastor Marcio Lima **(Vídeo 03, parte 02)**, na sintomática colocação "pra nós, que conhecemos a verdade é poder de Deus", seu compêndio doutrinário é o único capaz de combater todo mal ao qual atribuem tudo que é negativo à corporeidade religiosa afro-brasileira, transfigurando-a, também, na figura do Diabo cristão. Ironicamente, no transcorrer dessa demonização, Exu afro-brasileiro acabou se tornando parte interlocutora regular da dinâmica ritualística neopentecostal e, simultaneamente, marginalizado por meio de repreensões e pela dramaticidade da liturgia pastoral. Segundo o sociólogo Ricardo de Souza:

> [...] o Diabo se tornou uma poderosa figura no imaginário coletivo, tem sido significativamente ascendente em grande quantidade de pessoas e igrejas, especialmente o segmento neopentecostal cresceu em boa medida combatendo as entidades do panteão afro-brasileiro. Em denominações dessa vertente é comum atribuir-se ao Diabo a influência negativa no meio pentecostal brasileiro, ele veio a ser tratado com proximidade, porém como alguém que deve ser publicamente atacado e afastado dos indivíduos mediante a pregação incisiva e dramática dos pastores (Souza, 2019, p.386,405 e 406).

Em outro momento da liturgia neopentecostal **(Vídeo 01, parte 01)**, o Pastor chama os presentes para se aproximarem do palco para anular a obsessão orquestrada pelo seu arqui-inimigo, o Diabo. Novamente, evoca a figura Dele, colocando-o, mais uma vez, em evidência; sem o opositor do Deus cristão, não há dinâmica, não há mensagens, não há troca nem movimento. O líder afirma: "estou sentindo Satanás se mordendo todinho. E vou falar uma coisa para você: queira o Diabo ou não queira, tu vais sair daqui com a tua vitória hoje, só estou convidando aqui quem veio pra marchar!" Ou seja, marchar contra a Umbanda e o Candomblé. Em seguida, a congregação de fiéis começa a cantar uma música, chamada *"Não tem galinha preta"* de autoria e composição da Pastora Vanessa, que diz:

> mas não tem galinha preta e nem tem sague de bode, quem opera aqui nessa igreja é o Deus que tudo pode. Não tem charuto acesso não! E nem tem vela sete dias, quem guerreia na sua vida, guerreia de noite, guerreia de dia, Ele guerreia de noite, Ele guerreia de dia, Ele guerreia de noite, Ele guerreia de dia, Ele guerreia de noite, Ele guerreia de dia, Ele guerreia de noite, Ele guerreia de dia, Ele guerreia, Ele guerreia, guerreia, guerreia[74].

Como mostra as frases da música, por meio da descrição desdenhosa de elementos rituais de culto da cultura afro-brasileira, a letra por si só é jocosa e nada amistosa. Nela, os adeptos dessas manifestações, que pertencem a uma cosmogonia preta, são ilustrados como indivíduos ou grupos sociais que devem ser perseguidos para que possam, desse modo, ser "salvos". Curiosamente, a melodia, os acordes e o próprio teor da canção, além de remeterem à sonoridade musical ritmada e entoada nos centros de matriz africana. Durante o soar da canção, como também das danças, os evangélicos são instigados a uma marcha, um ataque hostil para destruir e invisibilizar tudo o que não faz parte da visão circundante salvífica branca judaico-cristã, especialmente como

---

[74] Vídeo postado no canal do Youtube: TV SHALOM: *Vanessa do Véu 🙌 Não Tem Galinha Preta 🔥 8° VIGILHÃO DO POVO DE BRANCO.* Disponível em:<https://youtu.be/4dFxOYSYsaM?si=-lDXkOCCO77gFKkY>. Acesso em: 09 de set. 2024

forma de negação de toda ancestralidade, história e passado africano que faz parte significativa da constituição étnica e cultural da formação da sociedade brasileira.

Os neopentecostais pertencentes à igreja em observação, em seu organograma cerimonial, mesmo utilizando elementos de cultos pretos, reivindicam para si um poder de aniquilação, real e simbólica, das religiões afro-brasileiras, reverberando um "colonialismo na atualidade, mas com outra denominação: neocolonização, um padrão de poder, através de hierarquias territoriais, raciais, culturais e epistêmicas" (Silva, 2020, p.186). Essa concepção arbitraria expressada pelo autor, ilustra o empenho contínuo da comunidade neopentecostal em refutar e suprimir as religiões de ancestralidade africana no Brasil, não sendo diferente em Manaus, já que estas apresentam ritos e símbolos semelhantes ou mesmo idênticos aos executados em suas sessões litúrgicas. Por essa razão, como uma cortina de fumaça alegórica, proclamam massivamente que religiões de cosmogonia preta são regidas pelo Diabo.

Como postula Silva (2015), a perspectiva lexical do neopentecostalismo afirma, com efeito, que as religiões afro-brasileiras são representadas pelos demônios, pois sofreram metamorfose onde as divindades do panteão africano foram convertidas, de forma conveniente e totalizadora, a figuras diabólicas. A igreja manauense que serve como objeto de pesquisa para esse estudo propaga essa perspectiva como mecanismo ideológico intolerante e racista, visto que, em uma das sessões de culto **(Vídeo 10)**, a Pastora Nayara culpa a Entidade Pombagira[75] como agente do mal da "Macumba" para destruir relacionamentos, afirmando: "[...]estou sentido em declarar, aqui: casamentos que estavam destruídos, se preparem porque tu vais viver a lua-de-mel de novo minha filha! Mas Pastora, já estou vivendo é o divórcio [...]. A Pombagira vai ter que bater de retirada, o macumbeiro vai ter que entender que a obra de macumba não é mais poderosa!".

Em movimento similar, de modo incisivo, o Pastor Marcio Lima, em uma de suas lives **(Vídeo 03, parte 01)**, diz: "[...] casarão da macumba, o diabo vai passar mal

[75] A mentalidade do cristianismo e suas ramificações religiosas associa essa Entidade feminina a Exu. A pombagira acabou sendo a representação mais explícita da sexualidade proibida, perigosa e ao mesmo tempo muito desejada por todos. É uma grande construção cultural e ponto de conflito e perseguição na oposição das religiões evangélicas. Fonte: PRANDI, Reginaldo. *Demonização de figuras do candomblé foi construída desde a chegada do colonizador português à África*. Disponível em:<https://extra.globo.com/noticias/rio/demonizacao-de-figuras-do-candomble-foi-construida-desde-chegada-do-colonizador-portugues-africa-229778.html> Acesso em: 07 de set. 202

lá dentro! [...] Vi demônios no meio da rua, com garras muito grandes, subindo na parede. Eram uns demônios muito fortes, como se fossem demônios da resistência dizendo: eu não vou sair daqui!". Essa live foi realizada em uma quarta-feira, na qual o presidente da IPBPD[76] mostra uma casa que fica na adjacência do templo, onde funciona um centro de matriz africana, assegurando categoricamente que, naquele ressinto é morada da perversidade, do Diabo e demais demônios, pois permanecem no bairro e na cidade com intenção de provocar, na sociedade amazonense, tudo o que é funesto. De acordo com Macedo (2000) preconiza todo mal que a humanidade enfrenta é orquestrado pelos demônios. Sendo assim, o combate a estes espíritos deve ser constante, pois é o Diabo o grande responsável pelas mazelas que assolam a humanidade: doenças, tragédias, brigas, falência, desemprego, vícios e etc. Nesse sentido, o autor demonstra que as religiões orientais e as religiões de matriz africana cultuam "demônios" em vez de "deuses". Sendo a referida igreja em pesquisa um exemplo regional desse extenso contexto, reverberam que toda religião que não fizer parte da circunscrição de sua ideologia hegemônica, não são de Deus, sendo relegadas à condição de "demoníacas sem salvação".

> os deuses famosos da Antiguidade, tanto no Egito, quanto na Mesopotamia, bem como na mitologia africana, são na realidade demônios que nunca deixaram em paz o homem, seu alvo principal. Os demônios, em sua maioria, personificam os males, atuam como espíritos sem cor, sexo, dimensões, enfim sem corpos. Procuram seres vivos para através deles se exprimirem, e o homem é o seu principal alvo. Como não possuem corpos, vivem se apossando daqueles que não têm cobertura de Deus; são inimigos de Deus e do homem, por ser este a cora da criação divina. Possuem homens, não somente para afastá-los de Deus, mas também porque desejam se expressar no mundo físico em que vivemos. São entidades espirituais que atuam organizadamente atingindo e constantemente a humanidade, tendo Satanás por chefe (Macedo, 2000, p. 19).

Na maioria das cerimonias da IPBPD observadas nos vídeos em análises, o Pastor Márcio Lima afirma que sua congregação é o "templo maior, templo maior!" **(Vídeo 03, parte 01 e parte 02)**. Junto ao público atendido por ela, seu exercício litúrgico visa promover, com afinco, um proselitismo em massa que objetiva uma grande conversão de pessoas para a esfera neopentecostal, a fim de expurgar e invalidar "as religiões afro-brasileiras em espaços públicos também a expansão da ação do demônio para além dos muros dos terreiros" (Silva, 2007, p. 215). Uma vez que essas campanhas se apresentam como ato profético, com pretensão de se transfigurar em uma

[76] Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus

espécie de exorcismo da cidade, do bairro e da rua por meio da oração, da música, da palavra e da presença física, entre outras possibilidades. Para resolvê-los, portanto, seria necessário se engajar nessa marcha, nessa guerra, e reconquistar para Deus os espaços tomados pelo "inimigo", sejam eles os corpos a serem exorcizados ou grupos comunitários, caso dos bairros da Zona Leste de Manaus, a fim de serem convertidos à "verdadeira fé".

Em sua rede social a IPBPD[77] fez um convite para a sociedade manauara com a seguinte publicação "é hoje, povo de Deus! Traga sua família, traga sua caravana e vamos marchar na terra" **(Vídeo 11, parte 01)**. Quando o dirigente da referida congregação evoca: "traga sua caravana!", abre-se a denotação de que a frase expressa no convite chame outras denominações evangélicas para partilharem da noite sacra. Isso remete o que, de acordo com (Araújo, 2019), o início das cruzadas nacionais de evangelização, na década de 1950, sinaliza a disposição desse novo momento do pentecostalismo brasileiro.

> [...] a cruzada evangelística foi um modelo evangelístico trazido dos EUA, inspirada nos grandes Movimentos de Cura Divina e Milagres, ligados ao Revival Meetings (Reuniões de Avivamento) da década de 1940. O crescimento e a pulverização de igrejas pentecostais através da interligação [...] entre igrejas [...], e o uso de métodos de evangelismo em massa como organização de grandes cruzadas e rádio e televangelismo, imprimiu num novo ritmo de crescimento no pentecostalismo na segunda metade do século XX, onde foi possível identificar outros níveis de conexões do pentecostalismo controlando áreas, pessoas e fluxos. Formando, assim, territórios-rede, o que justificou a utilização da tipologia do Pentecostalismo em Rede (Araujo, 2019, p. 49 e 54).

A evangelização em massa, iniciada pelas cruzadas pentecostais, foi determinante para que os líderes de igrejas criadas pós-década de 1950, aprimorassem as estratégias evangelísticas dentro do ambiente extremamente dinâmico e mutável das cidades brasileiras em expansão. Desse modo, as igrejas evangélicas que adotaram o prefixo *neo* como forma de organização e prática de suas cerimonias no âmbito religioso, incluindo a IPBPD na geografia manauense, baseiam-se nessa estratégia evangelística para sua amplificação territorial e midiática, exercendo essa aglutinação de igrejas independentes da mesma denominação religiosa pertencer à esfera neopentecostal, pois "o que está em evidência na cruzada são os pontos unificadores

[77] Igreja Pentecostal Bilica Plenitude de Deus

dessas denominações e não os que as diferenciam ou distanciam" (Santos, 2017, p. 22), ou seja, além do templo cristão neopentecostal em pesquisa.

Como fenômeno ilustrativo dessa conjectura, em dado evento, relativo ao (**Vídeo 11**) os Pastores Márcio e Rosiane Lima convidaram mais duas instituições evangélicas para dirigir o culto. Ministério Estamos de Pé cuja Pastora presidente é Vanessa Crician mais conhecida nessa esfera religiosa como "Vanessa do Véu", e outro fiel convidado para compor a ocasião foi o Pastor André Luís, conhecido como "André da Carruagem" dirigente da Assembleia de Deus Ministério Deus Faz Acontecer – ADMDFA. Vale ressaltar que essa prática de alteração de nome de batismo para um nome sociorreligioso é semelhante ao que ocorre na tradição das religiões Afro-brasileiras pois a transição de nome tem significados diversos. Não somente Babalorixás e Ialorixás os quais são líderes espirituais em centros de matriz africana, mas também filhos e filhas de santo, um novo nome é sinônimo de refletir sua missão ou conexão com os Orixás e Entidades como explana Ary Carvalho (Odé Ọlaigbo) iniciado e praticante de culto tradicional Yourubá "De acordo com a tradição de Ifá o nome da pessoa é uma etiqueta de identificação dizendo de onde uma pessoa veio e/ou o que uma pessoa virá a ser."[78] Do mesmo modo para alguns evangélicos da seara neopentecostal "[...] Passam assumir um novo nome também quando entram na vida religiosa. A mudança de nome significa assumir uma missão específica, uma função "[79] tal qual venha expressar sua conexão com o livro religioso Bíblia, assim como representar sua maneira de ser dentro e fora da conjuntura neopentecostal. É importante lembrar que a alteração do nome acontece apenas de forma simbólica, no registro civil permanece inalterado.

Em ocasião posterior o Pastor Marcio Lima, conclamou outras denominações religiosas, por meio da divulgação em suas redes sociais, para tornar possível um agrupamento público de indivíduos religiosos fundamentalistas para apregoar princípios cuja perspectiva fundamenta-se numa ideologia cristã branca, classista e racista. Nesse espectro, o parâmetro de retidão, bonança, humanidade e representação

---

[78] Fonte: CARVALHO, Ary. *CANDOBLÉ o Mundo dos Orixás Qual o poder que existe em um nome?* Disponível em<https://ocandomble.com/2016/12/26/qual-o-poder-que-existe-em-um-nome/>.Acesso em: 26 de ago. 2024

[79] Fonte: AQUINO, Felipe. *Por que os Papas escolhem novos nomes?* Disponível em:<https://noticias.cancaonova.com/brasil/por-que-os-papas-escolhem-novos-nomes/>. Acesso em: 31 de ago. 2024

religiosa pertence a uma escala evolutiva de salvação de configuração branca, de bases coloniais, como ressalta Carneiro, enquanto participava do evento *A Feira do Livro* (2023), na mesa *Continuo Preta*, mediada pela colunista Natalia Engler da *Quatro Cinco Um*: "Esse contrato racial é datado, ele nasce com o colonialismo, com a escravidão, institui o branco como o universal, como o ápice da representação humana. E institui os outros como seres apartados, não seres. [...] o branco se instituiu como universal, como a representação da humanidade" (Engler, 2023)[80].

Na esfera do discurso que subalterniza o outro, a expressão **"**marchar na terra" faz referência a um exército religioso **(Vídeo 12)**, com investida nas expressões de crenças que exprimem sua fé e práticas rituais nos Orixás, Entidades e Espíritos elementais dessas crenças, pois a Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus, nesse âmbito, a qual faz parte do neopentecostalismo na esfera religiosa manauara, em suas cerimonias litúrgicas, associando as Entidades de origem africana aos demônios cujo princípio reside na criação arquetípica cristianizada: "a visão cristã que já desde o colonialismo europeu na África associou o Exu ioruba ao Diabo" (Silva, 2005, p.159). Como destacado pelo antropólogo essa perspectiva religiosa hegemônica, eurocêntrica, estabeleceu um modelo moral religioso para aqueles que seguem uma representação espiritual branca como sinônimo de salvação, bem como destinou aos adeptos que professam uma fé aos Cultos Pretos, uma estrada que leva à maldição, à animalidade com descida reservada ao inferno. De acordo com Jung (2016), os arquétipos portam um conteúdo imagético. São como delineamentos que dão estrutura e formato para concepções universais e coletivas. Essas formas são preenchidas por meio de experiências e vivencias pessoais. Como expõe o autor:

> o conceito de arquétipo ocupa lugar significativo na teoria fortemente associado à ideia de inconsciente coletivo, um substrato psíquico coletivo. O arquétipo pode ser compreendido como uma "[...] probabilidade psíquica, porque retrata os acontecimentos ordinários e instintivos em uma espécie de tipos" (Jung, [1984], p. 520 *apud* Bonfatti, 2018, p.543).

De certo, a comunidade religiosa neopentecostal em pesquisa está inserida no que Jung explana: "[...] o arquétipo de um inconsciente coletivo pertence àquele tipo de conceito que o público se apropria, passando a usá-lo como uma representação

---

[80] Fonte: ENGLER, Natalia. A Feira do Livro. In: *Todo branco é beneficiado pelo racismo.* Disponível em:<https://quatrocincoum.com.br/noticias/a-feira-do-livro/todo-branco-e-beneficiado-pelo racismo/>.Acesso em: 26 de ago. 2024

corrente" (Jung, 2016 p.19). A referida igreja em pesquisa, além de ecoar uma ideologia cristã colonizadora por meio de falas, músicas e expressões corporais, usam nome de personagem da *Bíblia* para reafirmar seus modos de agir frente à diversidade religiosa, principalmente a que tange às religiões de base africana, como o ministério[81] denominado *Desperta Déboras*[82] **(Vídeo 09, partes 01 e 02. Vídeo 12)**, grupo formado por 19 mulheres cuja líder é a Pastora Rosiane Lima, presidente da supracitada instituição religiosa. Essas mulheres têm como finalidade, de forma simbólica, interpolar e desterritorializar espaços religiosos que não comungam com os princípios pretensamente cristãos conforme o que a denominação neopentecostal executa.

Geralmente, esse grupo, que segundo a Pastora Rosiane Lima, é denominado como "são as guerreiras, mães de joelhos e filhos de pé, mulheres de oração, mulheres de valor, mulheres guerreiras, mulheres que estão prontas pra marchar junto com você **(Vídeo 09, parte 01.)**". Usam camisas camufladas, como as do exército, boinas, e marcham como se tivessem em um campo militar, trajam blusas onde a imagem estampada é de uma mulher guerreira ruiva, branca, vestida com armaduras de bronze e com uma espada na mão, lembrando fortemente a Joana D'Arc católica **(Vídeo 09, parte 02 e 03. Vídeo 12)**. No decorrer do culto, esse grupo de mulheres começam a cantar: "desfaz esse trabalho nessa marcha e desenterra o nome dele, o nome dela desfaz esse trabalho nessa marcha e desenterra o nome dele, o nome da família dela![83] **(Vídeo 09, parte 02)**". A música entoada em público foi direcionada para os indivíduos que depositam sua fé na seara religiosa de matriz africana, que detêm formas de pensar, crer e viver dissonantes em relação ao léxico basilar cristão bíblico. Nesse cenário, a marcha convoca toda a comunidade evangélica a integrar um "exército sagrado", com ideais salvíficos anuladores e repressores, e esse comportamento não se restringe a uma experiência palco-público. Como a firma a Antropóloga Sant´ana.

> as vozes entoadas pela multidão comunicam-se também com a sociedade e os céus. O alvo combatido é uma manifestação a ação do Demônio. O combate a esse mal não se dá apenas pela ação de um pastor mediador, mas conta com

---

[81] Agrupamento de pessoas as quais tem missão oficializada que se refere a um papel ou posição de liderança

[82] Débora foi uma juíza e profetisa de Israel, que liderou o povo na guerra contra o rei de Canaã. Ela convocou o povo para a batalha e profetizou sua vitória sobre um exército muito grande. Fonte: PERSONAGENS BÍBLICO, Bíblia. *A história de Débora na Bíblia.* Disponível em: <https://www.respostas.com.br/quem-foi-debora-na-biblia/>. Acesso em: 10 de set. 2024

[83] Vídeo postado no canal Youtube: Celebrai Music. Fonte: TERRA, Elisangela. *Travou-se a Batalha.* Disponível em:<https://youtu.be/B7PleXjOomM?si=-t7kPWk3IOsDH6yI>. Acesso: 8 de set. 2024

> a performance coletiva do público que se torna um verdadeiro "exército de Jesus" com suas armas de louvor e oração" (Sant´Ana, 2014, p. 221 e 222).

Sant´Ana (2014) destaca, ainda, que o alvo a ser combatido é manifestação material do Demônio. Nesse contexto, é válido citar que o Pastor Márcio Lima, fez duas lives em uma quarta-feira **(Vídeo 03, parte 01 e parte 02)**, afirmando que as Comunidades Tradicionais de Terreiro agiram contra sua igreja onde os fiéis dessas religiões pegaram nomes de membros da igreja para praticar o mal. Logo em seguida, convoca todos os fiéis, como também quaisquer pessoas do povo manauense que estejam: "revoltados contra Satanás, as obras do Diabo, vem pra cá para a igreja! **(Vídeo 03, parte 01)**".

Conforme afirmações do líder religioso, o Diabo é patrono do Candomblé, da Umbanda e de suas demais vertentes, sendo essas religiões culpadas por atrapalhar a vida do ser humano seja em sociedade ou de forma existencial: "[...] compartilhe essa live que é de muita importância, vem marchar, é hoje que vamos tomar Grande Vitória! Hoje, vamos tomar pose da Rua Carauari [...] esse bairro é nosso, esse bairro é nosso, esse bairro é nosso! Você que é de guerra, vem para cá guerrear conosco! [...] nós achamos uma obra de macumba quase na porta da igreja com farofa, pombo morto. [...] nós estamos aqui para guerrear. [...] Não tem macumba, não tem macumbeiro, não tem inveja, não tem olho grande, não tem nada disso que vai atrapalhar sua caminhada [...] o terreiro de macumba. Nós vamos guerrear para fechar isso, hoje! **(Vídeo 03, partes 01 e 02)**".

Nesse panorama, a frase "marchar na terra", para a comunidade neopentecostal, é agir como repressora comportamental religiosa, com objetivo de negação cultural e histórica do povo negro. Como expõe o antropólogo Wagner Gonçalves da Silva:

> o termo "ataque" no sentido de uma investida pública de um grupo religioso contra outro [...] é visto como sinônimo de "libertação". Faz parte, aliás, de um léxico "belicoso", no qual figuram outros termos como "batalha", "guerra santa", "soldado de Jesus" e outros, presentes no discurso neopentecostal que descreve suas ações contra o demônio e os sistemas religiosos dos grupos afro-brasileiros, o ataque possui significados de "intolerância religiosa", "preconceito", "discriminação" etc. (Silva, 2007, p. 230).

Em continuidade da análise etnográfica dos conteúdos midiáticos, necessária a esta pesquisa, durante uma sessão de culto relativo ao **(Vídeo 11, parte 02)**, o Pastor André da Carruagem entoa, com autoritarismo, palavras cantadas que incitam a comunidade religiosa presente, chamando-os a trilhar pelos caminhos do negacionismo contra as religiões afro-brasileiras. Nesse momento, o Pastor se mostra com a mão

direita levantada em forma de punho cerrado [84]e a comunidade de fiéis, obediente ao seu líder, fica também com as mãos levantadas do mesmo modo, em evidente sinal de orgulho por pertencer ao grupo que, segundo o Pastor Márcio, é: "povo abençoado, povo de Deus para combater as obras do Diabo, da macumba! **(Vídeo 03, partes 01 e 02)**". Logo, expressam um discurso perseguidor, supressor e aniquilador, em relação aos Povos-de-Santo. É válido frisar, nesse cenário, que o Pastor, um homem preto, descomedido e de cima do palco, com microfone na mão esquerda, começa a cantar impulsionando a comunidade evangélica, por meio do autoritarismo, a base de gritos convocando-os para guerrear contra as religiões que compõem sua própria ancestralidade, dizendo: "vamos lá! Um Deus está entrando no teu lar, dois a macumba ele vai quebrar, vai quebrar, vai quebrar, é agora hein é um, é dois é três quebra, quebra, quebra, quebra, pisa, pisa, pisa, o varão te convidou para poder marchar! **(Vídeo 11, parte 02)**".

Em seguida, assume o comando do restante do culto a Pastora Vanessa, mulher preta e que usa um véu branco durante toda a cerimônia religiosa. Começa a cantar, dizendo: "eu vim para profetizar, eu vim para lhe dizer que na cabeça da serpente vai acontecer, levanta a mão no alto na serpente vai pisar, agora joga no chão, pisa nela, pisa na serpente! **(Vídeo 11, parte 02)**". Em Manaus, a igreja em foco de pesquisa Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus, é uma dessas instituições religiosas de cerne cristão clama para si, o direito de estabelecer o que vem a ser a raiz do mal na sociedade, dessa forma devem ser pisoteados e negados, pois "a vitória sobre o demônio, identificado com a Umbanda e o Candomblé" (Rolim 1990, p.49). Para Monteiro (2020), a imposição desse modelo monoteísta cristão, embranquecido, erigiu um dos pilares religiosos brasileiros, sustentado por um fundamento colonial que, mais tarde, culminou no "ideal de ego" dos pentecostais e, por conseguinte, da sua mais nova vertente, o neopentecostalismo, para que pudesse haver estabilidade emocional e social. Como postula Neusa Souza, mulher preta, psiquiatra e escritora:

> [...] é preciso que haja um modelo a partir do qual o indivíduo possa se construir um modelo ideal, perfeito ou quase [...] esse modelo é o Ideal do Ego há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Ego coincide com o

[84] O punho cerrado ou punho erguido é um símbolo de solidariedade e apoio a causas relacionadas a conflitos sociais. Também é utilizado como uma saudação para expressar unidade, força, desafio ou orgulho de pertencer a um grupo social. Fonte: VIDICA, Leticia. *Punho cerrado: Entenda o significado deste símbolo de resistência* Disponível em:<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/punho-cerrado-entenda-o-significado-deste-simbolo-de-resistencia/> . Acesso em: 05 de set. 2024

> Ideal do Ego. No protestantismo, como consequência do colonialismo europeu, esse ideal de ego é Deus (branco) com quem todos devem buscar parecer (Souza, 1983, p. 33 – 34).

Em um dos vídeos analisados **(Vídeo 11, parte 02)**, é perceptível que os fiéis que se encontram presentes no momento de culto, sob o comando da Pastora Rosiane, que traja vestido azul e está posicionada no lado direito da rua, clamam pela negação e perseguição, começam a dançar, pular, a pisar e rodopiar (em movimentos claramente parecidos com as giras de Candomblé e Umbanda), de forma simbólica, demonstrando que são contra especificamente a africanidade brasileira.

Em outro frame do vídeo, aconteceu o culto de libertação realizado em uma sexta-feira 29 de março 2024 **(Vídeo 02, parte 01)**. Nessa ocasião, o Pastor Giovanny entoa, de forma cantada, falas carregadas com ausência de serem tolerantes as religiões afro-brasileiras e os fies fundamentalistas ajudam para a invisibilização da seara cultural africana praticada em solo manauara. Giovanny, junto com Pastor Márcio Lima que, nesse momento, estava com sorriso no rosto e ambos, sem pudor algum, começam a cantar: "[...] nós pregamos a palavra em qualquer lugar! Pode acreditar: somos instrumento vivo do Senhor Jeová [...] todo gigante que te afronta vai cair por terra! todo gigante que te afronta vai cair por terra! [...] chega de dizer que o macumbeiro vai morrer: eu profetizo que ele vai se converter, chega de dizer que sua vizinha vai morrer, eu profetizo que ela vai se converter! Ela pegou a tua roupa e colocou perfume agora teu marido tá morrendo de ciúme, pegou a tua roupa e jogou farofa agora teu marido tá envolvido no fofoca, pegou teu nome e botou dentro da alguidar agora teu marido tá querendo separar, não empreste sua roupa para aquela mulher!".

Durante o discorrer da música, o representante religioso profere palavras intolerantes e racistas, afirmando que (CTTro)[85] são responsáveis em fazer relacionamentos serem destruídos, que os Filhos de Santo executam mortes de indivíduos e causa transtornos emocionais. O sacerdote é um homem preto e, assim como ele, várias pessoas que compõe o templo neopentecostal também o são, fazendo parte, conforme Carneiro (2023) na categoria *Negro*. Mesmo assim, não se reconhecem sua afrodescendência e, automaticamente, acabam negando e atacando sua própria ancestralidade, traindo suas origens e sua composição sócio-histórica negra e indígena. A letra da música expressa pelas vozes desses fiéis é carregada por discurso de

[85] Comunidades Tradicionais de Terreiro

fundamentalismo, ódio, e racismo religioso. Tudo isso impulsionado, como postula a mestra em Ciências da Religião Angélica Tostes em sua coluna no jornal Carta Capital:

> [...] por correntes fundamentalistas presentes em partes significativas da igreja evangélica brasileira e setores católicos. O fundamentalismo religioso se pauta na chamada teologia do domínio, que surge nos anos 1970, nos Estados Unidos e que busca a reconstrução da teocracia, oferecendo uma cosmovisão cristã para a obtenção e manutenção do poder de evangélicos/as em esferas públicas. Está muito vinculado à ideia de "guerra espiritual", luta contra um inimigo que pode atuar em diversas áreas da vida e que deve ser aniquilado. (Tostes, 2023)[86].

O já referido Pastor, por meio da música, ao expressar que: "chega de dizer que o macumbeiro vai morrer", procura transmitir certa imagem de preocupação com seu semelhante, haja vista que admoesta os fiéis presentes na reunião para que não desejem a morte física de quem não veem como iguais, mas evoca sua morte simbólica por meio da aniquilação cultural e psicossocial. De modo simultâneo, expõe uma realidade reacionária,[87] bastante recorrente na seara neopentecostal, que invoca e viabiliza crimes de ódio motivados por intolerância religiosa, a exemplo dessa situação, o caso do Pai de Santo Rafael Medeiros que, segundo Severiano:

> [...] líderes religiosos afirmam que intolerância religiosa teria motivado o crime. Há mais de um ano a mãe do infrator que vitimou o Pai de Santo, que é evangélica neopentecostal, perseguia o Pai de Santo. Na véspera do crime, ela entrou no terreiro na Cidade Nova. Há indícios de intolerância religiosa. A condução do inquérito foi viciada, que não levou em conta todas essas situações. Há discriminação, porque é uma religião de preto e de macumbeiro, enfatizou o coordenador da Articulação Amazônica dos Povos Tradicionais de Matriz Africana do Amazonas (Aratrama-AM), Alberto Jorge)[88].

Destarte, quando o Pastor enuncia: "eu profetizo", a palavra é o fenômeno de domínio ideológico por excelência, como também o modo mais puro e sensível da relação social que sedimenta a dominação por meio da marginalização sociocultural e

---

[86] Fonte: TOSTES, Angelica. *O fundamentalismo e o racismo religioso matam! In*: *Diálogos da Fé*. Disponível em<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/o-fundamentalismo-e-o-racismo-religioso-matam/> Acesso em: 06 de set. 2024

[87] Fundamenta sua defesa em uma pretensa de que grupos humanos ou raciais seriam detentores de um privilégio benéfico para a sociedade, para a humanidade, uma vez que esse grupo privilegiado seria detentor da civilização, essa visão contribui para o fortalecimento que elegem um povo eleito que leva, ao racismo e da sabedoria nacional que leva ao nacionalismo. Vídeo postado no canal do Youtube: História em Gotas. *O que é reacionário? Reação - do Antigo Regime à Sociedade Contemporânea*. Fonte: DE ARAÚJO, Arão Inocêncio Alves. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=LgzV0kK4L08>. Acesso em: 05 de set. 2024

[88] Fonte: SEVERIANO, Adneison. *No AM, suspeito de matar pai de santo durante briga entre vizinhos é preso.* Disponível em:<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2014/07/no-am-suspeito-de-matar-pai-de-santo-durante-briga-entre-vizinhos-e-preso.html >. Acesso em: 05 de set. 2024

apagamento identitário. Para Bakhtin (2011), nenhum ato e discurso está isento de fatores ideológicos. Logo, toda palavra é constituída em uma arena de forças. Automaticamente, nessa esfera, o religioso neopentecostal coloca-se na posição de autoridade e combatente do mal que a Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus atesta às Comunidades Tradicionais de Terreiro, em Manaus.

> [...] para o círculo de Bakhtin todo sujeito representa um auditório social e, através dele, enuncia e preenche de entonação avaliativa a sua voz, portanto, busca um destinatário que aceite a sua ação. Esse sujeito é caracterizado como "segundo" dentro do contexto, aquele a quem se dirige e procura convencer com seus valores e crenças (Bakhtin, [2011] *apud* Petrus, 2021, p.600).

Desse modo, a IPBPD reverbera um discurso apagador para todos os filhos e filhas-de-santo que fazem parte do Candomblé, da Umbanda e suas variações que são cultuadas não só nas adjacências da rua onde está situada sua igreja, mas também de toda a Manaus. Munida com esta finalidade, ao cantarem: "ele vai se converter" é direcionada especialmente a essa classe sociorreligiosa, como expressa Fanon sobre corpo físico que contém o fenótipo do negro que sofre violências táteis, não minimizando ou invisibilizando a constituição corpórea. É necessário atentar para a corporeidade[89] negra, o corpo que carrega em suas marcas as memórias de uma ancestralidade que contém as heranças africanas o qual expressa uma cosmogonia diaspórica preta pelos exercícios de sua fé, visto que também é retratado pelo movimento hegemônico cristão neopentecostal, como "o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais... " (Fanon, 2008, p. 154). Desse modo a comunidade neopentecostal expressa não mais a morte física dos seguidores ou adeptos que exercem um diálogo com Sagrado diferente do seu.

Para a igreja neopentecostal em observação, é obrigatório o fato de que, para ser "salvo", esse sujeito tem que abandonar toda sua história, seu passado, suas vivencias que faz dele negro, seu devocional à espiritualidade preta que rege a filosofia da criação do universo, negar que é fruto de um país constituído por povos que foram sequestrados, por meio de tráfico humano, de suas terras natais para aqui não viver, mas sobreviver. Feito isso, estará apto a entrar no espaço da razão, do humano, do povo

---

[89] O corpo é o princípio e a condição estruturante da existência humana e o veículo do ser no mundo. Dessa forma ele não pode ser encarado somente sob o ponto de vista físico ou "coisificado", mas dentro de uma perspectiva mais ampla já que não estamos no mundo diante do nosso corpo; estamos no nosso corpo, ou melhor, nós somos o nosso corpo. (Ponty, [1994], p.101 *apud* Nuncio, 2017, p.29)

eleito que pertence ao santuário monoteísta da "verdadeira salvação", de nuances europeias e coloniais. Por essa razão, a utilização e simultânea denegação, por meio da demonização como mecanismo de silenciamento cultural e aniquilação psicossocial da pluralidade que compõem as práticas religiosas brasileiras, de elementos e preceitos rituais de ancestralidade africana nos cultos da IBBPD, assim como em toda a cosmogonia neopentecostal, configura um instigante objeto de análise para uma urgente e necessária pesquisa acerca desse contrassenso, em Manaus.

CAPÍTULO 3: CHUTA QUE É MACUMBA: APROPRIAÇÃO, RESSIGNIFICAÇÃO E PARADOXO

Para que seja possível efetuar uma análise apropriada ao escopo temático, como também fidedigna dos resultados obtidos por meio da pesquisa etnográfica de tela do universo amostral investigado, a Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus (IPBPD), é necessário enfatizar que, como referência doutrinária e operacional, o neopentecostalismo é caracterizado como uma perspectiva sagrada que aproveita amplamente os meios de comunicação de massa. Seu progresso transcorre em um ambiente social delineado por transformações significativas, na relação entre religião e mídia. Dessa forma, a referida instituição tem alcançado expressivo destaque no mercado religioso[90] manauara, uma vez que tem se mostrado bastante eficiente no uso das mídias sociais como suporte para a divulgação de seus cultos, cujo objetivo crucial é a captação de novos fiéis para o aumento de seu público-alvo. Visando alcançar esse intuito, não só utilizando as redes sociais, uma vez que, mesmo combatendo o

[90] Por meio de campanhas proféticas, vigílias, interligações com outras igrejas da cidade, do interior como Nova Olinda do Norte, Urucurituba ou de outros estados, como o Rio de Janeiro, realizações de encontros com Deus, onde fiéis adquirem sua participação pagando sua entrada no valor de R$100,00 (cem reais, valor correspondente ao ano da realização e análise da pesquisa) a IPBPD, junto com outra igreja evangélica ou sozinha, promove uma "aproximação" de seus adeptos com Deus judaico-cristão. Outro evento, com duração de 72 horas (03 dias), num espaço reservado que geralmente é um sítio, sendo esse momento promovido aos finais de semana, consiste em um retiro de jovens no valor de R$80,00 (oitenta reais) seguindo o mesmo sistema do encontro com Deus. O Pastor Marcio Lima também fica responsável por cuidar da agenda de turnê da Pastora Vanessa Crician, mais conhecida como "Vanessa do Véu", ocorrendo essa excursão em várias igrejas manauaras. O referido Pastor faz lives solicitando ajuda e colaboração para a construção do templo. Todo esse contexto serve de subsídios para a manutenção, renovação do primeiro andar e a construção predial do segundo andar da instituição religiosa.

Candomblé e a Encantaria[91], uma das vertentes da Umbanda praticada na maior parte da Amazônia Brasileira, a igreja em pesquisa efetua a apropriação de elementos rituais dessas religiões. Porém, os ressignificam por meio da atribuição de um novo sentido a eles, o que resulta na perda de seus significados primários, ancestrais, sendo empregados para a dinamização das práticas religiosas da supracitada congregação.

> em seu processo de transformação em religião universal, isto é, religião que se oferece para todos [...] certamente muitas igrejas neopentecostais têm crescido às custas das religiões afro-brasileiras [...] o ataque sem trégua ao candomblé e à umbanda e a seus deuses e entidades é constitutivo de sua própria identidade (Mariano, [1999] *apud* Prandi 2004, p. 227).

Nesse contexto, acumulando um total de 8.204 (oito mil duzentos e quatro) seguidores no âmbito do audiovisual, suas plataformas digitais, bem como a divulgação audiovisual do uso de elementos rituais das comunidades tradicionais de terreiro em seus cultos, têm se tornado recursos extremamente favoráveis para a referida instituição neopentecostal, como expressa o Pastor Marcio Lima: "a divulgação é a arma do negócio (**Vídeo, 15**)". Dessa forma, sua projeção e prospecção para ampliar seu contingente de adeptos tem se mostrado deveras eficiente, em meio à competitividade com instituições similares.

No espectro da ressignificação e denegação de componentes rituais de ancestralidade africana em suas práticas cerimoniais, bem como da divulgação audiovisual desse paradoxo, tais operações têm aberto espaços para a disseminação de manifestações explícitas de ódio, como também as implícitas, de violências religiosas por meio de suas interações sociais, haja vista que a igreja em análise faz uso de uma perspectiva a qual vigorosamente propaga um discurso anulador e teocrático. O direcionamento dessas ações visa ferir a liberdade de crença dos membros das Comunidades Tradicionais de Terreiro e, diante desse cenário, é válido conjecturar que o malogro da experiência colonial ainda reverbera, em Manaus, não só na IPBPD, mas em várias instituições similares, associado a expressões extirpadoras das religiões afro-brasileiras por meio da sua demonização, que implica numa atitude nefária, atribuindo,

---

[91] Pai Luís Tayandô, no documentário de Campos (2005) *A Descoberta da Amazônia pelos Turcos Encantados*, afirma que o Tambor de Mina é uma prática religiosa nascida e sedimentada nas terras do Grão-Pará, pois a história da própria Amazônia e a da Mina se fundem, não havendo diferenças significativas na compleição estrutural ou ritualística entre a Encantaria praticada no Norte (leia-se Amazônia Legal ou Brasileira, da qual o Maranhão, em nível biogeográfico, também faz parte) e a Mina em atividade no Nordeste ou em outras regiões do Brasil (Mar *et al*, 2024, p.148).

em todos seus cultos evangélicos a correspondência direta do que vem dessas religiões como algo negativo, pejorativo e execrável:

> [...] usualmente, tanto as formas manifestas quanto as formas ocultas de racismo são intencionais. As formas não intencionais de racismo ocorrem, muitas vezes, quando as complexas inter-relações entre as instituições da sociedade fazem com que os efeitos em longo prazo de uma prática institucional sejam negativos (Jones, 1973, p. 117).

Nesse contexto, há uma forma de classificação específica para Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus. Conforme Garcia (2002), instituições como essa podem pertencer à esfera da "religião revelada", em virtude de sua estrutura fundante ser orquestrada no testemunho de um indivíduo que assegura ter recebido uma mensagem ou revelação da Divindade. Esta concepção possui, como natureza fundamental, a sagrada escritura que é reputada uma manifestação da verdade universal de Deus. Logo, "é muito comum que [...] tenha [...], em maior ou menor grau, um conjunto de escritos aceitos como sagrados" (Garcia, 2015, p.30). Desse modo, é estabelecida a construção de uma teologia exclusivista, sectária e racista, fazendo das religiões de matriz africana, bem como de suas práticas elementares e seus participantes, "vítimas de um regime baseado [...] no desprezo de uma parte da humanidade por uma civilização tida como superior" (Fanon, 2008, p. 185), que expressa e exerce um "discurso totalizador" (Boff, 1981, p.150) que rejeita, violenta principalmente o segmento negro impelindo-o a um deslocamento da sua existência enquanto humano, anulando massivamente sua negritude[92] e classificando-o como "primitivo [...] um meio-homem" (Fanon, 2008 p.119).

Durante a observação desse panorama, foi possível ouvir diversas falas da IPBPD que manifestam discursos de ódio sobre os adeptos, os filhos(as) do Candomblé e Umbanda, bem como de suas vertentes: merecem levar várias investidas violentas pelo fato de exercitarem suas práticas religiosas como sinal de pertencimento a uma ancestralidade particularmente (preta), assim como pela alegação de que não fazem parte do segmento cristão. Para os neopentecostais que vivem na terra do sol (Manaus),

---

[92] O significado do termo "negritude" segue a esteira da valorização e do empoderamento do ser negro. "O termo negritude apareceu com esse nome, pela primeira vez, em 1939 escrito pelo antilhano Césaire [...] definiu a negritude em três aspectos: identidade, fidelidade e solidariedade. A identidade consiste em ter orgulho da condição racial, expressando-se, por exemplo, na atitude de proferir com altivez: sou negro! A fidelidade é a relação de vínculo indelével com a terra-mãe, com a herança ancestral africana. A solidariedade é o sentimento que une, involuntariamente, todos os "irmãos de cor" do mundo; é o sentimento de solidariedade e de preservação de uma identidade comum" (Domingues, 2005, p. 5 e 6).

e para diversos outros que fazem parte do mencionado fenômeno religioso em todo o Brasil, as Comunidades Tradicionais de Terreiro são tidas como falsas e enganadoras, sendo continuamente massacradas, marginalizadas e invisibilizadas, onde seus seguidores são considerados "inimigos de Deus". Por essa razão, segundo os Pastores da IPBPD, é necessário "marchar contra a macumba, quebrar a macumba e pisar nela" (fala contida e referendado no capítulo anterior). Dessa maneira, é regularmente difundido que "as [...] religiões reveladas são as religiões 'do livro', originadas a partir da fé de Abraão [...] (Judaísmo [...] Cristianismo), são as verdadeiras, e "as outras" crenças e religiões é que são [...] negativas" (Garcia [2002] *apud* Garcia 2015, p. 30 – 41).

A base desse sistema, ainda de acordo com o autor (2002), pode ser denominada de transmissão direta ou relação (Pastor – comunidade ou fiel). Essa classificação é definida como um treinamento espiritual à iluminação, cuja pretensão da instituição religiosa neopentecostal em análise, por meio de atitudes prosélitas e racistas as quais de forma sutil, ou explicita, mas com intuito de evangelizar (colonizar) o contingente social, é salvar fiéis de "demônios das garras do Diabo e da Macumba", anulando repetitivamente sua fé nas religiões afro-brasileiras, tidas pelo neopentecostalismo como "pagãs" e "nefastas". Uma vez que isso ocorre, o indivíduo convertido deve aceitar a imposição de suas convicções ideológicas para viver sob à luz da razão, na normalidade e na esfera do Ser, pois passará a seguir a verdadeira religião:

> [...] negar sua identidade, sua negritude, sua ancestralidade, e [...] vezes deliberadamente sua cor, para conseguir se ver como parte de uma religião que o aceite totalmente. Prevalecem [...] contornos europeus, universais, hegemônicos, totalitários e violentos, tendo a razão moderna como expressão da negação de toda e qualquer alteridade, seja pela fé ou pela força [...] vitimando homens negros e mulheres negras e jovens negros [...] (Pacheco, [2019] *apud* Duarte 2019, p. 1 e 4).

Em relação a essa tecitura de recusar sua credulidade para se moldar a uma óptica religiosa monoteísta, de raízes brancas, para que, então, o ser humano possa ser aceito nela e posteriormente em seu nicho social uma vez que, fora desse segmento, religioso o cidadão é visto e classificado pela IPBPD assim como por toda essa corrente cristã neopentecostal, como pecador, ímpio e adorador do diabo em direção ao inferno, do qual jamais terá salvação enquanto cultuar e fazer parte de religiões as quais não fazem parte da circunscrição do cristianismo, segundo o filosofo Gideon de Alencar postula uma afirmação inquietante e profunda: "[...] podemos contextualizar valores

culturais judaicos, anglo-saxônicos, norte-americanos, mas não de africanos, indígenas [...]" Alencar (2005, p. 83**)**. Na visão do autor, esse processo reverbera o racismo estrutural que, segundo Almeida (2019), é a discriminação arraigada nas estruturas das instituições, sejam elas religiosas ou não, na política e práticas sociais, favorecendo certos grupos raciais e religiosos em detrimento de outros. O sentido pejorativo imputado às práticas rituais, onde culturas e religiões não ocidentais foram sistematicamente rotuladas como proscritas, em particular as de base africana cultuadas no Brasil, não sendo diferente em Manaus, as priva de reconhecimento no espaço público, privativo e cultural, ao contrário de valores e elementos das tradições judaico-cristãos, anglo-saxônicos e europeus, que são extensamente aceitos e celebrados.

Os discursos teológicos[93] e comportamentais da instituição evangélica em pesquisa estão na esteira do biopoder. Uma vez que, regularmente, executa por meio de suas preleções, poder ao influir na vida dos seus membros e consequentemente da sociedade manauara por meio de seus cultos e lives partilhados nas redes sociais, práticas litúrgicas cristãs cujo objetivo é forjar hábitos, costumes e valores, que, propositalmente, anulam a legitimidade da ancestralidade negra presente em vários de seus componentes cerimoniais. De acordo com Souza (1983), vêm de um arquétipo branco de salvação, os preceitos regimentalmente estabelecidos na Sagrada Escritura. Essa é uma demonstração clara do biopoder, também evidente no exercício da cura divina e na libertação onde o intuito da igreja, é só um: catequisar, converter e organizar a coletividade de corpos sociais, de acordo com os preceitos e visão religiosa do cristianismo neopentecostal. Mas, para isso, é necessário, de imediato, invisibilizar, tornar o fiel apático a toda herança ancestral e cosmovisão que integram as comunidades tradicionais de terreiro, para que sejam beneficiados princípios religiosos e normas de perfil eurocêntrico, colonialista, que atuam como diretrizes de conduta. Isso reflete um movimento em direção a "fazer viver", ao promover vidas "saudáveis" e espiritualmente "santas", enquanto as práticas e crenças que não se alinham com os

[93] Refiro-me às reflexões e argumentos aniquiladores dos aspectos afro-brasileiros apropriados por instituições neopentecostais, como a aqui pesquisada, que são desenvolvidos com base na interpretação ambígua e tendenciosa dos textos sagrados para os cristãos, de sua tradição religiosa e experiências de fé. A Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus busca legitimar comunicando a crença, doutrina de acordo com a Bíblia Cristã, abordando questões fundamentais sobre a existência de Deus, a natureza da fé, a moralidade, a salvação e a vida após a morte.

valores proclamados cristãos pelo neopentecostalismo são "deixadas a morrer", não sendo ativamente reconhecidas ou ao menos toleradas.

> [...] o biopoder aparece quando a possibilidade[...]de organizar a vida[...]a tecnologia do biopoder, com essa tecnologia do poder sobre a "população" enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo. A soberania fazia morrer e deixava viver. E eis que agora aparece um poder[...]de regulamentação e que[...]em fazer viver e em deixar morrer. Portanto, estamos num poder que se incumbiu tanto do corpo quanta da vida, ou que se incumbiu, se vocês preferirem, da vida em geral, com o polo do corpo e o polo da população. (Foucault, 2005, p. 294, 302 e 303).

Ainda de acordo com Foucault (2005), pode-se dizer que esse poder é um modo de cálculo sobre a vida, haja vista que implica a forma de viver das pessoas, o corpo do sujeito, a maneira como os indivíduos se estabelecem nas suas famílias, como se vestem etc. Como toda estimativa sobre a vida, vai de encontro à subjetividade do ser social, importando como os seres humanos pensam e sentem e, em particular, como o indivíduo vai organizar seu sistema de crenças da qual a africanidade é base. A IPBPD, apesar de criar um nexo causal e usar elementos ritualísticos destas religiões para impulsionar seus cultos, ao mesmo tempo, efetiva a experiência de incansáveis investidas de repelir o Candomblé, a Umbanda e suas vertentes, particularmente a Encantaria Amazônica, por intermédio do biopoder, para enaltecer seu credo religioso judaico-cristão. Nesse sentido, a prática mais usual em seus discursos e práticas da instituição religiosa em análise reside na categorização depreciativa dos cultos afro-brasileiros, atribuindo-lhes condição de crenças e cultos nocivos à salvação espiritual, pois o intuito dessa perseguição é destruir simbolicamente tudo acerca dessas manifestações religiosas, disfarçando a apropriação de componentes rituais dessa origem e provocando o crescimento do neofacismo-social[94], na tentativa de silenciar a democracia de vozes e práticas as quais não pertencem a hegemonia cristão, logo, do neopentecostalismo e moldar ritos milenares. Nesse âmbito, Araújo destaca:

---

[94] Forma contemporânea que busca reviver as ideias e práticas dos regimes fascistas históricos. Pode se manifestar em [...] em grupos violentos que promovem a intolerância racial ou religiosa. As consequências do neofascismo incluem o aumento da violência racial ou religiosa, a repressão dos direitos civis [...] além da ameaça à estabilidade democrática. Algumas características dos discursos ou comportamentos fascistas incluem a defesa da demonização de grupos minoritários [...] a rejeição da diversidade cultural ou religiosa, o culto à liderança carismática [...] crença na superioridade da cultura dominante [...] a intolerância em relação às minorias étnicas, religiosas ou sexuais Fonte: SALOMÃO. *Fascismo: Significado, Origem e Impacto na Sociedade Moderna.* Disponível em:<Fascismo: Significado, Origem e Impacto na Sociedade Moderna. significado.app>. Acesso em: 13 de dez.2024

> o dispositivo de racialidade/biopoder produz os interditos sobre [...] as religiões de matriz africana enquadrando as mesmas como práticas religiosas residuais, primitivas e cuja normalidade deve ser controlada e vigiada pelos aparelhos de disciplinamento e controle da sociedade e do Estado brasileiro, fundamentando a falta de reconhecimento [...] e incapacidade desses sujeitos de tornarem-se titulares do direito à liberdade religiosa (Araújo, 2007, p.35).

Para uma compreensão mais pontual do domínio, do exercício de poder por meio da fé, é fundamental levar em conta que este engendra a negação de toda organização de crença do Candomblé, Umbanda e suas ramificações por não possuírem grau de convergência com os preceitos basilares do livro sacro que os regem, como discursa o Pastor Márcio Lima durante uma da lives realizadas: "povo abençoado povo de Deus [...] O diabo não quer ver ninguém de pé [...] o diabo trabalha pra destruir a igreja [...] estamos marchando no meio da rua, quero convidar você pra marchar [...] o diabo tá doido, varrido porque a igreja do Senhor não para [...] vamos tomar Carauari [...] você que não aceita perder pro diabo, você que é de guerra vem pra cá [...] compartilhe aí, vai compartilhando mete o dedo e compartilha, divulga essa live [...] vem pra cá, quebrar as obras do diabo, hoje a macumba vai cair por terra [...] a obra do diabo de macumba, ei esse macumbeiros tão dormindo? Tão não! Eles estão aí trabalhando e crente dormindo, vem guerrear" **(Vídeo 03, Parte 01)**.

Dessa forma o cristianismo, bem como o neopentecostalismo tendo o respaldo do Estado, tal como não só de parte relevante da elite social, mas da massa de indivíduos que nela residem, amiudamente possui vantagens de maior legitimidade e poder, enquanto outras religiões, em particular o Candomblé, Umbanda e seus adeptos, enfrentam marginalização, invisibilização e perseguição. Então, o biopoder, além de exercer a intolerância religiosa, perpetua o racismo nas práticas da sociedade.

A exemplo dessa conjuntura, Pestana (2023)[95], expõe o episódio que um dos vereadores da CMM[96], após comemorar, junto a líderes das CTTro[97], aprovação do *13º Festival Afro-Amazônico de Yemanjá – Exu Abrindo Nossos Caminhos*, que aconteceu em 29 de dezembro de 2023 na praia Ponta Negra, perímetro urbano que compreende parte da orla fluvial da metrópole manauara. Diversas críticas foram declaradas ao funcionário público que por conseguinte os alvos principais foram atingidos que são os

---

[95] Fonte: PESTANA, Ana. *Vereador desperta racismo religioso por apoio à festa de Yemanjá em Manaus.* Disponível em:< https://agenciacenarium.com.br/vereador-desperta-racismo-religioso-por-apoio-a-festa-de-yemanja-em-manaus/>. Acesso em: 28 de out.2024.
[96] Câmara Municipal de Manaus.
[97] Comunidades Tradicionais de Terreiro.

filhos e filhas de santo. Uma dessas condenações, internautas afirmaram com veemência que ambos "iriam para o inferno" somente por suas práticas não condizerem com o cerne cristão.

Ainda de acordo com Pestana (2023), foi deferida, na CMM, a Lei 3.238, de autoria do vereador Raiff Matos[98], integrante da bancada evangélica amazonense, que assegurava somente o "Réveillon Gospel" no espaço manauara. Segundo o parlamentar, a atividade traria benefícios apenas aos artistas locais do segmento evangélico que promovessem a festa cristã. A lei foi sancionada pelo então reeleito prefeito da capital, David Almeida[99] que, assim como o parlamentar, também declara em todos os lugares ser cristão e pertencer ao referido segmento do citado vereador.

Consoante com a matéria jornalística produzida por Pestana (2023), diferente das celebrações associadas às religiões de base africana, o "Réveillon Gospel" não provocou nenhum ódio, aversão ou indignação, na população manauense. Este fato sinaliza, de forma latente, traços de racismo religioso, cuja definição, conforme a cartilha *Terreiros em Luta* (2022), inclui não só atos de violência que manifestam preconceito e hostilidade em relação às culturas e tradições afro-brasileiras, mas também a adoção de posturas seletivas em relação à diversidade religiosa brasileira. Conforme a advogada Luciana Santos, em uma entrevista à supracitada jornalista:

> o racismo religioso, também chamado de intolerância religiosa, pode ser encontrado em discursos de ódio referente a práticas religiosas, mesmo que a vítima não seja praticante da crença em questão. O discurso de ódio contra o vereador [...] é em função [...] que ele [...] está defendendo o direito de crença e culto de um segmento religioso que é vítima de racismo religioso. E eu uso racismo e não intolerância [..] porque os ataques às religiões afro são fruto do racismo" (Pestana, 2023)[100].

Nessa esfera, a relação de poder entre o neopentecostalismo e as outras religiões é marcada pela empáfia desse fenômeno em enunciar, de modo a sobrepujar as demais

---

[98] Defensor da bandeira da família, da vida e dos valores cristãos. Cristão evangélico, membro da Nova Igreja Batista. É assumidamente um representante dos eleitores conservadores e direita em Manaus, [...] contra a visão progressista da sociedade. Fonte: CÂMARA Municipal de Manaus. Disponível em:<https://www.cmm.am.gov.br/vereadores/raiff-matos/>. Acesso em: 28 de out.2024. Antes de ser vereador, Raiff Matos foi um dos cantores de toadas de boi Mas há oito anos isso mudou e hoje só segue o que a Bíblia manda, e decidiu se dedicar somente a Deus. Fonte: JORNAL do Comércio. *"Eu decidi me dedicar somente a Deus".* Disponível em:<https://www.jcam.com.br/noticias/eu-decidi-me-dedicar-somente-a-deus/>. Acesso em: 28 de out.2024.

[99] Membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Fonte: WIKIPÉDIA, Enciclopédia Livre. Disponível em:< David Almeida – Wikipédia, a enciclopédia livre>. Acesso em: 28 de out.2024.

[100] Fonte: PESTANA, Ana. *Vereador desperta racismo religioso por apoio à festa de Yemanjá em Manaus.* Disponível em:<https://agenciacenarium.com.br/vereador-desperta-racismo-religioso-por-apoio-a-festa-de-yemanja-em-manaus/>. Acesso em: 28 de out.2024

religiões, sobretudo as de nossos antepassados que foram sequestrados do Continente Africano, cruzaram o atlântico e em terras estranhas, desenvolveram sua cultura com base na fusão com as que já existiam antes do colonizador instalar, por meio da dominação discursiva, material e bélica, o cristianismo e catequizar grande parte dos povos originários que aqui viviam. Com base no estudo de Foucault, na extensão de toda sociedade "a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes [...] dominar seu acontecimento [...] sua materialidade" (Foucault, 1999, p. 08). Trazendo as conjecturas teóricas do autor para o foco dessa pesquisa, vale ressaltar que discursos exteriorizados por Pastores, pela membresia que compõe a IPBPD, não chegam nem próximos de pertencer a um elemento neutro ou desinteressado. Pelo contrário: fazem ligação com o poder e desejo, já que estes contam com formas de controlar, selecionar, organizar e redistribuir sua aparição.

Os Pastores da referida congregação utilizam ao longo de seus cultos vários discursos e termos belicosos, incitando a comunidade de fiéis, assim como também a sociedade manauara, a pelear contra o Diabo/Satanás que associam automaticamente às CTTro[101], como: "quebrar a macumba, pisa na macumba, a macumba vai cair por terra. O que vai fechar, nesse bairro vai ser o centro de macumba, vai ficar só igreja. A Pombagira vai ter que bater de retirada, o macumbeiro vai ter que entender que a obra de macumba não é mais poderosa!" (trecho discursivo contido no capítulo anterior) e tantos outros discursos que fere a laicidade, sendo possível ouvi-los por meio dos recursos audiovisuais que foram observados e descritos durante a análise etnográfica de tela. Tais falas expressam a repulsa da instituição em análise com as práticas rituais de terreiro, sendo denominada em outros vídeos coletados, como "obras do Diabo e de Satanás" (trecho também integrante do capítulo anterior). Diante dessas e de outras situações nada amistosas com o povo-de-santo, é válida a inferência de que tais termos certamente convergem com um preconceituoso dito popular: "chuta que é macumba!". Em geral, o que se observa não são novas discriminações, mas novos mecanismos de implementação de violências históricas que tradicionalmente tensionam um já ilusório ideal democrático, na sociedade brasileira e, consequentemente, na manauense.

> a expressão "chuta que macumba" é utilizada, de forma hostil e agressiva, para identificar e definir aquilo que não se enquadra nos moldes religiosos

[101] Comunidades Tradicionais de Terreiro

> estabelecidos. [...] o preconceito e a intolerância ganham nitidez, sendo questões vivenciadas e enfrentadas pelas religiões afrodescendentes e seus seguidores cotidianamente (De Oliveira Peres *et al*, 2023, p. 04).

No âmbito da violência simbólica discursiva, as expressões verbais proclamadas pela Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus, segundo Foucault (1999), são selecionadas e redistribuídas, evocando poderes para uma espécie de escárnio que culminam em atos violentos e criminosos. Embora o Estado seja laico, constituindo uma coletividade religiosa cuja consciência e práticas são garantidas constitucionalmente, não conseguiu livrar-se do racismo que duela com a liberdade de crença de seu povo. Logo, tais discursos e falas configuram-se em uma forma de descaracterizar o sagrado do outro, invalidando sua crença por meio do biopoder, o que assegura veementemente a manifestação do racismo.

> [...] no sistema de biopoder, se tende [...] à vitória sobre os adversários [...] à eliminação do perigo e ao fortalecimento, diretamente ligado a essa eliminação. [...] o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade. [...] Quando tem uma sociedade de normalização, quando tem um poder que é, ao menos em toda a sua superfície e em primeira instância, em primeira linha, um biopoder, pois bem o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo. (Foucault, 2005, p. 306).

Sob esse prisma, é coerente afirmar que a sociedade brasileira é erigida sob o crivo da invasão dos territórios de povos originários, do tráfico negreiro, do abuso de poder, violência, coerção e estupro durante o processo da miscigenação forçada. Em decorrência dessa situação fatídica, cuja negação da existência é impossível, pois "[...] todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e indígenas supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou [...]" (Ribeiro, 2014, p.131).

Da perspectiva do modo observacional antropológico do simbólico e econômico desse cenário, essa mistura, sem dúvida alguma, provocou a fusão de hábitos, costumes, expressões, crenças, arte, sonoridades, sendo vista essa miscelânia como grande diferencial para a maioria dos indivíduos que nessas terras aqui vivem. De forma pontual, é verdade também que essa mistura por outro lado se torna particularidade de uma nação e povo que foram colonizados pela base do neopentecostalismo, o cristianismo atuou nesse processo de forma exploratória e vil.

Indubitavelmente, é válida a inferência de que, quanto a essa compreensão, os aparelhos colonialistas, em suas violências reais e simbólicas, culminaram também para

o processo de sincretismo, já que a diáspora, mesmo que concretizada por meio de invasão, tráfico e escravização, é a mãe desse fenômeno. Essa aglutinação religiosa teve origem no fato de que os escravizados, nativos ou traficados, foram subalternizados, obrigados em sobreviver fora de sua negritude, sem liberdades e invisibilizados. Como intuito de tentar aplacar sua dor, eram obrigados a enxergar "nas divindades estranhas a encarnação de uma força que lhes parecia poderosa" (Valente, 1955, p. 45).

Apesar de estarem submetidos a uma situação compulsória de violência, ainda assim, tinham que pedir ao "[...] Deus do seu senhor que abrandasse a sua cólera[...]" (Valente, 1955, p. 46). Sobre seus corpos, bem como nas suas crenças, hábitos e costumes, pesavam a profanação e violação, em diversos níveis, pelo seu senhoril.

Diante de tantas atrocidades físicas, simbólicas e do conflito existencial que, para a psicologia contemporânea, pode desencadear a "depressão"[102] e, os povos de África para o Brasil traficados e aqui escravizados foram sujeitados ao paradoxo de suplicar a misericórdia de uma divindade que, em toda sua constituição de glória e esplendor, não corresponde ao seu fenótipo negro, não fazendo parte de sua ancestralidade ou da cosmovisão preta. Em resposta, adaptaram suas práticas religiosas, encontraram resistência na não expressão direta de sua fé entre conjuntos de "santos", de uma religião em que todo seu ethos contém a mesma cor branca de seu abusador, estuprador, aniquilador e perseguidor. A oposição velada a esses símbolos é vista de forma a preservar sua identidade e dignidade diante do domínio do cristianismo. Assim, também, manifestou-se sincretismo religioso "sob o signo do compromisso defensivo, sujeitava-se à aliança invasora da religião dominante, desde que se permitisse uma certa tolerância cultural" (Canevacci, 1996, p.16).

---

[102] Santana (2020) postula que a literatura histórica relata que inúmeros negros escravizados adoeciam e morriam de *banzo*, descrito na época como uma melancolia profunda, que na contemporaneidade esse sentimento pode ser denominado de depressão. O advogado Luiz Oliveira Mendes teria sido um dos pioneiros no registro ortográfico da palavra, escrevendo para a Real Academia das Ciências de Lisboa, "das doenças crônicas, uma, e das principais moléstias que sofrem os escravos, a qual pelo decurso do tempo os leva à sepultura, vem a ser *banzo*. Ressentimento entranhado por qualquer princípio, como por exemplo: a saudade dos seus, e de sua pátria; o amor devido a alguém; a cogitação profunda sobre a perda da liberdade; a meditação continuada da aspereza com os tratam; ou o mesmo mau trato, que suportam; e tudo aquilo que pode melancolizar" (Mendes, [1793] *apud* Santana, 2020) Fonte: SANTANA, Eder da Silva. O banzo e a "depressão" dos negros escravizados. Disponível em:<https:// www.imparcial.com.br/noticias/-o-banzo-e-a-depressao-dos-negros-escravizados,39810#:~ :text=A% 20literatura%20especializada%20refere%2Dse,atuais%20poder%C3%ADamos%20chamar%20de%20depress%C3%A3o>. Acesso em: 02 de nov. 2024.

Ainda em relação ao sincretismo, é válido conceituá-lo de forma mais detalhada para que, no decorrer da análise, seja possível entender a dicotomia entre o mencionado fenômeno e mais dois processos, que são a apropriação e a ressignificação. William (2019) destaca que ambas fazem a depuração, mudam sentidos, visto que esvaziar de significado, "é a lógica' da apropriação cultural. Ocorre que essa lógica só se aplica às culturas negra, indígena e outras que sejam, de algum modo, inferiorizadas" (William, 2019, p. 30) e negadas, sendo a efetivação desse processo constatável nas práticas litúrgicas da Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus (PBPD).

Conforme as ponderações de Ferreti (2013), o cenário histórico varia na aplicação do conceito de sincretismo que, dependendo da situação histórica, social e cultural, pode ser concretizada e denominada como uma "junção harmoniosa" (Ferreti, 2013, p. 99). Mas, no contexto, em que essa pesquisa é feita e analisada, não há como ser de forma idílica, um processo harmonioso, visto que o sincretismo no Brasil, não sendo diferente em Manaus, sendo resultado de um decurso violento de colonização, apropriação que aconteceu por meio de tráfico humano, de abusos diversos, foi colocado em prática para que os povos africanos aqui escravizados e que para não perdessem a ancestralidade, a identidade sociocultural da sua terra, o que se configurou em forma providencial de manutenção identitária. Por essa razão, foram obrigados a sincretizar suas crenças e divindades com a fé branca e eurocêntrica do seu colonizador.

> o sincretismo [...] a principal característica é a luta pelo [...] esforço empreendido no sentido de conseguir uma posição que se ajuste à ideia que o grupo tem de sua cultura [...] se caracteriza fundamentalmente por uma intermistura de elementos culturais [...] abrange, no seu desenvolvimento como processo de interação cultural, e na sua função de prevenir, reduzir a situação de conflito religioso (Valente, 1955, p. 41, 42, 43 e 45).

Nesse contexto, o sincretismo tentou conciliar crenças divergentes sem, no entanto, perder os elementos culturais originais que passam a figurar, por meio de ampla diversidade, nesta mistura a identidade, entre os significados da cultura dominada que continuam a existir, assumindo, também, uma nova roupagem sem descaracterizar e anular a sua própria. Por não exercerem o mínimo de poder sobre seus corpos e identificação identitária, sendo os escravizados relegados a abusos de todas as formas, o sincretismo religioso foi um recurso significativo de preservação e readaptação de sua fé, a exemplo dessa questão:

> Oxum, orixá responsável pela fecundação, zeladora das criancinhas e senhora das águas interiores, no sincretismo, é representada por Nossa Senhora da Conceição Aparecida, padroeira do Brasil; Iemanjá, a mãe dos orixás e orixá

> da criação, educação, vida em família, senhora dos mares e oceanos, no sincretismo religioso é representada por Nossa Senhora dos Navegantes; Iansã, a orixá guerreira, senhora dos ventos e das tempestades, no sincretismo assume a representação de Santa Bárbara; Ogum, senhor da guerra, responsável pelo desenvolvimento tecnológico, irmão mais velho de Exu, no sincretismo representa São Jorge (Santos, 2011, p. 25).

Em síntese, é possível verificar que o processo sincrético ocorreu por condição de sobrevivência, por meio de sucessivas opressões e aviltamentos. As CTTro[103] adequaram seus costumes religiosos para se protegerem quando a concepção religiosa teocrática, dominante de crença em arquétipo salvífico branco, tentou demasiadamente impor seus preceitos cristãos a uma cultura que é considerada ominosa para uma perspectiva que historicamente se coloca como o Ser, a Sacra e unicamente verdadeira. Com isso, os povos pertencentes às religiões de matriz africana mantiveram viva sua identidade espiritual, práticas rituais e elementares, apesar da dominação, apropriação de seus corpos e das tentativas de erradicação de suas tradições pelos colonizadores cristãos.

A partir da abordagem do conceito de sincretismo em nível sócio-histórico, é necessário compreender a apropriação como um processo de dominação, anulação, opressão e tantos outros termos correlatos que resultam unicamente em tecnologias de poder presente na esfera religiosa. Como destaca Wiliam (2019), não há como abordar o tema sem levar em conta que o processo de apropriação, visto que é uma das maneiras pelas quais o racismo estrutural e sistêmico, consegue obter materialidade na sociedade. Com isso, constroem-se condições para que o desenvolvimento cultural e simbólico de grupos históricos que são “racialmente identificados” (Almeida, 2022, p. 34) sejam sistematicamente invisibilizados, violentados e, por conseguinte, tendo suas práticas elementares e rituais invalidadas. Dessa forma, ao contrário do conceito de sincretismo, o fenômeno de apropriação é:

> violência simbólica exercida de forma sutil ou explícita [...] pela cultura dominante [...] um mecanismo de opressão por meio do qual um grupo dominante se apodera de uma cultura inferiorizada, esvaziando de significados suas produções, costumes, tradições e demais elementos [..] as estratégias de dominação são inerentes à apropriação cultural e visam apagar a potência desses grupos [...] todas as suas produções, como forma de promover seu aniquilamento. Portanto, escamotear os traços negros e indígenas das tradições culturais brasileiras é o mesmo que roubar a humanidade desses povos e impulsionar seu genocídio. É uma violência, um crime (William, 2019, p. 33,34,37,38).

---

[103] Comunidades Tradicionais de Terreiro

Conforme a conceituação de apropriação por William (2019) esta perspectiva encontra, sem hesitação, abrigo nas práticas litúrgicas e discursos contínuos da Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus. Ainda de acordo com o autor (2019), visto que, seja qual for o processo alusivo à apropriação, implica, inevitavelmente, uma relação desproporcional entre dessemelhantes culturas. A igreja em análise, além de ser disseminadora regular da concepção neopentecostal e, por esse motivo, constitui sua estrutura basilar como uma vertente do pentecostalismo, cuja base lexical e de fé têm raízes judaico-cristã[104], europeia e estadunidense[105]. Sendo assim, toda essa conjuntura está no campo da religião hegemônica, eurocêntrica, teocrática e exclusivista, que obtém pra sim o controle territorial, cultural e político, apoderando-se da coletividade religiosa subalterna que a própria crença dominante coloca nesse lugar de subjugo, em razão do colonialismo e por praticarem um pesado fundamentalismo religioso que pode ser denominado como:

> [...] um modo de ser, de pensar e de agir, que resulta de uma crença e de uma adesão incondicionais a uma doutrina religiosa [...] judaica [...] cristã, considerando-a como a única detentora do Bem e da Verdade. E em virtude dessa atitude radical, os fundamentalistas religiosos tratam como inimigas todas as outras religiões e pessoas, que não comunguem com suas crenças, nem com seus ideais, tanto religiosos como políticos (Rocha, 2014, p. 3 – 4).

Rocha (2014) destaca que esses indivíduos ou grupos creem desfrutar de uma superioridade espiritual e moral em relação aos outros, principalmente no que é relativo às suas práticas religiosas. Dentre esses exercícios de fé, o fundamentalismo religioso inegavelmente focaliza sua direção às religiões de matriz africana e aos seus elementos rituais. Como exemplo desse contexto, conforme expressa o Pastor Marcio Lima, durante uma live: “Mas eu ainda tenho um povo homens e mulheres que não fugiram da verdade que ainda prega sobre o concerto de Deus [...] vai ficar ruim pro Diabo [...] Não

---

[104] O Cristianismo nasce como uma vertente do Judaísmo. Porém, torna-se um sistema eclesial independente do Judaísmo depois da destruição do templo de Jerusalém pelos romanos (ano 77 d.C.). O Cristo se encarna completamente na cultura e religião judaicas, adotando seus ritos e costumes. Em próprios escritos sagrados, Jesus afirma que não veio para abolir a Torá e os Profetas, mas para lhes dar cumprimento total (Mt 5,17). Tanto que se adota o batismo de João, participa-se de festas tradicionais, bem como apoia sua pregação em Davi, nos Patriarcas e nos Profetas de Israel (Garcia, 2015, p. 32)

[105] Segundo Picolloto (2016), o pentecostalismo tem seu limiar nos Estados Unidos em 1905 por Charles Parham William, homem cis e branco, sendo fiel simpatizante da segregação racial. Essa perspectiva religiosa colonizou ao Brasil por meio de pastores estadunidense e europeus. Tanto em sua vertente americana e sueca, controlou o modo de expressão de fé do brasileiro. Do pentecostalismo americano foi difundido na nação, a glossolalia, crença na presença do Espírito Santo, a teologia da prosperidade. Já do europeu teve origem o pietismo, o apego aos valores da modéstia e intimidade.

tem macumba, não tem macumbeiro que vai atrapalhar sua caminhada **(Vídeo 03 e Vídeo 16, partes 01 e 02)**". O "concerto" que o sacerdote sugere configura-se sentido de repreender e negar ações daqueles indivíduos e crenças que, segundo a visão do Cristianismo Canônico e, por conseguinte, do neopentecostalismo, necessitam de correção. No caso Umbanda e do Candomblé, isso ocorre por essas divergirem da "verdade celestial" e universalizada de sua deidade, cujo arquétipo pertence unicamente à paleta de cor branca sendo sinônimo de retidão, salvação e bonança. Com isso, denominam qual crença é proscrita ou sacra, qual delas pode ou não pertencer ou coexistir com o âmbito evangélico do Cânone Cristão. Caso não seja embasada pelo seu compêndio doutrinário, a Bíblia Sagrada, é vista e compreendida como "profana", não tendo direito de ter ou manter um sistema de crença, em particular as CTTro[106]. Desse modo, o racismo e a discriminação remontam à escravização e ao colonialismo.

> que, desde o Brasil colônia, rotulam tais religiões pelo simples fato de serem de origem africana, e, pelo outro, a ação de movimentos neopentecostais que nos últimos anos teriam se valido de mitos e preconceitos para "demonizar" e insuflar a perseguição a umbandistas e candomblecistas. [...] Os afro-brasileiros são discriminados, tratados com preconceito, demonizados, por serem de uma tradição africana/afrodescendente. Logo, estamos afirmando que o racismo é causa fundamental ao candomblé e demais religiões afro-brasileiras (Puff, 2016)[107].

A instituição evangélica em análise, de forma intensa e excessiva, vale-se, em toda sua estrutura litúrgica, de um discurso bélico porque segundo eles são: "instrumentos vivos do Senhor Jeová, pessoas de guerra e oração" (trecho integrante do capítulo anterior). O casal de Pastores presidentes à frente da congregação em pesquisa, Márcio e Rosiane lima, assim como todo o corpo eclesial "tem desencadeado uma verdadeira guerra santa contra toda obra do Diabo" (Mariano, 2014, p. 121). Colocam-se em uma posição imbatível ao assediar, hostilizar e invisibilizar seus inimigos no campo da fé por meio de "sua pedagogia guerreira, procura manter e acentuar soluções sacrais dos fiéis e, ao mesmo tempo, engajá-los cada vez em maior número e com mais ímpeto, numa luta incessante contra os espíritos das trevas". (Mariano, 2014, p. 121 e 122). Assim, por meio da associação das religiões afro-brasileiras ao que conceituam como "maligno", "infernal", mesmo utilizando largamente alguns de seus componentes

---

[106] Comunidades Tradicionais de Terreiro.

[107] Fonte: PUFF, Jefferson.*Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?* Disponível em:<https:// www.bbc.com/ portuguese/noticias/ 2016/01/160120 _intolerancia _religioes_africanas _jp_rm> . Acesso em: 14 de nov.2024

ritualísticos nos seus cultos, como a musicalidade, a dança e os momentos de êxtase e transe espiritual, instauram nos fiéis a impressão de serem pessoas perseguidas por Satanás e, por essa razão, encarregados de efetivar a vontade de Deus. Conforme o autor (2014), Pastores e missionários com essa conduta alegam que são impulsionados pela "ira santa", partem rumo a conflitos para com as Comunidades Tradicionais de Terreiro com a convicção de que colaboram para o triunfo do bem contra o mal.

> [...] tratando-se do âmbito religioso, quando o discurso estimula entraves espirituais, indicando ou referenciando outro grupo como exemplo do que deve ser combatido, acaba por estimular a intolerância religiosa, favorecendo preconceitos e discriminações. Esse discurso tem uma força de influência tamanha que legitima as ações dos seus seguidores que, convencidos de sua "missão", acreditam que estão fazendo o que é certo. Por outro lado, o grupo atingido desencadeia contrarreações. Essa situação é capaz de provocar intensos conflitos religiosos (Garcia, 2015, p. 113).

Como braço do que chamam de "missão divina", sob o ponto de vista da "pedagogia guerreira e de combate", pode também ser relatada, na IPBPD, a existência de um ministério chamado "Desperta Déboras", equipe formada por 19 mulheres cuja líder é a Pastora Rosiane Lima. Essas fiéis, além de ter objetivo de captar, formar e nortear outras mulheres para a fé cristã neopentecostal, tem, como finalidade basal, de forma simbólica, perseguir, desterritorializar e negar espaços religiosos que não dialogam com os princípios pretensamente cristãos conforme o que a denominação neopentecostal considera digno de existir. Mas, em nível de contrassenso, ao mesmo tempo em que a mencionada instituição religiosa executa tais investidas violentas e criminosas, utiliza-se de elementos rituais candomblecistas e umbandistas em suas liturgias, o que faz da IPBPD pertencer ao conceito de "igreja religiográfica" (Garcia, 2015, p. 132). Coloca-se em um lugar de retentora de fé, redimensionando, também, o campo semântico de crenças assimiladas de diferentes tradições religiosas, processando-as conforme seu próprio 'sistema de interpretação. Dessa forma, seu repertório, que inclui gestos, discursos simbólicos e sistema ritualístico, incorpora traços diversos de outros credos em particular das já mencionadas, apropriando-se delas por meio da violência e do negacionismo da própria usurpação.

> [...] os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso a eficácia das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coesão. Os discursos religiosos [...] terapêuticos [...] não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papeis preestabelecidos (Foucault, 1999, p. 39).

O aspecto sensorial da expressão física e artística contida dos elementos religiosos afro-brasileiros dá, ao cronograma ritual da igreja manauense, a credibilidade ao discurso, a emoção, ao sentido. Na esfera cerimonial do neopentecostalismo, conferir uma nuance sonora e imagética aos rituais da palavra é crucial. Caso contrário, quando não efetuados pode mesmo anular a experiência discursiva. Mesmo tais elementos sendo externos ao ato da fala, desempenham um enérgico controle sobre estes e estão presentes na forma de expressar seus corpos, como também nos elementos simbólicos, nas liturgias, nos dias de realizações de cultos etc.

Assim sendo, os elementos que foram detectados e observados enquanto a investigação de campo a partir da tela (vídeos postados em redes sociais diversas pela própria IPBPD) estava sendo realizada, exprimem indubitavelmente um simbolismo pela causa primaria de apropriação e ressignificação. Tal panorama ilustra claramente o contrassenso entre discurso e ação, uma vez que a igreja em análise, ao mesmo tempo em que usa componentes ritualísticos das religiões de matriz africana, anula o conjunto de signos do Candomblé e da Umbanda, rejeitando toda a sua herança ancestral, bem como a cosmogonia dessas crenças. Não só a IPBPD, mas também uma esmagadora maioria das igrejas neopentecostais, em Manaus e, obviamente, no Brasil inteiro, cultivam uma habilidade de adotar e descaracterizar a legitimidade dos elementos de religiões apontadas por elas como “rivais”, de forma unilateral, para desvalorizá-las.

Em nível contínuo, além de se apropriarem de tais símbolos em sua guerra religiosa, induzem, de forme subliminar, a extensa massa social acredita se tratar de uma prática sincrética, o que está sumariamente longe da verdade. Sincretismo é a correspondência de elementos, a fusão onde nenhum escravizado abria mão de seus ritos ou crenças, assimilando parcialmente signos da cultura dominante para que suas práticas religiosas continuassem a existir, dando a elas uma nova roupagem, mas sem descaracterizá-las ou aniquilá-las, devido à necessidade de sobrevivência identitária. Já a apropriação toma pose do que é do outro e, ao mesmo tempo, descaracteriza e refuta o que o outro faz. Essa “mistura” de elementos que acontece no neopentecostalismo pode ser denominada como ramificação de apropriação à qual, por livre expressão discursiva, podemos denominar como “uma espécie de ‘sincretismo às avessas’ que opera na lógica dos binômios negação/assimilação e inversão/continuidade dos conteúdos simbólicos” (Almeida, 2007, p. 178).

A título de exemplo desse panorama, em um dos cultos realizados externo da casa de oração (na rua), o Pastor desce do púlpito, anda em meio ao público presente verbalizando: “derrama, cura, cura, cura” e, simultaneamente, usa de intensa e acalorada linguagem corporal, gesticulando e equivalente a um pai-de-santo quando este em está em momento de gira em seu terreiro. Com uma garrafa de água na mão por ele consagrada, passa a molhar as pessoas presentes como parte do procedimento litúrgico, haja vista que, ao líquido, foi atribuído o poder sobrenatural de sua divindade. Esse procedimento é também, diversamente difundido nas Comunidades Tradicionais de Terreiro; manipulam e consagram esse elemento em sua seara para limpar toda energia negativa, objetivando, também, remover toda má sorte, bem como captar bênçãos e curas. Em suma, ambas as vertentes religiosas acreditam no poder elementar constituído no fluido da água, utilizando-o de maneira similar.

Independente da religião, a manipulação com esse elemento é feita em todo decurso litúrgico, como, por exemplo, no Catolicismo. Mas, para a arquitetura sistêmica neopentecostal, que marginaliza as religiões de base africana que utilizam a água em seus rituais religiosos como forma de expressar sua conexão com o sagrado, este elemento natural se torna comum, uma vez que, para o neopentecostalismo, esse elemento natural, quando utilizado nas CTTro[108], é rotulado por eles como uma espécie de mágica ou superstição. Ao contrário da seara neopentecostal: nela, a água torna-se uma eficaz forma de se chegar às Realidades Espirituais, através de sinais sensíveis e visíveis, o que a torna, dentro do ambiente evangélico, um elemento denominado como sacramental. Fora desse campo, essa mesma água, tem seu efeito nulo.

Caputo (2008) ilustra o fundamentalismo desse tipo de atitude quanto traz, em alguns de seus trabalhos, análises sobre alguns discursos extremistas, em diversos âmbitos religiosos. Porém, nesse contexto, é válido mencionar que somente um que desperta atenção específica, por se tratar de falas que fomentam ações preconceituosas e racistas exercidas por docentes de escolas públicas, no contexto da sala de aula, em relação às religiões de matriz africana. Ainda segundo a autora (2008), a ênfase maniqueísta é frequentemente aplicada contra ritos e crenças afro-brasileiras, assim ocorrendo na igreja em pesquisa e em toda a extensão cristã neopentecostal, já que os comportamentos e discursos que denegam a herança exercida nas religiões de matriz

[108] Comunidades Tradicionais de Terreiro.

africana são parte regular de sua liturgia. A autora cita a fala de uma professora, que traduz claramente como fundamentalistas acreditam que sua ideologia é uma verdade absoluta e qualquer outra vertente religiosa, principalmente a de ancestralidade e cosmovisão preta é admitida como desviante do "padrão" declarado certo: "Mas o catolicismo não é coisa do diabo, é a religião normal" (Caputo, [2008], p.173 *apud* Oliveira, 2016, p.12).

Nesse espectro, a água não está sendo utilizada em um local com motivações essencialmente sagradas, acolhedoras e, por esse motivo, não pode ser manuseada de qualquer maneira. Porém, na esfera que engloba os adeptos cristãos e, por conseguinte, neopentecostal, a substância deixa de ser "simples" e se torna um instrumento de Deus. Como afirma o Bispo Renato Cardoso, responsável pelo trabalho da principal precursora do neopentecostalismo em solo brasileiro, em uma entrevista dada à colaboradora Núbia Onara, da *Folha Universal*, destaca que: "a água é usada para o despertar da fé e que o erro de pessoas tem sido "tratar as coisas que Deus declarou santas como comuns". Ele esclarece que a água consagrada não é para ser usada de qualquer maneira, mas com fé" (Onara, 2022)[109]. Desse modo, a IPBPD, assim como toda a extensão cristã neopentecostal, constitui um modo de ser, conceber e agir que consideram sendo os únicos guardiões dos segredos elementais, negando que a água pode ser usada sob as mesmas intenções pelo Povo-de-Santo, que o faz nos seus terreiros, em forma de dinâmica conectiva com o sobrenatural. Desse modo, fazem a manutenção de um passado antidemocrático que condiciona o Candomblé e a Umbanda para sua morte simbólica.

> o fundamentalismo religioso é um dos instrumentos para a manutenção desse projeto que tem como objetivo a fixação por uma verdade única, imutável e inquestionável; ou seja, trata-se de algo antidialógico e antiplural, com forte idealização de um passado. Essa verdade absoluta e dogmática ela constrói modelos de vida políticos, econômicos e sociais (Mariátegui, 2023)[110].

Durante o prosseguimento da pesquisa, foram encontradas, também, similitudes explicitas de cronograma, em relação aos dias de cultos da igreja em análise com os das cerimonias que acontecem nas Comunidades Tradicionais de Terreiros. De acordo com

---

[109] Fonte: ONARA, Nubia. *Água consagrada: um meio para alcançar o impossível*. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/agua-consagrada-um-meio-para-alcancar-o-impossivel/>. Acesso em 12 de nov. 2024.

[110] Fonte: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Fundamentalismo e imperialismo na América Latina: ações e resistências.* Disponível em:<https://www.institutobuzios.org.br/fundamentalismo-e-imperialismo-na-america-latina-acoes-e-resistencias/>.Acesso em: 02 de dez 2024.

Silva (2015), o estabelecimento desse elo tem gerado ações, no mínimo, atípicas para uma comunidade evangélica cristã. Uma vez que suas sessões de cultos, de modo geral, apresentam uma interação inequívoca com o calendário de ações ritualísticas estabelecidas pela cultura afro-brasileira para celebrar suas divindades. Quanto a essa questão, conforme o Pai-de-Santo Adérito Simões (2019)[111], do Templo Sete Montanhas do Brasil, postula que "*segunda-feira* é dia de (Obaluaê, Omulu e Exu) e Entidades (da esquerda e Pretos Velhos), *quarta-feira* para (Xangô, Iansâ e Obá), e no campo das Entidades (Boiadeiros e Ciganos). Já na *sexta-feira*, (Oxalá) e as Entidades das Sete Linhas. Em virtude desse contexto, é válido relatar o comportamento e o discurso do Pastor Márcio Lima para efetuar as realizações das atividades de sua igreja nos mesmos dias de culto das religiões de matriz africana, uma vez que "nesses dias a ênfase dada a Teologia da Guerra contra o Diabo é maior [...] são os dias que mais enfatizam ritos como exorcismo, luta contra o mal e similares das religiões afrodescendentes" (Garcia, 2015, p. 139 e 140), o que claramente configura uma apropriação cronológica e ritualística para fins de ressignificação e apagamento do Sagrado Afro-Brasileiro, em Manaus.

A título de exemplo dessa circunstância, em uma live na rede social, o sacerdote convoca toda a sociedade manauara, e toda a Eclésia de fiéis, bem como outras denominações pentecostais assim como seus respectivos Pastores para participar de um culto denominado *Vigilhão*[112] *Madrugada com Deus* **(Vídeo 14)**, realizado às sextas-feiras. Tal convite também foi efetuado e estendido, "coincidentemente", para a segunda-feira, onde foi realizado um culto chamado ***segunda profética*** **(Vídeo e imagem 17, parte 01 e 02)**. Segue o registro: "Eita e dois noite forte [...] sexta feira vigilhão e [...] segunda feira na laje do fogo[113] o diabo e os fofoqueiro de plantão vai

---

[111] Vídeo postado no canal Youtube: Adérito Simões Liberdade Espiritual. Fonte: SIMÕES, Adérito. *Dias da semana VS Orixás e entidades* Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=abOHDFL-Cpg&t=419s>.Acesso: 17 de set. 2024

[112] É uma espécie de culto organizado por diversas igrejas evangélicas e geralmente ocorre durante a noite e podendo se estender até as primeiras horas da manhã. O propósito dessas vigílias é dedicar um tempo prolongado à oração, ao louvor, a adoração, leitura da Bíblia, guerra/batalhada espiritual, em prol de captação de indivíduos que não fazem parte da seara cristão. Segundo o campo evangélico, acredita-se que todos aqueles que não fazem parte de sua circunscrição de fé, não estão salvos por isso que a igreja deve peleja a favor de sua vida pois a mesma está nas mãos do Diabo, da macumba. Esse evento também serve de comunhão entre os fiéis ou alguns convidados que queiram fazer parte desse momento.

[113] O sacerdote refere-se ao segundo andar que ainda está em construção, mesmo assim fazem cultos. A expressão "laje do fogo" é uma forma do Pastor dizer que no local da realização do culto vai ter o fogo santo de sua deidade

ficar se perguntado como pode isso...vai e pega quem falou da nossa vida avisa estamos de pé [...] todo mundo faz vigília sábado, nós vamo fazer [...] sexta-feira, vai ficar ruim pro Diabo [...] o Diabo trabalha sexta-feira, vai cair do cavalo[114] porque vai ter uma Igreja dando glória [...] e eu não tô nem aí [...] e na segunda-feira a laje vai tremer com o poder de Deus [...] **(Vídeo 15)**". É perceptível, por meio da análise dos vídeos divulgados em sua rede social, que o mencionado Pastor tem ciência dos dias em que são realizadas as cerimonias das Comunidade Tradicionais de Terreiro, uma vez o dirigente da supracitada congregação se incube desses mesmos dias para cumprir a efetuação dos seus cultos. Este fato revela uma estratégia evidente de apropriação do calendário dos cultos afro-brasileiros, visando o intuito de atacar, anular e enfraquecer a prática dessas religiões.

É importante destacar que, além da vigília realizada numa sexta-feira, consideravelmente todas as sessões cerimoniais da IPBPD, em especial as práticas de cultos de libertação, sob os temas (*Segunda-Feira da Vitória - Corredor de Fogo*), *Quarta-Feira dos Mistérios* e *Sexta-Feira Forte*) foram criados e efetivados e cronologicamente organizados nos mesmos dias em que o Povo-de-Santo está em dinâmica de renovação espiritual, de reafirmação da sua fé, bem como de agradecimento às divindades e espíritos que os regem, protegendo-os e guiando-os.

Nessa conjuntura, fica evidente que o intuito da Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus (IPBPD) em atacar e invisibilizar as práticas de tradição afro presente, na sociedade manauense. Além da indução ao ódio, é notória a enorme necessidade do Pastor Dirigente em nutrir, através de suas aspirações messiânicas, seu já bastante inflado ego. Em outra circunstância de atividade litúrgica, também realizada nesses dias, segundo o pregador, o Deus no qual ele crê, branco, eurocêntrico e de bases colonialistas, fala única e diretamente com sua a igreja por meio do seu clérigo, afirmando, categoricamente, que os cultos pretos realizados em Manaus, e em todo Brasil, são mundanos e de conotação pagã, tornando-se direcionamentos para conduzir a comunidade de fiéis e pessoas à perdição.

---

[114] O termo que o Pastor utiliza faz referência a um filho-de-santo em estado de transe religioso com sua entidade, quando esta está manifestada em seu corpo. É costume falar, no ambiente afro-brasileiro, com todo afeto e respeito, ao médium que ele é cavalo do Preto-Velho, Pomba-Gira ou de qualquer Orixá ou Entidade. "As religiões afro[...] certos indivíduos, em estado de transe [...] pelas entidades espirituais, as quais, segundo a terminologia nativa, "se ocupam" da pessoa". (Oro, [2010], p.25 *apud* Tavares, 2012, p.412)

Em suma, a supracitada instituição neopentecostal, além de se apropriar dos dias, além de outros aspectos elementais de cultos afro-brasileiros para a realização dos seus, “reafirma o racismo porque demarca as diferenças que estabelecem como ruim tudo que vem do negro ou de outros povos inferiorizados” (William, 2019 p. 61). A estratégia consiste basicamente em esvaziar energicamente para deslegitimar os significados e a importância das cerimonias do Candomblé, Umbanda e demais vertentes por meio da violência (real ou simbólica) que decorre da intolerância e do racismo, determinando que os dias de cultos afro-brasileiros sejam “do Diabo”, itinerário para o inferno. Em seguida, os ressematizam, atribuindo um novo significado a esses dias como exaltação ao seu Deus, apontado por eles como o único e verdadeiro caminho ao que, segundo o viés judaico-cristão, consideram “santo” e “imaculado”. Nessa seara, a IPBPD é apenas mais uma das diversas igrejas neopentecostais que contribui consideravelmente para o epistemicídio, a morte simbólica de todas as heranças negras, religiosas e/ou culturalmente identitárias, na cidade de Manaus.

Em dado momento de uma de suas reuniões, chamada de *Culto Rosa*, acontece a “Cerimônia do Fogo”, na qual manipulam esse elemento de uma maneira explicitamente análoga às práticas religiosas afro-brasileiras. Como ilustração desse cenário, pode ser utilizado o ritual que, segundo o Babalorixá Paulo de Oxalá (2023), é também denominado como Ajerê de Xangô[115], referindo-se ao ìtàn (mito Yorubá), em que Olódùmarè (Deus todo poderoso), confiou a Yansã a missão de tomar conta de uma panela que continha o Akara (bolas de fogo), que eram o segredo do fogo de Xangô.

A complexidade do mito Yorubá reside na ênfase do fogo como um elemento dotado de grande relevância ritualística nas cerimonias afro-brasileiras, especificamente nesse ritual, que é desempenhado por uma mulher. Tornando-se esse momento realizado com brasas de fogo em uma panela de barro, consagrada, com pequenos furos e que, no transcorrer da cerimônia, a Filha-de-Santo, que pode ser uma Yalorixá ou Mãe-de-Santo, sendo esta guiada na espiritualidade pela Orixá Yansã, manifestada em seu corpo. A sacerdotisa dança com a panela equilibrada na cabeça, e em certos momentos do ritual, dependendo do centro de matriz africana, essa panela, contendo o fogo santo de Olódùmarè, é passada sobre as cabeças ou em volta do corpo dos presentes que

[115] Fonte: OXALÁ Pai Paulo de. O que é o ritual do Ajere reproduzido em ‘Vai na Fé’. Disponível em:<https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/o-que-o-ritual-do-ajere-reproduzido-em-vai-na-fe-25666588.html>.Acesso em: 12 de dez. 2024

compõem a gira no terreiro, visto que conforme a crença desses fiéis o fogo representa um processo de cura, limpeza ou renovação do espírito, mente ou emoções.

De modo análoga às Comunidades Tradicionais de Terreiro, a IPBD realiza uma cerimônia semelhante **(Vídeo 13, parte 01, 02 e 03)**. Porém, ao contrário de uma "panela", utilizam um tecido de cor vermelha ou amarela. Uma vez consagrado, esse pano, na comunidade neopentecostal, os fiéis acreditam veementemente que, nesse objeto, contém o poder do fogo. No transcurso da cerimônia, esse pano, além de passar sobre a cabeça e em volta dos corpos, as fiéis o movem em cima dos pés, nas costas e no abdômen, visto que, por meio desse tecido, sua deidade as abençoa, desfazendo tudo que é de ruim que possivelmente haja, em seus corpos. Todavia, a "mentalidade mágica", traço da maioria de variados grupos neopentecostais e suas ações litúrgicas, é velada, pois seus fiéis não veem seus objetos como detentores de poderes mágicos, mas como instrumentos de valor que são usados para possibilitar uma manifestação exclusiva e catártica do Deus judaico-cristão. Isso se aplica mesmo quando esses elementos ou práticas são similares às religiões às quais se opõem. Em termos mais claros, os objetos e elementos a liturgia de culto dos proclamados "oponentes", que são considerados impregnados de magia negativa, pertencentes ao ocultismo, sem valor, pagãos e associados aos Demônios. Ironicamente, os próprios neopentecostais encontram neles uma eficaz forma de se comunicar com seu Deus, o que configura um complexo paradoxo. Os adeptos dessas igrejas, em especial a da investigada nesta pesquisa não só utilizam esse elementos e práticas rituais, como também criam um nexo causal de antagonismo bélico com as religiões de matriz africana (não só neste culto, mas também em outras cerimonias mostradas nos vídeos que foram pesquisados e analisados). Isto é, simultaneamente, utilizam signos e aspectos rituais das crenças que combatem, anulando continuamente suas práticas.

> [...] devemos sempre nos lembrar da diferença fundamental entre o conceito pagão e o conceito cristão quanto ao emprego de "coisas" com sentido religioso. As religiões empregam objetos e utensílios em seus cultos [...] práticas como símbolos de realidades espirituais [...] portadores de poderes mágicos. O culto cristão, em contraste [...] emprega apenas [...] símbolos [...] que têm valor [...] nos sacramentos. Na prática da magia, no ocultismo, nas religiões afro-brasileiras [...] objetos cúlticos continuam a manter uma relação vital para com as entidades e realidades espirituais aos quais estão associados [...] para o paganismo, entretanto, a profunda relação entre objetos cúlticos e as realidades e entidades espirituais associadas a eles é permanente.

> Portanto, os evangélicos não são supersticiosos [...] quanto a objetos oriundos de outras religiões. Acredito que poderão dar aos demônios (Lopes)[116].

Dessa forma, em claro ato de proselitismo, o dirigente da IPBPD, Marcio Lima, afirma com veemência que o uso do fogo nos cultos pretos não é o verdadeiro "não são do Deus vivo e salvador", já o que ocorre na dinamização da cerimônia de sua igreja: "é do Pai, é do Filho e do Espírito Santo" (trecho retirado do capítulo anterior), expressando, também, o pensamento de grande parte do ramo neopentecostal, senão todo ele: "nem todo fogo que arde é fogo do Espírito, tem muito fogo estranho ardendo por aí. Nem todo fogo que arde é fogo de Deus. Cuidado com os fogos estranhos que estão acesos"[117].

Em dada ocasião do culto, houve ressignificações depreciativas de Entidades Pombagira e Exu, sendo a primeira correlata ao Orixá Exu[118]. Sua jornada é a de um ser que experenciou diversas circunstâncias terrenas de dor e sofrimento e, após desencarnada, devido à dureza de sua vida pregressa, foi levada, na espiritualidade, à condição de Pombagira[119]. No imaginário simbólico das Comunidades Tradicionais de Terreiro, em particular na Umbanda e suas vertentes, esse espírito guiador e protetor, é caracterizado como:

> [...] mulher livre e corajosa, guerreira que conquista o que quer [...] senhora de seu corpo [....] a sublevação, a transgressão [...] de normas e condutas de uma moralidade conservadora. Pomba-gira é coragem, [...] alegria. [...]. Nos terreiros de umbanda, vem representar a sexualidade feminina em toda a sua exuberância e plenitude. [...] representa [...] esse grito de liberdade e libertação feminina, na sociedade atual, ainda composta por valores tradicionais. [...] a representação feminina da contestação, desvio e transgressão moral e social.[...] Em Pomba-gira, é a revolta [...] é a individualidade e autossuficiência. (Barros, 2006, p. 52,53,128 e 129).

---

[116] Fonte: LOPES, Augusto Nicodemos G. Objetos que Trazem Bênção e Maldição: Um Estudo sobre o Uso de Objetos e a Fé. Disponível em:<https://solascriptura-tt.org/Seitas /Pentecostalismo/ ObjetosQueTrazemBencaoEMaldicao-BatalhaEspiritual-Nicodemus.htm>. Acesso em: 03 de dez. 2024

[117] Vídeo postado no canal TikTok: Jhonatan Carlos Oficial. Fonte: JHONATAN, Carlos. *Nem todo fogo que arde é fogo de Deus*. Disponível em:<https ://www.tiktok. com/@jhonatancarlosoficial/video /7377364829482257670>. Acesso: 17 de set. 2024

[118] "Os exus [...] se insurgem [...] contra a ordem [....] que reflete a ordem da sociedade brasileira, oferecendo, como seus correspondentes femininos, as Pombagiras, a possibilidade de seus médiuns criticarem as relações de classe: o poder pertence aos marginais, aos espíritos ignorantes, porém incomensuravelmente mais poderosos" (Capone, 2009, p. 101).

[119] A palavra Pombagira, seu primórdio, é detectado na língua materna, banto. "Na língua ritual dos Candomblés Angola (de tradição banto), o nome de Exu é Bongbogirá. Certamente, Pombagira (Pomba Gira) é uma corruptela de Bongbogirá, e esse nome acabou por se restringir à qualidade feminina de Exu" (Augras, [2000] *apud* Azorli, 2023, p.10). Pombagira é uma entidade que se revela no corpo de seus filhos de fé e pode, prestando ajuda a quem a busca, mas ao mesmo tempo goza dos deleites que esse mundo possa oferecer.

Mas, na arquitetura do cristianismo, e por conseguinte, no neopentecostalismo, essa Entidade é considerada uma agente do mal das religiões de matriz africana que age diretamente no casamento, promovendo brigas, conflitos e desentendimento, comprometendo para a destruição de diálogos, felicidade e a intimidade do casal. De acordo com a Pastora ministrante, que discursou em um dos cultos na IPBPD, uns dos sintomas da presença deste "espírito diabólico" no lar é sua manifestação nos corpos das mulheres com o intuito destruir relacionamentos, fazendo com que as fiéis que integram a mencionada igreja, assim como em toda extensão doe seus adeptos, não vivam uma "lua-de-mel contínua e abençoada" com seu cônjuge.

O Confronto a essa Entidade ocorre por ela se tratar de um arquétipo feminino que não necessita submeter-se a nenhuma opressão e representação masculina para que este fique ao seu lado, é dona de si e faz o que quer. Esta perspectiva, segundo os fiéis do movimento neopentecostal, fere o preceito doutrinário de sua Bíblia Sagrada, bastante difundido o pressuposto normativo de que as "mulheres sejam submissas ao seu próprio marido [...] porque o marido é o cabeça da mulher [...]. Assim, também, as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido[120]. Essa categorização de gênero pautada em justificativas doutrinárias é ainda bastante massificada, com intuito de colonizar largamente a sociedade, preconizando que a figura masculina é a "cabeça" e que a classificação biológica da mulher, automaticamente, a submete ao domínio masculino, haja vista que esse executa um papel de liderança e responsabilidade, cabendo ao feminino o ambiente familiar e as funções inerentes ao matrimonio.

Este ensinamento destaca uma estrutura de proeminência e responsabilidade cabendo ao homem, a incumbência de autoridade espiritual e moral. Dessa forma, o cristianismo, cujos códigos comportamentais exerceram maior influência e ainda o fazem, em relação a princípios, dogmas e explicação doutrinária de vida e de mundo, introduz e perpetua a desigualdade de gênero no ambiente da social para gerar dificuldade de desvencilhar a imagem do feminino da dependência frente ao masculino.

> [...] a teologia cristã sempre foi fortemente marcada por uma estrutura hierárquica [...] mesmo com algumas mudanças para diminuir o abismo existente entre homens e mulheres [...] a teologia atual, assim como a formulação dos dogmas, é centrada na figura masculina, formada a partir das experiências masculinas. É o homem que representa a imagem de Deus, é o homem que é a imagem de Deus de modo normativo, enquanto a mulher só

[120] Postado no site BIBLIE.COM: Livro: EFÉSIOS 5:22-33 - *O lar cristão: marido e mulher*. Disponível em:< https://www.bible.com/pt/bible/1608/EPH.5.22-33.ARA>.Acesso em: 20 de nov. 2024.

> pode ser uma figura em segundo grau. Além disso, os textos cristãos [...] ainda insistem no papel maternal da mulher, sendo o espaço de poder público ocupado pelos homens. Na história do cristianismo, os eventos ligados a figuras masculinas são considerados mais relevantes, e a própria figura de Deus é pensada como masculina. A construção dos símbolos religiosos cristãos seria prioritariamente masculina e a obediência se daria em torno de figuras masculinas: pais, padres, bispos (Gebara, [2000] *apud* Gabatz, 2018, p. 185).

À mulher que não se enquadra na perspectiva canônica cristã de gênero, a IPBPD, assim como grande parte do meio evangélico, destina uma inconveniente e nefasta imagem da traição, rotulando-a como destruidora de lares, relacionamentos e casamentos, sendo o livre exercício da sexualidade feminina relacionado à marginalidade, feitiçaria e prostituição, colocando-a em uma posição que é facilmente assimilada pela sociedade: a da mulher imprestável, sem valor. Já as que fazem parte da seara evangélica: "são mulheres de valor, mulheres de oração, mulheres guerreiras" (trecho do capítulo anterior), como afirma a Presidente da referida instituição, Rosiane Lima. Assim como a sombra que fica em um lugar do inconsciente, insuportável de ser encarada, a imagem arquetípica da Pombagira vai para o mesmo local, fora do campo visual da sociedade. Nesse sentido, discursar e corporalmente em um culto, que a Pombagira é culpada por causar infidelidade e acabar com relacionamentos, vai mais além de tirar os significados originais dessa Entidade e colocar outros, relegando-a a demônio da macumba. Hipocritamente, coloca-a na condição de um eficaz pretexto para deturpar a vontade de suas escolhas, onde a culpa sempre vai ser do "demônio", que a supracitada igreja associa automaticamente às comunidades tradicionais de terreiro. Nesse caso, segundo os frequentantes da igreja, o demônio tem forma feminina.

Outro elemento que foi identificado, durante a investigação de campo, é a cerimônia chamado *o passe*. Na umbanda, como também no Candomblé, esse ritual é feito também por Pais ou Mães-de-Santo que, dependendo do centro de matriz africana, podem ser chamados de Babalorixás ou Ialorixás, haja vista que são pessoas, escolhidas pelos espíritos ou Orixás para que sua manifestação terrena aconteça por meio de seus corpos com a finalidade de abençoar, curar ou aconselhar quem visita ou faz parte do terreiro.

Explicitamente análogos aos Filhos-de-Santo, o Pastor convoca exclusivamente o corpo pastoral que formem um corredor denominado pela igreja, também, de *Corredor de Fogo*, assim como outro ritual executado pelas mulheres da igreja já aqui descrito e, em seguida, delega a responsabilidade espiritual para eles: "pastores a vitória

desse irmão está nas mãos de vocês, você vai ser o intermediário da benção que Deus vai enviar do céu, vai passar por você e vai chegar nessa pessoa".

> dar passe; ato de a entidade, através do médium incorporado, emitir vibrações que anulam os efeitos de más influências sofridas pelo consulente; após o passe, os caminhos podem estar "abertos". Ato realizado em sessão de consulta. Também pode ser chamado de atendimento ou aconselhamento espiritual (Garroux, 1988, p. 207).

Ao encaminhar cada pessoa pelo corredor, os Pastores creem que estão guiados pelo espírito de sua divindade, que está manifestados em seus corpos. De forma similar, os Filhos-de-Santo creem que estão sendo conduzidos pela sua Entidade e começam a impor suas mãos sobre a cabeça[121] de cada indivíduo. Em nível de óbvias similaridades, o fiel da IPBPD acredita também que, por meio do Pastor, Deus abençoará sua vida. Para a igreja em análise, um mesmo ritual pode constituir dissemelhantes resultados. Quando feito dentro da seara neopentecostal, contribui para tirar tudo que é de ruim da vida do indivíduo, servindo para captação de bençãos, milagres e restauração de vida do fiel ou de quem visita a igreja.

Em contrapartida, quando realizado em um terreiro, se transforma em algo nefasto, carregado de manifestações diabólicas, pois está fora do ambiente cristão, já que é efetuado por pessoas não canonicamente qualificadas que, segundo o inflado ego do dirigente da IPBPD, não são sujeitos iguais aos seus Pastores, tidos como indivíduos "do mistério, que tem a graça e loucura de Deus pra vida, de não recuar, de ir pra cima".[122] Já os Filhos-de-Santo que valorizam ancestralidade e cosmogonia preta, são pessoas que têm uma vida de inconformidades, uma vez que segundo o Pastor, são agentes orientados por espíritos malignos que residem no "casarão da macumba, do diabo". Já seus Pastores, que tem a graça de Deus para realização dessa cerimonia, são direcionados por Deus, por meio de seus corpos, para abençoar a comunidade. Seu ser superior não é uma deidade regida pelo Diabo, mas sim pelo espírito de Deus.

Dessa forma como não poderia deixar de ser, o resultado de seus discursos, ao mesmo tempo em que estabelecem familiaridade com a prática ritual da Umbanda e

---

[121] Geralmente, tanto na Umbanda quanto no Neopentecostalismo, esse momento não necessariamente se restringe em colocar a mão no Ori (cabeça). Há momentos, nessas cerimonias, em que o *passe* acontece em forma de um abraço ou colocar a mão sobre o torso, na parte do tórax, no abdômen, no ombro do consulente (fiel).

[122] Assim como em outros trechos, esta é uma fala retirada do capítulo anterior. Por essa razão, daqui em diante, os trechos que ilustrarem falas dos dirigentes e demais integrantes da IPBPD serão destacados apenas entre aspas (" ").

Candomblé para a população alvo devido que a igreja em análise se apropria desse ritual e logo o ressignifica para atender suas necessidades, com isso aniquila os símbolos e significados das religiões de matriz africana.

> a apropriação, decorrente desse processo, implica um tipo de dominação cultural específico, marcada pela imposição do esquecimento à memória de uma cultura vista como subalterna sob uma dada perspectiva, mediante agenciamentos que se articulam por meio de distintas formas de imposição e inculcação de novos arranjos sígnicos (Nakagawa, 2024, p. 12).

Nesse cenário, a atuação de instituições neopentecostais traduz um panorama que pode ser definido como um processo de "economicização do sagrado", pois a igreja em pesquisa faz parte de uma gama de instituições que adotam esse conceito, em Manaus. Tal expressão encontra suporte na interpretação atribuída a Ivan de Oliveira Silva, que cunha a expressão "*mercantilização*, observando que, na difusão da cultura do consumo, o sagrado também passou a ser considerado mercadoria" (Silva, [2013], p. 56 *apud* Cintra, 2024, p.110). Diante de tantos elementos identificados e descritos, bem como da constatação do estabelecimento de um nexo causal paradoxal entre a mencionada instituição neopentecostal com as religiões de matriz africana, é válido elencar mais um componente sobre o qual será discorrido no próximo parágrafo, toda via este elemento que talvez seja o símbolo máximo do que é retirado do seu contexto original: antes da perspectiva pentecostal, a apropriação, denegação e ressignificação de elementos de outras crenças e ritos tiveram seu início desde antes dos primórdios do Cristianismo, mas acabou reverberando na atualidade por meio de uma ideologia racista em sua mais nova vertente: o neopentecostalismo. Isso resultou na comercialização da fé para fins de captação de novos adeptos, bem como para tornar Entidades de outros credos, em especial os de matriz africana, "bodes expiatórios" de suas arbitrariedades, pois justificam seus erros e falhas em vez de assumir a responsabilidade de suas ações (o livre arbítrio bíblico), bem como para receber bençãos de Deus.

Nesse contexto, Pastores e demais integrantes da obra neopentecostal referem-se a um dos Orixás mais emblemático do Panteão africano, Exu, conhecido como o filho favorito de Olorum, que carrega consigo a essência da vida, o senhor dos caminhos e dos movimentos que, "na cultura ioruba e nas suas múltiplas inscrições na diáspora africana, emerge como princípio explicativo de mundo sobre o acontecimento, comunicação, linguagem, invenção, corporeidade e ética" (Rufino, 2019, p. 262). Porém, na seara pentecostal manauense, esse Orixá é descaracterizado pela pretensão

messiânica desse movimento, que faz esvaziamento da importância, de sua história e dos seus sentidos, forjando nele outra referência religiosa, a do Diabo.

> [...] referência sai das religiões afrobrasileiras ou espírita kardecista. Há uma manifestação diabólica naquele formato de Exu e Pomba Gira. Essa é a referência simbólica [...] tudo o que é ruim na humanidade, doenças, miséria, desastres, enfim, todos os problemas que afligem o ser humano desde que este iniciou sua vida na terra tem uma origem: o Diabo (Barbosa, 2010, p. 80).

Dessa forma, a Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus (IPBPD) propaga, de maneira objetiva, e reitera não apenas aos seus fiéis, mas a toda a sociedade de Manaus, que existe uma luta a qual é travada todos os dias, uma vez que esse confronto se dá entre o bem e o mal, como expressa o Pastor em uma de suas várias lives: "vem guerrear conosco aqui, tem uns macumbeiros aqui perto de casa de meia tigela que vai passar mal, vai ter que recuar por que maior é Jesus que tá na nossa vida. **(Vídeo 16)**" "Tudo é pra gloria de Deus, nós somos pentecostais e crente pentecostal, não fica calado! [...] vem guerrear conosco [...] vem glorificar Deus conosco [...] vem da gloria pra Jesus [...] por que pra nós que conhecemos a verdade é poder de Deus [...] vai ficar ruim pro Diabo pra Satanás [...] o terreiro de macumba, nós vamos guerrear pra fechar isso **(Vídeo 03, parte 02)**". Nessa narrativa, Deus representa o Bem, enquanto o Diabo figura como o Anjo do Mal, sendo este último frequentemente mencionado e associado em suas reuniões e lives evangélicas, ao Candomblé, Umbanda e suas ramificações, culpabilizando essas tradições religiosas por eventos danosos ao conjunto social e à vida pessoal dos seus membros.

Em determinado culto registrado em um dos vídeos, o Pastor afirma veementemente ter tido uma conversa com Satanás, expondo, segundo suas palavras, as intenções malignas desse ser em relação à congregação, afirmando que deseja fechar a igreja. Além disso, de acordo com as revelações que o Pastor diz ter recebido de Satanás, esse ente sobrenatural teria coletado os nomes dos líderes da igreja para perpetrar o mal e, mesmo após esse culto, o Pastor, durante uma live na qual pede para ser compartilhada e convoca outras pessoas para se unirem com ele, assim como com a comunidade adjacente, para participarem de uma das orações do descarrego, chamada de *Oração da Meia-Noite*, que já estava ocorrendo há três semanas, cujo objetivo é a para libertação de pessoas que, segundo o Pastor, estão "carregadas porque elas estão no tráfico, jogadas na rua [...] tem uns macumbeiro aqui perto de casa que vai passar, vai ter que recuar [...] O Diabo achou que a obra ia parar, o ministério ia cessar, mas ele se

ferrou irmão. Eu sempre costumo dizer que o Diabo se lascou porque não mexeu com qualquer crente [...] fomos feitos de congregar na presença de Deus **(Vídeo 16)**". Sendo assim, esse combate neopentecostal à figura do Diabo acarreta perseguições e ataques criminosos às religiões afro-brasileiras, nas formas de insultos e agressões simbólicas ao Povo-de-Santo. Dessa maneira, a Entidade é ressignificada e transformada no Diabo/Satanás cristão. Logo, assume:

> [...] o papel de protagonista principal dos cultos e rituais, sempre vinculado à ameaça da hecatombe pessoal e imediata. A figura do Diabo constitui a persona mais presente nas redes sociais [...] o Diabo, apresentado em suas aparições na mídia religiosa a partir dos cultos e rituais das organizações neopentecostais, em seus aspectos espetaculosos e como protagonista de contratos que condicionam o modo de viver dos contratantes. (Costa, 2019, p. 08, 13 e 16).

Conforme o que foi registrado nos vídeos analisados, foram constatadas claras semelhanças consideravelmente explicitas, pois a Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus se apropria de aspectos e componentes diversos dos ritos de matriz africana, com o objetivo de intensificar sensorialmente seus cultos, campanhas e vigílias. A apropriação elementar, conforme seu uso na seara neopentecostal, é vista como um instrumento de intercessão para estimular a fé nos fiéis, como também para aumentar o fluxo de pessoas que passam pelos seus templos. Isso permite que, por meio desses elementos e ritos apropriados, os indivíduos venham a crer que, por meio do forte apelo sensorial deles, receberão uma resposta ou uma bênção de Deus. Mas, apesar de serem importantes para os neopentecostais, uma vez que são tão essenciais para sua fé, já que os mesmos se apropriam da religião combatida, em seguida concretizam a negação de sua presença e legitimidade em suas cerimônias, fazendo uma oração, denominada *Oração de Guerra*, cujo intuito é atingir as religiões de matriz africana. Segue o registro: "todo feitiço, toda feitiçaria, toda mazela do Diabo, todo macumbeiro, todas obras, por isso nós oramos agora na autoridade do nome de Jesus, todo trabalho feito das encruzilhadas, todo trabalho feito no cemitério, na porta e dentro cemitério. **(Vídeo 18)**".

Dessa forma, a apropriação cultural vem atrelada ao apagamento da história que, no caso, ocorre contra a memória da cultura afro-brasileira. O confronto declarado, de maneira unilateral, pela IPBPD em oposição ao universo religioso afro-brasileiro, fortalece a teologia neopentecostal, a apropriação dos elementos e ritos das religiões de matriz africana, apresentando importantes vantagens às igrejas pertencentes a esse

universo. Ao utilizar expressões e aspectos rituais afro-brasileiras em seus cultos, acabam criando um elo causal que, pelo perfil fortemente sensorial agregado às suas cerimônias por meio da apropriação, favorece o alcance de mais fiéis. Este fato favorece o estabelecimento do contrassenso entre se apropriar, ressignificar e marginalizar. Quanto a esse processo, Silva destaca:

> a produção literária, concepções religiosas, uso da oralidade e do transe, cosmogonias, ritos e liturgias que constituam a teologia neopentecostal da batalha espiritual parecem fornecer uma 'pedagogia' em que há um propósito de aproveitar o conhecimento do, ou iniciar os adeptos no léxico e na gramática do sistema detratado em seu próprio benefício. Valer-se da lógica mágico-religiosa do outro parece ser o primeiro passo para tentar garantir a operacionalidade dessa lógica quando aplicada em seu próprio sistema, a partir de outros pressupostos. A 'inversão' também sendo uma versão, só faz sentido quando se conhece o que se inverte. No limite, porém, ambas, versões e inversões, dependem umas das outras para ampliar seus significados e afirmar suas identidades por contraste (Silva, 2005, p.173).

Essa estratégia também intenciona angariar mais visibilidade e, por conseguinte, conquistar não só cada vez mais espaço no mercado religioso de Manaus, mas de igual modo triunfar por meio da imposição da ideia, ao contingente social, de que tais elementos fazem parte exclusivamente da esfera cristã, monoteísta e hegemônica. Fora do local e da crença que consideram "sagrados", esses elementos, quando utilizados, são demoníacos, bem como as religiões que deles fazem uso e os indivíduos que pertencem a essas crenças que, segundo o consenso neopentecostal, são regidas pelo Diabo. As congregações neopentecostais, como a IPBPD, efetuam explicitamente a apropriação, a retirada de significados, e o redimensionamento semântico dos valores próprios das realizações culturais de um grupo religioso historicamente marginalizado (Candomblé, Umbanda e suas variações). Por conseguinte, reinterpretam todo o espólio resultante de um saque ideológico e cultural por meio de novas concepções de forma vilipendiosa, a fim de fazer torná-lo parte, somente de uma cultura religiosa colonialista, atribuindo a eles significados únicos, ligados a um Deus judaico-cristão.

> [...] todo discurso não é neutro ele traz em si desejos e intensões, mesmo apropriando-se dos ritos similares e de seus elementos, tais práticas é de modo eminente combatido e existe grande confronto em relação às religiões afro-brasileiras. Ao se apropriar dos elementos os ressignifica, dando-lhes novas atribuições e sentidos [...] passando a representar intolerância religiosa', 'preconceito', 'discriminação' etc (Garcia, 2015, p.176 e 168).

Assim, a IPBPD, no decurso de seus cultos, instaura a violência simbólica por meio de seus discursos e atitudes propositalmente direcionadas, promovendo além da intolerância religiosa, o racismo religioso. O termo "intolerância" de acordo com o

advogado Hédio Silva, coordenador executivo do Instituto de Defesa das Religiões Afro-Brasileiras (Idafro), se mostra ilimitado, frente às investidas que as CTTro enfrentam pela igreja em análise, visto que "a que a religiosidade é só um alvo desses ataques [....] o mais visível, mas, na verdade, os ataques se dirigem a todo patrimônio cultural e a todo legado civilizatório herdado do tráfico transatlântico" (Silva, 2024)[123].

Prosseguindo com a discussão sobre essas ações, mostra-se válido ampliar um pouco mais o entendimento sobre essa questão, já que uma parte significativa da sociedade brasileira ainda classifica os atos criminosos sofridos pelos indivíduos que cultua as religiões de matriz africana somente na categoria da "intolerância religiosa". Ledo engano, já que racismo e intolerância religiosa, embora sejam variantes de aparelhos discriminatórios e excludentes que andam juntas, possuem diferenças. Conforme a Mestra em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos, Karolline Porto, em uma entrevista dada à jornalista Thaís Matos, da Revista Cenarium, afirma que:

> a principal diferenciação entre o racismo religioso e a intolerância religiosa está no fator racial. Racismo religioso acontece nas religiões de matriz africana, pois temos aí um fator racial determinante, com toda a bagagem do colonialismo produzindo a inferioridade do colonizado. A intolerância religiosa trata de violações à religiosidade, mas sem haver subjugação da cor e das raízes da pessoa. As religiões afro são alvo de violência por toda essa construção de inferioridade, subjugação, desumanização à cultura negra [...] O racismo [...] trata, na verdade, de um sistema de dominação racial (Matos, 2024)[124].

Dessa forma, quando uma instituição neopentecostal utiliza elementos das religiões de matriz africana, colocando novos significados para que esses sejam enquadrados somente na seara do neopentecostalismo, leva à perda de identidade cultural e à desvalorização das tradições e costumes originais de sentidos já neles existentes. Todavia, "a apropriação cultural não se resume às alterações e desvirtuamento de significados. Está justamente no fato de concorrer para o genocídio simbólico de um povo." (William, 2019, p. 23) que, no solo brasileiro, bem como na cidade de Manaus, não é diferente sendo, pois, promovido de forma criminosa pela igreja em pesquisa, onde seus alvos são a cultura e o sistema de crenças afro-brasileiros,

---

[123] Fonte: SILVA, Hédio. Como nasceu o termo racismo religioso. In*: O que é racismo religioso e como ele afeta a população negra.* Disponível em:<https://www.conectas.org/noticias/o-que-e-racismo-religioso-e-como-ele-afeta-a-populacao-negra/>.Acesso em: 06 de dez.2024.

[124] Fonte: MATOS, Thaís. *Racismo religioso e intolerância religiosa: qual a diferença entre os crimes?* Disponível em:<https:// revistacenarium.com.br/racismo-religioso-e-intolerancia-religiosa-qual-a-diferenca-entre-os-crimes/>.Acesso em: 06 de dez.2024.

o que faz da apropriação um implacável instrumento de poder, processo que decorre em toda sua liturgia. Os processos de apropriação e ressignificação resultam no surgimento de novos elementos, com significados atribuídos somente ao Deus cristão.

Santos (2013) postula que a forma encontrada pelos neopentecostais para "santificar" os símbolos afro-brasileiros foi a apropriação desses elementos às práticas religiosas evangélicas, de modo a desqualificar e dissociá-lo imperativamente das religiões combatidas. Para isso, as Comunidades Tradicionais de Terreiro precisam ser rotuladas como inimigas, assim como tudo o que viesse delas deve ser valorado negativamente. Isto feito, seus símbolos podem ser "positivados" pelos neopentecostais e usados em seus cultos evangélicos, "desde que ganhe novos sentidos, sendo referenciado como um elemento que tem sua origem atrelada a Deus" (Santos, 2013, p. 70). Ao comentar esse processo, Rodney William, afirma que "há muito tempo se usa uma estratégia para tornar a cultura afro-brasileira palatável: apagar os traços negros, a origem ou qualquer outro elemento passível de rejeição, sobretudo aqueles que de alguma forma remetem à herança religiosa. O nome disso? Racismo" (William, 2019, p. 23).

Outro dado importante que torna válido evidenciar que, por meio do conteúdo audiovisual etnograficamente analisado, foi possível identificar fiéis e adeptos pertencentes à instituição das mais diversas composições étnicas e sociais, como pretos, pardos e caboclos, constituição genética de expressiva predominância de composição populacional amazônica. Esses indivíduos identificam-se como pessoas convertidas ao cristianismo, categorizando-se como parte de sua mais nova vertente, o neopentecostalismo, como expressa o Pastor durante uma live: "Esse povo é batizado, esse povo é renovado, esse povo fala em línguas, expulsa o demonho em nome de Jesus [...] este é o povo que vai morar no céu, desde do dia que eu aceitei jesus a minha vida a se transformou agora sou feliz, agora vivo bem jesus salvou a mim e salva a ti também [...] "O Diabo achou que a obra ia parar, o ministério ia cessar, mas ele se ferrou irmão. Eu sempre costumo dizer que o Diabo se lascou porque não mexeu com qualquer crente [...] fomos feitos de congregar na presença de Deus" já usei. **(Vídeo 16)**". Quanto a essa conjuntura, comenta William:

> não nos esqueçamos: o cristianismo, em todas as suas vertentes [...] o neopentecostalismo é a religião do colonizador, cujos padrões se sobrepuseram a diversas civilizações ignorando tudo que produziam e não

> reconhecendo sua humanidade. Mudaram cenários e personagem, mas as tramas continuam as mesmas (William, 2018)[125].

Contudo, denegam o fato de que o processo de formação sócio-histórico brasileiro e manauara, bem como o seu próprio, pertencem a uma ancestralidade e cosmovisão preta e indígena, proclamando-se como homens e mulheres que não abandonaram, que não fugiram e não rejeitam a verdade universal e única do Deus e estão capacitados para guerrear, "fazer bradar a voz de Deus por meio de seus corpos" **(Vídeo 15)** tão logo expulsar os "demônios, espíritos das trevas que estão na macumba". Como expressa o Pastor, durante uma de muitas lives: "você que é de guerra, você que é de peleja, você que guerreai aí, você que é benção de Deus vem pra cá conosco [...] nós marchamos pra acabar com essas obras do Diabo, esse atrevimento de Satanás [...] macumba o macumbeiro [...] essas mandigas, esses mal cai tudo por terra [...] O diabo vai correr da Carauari, os macumbeiros de meia tigela próximo daqui de casa vai ter que cair por terra e também esses trabalhos feitos deles aí não vai prosperar por que a Bíblia diz nenhuma arma forjada não há de prosperar" **(Vídeo 15)**. Desse modo, também um de seus objetivos, por meio de discursos bélicos contra as religiões afro-brasileira associando-as a obra do mal e do Diabo sendo necessário extirpá-las é cada vez mais executar atitudes proselitistas, para converter (colonizar) o máximo de membros da sociedade manauense aos princípios do neopentecostalismo. Segundo a ideologia religiosa da qual sentem orgulho pelo seu pertencimento, acreditam em um paraíso celestial e, nesse lugar, não entra nenhuma sorte de pecado, como expressa o Pastor Macia Lima durante uma live: "Quem é de guerra vem pra guerrear, quem é da peleja vem pra pelejar, quem é de guerra vem pra guerrear, quem é da peleja vem pra pelejar [...] coloque uma roupa de guerra de guerra e vem guerrear [...] este é o povo que vai mora no céu, vai morar, vai morar com Jesus lá no céu [...] toda obra do mal, do diabo vai ser desfeita [...] pra disparar pra ganhar almas para o reino de Senhor" **(Vídeo. 19)** Logo, é preciso eliminar e destruir, simbolicamente e concretamente, a macumba e o macumbeiro porque são religiões, pessoas e práticas pecaminosas, imorais e condenáveis regidas pelo Diabo. De acordo com Silvio Almeida, em uma entrevista dada ao jornalista Ricardo Westin da *Agência Senado*:

---

[125] Fonte: WILLIAM, Rodney. A identidade negra e as correntes neopentecostais são incompatíveis? Disponível em:<https://www.cartacapital.com.br/blogs/ dialogos-da-fe/a-identidade-negra-e-os-neopentecostais-sao-incompativeis/>.Acesso em: 12 de dez.2024

> [...] a negação é essencial para a continuidade do racismo. Ele só consegue funcionar e se reproduzir sem embaraço quando é negado, naturalizado, incorporado ao nosso cotidiano como algo normal. Não sendo o racismo reconhecido, é como se o problema não existisse e nenhuma mudança fosse necessária. (Westin, 2020)[126].

Assim, abraçam o sistema que os oprime, uma vez que essa relação de poder pode ser permeada pelo que Bourdieu (2001, p. 07 e 08) chama de "poder simbólico", que "é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem". Isto é, trata-se de algo enraizado no convívio social, passando a ter um caráter legítimo, usual, elíptico, e muitas vezes dissimulado. Imperativamente, lançam fora toda sua herança cultural negra e indígena, transformando-as, consequentemente, em distopia. Nesse cenário, a tradição europeia protestante, autoproclamada "evangélica" por seus adeptos, infiltrou-se na pluralidade de uma sociedade cuja pluralidade cultural e identitária já é formada por processos violentos de colonização, impregnando e proliferando o racismo estrutural nas camadas do cotidiano brasileiro. Nesse âmbito, seus adeptos passam a crer em uma ascensão social e salvífica europeia e cristã se, ao menos, fizerem parte de alguma vertente do cristianismo, em particular do neopentecostalismo. Mas, para isso é necessário desqualificar qualquer traço religioso afro-brasileiro ou dos povos originários, apagando não só a cultura africana, mas também a indígena, cujas crenças são exercidas na cidade de Manaus, que constituem o segmento Afro-indígena[127]. O racismo não só configura uma ideologia segregacionista, condicionada a atos individuais de discriminação baseada em ódio arbitrário, como frisa Silvio Almeida (2019). O autor enfatiza que racismo é um sistema de dominação de um grupo social dominante contra integrantes de parcelas inferiorizadas da sociedade, entendidas sob o aspecto eminentemente socioantropológico, não meramente biológico.

> A manutenção desse poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda sociedade regras, padrões de condutas e modos de racionalidade que tornem "normal" e

---

[126] Fonte: WESTIN. Ricardo*: Negro continuará sendo oprimido enquanto o Brasil não se assumir racista, dizem especialistas:* Disponível em:<https://www12. senado.leg.br/noticias/ infomaterias /2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>.Acesso em: 16 de dez.2024.

[127] categoria que [...] remete às ancestralidades dos povos indígenas e da diáspora africana na Amazônia. É a relação com o encantado que marca as religiões afro-indígenas [...] nesse panteão, tanto pajés se relacionam com os espíritos da natureza em partilhas e aprendizados quanto os griôs também recebem as mensagens de seus ancestrais por meio das florestas, das águas, do fogo, do vento e dos animais. Daí a compreensão de que a ancestralidade indígena e de matriz africana se encontram e se complementam para os povos tradicionais da Amazônia (Conrado *et al*, 2022, p. 229 e 238)

> “natural” o seu domínio [...] o discurso socioantropológico da democracia racial brasileira seria parte relevante desse quadro em que cultura popular e ciência fundem-se num sistema de ideias que fornece um sentido amplo para práticas racistas já presentes na vida cotidiana. (Almeida, 2019, p. 27 e 45).

Bourdieu (2001) afirma que esse poder simbólico, presente no Cristianismo, é perpetuado pelos próprios indivíduos que estão sujeitos a ele por meio de signos, ideias e significados que são aceitos e internalizados pelas pessoas. Esse poder é "invisível" porque opera de maneira sutil ou coercitiva nas relações sociais, moldando percepções, crenças e comportamentos. Muitas vezes, não é reconhecido ou é propositalmente ignorado por quem está sob sua influência. Por força dos estereótipos pejorativos que absurdamente generalizam todo um grupo, suas práticas, bem como seus elementos religiosos classificados por cristãos como nefastos e pagãos, o grupo dominante coloca-os em um lugar da indiferença. Como postula Mbembe, tal processo está na categoria de “alterocídio, isto é, constituindo o Outro não como semelhante a si mesmo, mas como objeto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou que, simplesmente, é preciso destruir” (Mbembe, 2014, p. 26).

Em suma, aqueles que se apropriam, denegam a utilizam desses elementos em suas cerimônias, particularmente as congregações neopentecostais, bem de como sua história, ancestralidade para fazerem parte de uma ideologia religiosa cuja estrutura fundante é branca, segundo William (2019) conscientemente ou não, perseguem reproduzindo a lógica da escravização e do colonialismo. Agem, de modo a satisfazer seus interesses e conveniências religiosas. A explicação de Lélia Gonzalez sobre essa questão é pertinente pelo fato de que pondera acerca da influência fundamental do racismo nos processos culturais, explicitando a noção de dominação que direcionou a formação do povo brasileiro, pois o racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter os elementos, os indivíduos, e seus arcabouços culturais na condição marginalizados, denegados a um nível inferior da perspectiva política, religiosa e social:

> [...] veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue, como se diz no Brasil) é internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura (Gonzalez, 1988, p. 119).

Portanto, sob a perspectiva analítica etnográfica de conteúdos audiovisuais postados em redes sociais, no que tange ao escopo temático proposto pela presente pesquisa, os resultados apontam para a constatação de que, no âmbito pentecostal, em particular o neopentecostal manauense, torna-se lugar comum o fato de que o preto, pardo e o caboclo pertencentes à instituição religiosa em observação, por conta dos cultos e discursos aos quais são constantemente expostos através de lives e vídeos, fomentam a premissa à sociedade manauense que utilize a máscara da branquitude judaico-cristã como certa e legítima, uma vez que a branquitude atua "através e nas relações de poder, produzindo violências sociais e epistemológicas" (Cardoso, 2017, p.24). Ainda de acordo com o autor (2017) considerar o sistema religioso o qual seu ethos é o branco como única crença e grupo sinônimo do Ser Humano, ou fé 'Ideal', é indubitavelmente um dos traços marcantes da branquitude em nossa sociedade e em outras. Autores como Lourenço Cardoso (1998) e Willian da Conceição (2017) citados por (França, 2018, p. 57) salientam que a branquitude permanece significando *poder*[128]. A identidade racial e religiosa branca é "um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos e materiais palpáveis que colaboram para reprodução do preconceito" (Cardoso, 2011, p.81). Dessa forma utilizam a máscara da branquitude para exercer o que expressa a IPBPD, não só seus fiéis, mas também grande parte das instituições neopentecostais de Manaus, da qual a referida congregação faz parte, fomentam o caráter usurpador e paralelamente persecutório que estrutura o contrassenso desse processo sociorreligioso neopentecostal: "venha, vamos marchar, guerrear em nome do Senhor contra o macumbeiro e o terreiro da macumba pra fechar isso".

Fanon, em seu livro *Os Condenados da Terra* (1961), postula que o mundo do colono é um mundo hostil, que rejeita, mas ao mesmo tempo causa inveja ao colonizado, no qual "o colonizado é um perseguido que sonha permanentemente em se tornar um perseguidor" (Fanon, 1968 p. 40). Nesse cenário, não havendo nada mais branqueador do que administrar falas e comportamentos de perseguição implacáveis contra seu povo (as Comunidades Tradicionais de Terreiro), movendo-se em oposição a toda uma ancestralidade e cosmogonia, que as hierarquias sociais de perfil cristão neopentecostal desprezam e, concomitantemente, tomam conta de seus elementos, em

[128] Aqui proponho um acesso amplo à teoria weberiana, que postula o poder como a possibilidade de impor a própria vontade sobre a conduta alheia dentro de uma relação social (Weber, 1991).

suas práticas cerimoniais, de forma a impor um poderio ancestral branco de formas diversas, sutis ou explicitas, por meio de um sistema religioso judaico-cristão que crê no arquétipo de um Deus branco, expressando um discurso totalmente aniquilador da cultura e da identidade preta, na formação religiosa brasileira.

Assim sendo, o preto, o pardo e o caboclo reproduzem as tradições do colonizador encontram um espaço na sociedade, como também em seus credos. Isto é, procuram assegurar um lugar mínimo no qual, mesmo que jamais haja uma equiparação ao branco, reside uma frágil ilusão de aceitação e pertencimento. Predomina, pois, a "inferioridade" dos colonizados, o combustível necessário para a manutenção do etnocentrismo, para fazê-los considerar que nunca possuíram uma cultura ou história, sendo as práticas paradoxais de manipulação elementar de traços e aspectos das religiões afro-brasileiras, como também a simultânea negação de sua presença litúrgica em suas práticas, por parte da Igreja Pentecostal Bíblica da Plenitude de Deus (IPBPD), um exemplo cabal do proselitismo religioso como um poderoso braço do ainda presente colonialismo, na Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em grande parte dos aspectos relacionais da humanidade, as tecnologias de poder e domínio, inclusive a apropriação territorial ou cultural, se fazem presente, quer seja pelo componente bélico, social ou pelo caráter histórico e religioso. Nesse sentido, no que concerne à seara das religiões de matriz africana, negadas e perseguidas é compelida a adotar elementos culturais dos que o dominam para garantir sua sobrevivência, como ocorreu durante a colonização e, em especial, na escravização. A apropriação, por sua vez, é um conceito oposto ao processo descrito anteriormente. Conforme apontou Abdias Nascimento (1978), a violência da escravização resultou na invisibilização e supressão de todas as expressões religiosas do Candomblé e Umbanda, bem como de toda a sua linha de prática espiritual (caboclos, boiadeiros, ribeirinhos, pretos velhos, exus, pombagira etc.).

No decorrer desse processo, o cristão colonizador se apropriou dos costumes, elementos e da cultura do indivíduo por ele subalternizado como uma forma de aniquilá-lo, tanto física quanto simbolicamente, sendo essa conjuntura ainda nos dias atuais é reverberada pela mais nova vertente do cristianismo, o neopentecostalismo fazendo com que o colonizado, uma vez proselitizado (convertido) ou no andamento de sua conversão, assim descrito pelo cristianismo em sua Bíblia Sagrada, entenda que, para ser aceito em sociedade, sair da zona do "não-ser" para ascender à esfera do Ser e, ao menos, ter um lugar nesse meio. Por mais insólito e hostil que fosse, a única saída do preto, pardo e caboclo colonizado é também negar suas heranças cosmológicas e ancestrais por essas serem dessemelhantes das concepções de cor, ideológicas e salvífica de um sagrado cristão cuja branquitude é sinônimo de bem-aventurança, retidão, humanidade e bonança.

Partindo dessa conjectura, como propósito acadêmico, a principal finalidade deste trabalho foi levantar o estudo, por meio de análises sistêmicas que possibilitaram a observação fenomenológica por meio da etnografia de tela, a existência de apropriação de elementos rituais das comunidades tradicionais de terreiros na liturgia evangélica da Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus (IPBPD), e também a negação não só de sua existência nos cultos neopentecostais em igrejas de Manaus/AM, bem como da perseguição e negação de sua legitimidade sociocultural, o que configura um evidente contrassenso, no plano real e simbólico. No entanto, mesmo havendo essa conexão do campo lexical e causal das religiões de matriz africana com as referidas instituições, das quais a PBPD serviu como universo amostral desta pesquisa, constatou-se uma intensa postura combativa contra as crenças afro-brasileiras, pautada na negação e perseguição do lugar sociocultural das Comunidades Tradicionais de Terreiros, mesmo que, involuntariamente, estas prestem suporte à realização de seus cultos. Desse modo, a IPBPD, por meio da demonização dos elementos de matriz africana por eles também utilizados, coloca-se em evidência no mercado religioso manauense, bem como pelo estabelecimento de uma relação paradoxal, de saque elementar e vilanização, com a religião combatida, expandindo a ideologia salvífica cristã neopentecostal, ampliando a captação de novos fiéis e, com isso, solidificando sua fonte de renda. Tal cenário evidencia um explícito paradoxo; em outras palavras, a supracitada instituição se apodera de componentes ritualísticos do Candomblé e Umbanda, paralelamente demonizando-os e monetizando por meio do uso dessa prática.

Sob a perspectiva do estudo do Neopentecostalismo como contexto ideológico e operacional, em específico a IPBPD como amostra concreta para pesquisa, partiu-se da investigação das correntes teológicas que norteiam suas ações. Nessa esfera, entre as principais bases discursivas da doutrina neopentecostal, pode-se destacar o proselitismo religioso, (a captação de novos fiéis), a teologia da prosperidade já que essa está intrinsecamente conectada à prática de apropriação dessas cerimônias que são conduzidas com o intuito da dinamização dos cultos da instituição em observação. Com isso, aumenta-se a visibilidade, a lucratividade e o alcance da fé denominada por eles cristã, na sociedade manauense, alegando travarem uma guerra espiritual contra o Diabo por meio da disseminação de estereótipos de "santidade". Das práticas de cunho ideológico anteriormente mencionadas, pode-se destacar a "Guerra Espiritual Contra o Diabo", por ser a vertente que mais contribui para a manutenção da apropriação e, ao mesmo tempo, das perseguições aos filhos e filhas das Comunidades Tradicionais de Terreiro.

O denominado combate espiritual passou a nortear muitas ações da IPBPD, num perigoso processo de encalço religioso, cujo alvo principal são as religiões afro-brasileiras e suas vertentes. Isso ocorre porque essa guerra, esse domínio cristão neopentecostal além de querer converter os adeptos das religiões adversárias, visa também fechar centros de Umbanda, e terreiros de Candomblé, sendo marcantes as constantes hostilizações provocadas. A suposta peleja contra o Diabo é uma construção teológica que preconiza existir uma batalha entre o bem e o mal, sendo o que bom representado por autoproclamado o povo de Deus, os fiéis da Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus, e o mal, o Demônio, pelos Filhos e Filhas-de-Santo que cultuam Entidades de ancestralidade africana e integram cultos afro-brasileiros. Do ponto de vista dos fiéis da IPBPD, a intenção é salvar aqueles que estão perdidos, libertar os cativos, catequisar aos moldes dos tempos coloniais.

Para os adeptos da igreja, Filhos e Filhas-de-Santo ou mesmo quem nutre alguma afinidade ou simpatia pelas religiões afro-brasileiras se constituem como uma afronta às suas crenças, uma agressão aos seus hábitos e costumes. De forma intolerante, racista e preconceituosa categorizam negativamente qualquer religião que não seja a sua e proferem discursos de extremo ódio, como os dos Pastores Presidentes Márcio e Rosiane lima, assim como por grande parte de Pastores que vão à IPBPD para reafirmar sua postura bélica e excludente nos cultos e campanhas que são gravados e

postados nas redes sociais para que todos vejam suas ambições de poderio e domínio sob uma idealizada égide do canonicamente "cristão".

Suas falas externam atos legal e constitucionalmente criminosos, uma vez que fomentam o ódio, descaracterizam e anulam toda a historicidade e o sistema de crenças das religiões de ascendência africana e promovem uma intolerância fortemente galgada no racismo religioso, infrações legais previstas pelas leis nº 9.459 que, desde 1997, expressa conforme os artigos Art. 1º e 20º[129] Serão penalizados os crimes com efeito de discriminação ou preconceito de raça, etnia, religião, bem como praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Outra deliberação que assegura a proteção dos filhos (as) de cultos afro-brasileiros e que a Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus fere, em nível de regimento legislacional, é a diretriz que desde 2023, quando foi reconhecida a lei 14.532[130] que equipara o crime de injúria racial ao crime de racismo, protegendo também a liberdade religiosa. A Lei assegura pena de reclusão de dois a cinco anos e proibição de frequência a quem obstar, impedir ou empregar violência contra quaisquer manifestações ou práticas religiosas. A Constituição Federal, da mesma forma, endossa liberdade de consciência e de crença, no artigo 5º, VI[131], estipulando ser inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando a livre prática dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.

O que mais explicita o contrassenso, nesse cenário, é que, em meio a todo embate de forma unilateral, mesmo refutando e contestando às comunidades tradicionais de terreiro, é frequente a utilização dos elementos religiosos e rituais normalmente usados na religião considerada como inversa aos valores doutrinários do cristianismo, em sua mais nova vertente o neopentecostalismo, bem como o impacto nos discursos pastorais que também passam a utilizar-se de expressões, apropriando-se, ressignificando e dando novos significados. Na prática, elementos característicos das

---

[129] Fonte: Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 9.459, DE 13 DE MAIO DE 1997. Disponível em:<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm>. Acesso em: 15 de jan. 2025

[130] Fonte: Presidência da República Secretaria-Geral Subchefia para Assuntos Jurídicos. *LEI Nº 14.532, DE 11 DE JANEIRO DE 2023*. Disponível em:<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14532.htm>. Acesso em: 10 de jan. 2025

[131] Fonte: O DIREITO DE RELIGIÃO NO BRASIL. *I - DA LIBERDADE DE RELIGIÃO II - DA RELIGIÃO NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL*. Disponível em:<https:// www.pge.sp.gov.br/ centro deestudos/revistaspge/revista2/ artigo5.htm#:~:text=A %20Constitui% C3%A7%C3%A 3o%20Federal%2C%20no%20artigo,culto%20e%20as%20suas%20liturgias.>. Acesso em: 10 de jan. 2024

religiões afro-brasileiras, água consagrada, fogo sagrado danças corporais (transe religioso), sonoridade e instrumento musical, lenço, dentre outros, passam a ser utilizados pela IPBPD.

Costumes e ritos como dar o passe, círculo sagrado, sessões de descarrego, correspondência explícita com o calendário de atividades ritualísticas estabelecidas pela cultura afro-brasileira para celebrar suas divindades etc também. Tudo isso se reflete em seus discursos, sejam verbais ou expressos corporais. A supracitada congregação, na qualidade de instituição social que detém tecnologias de poder, assim como qualquer outra nesse espectro, possui suas formas de controle, punição e exclusão. Em seus discursos, delimita comportamentos e condutas que devem moldar os seguidores de sua linha doutrinária. No decorrer do processo, estimulam os entraves espirituais e a Guerra contra o Diabo, associando-o a grupos religiosos como os candomblecistas, os umbandistas e demais credos pertencentes às Comunidades Tradicionais de Terreiro, o que culmina em extrema intolerância religiosa, favorecendo preconceitos e discriminações. Em suas pregações, são comuns expressões como “marchar na terra” “batalha”, “guerra santa” “pisar, jogar no chão e quebrar a macumba” “casarão da macumba e do diabo”, “soldado de Jesus” “lutar como contra o Demônio e os sistemas religiosos que supostamente o cultuam”, entre outras.

Nesses termos, o discurso passa a legitimar as ações de seus seguidores, que acreditam que devem cumprir a missão cristã de exterminar o mal por meio do proselitismo, com o propósito de converter os cidadãos manauenses, libertá-los “das garras do diabo, dos demônios que estão na macumba”, por acreditar que estão fazendo o que é certo e que Deus espera. Entrementes, a percepção dos que sofrem os ataques têm outra conotação, já que são alvos diretos de aparelhos discriminatórios fomentados pelo racismo religioso, preconceito socioeconômico, discriminação em diversas instâncias etc. Consequentemente, o grupo atingido, em dadas ocasiões, desencadeia contrarreações, situação capaz de provocar intensos conflitos religiosos.

O mais expoente influenciador e expansionista do fenômeno neopentecostal em solo brasileiro, fundador da IURD, de acordo com (Oro 2007, p. 31), Edir Macedo “frequentou [...] a umbanda”. Constatada essa proximidade pregressa com as religiões afro-brasileiras, antes de sua reinvenção como líder neopentecostal, é plausível afirmar que o mesmo incorporou elementos rituais de natureza cênica e cerimonial na igreja que fundou. Contudo, ao mesmo tempo, idealizou e implementou uma contínua perseguição

ao mencionado sistema de crença do qual antes fazia parte, negando qualquer semelhança ou correspondência entre ritos, termos e objetos utilizados com cultos iurdianos, o que se traduz em um expressivo contrassenso com a religião que, outrora, era sua casa.

Diante dessa conjuntura, é válido inferir que a apropriação realizada pelas igrejas neopentecostais em todo Brasil, consequentemente em Manaus, em particular feita pela igreja que serviu como campo analítico para essa pesquisa, dos elementos das religiões de matrizes africanas, é viabilizada por alguns aspectos nevrálgicos, tais como: a experiência religiosa na Umbanda do maior líder religioso e propagador ideológico salvífico desse segmento, a crença do catolicismo popular brasileiro em elementos como mandingas, olho gordo, mal olhado etc., tal como um público-alvo que mora próximo ao público das casas de religiões afro-brasileiras que também fazem parte da Rua Carauari, Zona Leste manauense. Tal proximidade colaborou incisivamente para a apropriação, que pode ser observada a partir de rituais realizados na Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus (IPBPD), em que foi verificada a presença de componentes cerimoniais advindos das Comunidades Tradicionais de Terreiro através dos discursos, sejam verbais ou corporais.

A Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus tem mantido um vernáculo bastante hostil e injurioso contra um segmento religioso que influenciou e, ainda hoje, influencia em seus cultos neopentecostais. Dessa forma, é possível perceber como a mencionada congregação tem negado a legitimidade institucional, legal e constitucional das Comunidades Tradicionais de Terreiro, reconfigurando o sistema de crenças que as compõe através do seu discurso anulador e execrável. Ocorre que, após fazer apropriações, a já muito aqui citada casa de oração passa a ressignificar os elementos das religiões afro-brasileiras, fazendo com que a identidade negra seja semanticamente redimensionada por meio do seu discurso. Assim, quando a IPBPD ataca, por exemplo, a Pomba-Gira que, nas religiões afro-brasileiras, simboliza uma dimensão poderosa da força feminina, guerreira, corajosa, intrépida e sensual, ressignificando-a como um “encosto” feminino responsável por destruição de relacionamentos, casamentos, passa a ressematizar um relevante aspecto a identidade religiosa negra e afro-brasileira de uma pejorativa e condenável. Tal prática pode ser explicada por meio da hipocrisia em colocar o responsabilidade das próprias escolhas na conta de Entidades por eles demonizadas, o que torna sua concepção sobre ser cristão extremamente confortável.

Mesmo após apropriar-se destes elementos e utilizá-los para estabelecer sua cerimonial litúrgico, a igreja mantém uma postura inquisidora frente às religiões afro-brasileiras atribuindo-lhes novos e sombrios significados. Um exemplo dessa situação consiste no uso da água para fazer limpeza espiritual, já que é um elemento da natureza que, cuja alegação de seus adeptos, é feita por somente sua deidade judaico-cristã, embora os cultos africanos também o façam bem antes do surgimento do Cristianismo. Do mesmo modo, a imposição de mãos na cabeça (que, na Umbanda, o mesmo ritual é chamado de *Passe*) serve para curar, captação de benções e deve ser feito por quem tem autoridade divina. Para a supracitada congregação neopentecostal, um único ritual pode resultar em manifestações distintas. Quando realizado em sua liturgia, tem a função de eliminar todo pecado, promovendo a salvação do indivíduo e sua a recuperação. Em contrapartida, se é feito em uma Casa de Axé, é considerado uma cerimônia prejudicial, repleta de atmosfera demoníaca, uma vez que acreditam ser conduzido por indivíduos desqualificados, pecaminosos, pois, segundo seus discursos: “são adoradores do Diabo/Satanás”. Seus Pastores e de toda sua Eclésia, tidos como "santos”, povo escolhido por Deus, autoproclamam-se como aqueles que vão morar no “Céu" e, por essa razão, estão qualificados por seu Deus para essas funções.

Consequentemente, os efeitos de seus discursos, enquanto criam uma conexão com o público-alvo, comprometem perigosamente o lugar de existência e legitimidade dos cultos pretos e sua ancestralidade, denegando a verdadeira narrativa da tradição religiosa africana. Um nocivo ardil que promove o fortalecimento de sua teologia está na reconfiguração semântica de Exu que, para a IPBPD, e para toda a extensão do cristianismo, passa a figurar como o Diabo/Satanás, o mal personificado que pode ser encontrado nos terreiros das Famílias-de-Santo, sendo obrigação daqueles que forem “bons cristãos”, combatê-lo imperativamente.

Diante do exposto, fica evidente que as influências socioculturais e religiosas provenientes das religiões de matrizes africanas sobre a Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus (IPBPD), assim como em muitas outras igrejas dessa ramificação em Manaus/AM, são incisivas na configuração do contrassenso fomentado pelo paralelo entre apoderamento e inquisição aos componentes rituais afro-brasileiros, em suas cerimônias. Apesar de a sociedade brasileira, não sendo diferente em Manaus, ser constituída pelo crivo da multiculturalidade, somando uma miscelânea de hábitos, costumes e práticas religiosas, a mencionada congregação ilustra perfeitamente o

cenário neopentecostal manauense, onde se rejeita, também, todo traço cultural dos povos originários, também o conjunto de crenças do contingente dos povos africanos que foram sequestrados de seu continente natal para, em terras estranhas, atuarem coercitivamente como mão-de-obra e, por conta de um processo de escravização, ao menos, tentar sobreviver estabelecendo sua forma de culto, a supracitada congregação neopentecostal interpela toda ancestralidade e cosmogonia preta e abraça, utilizando a máscara da branquitude para encontrar um espaço que os possa ser aceitos como humanos, para não ficar na esfera do não ser, da criatura e evoluir pra condição de "Filho de Deus".

Para isso, é necessário negar integralmente a herança histórica que faz parte da Bíblia Sagrada. Dessa forma, os fiéis da IPBPD, e diversas igrejas similares da capital manauense, acabam abraçando o sistema religioso que os oprime, reverberando uma perspectiva colonialista acerca das religiões de matriz africana e suas vertentes. Ao mesmo tempo em que rejeitam e invisibilizam elementos da religião que combatem e denegam se apropriam de seus elementos, ritos e cerimonias, fazendo a depuração e atribuindo a eles novos significados de forma catártica ao seu Deus judaico-cristão.

Em sua teologia da "Guerra contra o Diabo", a IPBPD acaba por estimular a intolerância e o racismo religioso contra as práticas cerimoniais afro-brasileiras em Manaus/AM, que compõe as Comunidades Tradicionais de Terreiro e seus elementos rituais para fins de conexão com o seu sagrado, ancestralidade e cosmogonia, bem como suas Entidades, que passam a figurar como espíritos/demônios malignos que em muito se diferem das qualidades originais: sabedoria, inocência, humildade, fortaleza e simplicidade. Nessa perigosa estrada, na qual o arcabouço cultural negro tem sido pejorativamente ressignificado, essa apropriação e simultânea denegação resultam em um contrassenso de viés eurocêntrico e de colonial, uma vez se apoderam, reconfiguram sua história de resistência e partem com ataques que, além da apropriação elementar, servem de base para todo o processo ritualístico da IPBPD.

Destarte, a investigação acadêmica acerca dos processos que sedimentam esse fenômeno em Manaus/AM e, consequentemente, na Amazônia, bem como das consequências danosas de sua existência para um convívio coletivo pautado na pluralidade e respeito às diferenças, é fundamental para o posterior debate, em âmbito social, sobre as práticas sociais, em particular as de cunho religioso, que fomentam o ódio, propagam a diminuição cada vez mais expansiva de um estado democrático,

colocando as religiões de matriz africana cultuadas na Amazônia Brasileira na condição de proscritas, relegadas ao epistemicídio de suas crenças, história e cultura, o que torna notório o fato de que os preceitos e constructos religiosos eurocêntricos, pretensamente cristãos e caucasianos ainda se constituem como um potente instrumento de alcance do colonialismo ainda fortemente presente, em terras amazônicas.

REFERÊNCIAS

ACHILLE, MBEMBE. *Crítica da razão negra*. Portugal: Antígona, 2014, p. 26

AINLAY, S. C.; BECKER, G.; COLMAN, L. M. A. Stigma reconsidered. In AINLAY, S.C.; BECKER, G.; COLMAN, L. M. A. (Eds.). The Dilemma of Difference. Nova York: Plenum, 1986.

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo Tupiniquim*. Arte Editorial, 2005, p. 83

ALMEIDA, André Luís Monteiro de. *A música sagrada dos ogãs no terreiro de umbanda "Ogum beira mar e Vóvó Maria Conga" da cidade goiana de Itaberaí: representações e identidades.* 2013, p. 7, 12 e 14. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. UFG. Goiás.

ALMEIDA, Ronaldo de. *"Dez anos do "chute na santa": a intolerância com a diferença"*. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2007. p. 178

ALMEIDA, Ronaldo. *A guerra das possessões*. in: ORO, Ari Pedro: CORTEN, André: DOZON, Jean Pierre. Igreja Universal do Reino de Deus. Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003, p.341

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*, São Paulo: Editora Pólen 2019, p. 58

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro/Jandaíra, 2022, p. 34

ALVES, Elton Egydio. *A importância dos símbolos como práxis religiosa na IURD*. Revista Ciências da Religião-História e Sociedade, v. 9, n. 2, 2011. p. 184

ARAÚJO MAR, A.; TEIXEIRA SOUTO, C. A. .; MAXIMINO TAVARES CÉSAR, W. *Mariana, Herondina e Toya Jarina: transculturalidade nas figurações do sagrado feminino na Encantaria Amazônica*. Sacrilegens, 2024, p. 148. Disponível em:<https://periodicos.ufjf .br/index.php/sacrilegens/article/view/44348>. Acesso em: 7 jan. 2025.

ARAÚJO, Bruno Gomes de. *A expansão regional das redes de poder da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil.* 299f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Geografia. Natal, RN, 2018.

ARAÚJO, Bruno Gomes. *TIPOLOGIA GEOGRÁFICA DAS FORMAÇÕES PENTECOSTAIS NO BRASIL*. Revista de Geopolítica, v. 11, n. 2, p. 40-55, 2019, p. 49 e 54

ARAÚJO, Maurício de. *Do Combate ao Racismo à Afirmação da Alteridade Negra: As Religiões de Matriz Africana e a Luta por Reconhecimento Jurídico – Repensando a Tolerância e a Liberdade Religiosa em uma Sociedade Multicultural.* 2007, p. 35

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamism*o. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
AUGRAS, M. De. *Iyá mi a pomba-gira: transformações e símbolos da libido*. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes (org.) Candomblé: religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 17-44.
AZORLI, Diego. *Do que riem as Pombagiras*. Educação em Revista, Marília, SP, v. 24, 2023, p. 10. Disponível em: <https: //revistas. marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/14530>. Acesso em: 21 nov. 2024.
BAHIA, Nunes Charles. *Apropriação Cultural Antropofágicas e as Mascaras Brancas do Racismo Indigesto*, in: Complexitas - Rev. Fil. Tem., Belém, v. 3, n. 2 , p. 40-53, jul./dec. 2018, p.46.
BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
BAKTHIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. *"Etnografia de tela": uma aposta metodológica. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação.* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 87.
BARBOSA, Marco Antonio. *Do terreiro ao púlpito–apropriação e ressignificação de elementos de crença das religiões afro-brasileiras pela liderança da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2010)*. Antíteses, 2010, p. 80
BARBOSA, Marielle Kellermann; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Análise do movimento em rituais umbandistas. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 24, p. 225-233, 2008, p. 227
BARROS, Cristiane Amaral de. *Iemanjá e pomba-gira: imagens do feminino na Umbanda*. 2006, p.52, 53, 128 e 129.
BASTIDE, Roger. Les religions africaines au Brésil. Paris: Presses Universitaires de France, 1960.
BERGER, J. Mo dos de ver. Rio de Janeiro : Rocco, 1999.
BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p.150
BERKENBROK, Volney. *A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.230.
BIRMAN, *Patrícia. Imagens religiosas e projetos para o futuro.* Em: BIRMAN, P. (Org.). *Religião e espaço público*. São Paulo: Editora Attar, 2003, p. 236.
BIRMAN, Patrícia. *Percursos afro e conexões sócias: negritude, pentecostalismo e espiritualidades.* In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Org.) *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006, p.93.
BITTENCOURT, José. Matriz *Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.41.
BITUN, Ricardo. *Igreja Mundial do Poder de Deus: rupturas e continuidades no campo religioso neopentecostal.*213f. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). São Paulo: PUC-SP, 2007, p. 113
BLAINEY, G. *Uma breve história do cristianismo*. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2012, p.26
BLEDSOE, David Allen. *Movimento neopentecostal brasileiro: um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012.

BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981, p.150
BOLTON, Brenda, 1983, p.26 *A reforma na Idade Média*. Lisboa: Edições 70.
BONFATTI, Paulo et al. Acerca do conceito de arquétipo na Psicologia Analítica: breves considerações. ANALECTA-Centro Universitário Academia, v. 4, n. 4, 2018, p. 543
BONFIM, Adailson Jose Rosendo. *Um "alarido" neopentecostal: transversalidade e ressignificação na Igreja Universal do Reino de Deus.* Dissertação. UFS - Programa de Pós-graduação em Sociologia. São Cristóvão/SE, 2008.
BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. pp. 14-15
BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001, p. 07 e 08
BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970. *Brasil*. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 maio.2024
BRIGGMANN, A. P. *Discurso: estrutura, evento ou processo? Educação, Subjetividade e Poder*, v. 3,1996, p. 33.
BRUNI, José Carlos. *A água e a vida*. Tempo social, v. 5, n. 1-2, 1993, p. 53-65.
BUDKE, Sidney. *Mídia e religião: das peregrinações ao universo das tele-comunicações*. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, v. 08, set.-dez. 2005, p.44
CAMPOS, Arnaldo. *A descoberta da Amazônia pelos turcos encantados*. Belém: Campos, 2005
CAMPOS, L. S. Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes; São Bernardo do Campo: Umesp, 1997, p.79
CAMPOS, Leonildo Silveira. *A Igreja Universal do Reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa).* Institut d'Etudes Politiques de Bordeaux (Org.). Lusotopie - Dynamiques religieuses en lusophonie, Bordeaux: Karthala, 1999, p. 355-367.
CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos Uma Exploração da Hibradações Culturais. Instituto Cultural*. Italo-Brasileiro. 1996, p.16
CAPONE, Stefania. *A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009, p.101
Caputo, S. G. (2008). *Ogan, adósu, oje, egbonmi e ekedi: o candomblé também está na escola. Mas como?* Em A. F. Moreira & V. M. Candau (Orgs.), *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.* Petrópolis - RJ: Vozes
CARDOSO, Lourenço. *"O Branco-Objeto: O movimento negro situando a branquitude". Instrumento*, vol. 13, n. 1, jan./jun., 2011, p. 81 Disponível em:<https: // instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/1176/954>.Acesso em 22 de Jan. 2025
CARDOSO, Lourenço. *Brancura e branquitude: ausências, presenças e emergências de um campo de debate*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2017, p. 24

CARDOSO, Lourenço. *O branco "invisível": um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil*. Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Coimbra. Coimbra: 1998. Disponível em:<http://www.redalyc.org/html/773/77315079028/>. Acesso em 22 de jan. 2025

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de Racialidade, a construção do outro como não ser como fundamento do ser.* São Paulo: Editora ZAHAR, 2023, p. 116.

CARREIRO, Gamaliel da Silva. *Mercado Religioso Brasileiro: do monopólio à livre concorrência*. São Paulo: Nelpa, 2009.

CARVALHO, Anna Karoline et al. A religião como forma de controle social. Humanidades & Inovação, v. 7, n. 2, p. 310-317, 2020, p.311

CHO, Paul Yonggi. *Grupos Familiares e o Crescimento da Igreja*. São Paulo: Editora Cinemateca Paraense, 2005. Disponível em:153 *Sacrilegens, Juiz de Fora, v. 21, n. 1, p. 136-154, jan./jun. 2024* 153<https://cinematecaparaense.org/filmes/documentarios/a-descoberta-da-amazonia-pelosturcos-encantados >. Acesso em 16 jan 2024.

CINTRA, Paula Lobo. *O neopentecostalismo é neoliberal?* REVER: Revista de Estudos da Religião, v. 24, n. 1, 2024, p. 110

COHEN, E. The mind possessed: The cognition of spirit possession in an Afro-Brazilian religious tradition. New York: Oxford University Press, 2007, p. 142 - 143

COLINS, Alfredo Taunay; DE LIMA, Morgana Gama. *Etnografia de tela e semiopragmática: um diálogo entre metodologias de análise fílmica*. AVANCA| CINEMA, p. 430-437, 2020, p.436

CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. *Brancura e branquitude: ausências, presenças e emergências de um campo de debate.* Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/180902>. Acesso em 25 de jan, 2025

CONRADO, Mônica Prates; NEVES BARROS, Thiane de Nazaré Monteiro. *A categoria "afro-indígena" na Amazônia paraense: usos, confluências e ambivalências em debate acadêmico*. Horizontes Antropológicos, v. 28, n. 63, 2022, p. 229 – 238

CUNHA, Carlos Alberto Motta. HERMENÊUTICA PENTECOSTAL E HERMENÊUTICA DA LIBERTAÇÃO, 2011, p.11

CUNHA, M. do N. *Fundamentalismos crise da democracia e ameaça aos di-reitos humanos na América do Sul: tendencias e desafios para a ação*. Salvador: Koinonia, 2020, p. 18

CUNHA, Magali do Nascimento. *"Vinho Novo em Odres Velhos".* Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese de doutorado. São Paulo. Escola de Comunicação e Artes, USP, 2004

DE MORAES, Gerson Leite. *Neopentecostalismo-um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro*. REVER: Revista de Estudos da Religião, v. 10, 2010.

DE OLIVEIRA PERES, Carla Simone; DE JESUS MORAIS, Maria. *CONHECENDO A UMBANDA POR FORA: "CHUTA QUE É MACUMBA" 1.* Revista Diálogos: Economia e Sociedade (ISSN: 2594-4320), v. 7, n. 1, 2023, p. 04

DE QUEIROZ RONSI, Francilaide. *As novas formas de experiência cristã: A diversidade religiosa dentro do cristianismo*. 2021. Tese de Doutorado. PUC-Rio. p.12

DE SANTANA, Maria das Graças Rodrigués, . *Orí Àpéré Ó: o ritual das águas de Oxalá*. Selo Negro, 2001.

DECUGIS, Henri. *Les Étapes du Droit* – des origines a nos jours. Vol. 2. 2ª edição. Paris: Librairie du Recueil Sirey. 1946. [Tradução livre.]
DELEUZE, Giles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2007
SOUZA, Alexandre Carneiro de. Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?: um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa: Ultimato, 2004.
DIAS, Zwinglio Mota. *Um século de religiosidade Pentecostal: algumas notas sobre a irrupção, problemas e desafios do fenômeno pentecostal.* HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, 2011.
DIP, Andrea. *Em Nome de Quem?: a bancada evangélica e seu projeto de poder.* Editora José Olympio, 2018. p, 73
DOMINGUES, Petrônio José. *Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica*. Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 10, n. 1, 2005, p. 5 e 6.
DOS SANTOS, Silmara Aparecida; RIBEIRO, Cláudia Maria. *"ELE, O BOTO": ANÁLISES A PARTIR DA ETNOGRAFIA DE TELA*, 2018, p. 04
DUARTE, Lucas Henrique Pereira. *Sopro necessário e urgente às igrejas e suas teologias| Necessary and urgent breath to churches and their theologies*. Caderno Teológico da PUCPR, v. 4, n. 2, 2019, p.1 e 4.
EVANGELISTA, Daniele Ferreira. Fundando um axé: reflexões sobre o processo de construção de um terreiro de candomblé. Religião & Sociedade, v. 35, 2015, p.64
FANON, Frantz. *Os Condenados da terra.* Coleção Perspectiva do Homem. Editora: Civilização Brasileira. 1968, p. 40
FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* (R. Silveira, Trad.). Salvador, BA: Ed. UFBA, 2008, p.125
FERNANDES, Nathalia Vince Esgalha. *A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana.* Revista Calundu - vol. 1, n.1, jan-jun 2017, p.132
FERREIRA, Ligia F. *"Negritude", "Negridade", "Negrícia": história e sentidos de três conceitos viajantes* 2006)
FERREIRA, Luiza Castellani. *O NEOPENTECOSTALISMO E A MÍDIA*. 2023, p. 09
FERRETTI, Sergio. *Repensando o Sincretismo*. Editora: ARCHÊ. 2013, p. 99
FISCHAMNN Roseli. *"Estratégias de superação da discriminação étnica e religiosa no Brasil".* Direitos humanos no século XXI. Parte II. Brasília: mre/ipri/Funag, 2001, p.11.
Fonte: AQUINO, Felipe. *Por que os Papas escolhem novos nomes?* Disponível em:< https://noticias.cancaonova.com/brasil/por-que-os-papas-escolhem-novos-nomes/>. Acesso em: 31 de ago. 2024
Fonte: CÂMARA Municipal de Manaus. Disponível em:<https://www.cmm.am.gov.br/vereadores/raiff-matos/>. Acesso em: 28 de out.2024
Fonte: CARVALHO, Ary. *CANDOBLÉ o Mundo dos Orixás Qual o poder que existe em um nome?* Disponível em<https://ocandomble.com/2016/12/26/qual-o-poder-que-existe-em-um-nome/>.Acesso em: 26 de ago. 2024
Fonte: CHAVES, Ricardo. *Entenda como igrejas usam religião de matriz africana para 'indústria da demonização'.* Disponível em:<https://revistacenarium.com.br/entenda-como-igrejas-usam-religiao-de-matriz-africana-para-industria-da-demonizacao/> Acesso em: 26 de set.2024
Fonte: DE ARAÚJO, Arão Inocêncio Alves. Disponível em:< https:// www.youtube.com/watch?v=LgzV0kK4L08>. Acesso em: 05 de set. 2024

Fonte: D'OSOGIYAN, Fernando. *CANDOBLÉ o Mundo dos Orixás Ogan no candomblé Ketu*. Disponível em:<https://ocandomble.com/2016/01/13/ogan-no-candomble-ketu/> . Acesso em:15 de jun. 2024
Fonte: ENGLER, Natalia. A Feira do Livro. In: *Todo branco é beneficiado pelo racismo*. Disponível em:<https://quatrocincoum.com.br/noticias/a-feira-do-livro/todo-branco-e-beneficiado-pelo-racismo/>.Acesso em: 26 de ago. 2024
Fonte: JORNAL do Comércio. *"Eu decidi me dedicar somente a Deus"*. Disponível em:<https://www.jcam.com.br/noticias/eu-decidi-me-dedicar-somente-a-deus/>. Acesso em: 28 de out.2024
Fonte: Jornalismo Gospel Portal de Notícias Cristãs em Áudio e Texto. *Com mais de 8 mil templos, igrejas cresceram 325% em Manaus nos últimos anos*. Disponível em:<Com mais de 8 mil templos, igrejas cresceram 325% em Manaus nos últimos anos – Jornalismo Gospel>. Acesso em 12 de set. 2024
Fonte: LOPES, Augusto Nicodemos G. *Objetos que Trazem Bênção e Maldição: Um Estudo sobre o Uso de Objetos e a Fé*. Disponível em:<https://solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/ObjetosQueTrazemBencaoEMaldicao-BatalhaEspiritual-Nicodemus.htm>. Acesso em: 03 de dez. 2024
Fonte: MÃE DE SANTO LÉA - *Terreiro de Umbanda Caminheiros de Oxalá* Disponível em:<https://www.instagram.com/caminheirosdeoxala/p/C0_ZoJRuACS/?img_index=1> . Acesso em: 03 de set. 2024
Fonte: MARCIEL, Alice. Todo Poderoso. Disponível em:<https://www. letras.mus.br/alice-maciel/1183240/>. Acesso em: 28 de set. 24
Fonte: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Fundamentalismo e imperialismo na América Latina: ações e resistências*. Disponível em:<https://www.institutobuzios.org.br/fundamentalismo-e-imperialismo-na-america-latina-acoes-e-resistencias/>.Acesso em: 02 de dez 2024
Fonte: MATOS, Thaís. *Racismo religioso e intolerância religiosa: qual a diferença entre os crimes?* Disponível em:<https://revistacenarium.com.br/racismo-religioso-e-intolerancia-religiosa-qual-a-diferenca-entre-os-crimes/>.Acesso em: 06 de dez.2024
Fonte: MELLO, Gláucia. *O QUE É CONGÁ?* Disponível em:<https://acve.com.br/index.php/jornal/item/142-o-que-e-conga>. Acesso em: 03 de set. 2024
Fonte: MONTEAGUDO, Clarissa. *Demonização de figuras do candomblé foi construída desde a chegada do colonizador português à África*. Disponível em:<https://extra.globo.com/noticias/rio/demonizacao-de-figuras-do-candomble-foi-construida-desde-chegada-do-colonizador-portugues-africa-229778.html> Acesso em: 07 de set. 2024
Fonte: Nosso Propósito Cristão. Disponível em:<www.nossopropositocristao.com.br>. Acesso em: 26 de set. 2024
Fonte: O DIREITO DE RELIGIÃO NO BRASIL. *I - DA LIBERDADE DE RELIGIÃO II - DA RELIGIÃO NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL*. Disponível em:<https: //www.pge. sp.gov.br/centrodeestudos/ revistaspge/revista2/ artigo5.htm#:~:text=A%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Federal%2C%20no%20artigo,culto%20e%20as%20suas%20liturgias.>. Acesso em: 10 de jan. 2024
Fonte: ONARA, Nubia. *Água consagrada: um meio para alcançar o impossível*. Disponível em:<https://www.universal.org/noticias/post/agua-consagrada-um-meio-para-alcancar-o-impossivel/>. Acesso em 12 de nov. 2024
Fonte: OXALÁ Pai Paulo de. *O que é o ritual do Ajere reproduzido em 'Vai na Fé'*. Disponível em:<https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/o-que-

o-ritual-do-ajere-reproduzido-em-vai-na-fe-25666588.html>.Acesso em: 12 de dez. 2024
Fonte: OXALÁ, *Paulo. A Fogueira, o Ajere de Xangô e o Dia de São João*. Disponível em:<https://extra.globo.com/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2023/06/a-fogueira-e-o-ajere-de-xango-e-o-dia-de-sao-joao.ghtml>. Acesso em 12 de set. 2024
Fonte: OXALÁ, Paulo. *Água, o Axé de todos*. Disponível em:<Água, o Axé de todos (globo.com)>. Acesso em 19 de jun. 2024
Fonte: OXALÁ, Paulo. Datas Sagradas: a importância de celebrar os Orixás em seus dias especiais. Disponível em:<https://extra.globo.com/google/amp/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2024/09/datas-sagradas-a-importancia-de-celebrar-os-orixas-em-seus-dias-especiais.ghtml>. Acesso em 27 de set. 2024
Fonte: OXALÁ, Paulo. Datas Sagradas: a importância de celebrar os Orixás em seus dias especiais. Disponível em:<https://extra.globo.com/google/amp/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2024/09/datas-sagradas-a-importancia-de-celebrar-os-orixas-em-seus-dias-especiais.ghtml>. Acesso em 27 de set. 2024
Fonte: OZIMA, Leonardo. *Religiões de matriz africana são os principais alvos de intolerância e racismo no Brasil.* Disponível em:<https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/religioes-de-matriz-africana-sao-os-principais-alvos-de-intolerancia-e-racismo-no-brasil/>. Acesso em 12 de set. 2024
Fonte: PERSONAGENS BÍBLICO, Bíblia. *A história de Débora na Bíblia.* Disponível em:<https://www.respostas.com.br/quem-foi-debora-na-biblia/>. Acesso em: 10 de set. 2024
Fonte: PESTANA, Ana. *Vereador desperta racismo religioso por apoio à festa de Yemanjá em Manaus.* Disponível em:<https://agenciacenarium.com.br/vereador-desperta -racismo-religioso-por-apoio-a-festa-de-yemanja-em-manaus/>. Acesso em: 28 de out.2024
Fonte: PRANDI, Reginaldo. *Demonização de figuras do candomblé foi construída desde a chegada do colonizador português à África*. Disponível em:<https: //extra.globo.com/noticias/rio/demonizacao-de-figuras-do-candomble-foi-construida-desde-chegada-do-colonizador-portugues-africa-229778.html> Acesso em: 07 de set. 202
Fonte: Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 9.459, DE 13 DE MAIO DE 1997. Disponível em:<https: //www.planalto. gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm>. Acesso em: 15 de jan. 2025
Fonte: Presidência da República Secretaria-Geral Subchefia para Assuntos Jurídicos. *LEI Nº 14.532, DE 11 DE JANEIRO DE 2023*. Disponível em:<https: //www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14532.htm>. Acesso em: 10 de jan. 2025
Fonte: PUFF, Jefferson.*Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?* Disponível em: <https: //www.bbc.com/portuguese/noticias /2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm> . Acesso em: 14 de nov.2024
Fonte: RIBEIRO, Isaac. *Criaturas ou filhos de Deus?* In: Somos Criaturas ou Filhos de Deus. Disponível em:<https: //sampi.net.br/franca/noticias /1707498/opiniao/2022/03 /criaturas-ou-filhos-de-deus>. Acesso em 12 de set. 2024
Fonte: SALOMÃO. *Fascismo: Significado, Origem e Impacto na Sociedade Moderna*. Disponível em:<Fascismo: Significado, Origem e Impacto na Sociedade Moderna. significado.app>. Acesso em: 13 de dez.2024
Fonte: SANTANA, Eder da Silva. *O banzo e a "depressão" dos negros escravizados.* Disponível em:< https://www.imparcial.com.br/noticias/-o-banzo-e-a-depressao-dos-

negrosescravizados,39810#:~:text=A%20literatura%20especializada%20refere%2Dse,atuais%20poder%C3%ADamos%20chamar%20de%20depress%C3%A3o>. Acesso em: 02 de nov. 2024

Fonte: SCHWARTSMAN, Hélio. *Cor de campanha pela democracia, amarelo está presente nas religiões.* Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/07/cor-de-campanha-pela-democracia-amarelo-esta-presente-nas-religioes.shtml> Acesso em: 26 de set.2024

Fonte: SEVERIANO, Adneison. *No AM, suspeito de matar pai de santo durante briga entre vizinhos é preso.* Disponível em:<https://g1.globo.com /am/amazonas/ noticia/2014/07/ no-am-suspeito-de-matar-pai-de-santo-durante-briga-entre-vizinhos-e-preso.html >. Acesso em: 05 de set. 2024

Fonte: SILVA, Alaine. *Os Levitas.* Disponível em:<https://www. infoescola.com /biblia/os-levitas/>. Acesso em: 31 de jul. 2024

Fonte: SILVA, Hédio. Como nasceu o termo racismo religioso. In*: O que é racismo religioso e como ele afeta a população negra.* Disponível em:< https://www.conectas.org/noticias/o-que-e-racismo-religioso-e-como-ele-afeta-a-populacao-negra/>.Acesso em: 06 de dez.2024

Fonte: TOSTES, Angelica. *O fundamentalismo e o racismo religioso matam! In*: *Diálogos da Fé*. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/o-fundamentalismo-e-o-racismo-religioso-matam/> Acesso em: 06 de set. 2024

Fonte: UMBANDA, e Paz Disponível em:<https://umbandaempaz. blogspot.com/ 2023/11/olodumare-olorun-olofin.html?spref=pi>. Acesso em: 19 de set. 2024

Fonte: VICENZO, Giacomo. *O que é Macumba?* Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/07/17/o-que-e-macumba-termo-deriva-do-instrumento-e-se-tornou-nome-de-culto.htm>. Acesso em: 09 de jun.2024

Fonte: VIDICA, Leticia. *Punho cerrado: Entenda o significado deste símbolo de resistência* Disponível em:<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/punho-cerrado-entenda-o-significado-deste-simbolo-de-resistencia/> . Acesso em: 05 de set. 2024

Fonte: WANDERMUREM, Isadora. *Exu, Pretos-velhos, Pomba-gira: quem são as entidades da umbanda?* Disponível em:<https://www.terra.com.br/nos/exu-pretos-velhos-pomba-gira-quem-sao-as-entidades-da umbanda,365eadd5c992f750667013faee45a06c0st0lsig.html>. Acesso em: 09 de set. 2024

Fonte: WESTIN. Ricardo*: Negro continuará sendo oprimido enquanto o Brasil não se assumir racista, dizem especialistas:* Disponível em:<https://www12. senado. leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>.Acesso em: 16 de dez.2024

Fonte: WIKIPÉDIA, Enciclopédia Livre. Disponível em:<David Almeida – Wikipédia, a enciclopédia livre>. Acesso em: 28 de out.2024

Fonte: WILLIAM, Rodney. A identidade negra e as correntes neopentecostais são incompatíveis? Disponível em:<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/a-identidade-negra-e-os-neopentecostais-sao-incompativeis/>.Acesso em: 12 de dez.2024

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. SãoPaulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Prefácio: *O verdadeiro sexo*. ln: PANIZZA, Oscar. Herculine Barbin: o diário de um Hermafrodita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 1 - 4.

FOUCAULT, Michel; GALVÃO, Maria Ermantina. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976).* 2005, p. 294, 302 e 303

FOUCAULT, Michel; GALVÃO, Maria Ermantina. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976).* 2005, p. 306
FOUCAULT. Michel. *A Ordem do Discurso Aula Inaugural no College de France, Pronunciada em 2 de setembro de 1970.* Edições: Loyola 1999, p. 08
FRANÇA, Jonas. *Elementos para um debate sobre os brancos e a branquitude no candomblé: identidades, espaços e responsabilidades.* Revista Calundu, v. 2, n. 2, 2018, p. 57
FREITAS, Allan Felipe Santos de et al. As representações sociais da umbanda entre neopentecostais. 2019, p.126
FRENETTE, Marco. *Preto E Branco. A Importância Da Cor Da Pele*. Editora: Publisher Brasil 2001 p.22
FRESTON, Paul C, *Evangélicos e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Campinas.* Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, mimeo, 1993, p.64.
GABATZ, Celso. *Idiossincrasias religiosas contemporâneas: Qual o lugar das mulheres nas Igrejas Neopentecostais?* Revista Pistis & Praxis, v. 10, n. 1, 2018, p. 185
GARCIA, Célio de Pádua et al. *EM TERRAS DE SINCRETISMOS: apropriações e ressignificações afro-brasileiras na Igreja Universal do Reino de Deus*. 2015, p. 30
GARCIA, *Célio de Pádua. Batuguengé a Rongo: sincretismo, identidade e religião*. Tese de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2002.
GARRO, Renata Silva et al. A música como auxílio para o transe e o êxtase. 2019, p.38
GARROUX, Baby. *As bruxas que vivem dentro de nós*. São Paulo: Editora Agora, 1988, p. 207
GEBARA, I. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.
GEERTZ, Clifford; WROBEL, Fanny. *A interpretação das culturas*. 1978, p.15
GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Unesp, 1991.
GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
GONZALEZ, Lélia. A Categoria Político Cultural de Amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. 1988, p. 69.
GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afrolatinoamericano*. Editora: Zahar. 1988, p.119
GRAMINHA, Marina Rachel; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. *Torrentes de sentidos: o simbolismo das águas no contexto umbandista*. Memorandum: Memória e História em Psicologia, v. 17, p. 122-148, 2009, p. 122 - 148
GUERRA, Lemuel Dourado. *Mercado Religioso no Brasil: competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião*. Pernambuco, Tese de doutorado em Sociologia, Centro de Ciências Humanas e Filosofia da UFP, 2000.
GUIMARÃES, Marcelo Rezende, *Um novo mundo é possível*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2004 p.28
HERCULANO, Alexandre. *História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal.* Lisboa: Bertrand, 1950, p.38.
HETERONOMIA: *O que é, significado.* Disponível em*:*<https://www.soescola.com/glossario/heteronomia-o-que-e-> acesso em 18 de maio 2024
JONES, James. *Racismo e Preconceito*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo, julho de 1973, p. 117
JULLIER, L.; MARIE, M. *Lendo as imagens do cinema*. São Paulo: Ed. Senac, 2009, p. 10

JUNG, C. G. *A dinâmica do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1984.
JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 2016, p.19
LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*.14° ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.73
JONES, J. M. (1973). Racismo e preconceito. São Paulo: Edgard Blücher Edgard, Ed. Universidade de São Paulo, 1973, p.117
LARANJEIRA, Gisele. Cristina. O corpo humano e o dom divino: uma análise das experiências de transe nas igrejas pentecostais. Último Andar, *[S. l.]*, v. 24, n. 37, 2021, p. 43 Disponível em:<https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/ view/ 51133>. Acesso em: 13 set. 2024.
LOCKE, J. (1689) *"Carta sobre a Tolerância"*. Tradução F. Fortes, W. Ferreira Lima. Organização, introdução, revisão técnica, notas e comentários F. F. Loque. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 103
MACEDO, Bispo. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*. Rio de Janeiro: Universal, 2000, p.19
MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1996, p.121.
MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
MARIANO, R. (2007). Guerra espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais. *Debates Do NER*, *1*(4). https://doi.org/10.22456/1982-8136.2718
MARIANO, Ricardo. *Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos*. *Revista de Estudos da Religião*. n. 8. 2008, p.77
MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estudos avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 124, 2004.
MARIANO, Ricardo. *Guerra espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais*. Debates do NER, v. 4, n. 4, 2003.
MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*, 2014, p.10. Editora: Loyola – São Paulo
MARIANO, *Ricardo. Neopentecostais*. São Paulo, Loyola, 1999
MARIANO, Ricardo. *Pentecostais em ação: A demonização dos cultos afro-brasileiros.* In: Vagner Gonçalves da Silva et al (Org). Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
MARQUES, Mario Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa.* Ijuí: Unijuí, 1997, p.114
MCALISTER, Robert. *Mãe-de-santo*. Rio de Janeiro: Carisma, 1983, p.93.
MENDES, Norma Musco; OTERO, Uiara Bastos. *Religiões e as questões de cultura, identidade e poder no Império Roman*o. PHOÎNIX, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 11, 2005, p. 211
MONTEIRO, Alef. DEUS É BRANCO? UM ESTUDO SOBRE A RACIALIZAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DE DEUS NO PENTECOSTALISMO. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 12, n. 34, 2020
NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; NAKAGAWA, Fabio Sadao; BRITO, Thaís Fernanda Salves de. *Apropriação cultural e memória: o caso do "bolinho de Jesus"*. Contracampo, Niterói, v. 43, n. 2, 2024, p. 12
NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro. Processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978

NASCIMENTO, Cláudio Nogueira do. “Bem-Vindo à Igreja Do Avivamento”: um estudo do neopentecostalismo em Manaus a partir do Ministério Internacional da Restauração. 2015, p. 59

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Significações do corpo negro. 1998. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. p.89

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância Religiosa*. São Paulo: Polén, 2020, p.25

NOSSO PROPÓSITO CRISTÃO. *Ekllesia*: Assembleia ou congregação usada para se referir à igreja, entendida como o corpo de crentes que se reúnem para adorar a Deus. Disponível em:<https://www.nossopropositocristao.com.br>. Acesso em 26 de set. 2024

NUNCIO, Ariane Pegoraro. *Contribuições de Unidades de Ensino Potencialmente Significativa (UEPS) para a disciplina de ciências do ensino fundamental*. 2017, p.29

OLIVA, Anderson. As faces de Exu: representações europeias acerca da cosmologia dos orixás na África Ocidental (Séculos XIX e XX). In: Revista Múltipla. N. 18, Ano X, Brasília, junho/2005, p.26

OLIVEIRA, Ariadne Moreira Basílio de. *Religiões Afro-brasileiras e o Racismo: contribuição para a categorização do racismo religioso*. 2017, pp 15-16.

OLIVEIRA, Carolina Gomes S. de. *O Fundamentalismo Religioso a partir da Perspectiva de Professores/as e Estudantes de Psicologia*. 2016, p. 12

OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. *Êxtase como locus hermenêutico na experiência religiosa dos Pentecostalismos*. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano XI, n. 31, Maio/Agosto de 2018. p. 72

OLIVIERI, Filippo Lourenço. *Os celtas e os cultos das águas: crenças e rituais*. BRATHAIR-REVISTA DE ESTUDOS CELTAS E GERMÂNICOS, v. 6, n. 2, 2006.

OLOORÊ, Tom. *O que é Macumba? Entenda a origem do termo Macumba Carioca* Disponível em: <O que é Macumba? Entenda a origem do termo Macumba Carioca – Historiando Axé (historiandoaxe.com.br)>. Acesso em: 09 de jun.2024

OPIPARI, Carmen. (2009), *O candomblé: imagens em movimento*. São Paulo: Edusp

ORLANDI, Eni Pucinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas-SP: Pontes, 1987, p.242

ORO, A.P. *Intolerância Religiosa Iurdiana e Reações Afro no Rio Grande do Sul*. IN: SILVA, V.G. (Org.). Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-Brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2007, p. 31

ORO, Ari Pedro, 2010 *apud* Mauro Dillmann Tavares e Fernando Ripe, *“Cavalo de santo: religiões afro-gaúchas”*, Horizontes Antropológicos, v. 18, n. 37, 2012, p. 412.

ORO, Ari Pedro. *Podem passar a sacolinha': um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro*. Cadernos de Antropologia, 9, 1992. Programa de pós-graduação em antropologia social da UFRGS

ORTIZ, Renato. *Mundialização: Saberes e Crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006, p.136

PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito*. Brasília/São Paulo: Novos Diálogos/Editora Recriar, 2019.

PASSOS, João Décio. *Ensino religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007, p.9

PEREIRA, Eliseu. *Teologia do Domínio: Uma chave de interpretação da relação política evangélico-bolsonarista*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 76, p. 147-173, 2023.

PERES, Luiz Carlos. *Casa de santo*. Clube de Autores, 2015, p.182

PETRUS, Wilton; DOS SANTOS, Nádson Araújo; PUGINA, Rosana Letícia. Sermões evangélicos e idealização do comportamento feminino: Uma análise bakhtiniana da voz do terceiro no discurso. Letras de hoje, v. 56, n. 3, p. 598-609, 2021, p. 600

PICOLOTTO, Mariana Reinisch. *O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. Revista Contraponto, v. 3, n. 1, 2016*. p.01.

PONTY, Maurice Merleau. *O visível e o invisível*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994, p. 101

PORTELLA, R. *A Religião na Sociedade Secularizada: Urdindo as Tramas de um Debate*. Numen, *[S. l.]*, v. 11, n. 1 e 2, 2011, p. 41 Disponível em: <https://periodicos .ufjf.br/index.php/numen/article/view/21771> Acesso em: 24 set. 2024.

Postado no site BIBLIA ONLINE: *Livro: Marcos 16: 15 A Ressurreição.* Disponível em: < https://www.bibliaonline.com.br/acf/mc/16/15>. Acesso em: 13 de set. 2024

Postado no site BIBLIA SAGRADA ONLINE: Livro: 1 João 5 - *Fé no Filho de Deus.* Disponível em: < https://www.bibliaon.com/1_joao_5/>. Acesso em: 13 de set. 2024

Postado no site BIBLIA SAGRADA ONLINE: Livro: 2 Coríntios 7. Disponível em: https://www.bibliaonline.com.br/nvi/2co/7/1>. Acesso em: 13 de set. 2024

Postado no site BIBLIA SAGRADA ONLINE: Livro: Mateus - *O maior no reino dos céus.* Disponível em:< https://www.bibliaon.com/mateus_18/>. Acesso em: 13 de set. 2024.

Postado no site BIBLIE.COM: Livro: EFÉSIOS 5:22-33 - *O lar cristão: marido e mulher.* Disponível em:<https://www.bible.com/pt/bible/1608/EPH.5.2233.ARA>.Acesso em: 20 de nov. 2024.

Postado no site CENTRO ESPÍRITA Círculo da Luz: *O que é um Passe Espiritual Disponível* em: <https://circulodaluz.com.br/Passes>. Acesso em: 17 de set. 2024

Postado no site Umbanda e Paz: *Olodumarê Olorun Olofin.* Disponível em: <https://umbandaempaz.blogspot.com/2023/11/olodumare-olorun-olofin.html?spref=pi>. Acesso em: 19 de set. 2024

PRANDI, R. *Nas pegadas dos voduns: Um terreiro de Tambor-de-mina* em são Paulo. In: MOURA, C. E. M. Somavó, o amanhã nunca termina. São Paulo, Empório de Produção, 2005.

PRANDI, Reginaldo. *O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso*. Estudos avançados, v. 18, 2004 p. 227.

Registro da conversa retirada do site da IURD fonte: <www.universal.org>. Acesso em 21 de jan, 2024.

REINA, Morgane Laure. *Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades do ser negro na igreja evangélica*. In: PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.2, 2017, p.257

RIAL, C. S. *Japonês está para a TV assim como mulato para cerveja: imagens da publicidade no Brasil*. ln: ECKERT, Cornelia; MONTE-MÓR, Patrícia (Org.). Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

RIBEIRO, Djamila. *O que é Lugar de fala*. Letramento Produção Editorial LTDA, 2017, p.48

ROCHA, Z. *A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso*. Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 17, n. 3, supl. 1, 2014, p. 3 – 4

RODRIGUES, Ana Fabiola. *A graça de Deus em suas mãos: análise dos elementos argumentativos e prosódicos no discurso religioso neopentecostal de R. R. Soares.* Dissertação. Universidade de Franca - Programa de Pós-graduação em Linguística. Franca, 2009.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Igreja Pentecostal Deus é Amor. Sinais dos Tempos: Diversidade Religiosa no Brasil.* Cadernos do Iser, 23: 59 1990, p.49.

ROSA, A. R. *(O) Braço forte, (a) mão amiga: um estudo sobre a dominação masculina e violência simbólica em uma organização militar.* Lavras: UFLA, 2007. p.40

ROSE, D. *Análise de imagens em movimento*. ln: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROSENDAHL, Zenir. *A dimensão do lugar sagrado: ratificando o domínio da emoção e do sentimento do ser-no-mundo*. In CARNEIRO, Sandra de Sá; SANT'ANA, Maria Josefina. (Orgs.). *Cidade: olhares e trajetórias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p.329

Rouget, G. (1980). La Musique et La Transe: esquisse d'une théorie générale des relations de la musique et de la possession. Paris: Gallimard.

RUFINO, L. *Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação*. Revista Exitus, *[S. l.]*, v. 9, n. 4, 2019, p. 262

SÁ, Vítor. Caminhos para o "livramento": uma relação entre violência e neopentecostalismo na Baixada Fluminense. Anais do 39 Encontro Anual da ANPOCS, 2015, p.16

SACRAMENTO, Elionice. *10 Água: ambiente livre para saúde dos pescadores e pescadoras do Brasil*. Saúde Ambiente, 2015, p. 148.

SANGENIS, Luís Fernando Conde; COSTA; ANGÉLICA, Graziane. *Neo Pentecostalismo, Racismo religioso e Intolerância Religiosa: as religiões afrobrasileiras nas páginas dos jornais*. In: Ivanir dos Santos e Marian Gino (orgs.) História Social da Intolerância Religiosa no Brasil: desafios na contemporaneidade. Kline Editora, 2021, p. 1240. E-book.

SANT'ANA, Raquel. *O som da Marcha: evangélicos e espaço público na Marcha para Jesus. Religião & Sociedade*, v. 34, n. 2, 2014, p. 221 e 222

SANTOS, Edenir Costa dos. *A profecia*. São Paulo: Ogum Marê. 2011, p. 25

SANTOS, Ermerson Porto et al. 1964 em Sergipe: *golpe civil-militar, protestantismo e a Cruzada Cristo Esperança Nossa*. 2017, p.22

SANTOS, Vagner José Rocha. *O sincretismo na culinária afro-baiana: o acarajé das filhas de Iansã e das filhas de Jesus***.** 2013, p. 70

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; GODOY, Helena Vilela de; GAIA, Ronan da Silva Parreira. Sentidos da mediunidade nos candomblés Ketu e Efon. Cultura y religión, v. 14, n. 2, 2020, p. 50

SERRA, Ordep José Trindade. *No caminho de Aruanda: a umbanda candanga revisitada. 2001, p.234*

SILVA, Ana Carolina Barros; CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade e saúde mental da população negra: algumas reflexões políticas e psicanalíticas.* Psicologia & Sociedade, v. 35, p. e276440, 2023, p.06

SILVA, Iona Gonçalves Santos; DA ROCHA, Marlucia Mendes. *Transmodernidade e socialização do poder: resistência cultural dos povos originários em face do neopentecostalismo no Brasil*. Raído, v. 14, n. 34, 2020, p. 186

SILVA, Ivan de Oliveira. *Relação de Consumo religiosa: a vulnerabilidade do fiel consumidor e a sua tutela por meio do Código de Defesa do Consumidor*. São Paulo: Atlas, 2013, p. 5

SILVA, Makson Ivaldo Castelo et al. *O processo de legitimação das funções de liderança feminina no interior das igrejas neopentecostais em Manaus.* 2017, p.23

SILVA, Vagner Gonçalves da. *BRASIL, AFRICANA NO. NEOPENTECOSTALISMO E RELIGIÕES AFROBRASILEIRAS: SIGNIFICADOS DO ATAQUE AOS SÍMBOLOS DA HERANÇA RELIGIOSA.* 2007, p. 207

SILVA, Vagner Gonçalves da. C*oncepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica.* São Paulo: Revista USP, n. 67, 2005, p. 164

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Entre a gira de fé e Jesus de Nazaré: relações socio estruturais entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras.* In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). Intolerância religiosa. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2007, p.194.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Entre a gira de fé e Jesus de Nazaré: relações socio estruturais entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). Intolerância religiosa. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2015, p. 236 e 237

Silva, Vagner Gonçalves da. *Religião e identidade cultural negra: católicos, afrobrasileiros e neopentecostais.* Cadernos de Campo, São Paulo, v.20, n. 20, jan./dez. 2011, p.298

SOBENES, Anahy. *Candomblé e Resistencia Cultural*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA. 2013, p.07

SORIANO, Aldir Guedes. *Liberdade religiosa no Direito Constitucional e Internacional.* São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2002, p.56.

SOUZA, Alexandre Carneiro. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?* 2004

SOUZA, André Ricardo de; ABUMANSSUR, Edin Sued; LEITE, Jorge. *Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais*. Horizontes Antropológicos, v. 25, n. 53, p. 385-410, 2019, p.368,405 e 406

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, p. 33 e 34

STREVA Juliana Moreira. Dissertação de Mestrado. Objetificação Colonial dos Corpos Negros: uma leitura descolonial e foucaultiana do extermínio negro no Brasil, 2016, p.11

TEIXEIRA, Anibal Gomes. *Teologia do Domínio*. Revista Teológica, [S.l.], n. 6, jun. 2016, p. 02 ISSN 2674-7898. Disponível em: <http://ead.teologica.net/ revista/index.php /teologicaonline/article/view/80>. Acesso em: 15 maio 2024.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. Brasiliana, 1955, p. 45

VALLADARES, Licia. *Os dez mandamentos da observação participante*. Revista brasileira de ciências sociais, v. 22, 2008.

Vídeo postado no canal do Youtube: Bispo Edir Macedo. Fonte: MACEDO, Edir. *O Espírito Santo é toda armadura de Deus*. Disponível em:<https:// youtu.be/7 AphGxmjcOE?si=EW3m_8Vozsb38Sc2>. Acesso em: 09 de set. 2024

Vídeo postado no canal TikTok: Jhonatan Carlos Oficial. Fonte: JHONATAN, Carlos. *Nem todo fogo que arde é fogo de Deus*. Disponível em:<https ://www.tiktok. com/@jhonatancarlosoficial/video /7377364829482257670>. Acesso: 17 de set. 2024

Vídeo postado no canal do Youtube: TV SHALOM: *Vanessa do Véu 🫶 Não Tem Galinha Preta 🔥 8° VIGILHÃO DO POVO DE BRANCO.* Disponível em:<https://youtu.be/4dFxOYSYsaM?si=-lDXkOCCO77gFKkY>. Acesso em: 09 de set. 2024

Vídeo postado no canal Youtube: Adérito Simões Liberdade Espiritual. Fonte: SIMÕES, Adérito. Dias da semana VS Orixás e entidades Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=abOHDFL-Cpg&t=419s >. Acesso: 17 de set. 2024

Vídeo postado no canal Youtube: Adérito Simões Liberdade Espiritual. Fonte: SIMÕES, Adérito. *Prática: Bater Cabeça.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q MDwP77hV_M>. Acesso: 31 de jul. 2024
Vídeo postado no canal Youtube: Celebrai Music. Fonte: TERRA, Elisangela. *Travou-se a Batalha.* Disponível em:<https://youtu.be/B7PleXjOomM?si=-t7kPWk3IOsDH6yI>. Acesso: 8 de set. 2024
Vídeo postado no canal Youtube: Comunidade Nova Teologia de Umbanda. Fonte: QUEIROZ, Rodrigo. O que é Gira e como ela acontece - Aula 02 | Bloco 01 - Nova Teologia de Umbanda. Disponível em:<https://www.youtube.com/wa tch?v=lxaLnaqF6d0 >. Acesso: 18 de set. 2024
Vídeo postado no canal Youtube: Fabiana Carvalho – Recanto dos Saberes. Fonte: CARVALHO, Fabiana. *O que é um passe?* Disponível em: <https ://www.youtube.com/watch?v=UznMYM8BGfQ>. Acesso em: 25 de jul. 2024.
Vídeo postado no canal Youtube: Fabiana Carvalho – Recanto dos Saberes. Fonte: CARVALHO, Fabiana. Como é o processo de Incorporação? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Sa_9YXF7j4>.Acesso em: 19 de set. 2024.
Vídeo postado no canal Youtube: Pai Léo das Pedreiras – UMBANDA Reino e Paz. Fonte: PEDREIRAS, Pai Léo das. *Quem é o Exu do Fogo?* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lfDYO_rnlnc&t=284s>. Acesso em: 12 de set. 2024.
Vídeo postado no canal Youtube: Rodney William. Fonte: WILLIAM, Rodney. *O QUE É APROPRIAÇÃO CULTURAL?* Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=Z2E0qsTA5Jg >. Acesso em: 04 set. 2024
Vídeo postado no canal Youtube: TV Cultura. Fonte: GUTERRES, Cris. *RODNEY WILLIAM explica o que é EXU e o que o orixá REPRESENTA*. Disponível em:< https://youtu.be/MboKI7sRm-E?si=I1byaLlhYryQJd21>. Acesso: 17 de set. 2024
Vídeo postado no Facebook: Terreiro Ilè Asé Omí Bàbá Níboàlá. *Festa do Exu do Fogo*.
Disponível:<https://www.facebook.com/share/v/TvCy7VfHPWUe8Bqk/?mibextid=jkuDSW>. Acesso: 27 de set. 2024
VINUTO Juliana. *Contribuições de Lélia Gonzalez aos estudos sociológicos sobre controle social e punição no Brasil*. 2017
VOCÊ SABE O QUE É APARTHEIDE? Disponível em: https://www.unama.br/ Acesso em 08 de abr, 2024
WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília: Editora da UnB, 1991
WESTMEIR, Karl-Wilhelm. *Themes of Pentecostal Expansion in Latin America,International Bulletin of Missionary Research*, april, 1993.
WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019, p. 30

DRIVE CONTENDO AS REFERÊNCIAS DOS VÍDEOS ANALISADOS

https://drive.google.com/drive/folders/1fSPFpc1_ZZcrlUQ8ZgpJWiOEmztk3D9O?usp=sharing